THEY THOUGHT

THE

THEIR STORY

FABLE

WAS OVER...

OF US



New York Times Bestselling Author

nicole williams

THE FABLE OF US



New York Times Bestselling Author

nicole williams

Seu coração não pode ser destruído pela mesma pessoa duas vezes. Pelo menos é isso que Clara Abbot espera quando encontra Boone Cavanaugh menos de uma hora depois de retornar a Charleston.

Quando crianças, Clara e Boone foram os primeiros amigos um do outro, e ninguém ou nada poderia ficar entre eles e o para sempre. Mas todas as crianças precisam crescer algum dia. O filho problemático da cidade, bêbado, terminando com a filha primogênita da realeza local, foi um final feliz que nem os mais imaginativos contos de fadas conseguiram acreditar.

A fábula chegou ao fim como a maioria: tragicamente. Boone poderia ter saído, mas foi Clara quem escapou e fez uma nova vida na Califórnia. Mas depois de sete anos esquivando-se de sua cidade natal, ela voltou a Charleston por sete dias para comemorar o casamento de sua irmã. Ela não deixará que sua família dominadora ou seu confronto com Boone a pertubem - apesar que pertuba-la é obviamente o principal objetivo de Boone.

Boone é seu passado e seu passado está atrás dela, um mero ponto no retrovisor. Então, por que ela sente isso voltando toda vez que olha para ele? Por que ela vê isso toda vez que ele olha para trás?

Quando a vida de Clara não pode ficar mais complicada, a situação muda e ela descobre até onde sua família estava disposta a ir para manter o garoto errado fora de sua vida. Foi realmente Boone quem a deixou? Ou foi Clara quem o deixou?

A verdade será difícil de enfrentar. Especialmente quando ela descobre que a maior parte de sua vida se baseia em mentiras

Capítulo Um

Eu não conseguia respirar.

Isso acontecia toda vez que eu passava pela placa de limites da cidade de Charleston. Passei dezoito anos em Charleston “ nascida, criada e enlouquecida lá “, mas nunca havia realmente aprendido a respirar lá.

Talvez tivesse mais a ver com a parte expiração do processo respiratório. Passei meus primeiros dezoito anos de vida inspirando e prendendo a respiração, esperando, resistindo, esperançosa...

E então eu saí.

Santa Bárbara pode ser parte do mesmo país, mas também poderia estar do outro lado do mundo, com uma cultura e estilo de vida totalmente diferentes. Mudar para lá foi como encontrar minha terra prometida sem saber que havia uma para encontrar.

Eu havia passado quatro anos na faculdade e os últimos três

trabalhando. Minha família queria saber quando eu voltaria para casa, uma pergunta com a qual eles me atacam desde o dia seguinte à minha formatura. Três anos depois, eu ainda não tinha coragem de dizer que estava em casa.

Aqui em baixo, os sulistas pareciam incapazes de compreender que o lar pode ser em outro lugar. Especialmente quando uma pessoa vinha do tipo de família que eu vinha, com o tipo de história e status que tinham, no calor sufocante que só era superado pela umidade.

Por que minha irmã decidiu se casar no verão estava além da compreensão, embora eu imaginei que tivesse algo a ver com me deixar o mais miserável possível.

Oh Deus. Minha irmã. O casamento. Família. Velhos amigos. O perfume forte e enjoativo da minha mãe. O convívio e a fumaça do charuto do meu pai. Aquela casa em que eu nunca parecia pertencer. Aquela cidade que sufocou a vida em mim. Toda a parte do mundo que parecia me expulsar dele tão rapidamente quanto eu escapava

Merda. Não ia conseguir fazer isso. Não depois de tudo.

Eu sabia que o motorista do táxi tinha o ar condicionado no máximo. Não porque eu podia sentir sua onda fria rompendo minha pele, mas porque pedi a ele para aumentar antes de sairmos da área de desembarque do aeroporto. Eu pensei que iria ajudar.

Eu deveria saber melhor.

Abrir a janela também não ajudou. Na verdade, isso só piorou minha asfixia. O ar pesado escorria para o banco traseiro, cheirando os mesmos aromas familiares que eu tentava apagar da minha memória. O ar de Charleston me envolveu, parecendo grudar na minha pele e cair nos meus pulmões como um par de blocos de concreto.

Eu daria minha primeira inspiração em Charleston e ficaria prendendo a respiração até que passasse a placa dos limites da cidade em uma semana. Eu não seria capaz de respirar novamente até que escapasse deste lugar e passaria os próximos três anos, ou preferencialmente décadas, esquivando-me de convites para os feriados ou férias.

Os blocos de concreto nos meus pulmões não estavam bem. Eu tinha passado anos sem senti-los, e meu corpo estava

lutando em vez de aceitá-los. Isso tinha acontecido na última vez que eu voei de volta para cá também, quando faziam dois anos desde a minha última visita.

Quando o táxi passou por outro sinal familiar, este com sua nova camada anual de tinta, descrevendo as palavras A família Abbott dá as boas-vindas a você em Charleston, sua casa por dez gerações e em crescimento, eu sabia que precisava parar e me dar mais alguns minutos para me ajustar antes de tropeçar nos degraus da frente daquela casa e sucumbir aos caprichos e vontades da minha mãe e irmãs.

Eu não podia passar por aquelas portas duplas assim ou então, como tubarões sentindo presas em perigo, eles me veriam como um alvo fácil. Ou um alvo mais fácil.

—Com licença, Falo ao motorista, minha voz soando estranha aos meus ouvidos. Provavelmente porque estava prendendo a respiração por alguns minutos agora. —Você se importaria de encostar? Senhor. Mal lembrei das minhas maneiras do Sul e olhei o endereço.

Só porque sabia que esse não era o lugar que me pertencia e evitei Charleston como se minha própria existência dependesse

disso, não significava que eu achava ruim de todas as maneiras. Do ponto de vista objetivo, Charleston é o Sul como um todo, tinham muito a oferecer... para pessoas cujo nome não era Clara Abbott.

—Estamos a apenas alguns quilômetros do endereço que você me deu, senhora. O motorista tinha um sotaque mais forte que os locais, mais Nova Orleans do que Charleston.

—Exatamente. Por favor encoste.

Se o motorista não percebeu o apelo na minha voz, ele viu no meu rosto quando olhou para mim pelo espelho retrovisor. —Não tem problema, senhora. Há um pequeno lugar bem aqui que posso entrar, se você quiser sair e recuperar o fôlego.

Eu balancei a cabeça em agradecimento, mas não em acordo. Não haveria fôlego para mim por sete longos e terríveis dias.

Eu conhecia o lugar na estrada que ele tinha em mente. Todo mundo que morava aqui conhecia esse lugar por reputação ou por experiência pessoal. O Hide and Seek era um vagão velho e vazio que havia sido transformado em uma espécie de bar. Eu não

sabia exatamente que tipo de bar, mas achei que tinha algo a ver com o fato de que, enquanto o local servisse doses como se todos estivéssemos acordando para o apocalipse, o bar não precisaria de tendência, tocar música ou pendurar luzes de neon nas janelas ou oferecer uma pista de dança.

Era frequentado por quem entrava e saía da sociedade sob a cobertura da noite e com mais álcool do que sangue bombeando nas veias. Você sabe, de seus corações negros. Pelo menos essa foi a história que me contaram enquanto crescia aqui.

O Hide and Seek não era para minha família e seu 'tipo'; era um lugar para 'outro tipo'. Nenhum Abbott havia pisado dentro dele. Até hoje à noite.

Quando o motorista parou no estacionamento rudimentar, equipado de buracos e montes de lama para manter os carros caros a distância, eu abri a porta antes que o táxi tivesse parado completamente. Eu estava fora no momento em que os pneus pararam de se mover.

O motorista jogou o braço na parte de trás do banco do passageiro e virou-se para me perguntar: —Você quer que eu espere ou vá embora, senhora?

—Espere, por favor.— Eu já estava me movendo em direção ao velho vagão, enferrujado pela idade e pela umidade, emaranhado com trepadeiras e mosquitos que se arrastaram ao redor.

—O medidor não para de funcionar.— Ele apontou para o medidor que já estava se aproximando da marca de três dígitos.

Concordei, continuando minha jornada. —Eu sei. Não vou demorar. Só acho que preciso de uma bebida antes de ir mais longe.

Uma sobrancelha prateada e indomada se levantou. — Senhora, pelo que parece, você precisa de muitas doses de bebidas. O motorista acenou, me enxotando no meu caminho. — Estarei esperando. Não tenha pressa.

Disparando um olhar contra o motorista enquanto eu caminhava em direção ao vagão, lutei contra o desejo de entender 'tomar meu tempo' como passar os próximos sete dias aqui antes de cambalear para o táxi e fazer a viagem de volta ao aeroporto.

Era o casamento da minha irmã mais nova. Eu tinha que estar lá para ela. O sentimento pode não ter sido retribuído, e

uma fração da minha motivação para aparecer pode ter sido derivada do medo de nossa mãe enviar uma gangue de linchamentos para mim se eu não aparecesse, mas continuava mesmo assim. Eu só precisava de um gole ou dois do tipo de coragem que vinha na forma líquida. Com minha família, ninguém tinha o direito de me julgar por usar uma garrafa para enfrentá-los.

Depois de percorrer uma brigada de caminhões sujos de lama e cheios de ferrugem, cheguei ao vagão do trem. A entrada não era visível no estacionamento, por isso devia estar escondida nos fundos. Enquanto a maioria das empresas teria priorizado colocar a entrada à vista de possíveis clientes, a The Hide and Seek parecia querer que a deles fosse difícil de encontrar.

Eu ainda não tinha pisado no lugar e já sabia que gostava. Diferente de todo o resto. Acenando com o dedo do meio para o mundo. Essa relíquia de um vagão de trem tinha dez vezes a coragem que eu sentia dentro desses limites da cidade.

Quando tropecei nos fundos e quase bati em um cara que atendia à natureza contra a parede de metal enferrujada, minha impressão caiu alguns pontos. Quando se tratava de

inconformismo, traçava uma linha dura ao fazer xixi em público, deixando de lado o fato de que a entrada de The Hide and Seek não era exatamente o mais público dos lugares. Ainda era público o suficiente para levar seu xixi para outro lugar. Tente atrás daquela árvore a três metros de distância.

Depois que esquivei do cara que estava se aliviando, ele ofereceu um grunhido que poderia ter sido um pedido de desculpas tão facilmente quanto poderia ter sido um cumprimento. Os grunhidos, nesta parte do mundo, eram uma forma multifuncional de comunicação.

Abrindo a porta de tela, entrei no bar, mostrando uma expressão que dizia que eu já tinha estado aqui cem vezes e voltaria outras milhares. Uma rápida olhada nos clientes do bar me observando disse que minha estratégia não estava funcionando. Com o modo como alguns dos caras estavam me avaliando, o termo carne fresca continuava ecoando na minha cabeça. Na verdade, quando dei uma segunda olhada ao redor, parecia que era a única mulher no local, ou pelo menos a única que uma pessoa não precisava jogar um jogo de adivinhação para identificar.

Além da porta pela qual acabara de entrar, não havia janelas ou portas no vagão velho que estava tão enferrujado por dentro quanto por fora. A iluminação estava em algum lugar na escala entre baixa a inexistente, e juro que ouvi o zumbido de um gerador no fundo, possivelmente, era responsável por manter as luzes baixas e as cervejas, a partir da aparência de copos não tão gelados, alguns graus abaixo da temperatura ambiente.

Nenhum ar condicionado bombeava pelo espaço, não que eu esperasse sentir alguma coisa, e mesmo que o sol tivesse se posto uma ou duas horas atrás, o calor ainda estava vivo e bem dentro desta lata. Fazia uns vinte graus mais frios lá fora e mesmo assim estive prestes a sufocar .

Engolindo, dei mais alguns passos para dentro. A temperatura subia um grau a cada passo que dava; então, em vez de continuar em direção à mesa de bar vazia na parte de trás, mudei de direção e peguei um dos bancos vazios que revestiam a barra de painéis de partículas, que parecia na maior parte unida por fita adesiva e unhas enferrujadas.

Vasculhei minha memória, tentando encontrar a última vez que tive uma injeção de tétano. Apenas cinco ou seis anos atrás,

talvez. Eu estava bem.

Felizmente, os bancos do balcão estavam quase vazios, exceto por um cara do outro lado que parecia tão contente em me ignorar quanto eu em ignorá-lo. O resto dos clientes atrás de mim, cambaleando em torno das mesas e cadeiras, estavam deixando buracos nas minhas costas. Carne fresca, carne fresca, carne fresca.

Se apenas meus pais pudessem me ver agora.

As costas do barman estavam viradas para mim por um tempo, enquanto ele derramava uma linha de doses de uma garrafa que era quase do tamanho do meu híbrido na Califórnia. Se ele me notou entrar, não pareceu. Por mais desesperada que estivesse em tomar uma ou duas bebidas e sair dali, sabia que não devia pigarrear e dar ordens como se eu fosse a dona do lugar. O nome Abbott corria fundo nessas águas, e assim como muitas pessoas preferem nos ver afundar do que nadar. Eu mudei bastante desde meus primeiros dias de estreia, mas ainda assim... As fotos da família Abbott haviam sido coladas em cartazes e artigos de jornais nessas áreas para manter as lembranças dos mais remotos habitantes do pântano.

Eu poderia ser da família, mas não era um deles. Eu tive que me lembrar disso novamente quando o barman continuou a me ignorar e minha falta de respiração continuou a estrangular minha coragem inesistente. O barman entregou a linha de tiros para algumas das mesas e, quando voltou, continuou ignorando a mulher praticamente pulando em seu banquinho no final do balcão.

O que era isso? Um clube só para meninos? A apenas membros, talvez? Fosse o que fosse, eu não estava saindo até tomar minha bebida, então Deus me ajude.

—Ei, Tom, coloque a primeira bebida na minha conta—, disse o cara do outro lado do balcão, me assustando. Da maneira que ele estava, eu tinha a impressão que ele desmaiou em sua bebida. —Qualquer mulher corajosa o suficiente para pisar neste lugar merece sua primeira bebida de graça.

O barman deu um daqueles grunhidos infames. —Considerando a conta que correu até aqui, você tem sorte de eu ter servido a bebida que você está tomando nas últimas duas horas.

Eu estava prestes a falar - algo com a essência de agradecer,

mas não, obrigado - quando o homem no final do bar levantou-se de seu banquinho, pegou algo do bolso de trás, vasculhou o que eu imaginava ser uma carteira e bateu com força. Uma nota de cinco dólares no balcão. —Eu disse que a primeira bebida dela é por minha conta.

Tom olhou para a nota, caminhou até a ponta do balcão e puxou os cinco por baixo da palma da mão. —Ainda está tentando jogar em uma liga diferente? Eu pensei que você teria aprendido sua lição com aquela garota Abbott, mas, inferno, se você quiser gastar os últimos cinco de sua carteira com uma garota que não deixaria você cortar o gramado da frente, quem sou eu para torcer o nariz para o seu dinheiro?— O garçom embrulhou a nota e enfiou-a profundamente em suas calças, uma risada de chocalho subindo em seu peito.

—Você nunca aprende sua lição, Boone.

Desta vez, eu estava com a boca aberta e estava no meio do início do meu discurso de agradecimento, quando as palavras congelaram na minha garganta. Não poderia ser. Não como. De jeito nenhum. Não poderia ser... ele. Fazia anos - sete para ser exato - desde a última vez que o vi.

Sua voz soou diferente, mas semelhante à maneira como uma pessoa nunca poderia esquecer a cor das paredes do quarto de sua infância. Boone. Não era um nome comum, mesmo enterrado tão fundo no ventre do país.

Ainda assim, eu não pude deixar de estender a última esperança que não era o Boone quando minha cabeça se virou para dar meu primeiro olhar completo para o homem sentado do outro lado do balcão. Não precisei de mais de um momento para confirmar quem era.

Boone. Semelhante à sua voz, ele parecia diferente, mas o mesmo. O mesmo cabelo loiro sujo que precisava de um corte, embora agora fosse apenas o suficiente para ser puxado de volta para o rabo de cavalo mais bagunçado que eu já vi. Os mesmos ombros largos e corpo imponente que fizeram os meninos darem a ele um amplo espaço. Aparentemente, isso havia se transformado em masculinidade, como evidenciado pelo resto dos clientes, cambaleando por toda parte no bar, exceto a seu lado. Da mesma maneira que ele se manteve, como se estivesse sempre pronto para uma luta, punhos cerrados, ombros parcialmente tensos.

Do mesmo jeito que o pomo de adão dele balançou antes que ele se virasse e olhasse para mim. . .

Seus olhos se fixaram em mim, perfurando-me de uma maneira que me fez desejar ter usado uma armadura antes de pisar neste lugar. Ao contrário do resto dele, os olhos de Boone haviam mudado. Eles ainda tinham a mesma tonalidade castanha, mas as luzes neles tinham se apagado. Aquela faísca de problemas ou excitação ou qualquer emoção que ele já sentira havia desaparecido, deixando algo triste e sem vida para trás.

—Pensando bem, eu retiro os cinco, Tom.— Os olhos dele ficaram fixos em mim enquanto ele estendeu a mão. —Esta mulher tomou o suficiente de mim para esta vida e para as próximas dez. Não vou lhe dar mais nada, inclusive os últimos cinco dólares da minha carteira.

Tom grunhiu para Boone, enfiando a nota mais fundo no bolso antes de pegar um copo e derramar algo nele.

Quando engoli, minha garganta ardeu, ressecada pelas lembranças que eu tinha do homem a três metros de mim, dolorida pelas lembranças desagradáveis que superavam as agradáveis. —Tudo bem. Eu posso ir.

Eu levantei do meu banco quando Tom bateu a dose na minha frente. Cheirava ao produto que minha mãe costumava insistir que as empregadas usassem para limpar os chuveiros - as mesmas coisas que o FDA1 baniu depois de descobrir que cegava as pessoas, mesmo que somente um respingo acabasse nos olhos.

—Não precisa sair por minha conta, senhorita Abbott. Todos nós sabemos que você e sua família vão e vêm aonde quiserem, como quiserem, quando quiserem—. A voz de Boone assumiu a ponta afiada que costumava ouvi-lo usar com os outros, mas raramente comigo. —Além disso, você é especialista em fingir que não existo. Já faz um tempo, mas tenho certeza que é como andar de bicicleta. Continue me ignorando. Estou confiante de que posso retribuir o favor.— Ele girou em seu assento até ficar curvado na mesma posição em que o encontrei.

Eu sabia que essa viagem seria um desastre de proporções recordes, mas não havia considerado a presença de Boone Cavanaugh no The Hide and Seek. Não precisava de mais nenhuma complicação nessa já complicada viagem para casa. Eu precisava entrar, sair e seguir em frente.

---

[1] FDA (Food and Drug Administration) é uma agência federal do departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos, um dos departamentos executivos federais norte-americanos.

A frustração que mais se devia ao destino se espalhou e se prendeu a Boone. —Oh, desista, Boone. Seu mesmo discurso 'Os Abbots é a raiz de todo mal na Carolina do Sul' é antigo. Encontre algum material fresco.

Meus olhos se fecharam quando percebi o que tinha dito. Normalmente, eu era uma profissional experiente em morder minha língua e lembrar de minhas maneiras, mas com Boone, essa habilidade bem-afiada nunca havia funcionado. Anos mais tarde e ainda não funcionava. Eu dizia o que estava em minha mente antes de pensar sobre isso - esse era sempre o meu caminho.

—Você está certa. Preciso de material novo, algo que nunca é escasso quando se trata da sua família—. Pela voz dele, pude imaginar o olhar em seu rosto - um lado enrolado em uma carranca, o outro com apatia. —Que tal isso? 'Irmãzinha Abbott se casa com o velho namorado da irmã mais velha Abbott que a traia por todos os lados, até que a irmã descobriu e sonhava em castrar seu amado, mas, em vez disso, ela voou para desejar boa sorte em suas núpcias.— Boone pigarreou. —Serve isso para o novo material?

Meu estômago revirou. Além do meu problema de respiração, agora eu estava tendo problemas de estômago. Deixe Boone Cavanaugh desencadear o ataque corporal total.

Fechando o nariz para abaixá-lo, levantei o copo aos meus lábios e bebi um gole. Meu corpo convulsionou. A dose tinha o gosto de como eu acho que o limpador de chuveiro também tinha.

—Se você está indo para o exagero e sendo sensacionalista, acho que acertou em cheio. Muito bem.— Deslizando uma nota da minha carteira, acenei com a cabeça para o barman quando seus olhos caíram no meu copo vazio. Meu estômago ainda estava revirando pelo que ele disse, pelo que ele acabara de mencionar. —Estou pagando minhas próprias bebidas hoje à noite, então por que você não dá a Boone outro do que ele está bebendo pelos cinco que acabou de lhe dar? Também não quero nada dele.

No balcão, um som áspero soou.

Ficamos em silêncio por um momento, enquanto Tom nos servia nossas bebidas, mas como era típico, essa quietude nunca durou muito tempo quando Boone e eu estávamos no mesmo cômodo.

—Ford McBride é patético. Você deveria agradecer a todas as divindades reais ou imaginadas que você não é a irmã que acabou com ele.

Tentei exalar, tentando me acalmar. Eu não consegui. — Quem disse que não estou?

—Você faz? Aparecendo no casamento e exibindo um sorriso falso para o fotógrafo. Quero dizer, vamos lá, Clara, esse era o cara com quem você planejava se casar, e agora ele está se casando com sua irmãzinha depois de ficar nas suas costas com ela, por Deus sabe quanto tempo—. A voz dele aumentou, cada palavra com meia nota mais alta.

—Se isso é você dando ao cara seu dedo do meio, então caramba, você precisa de uma reeducação sobre o assunto.

—Eu acho que sei onde conseguir uma, se eu decidir que preciso de uma—, eu atirei nele, movendo-me no banquinho do bar, então ficaria mais longe dele. Poderíamos estar separados por três metros, mas outros cinco centímetros não poderiam machucar.

—E porque você está tentando me pintar como a vilã com

tudo que você tem no seu canto?— Coloquei meu cabelo atrás da orelha e balancei a cabeça. —Eu e todo mundo somos vilões e você o herói. Entendi isso por aí, Bonne.

Quando Tom deslizou a bebida de Boone em sua frente, ele empurrou de volta, o que me pareceu estranho. Talvez eu tivesse visto Boone Cavanaugh recusar uma bebida em... nunca. —Oh sim. Está certo. Eu esqueci que você sabia tudo sobre todos. Acho que não deveria ter deixado isso escapar da minha mente - esse é um tema da família Abbott e tudo mais.

Meu corpo estava tão tenso que meus músculos pareciam estalar. Eu vim a este lugar para encontrar uma maneira de relaxar, para não ficar mais ferida. Massageando minha têmpora com uma mão, tomei um gole da minha bebida com a outra. Meu corpo convulsionou mais violentamente desta vez. Este não era um tipo de estabelecimento de saborear e apreciar.

—É realmente assim que vamos fazer isso, Boone? Perguntei. —Começando exatamente de onde paramos há sete anos? É realmente o quanto amadurecemos todos esses anos depois?

A cabeça dele angulou um pouco na minha direção. Ele ficou

em silêncio por um momento, me observando.

—De que maneira você esperaria que a gente agisse, Clara?

Inclinei-me para a frente, enrolando os braços em volta da minha bebida e encarando o vazio bem na minha frente. Eu não conseguia olhar para ele e falar racionalmente. Esse sempre foi o caso, não importa quão bom ou ruim era nosso relacionamento. —Em algum lugar na linha civilizada.

A risada de Boone rolou pela sala. Sua risada maliciosa, não a que eu costumava amar. —O que você fez comigo, como você me tratou... você não é a pessoa a falar sobre civilidade. Não se atreva a me cobrar sobre ser civilizado.

Senti o primeiro flash de álcool no meu sistema, amortecendo minhas inibições e aumentando-as ao mesmo tempo. —E você pode simplesmente descer daquele banquinho alto e poderoso e parar de me ensinar sobre o certo e o errado.

Peguei o que restava no meu copo e o bebi. Essa bebida foi melhor do que as duas primeiras - um sinal claro de que o álcool estava fazendo seu trabalho. —Você quer trazer à tona o passado, também estou disposta a trazer algumas partes.

Pelo canto do olho, notei que ele se mexia no banquinho. Ele estava obviamente com a mesma impressão de que mais alguns centímetros de distância não poderiam machucar.

—Por que você não termina sua bebida e sai?— Ele retrucou, apontando para a porta de tela pela qual eu entrei. — Esse costumava ser o único lugar que uma pessoa poderia ir sem se preocupar em encontrar um Abbott, e gostaria que continuasse assim. Eu já aguentei o suficiente de todos vocês para ter conquistado minha santidade há uma década, então supere.— Ele acenou novamente para a porta, esperando que eu fugisse.

Mas eu não ia correr. Ainda não. Eu cortava e fugia de Boone várias vezes que não adicionava a essa lista. Por outro lado, eu não estava saindo até estar bem e um pouco intoxicada para poder suportar a reunião com minha família.

Quando deslizei meu copo vazio pelo balcão, Tom não precisou do meu aceno de cabeça. Ele sabia o que queria.

—Não se preocupe, Boone. Não estou planejando revistar o local e estragar o seu plano de aposentadoria de arruinar seu fígado. Isso é, se já não estiver permanentemente danificado pelas garrafas que vi vazias quando adolescente. Só estarei na cidade

por uma semana, então a probabilidade de nos encontrarmos é quase nula.

—O que seria muito tarde para mim—, ele anunciou para si mesmo, embora não murmurasse ou resmungasse. Não era o estilo dele dizer algo baixinho. Se Boone tinha algo a dizer, ele diria para todo mundo ouvir.

O calor pressionou em torno de mim, tornando impossível para mim pensar direito.

—Ok, você me odeia. Entendi.— Peguei o copo reabastecido das mãos de Tom tão rapidamente que metade dele espirrou no balcão. O painel de partículas lambeu tudo como se estivesse tão necessitado pela bebida quanto eu. —Você deixou isso extremamente claro. Mas por que você não para de agir como se você fosse o único que se machucou? Você me fez pagar de volta. E depois novamente.

Quando notei minhas mãos tremendo, coloquei-as no meu colo. Não queria me mostrar fraca perto dele. Não depois de todo esse tempo. Ele conhecia todas as minhas partes e peças fracas desde a infância e a adolescência. Eu não queria que ele tivesse uma visão de mim adulta.

—Você está prestes a enfrentar seu ex-namorado e irmãzinha, que está prestes a se casar em alguns dias? Porque, pelo que me lembro da sua tolerância quase zero ao álcool, agora você deve estar como uma merda o suficiente para fazer o que os Abbotts não consigam fingir que está tudo bem e elegante.

Eu olhei para a porta de tela, desejando nunca ter passado por ela. Parte de mim desejava nunca ter conhecido o cara sentado a seis banquinhos de mim. Naquele momento, estava disposta a sacrificar as boas lembranças para não ter nenhuma das ruins. —Pare, Boone. Simplesmente pare. Não posso fazer isso de novo.

— Estou apenas começando, Clara.

Antes que eu pudesse falar algo, meu telefone vibra no bolso de trás da minha bermuda. O short e camiseta que vesti em Santa Barbara pareciam uma boa escolha na hora, mas agora eu estava desejando estar em um vestido leve e arejado. Esse calor era como nada mais, e fazia tanto tempo desde que eu estive nele durante o verão, que eu imaginei que tinha purgado essas memórias do meu cérebro.

Eu tinha um novo texto. Da minha irmãzinha. A mais nova

das três irmãs Abbott - Avalee. Havia uma foto da mão dela, as unhas perfeitamente polidas em um tom de rosa-pétala, um diamante do tamanho de Delaware brilhando em seu dedo anelar. Era tão grande que cobria a maior parte do dedo médio e todo o dedo mindinho. As palavras, Sterling pediu! Esta foi a minha resposta! Foi tudo o que acompanhou a foto que arrancou o ar que eu ainda estava segurando dos meus pulmões.

Avalee tinha 21 anos. Ela se formou no ensino médio três verões atrás. Ela era a mais nova, a pessoa que deveria ter sido a última a se casar se a cronologia tivesse alguma coisa a ver com isso, e aqui estava ela, noiva antes de eu ter uma perspectiva sólida na fila. A irmã do meio, Charlotte, se casaria em seis dias, o que me deixou, a mais velha, como a última filha a se casar. Ou então, cumprir a chamada de velha solteirona.

Eu só podia imaginar o que minha mãe diria quando eu chegasse ao meio-fio esta noite. Começando e terminando com, quando você vai ficar séria e se acalmar?

Eu me forcei a parar de pensar no que minha mãe diria, e o aumento da pressão, culpa e escrutínio que estaria sofrendo desde o momento em que entrasse na presença deles até o

momento em que fugisse. Eu me forcei a digitar de volta, Parabéns! Tão feliz por vocês dois! E pressionei enviar antes que eu pudesse mudar de ideia.

Eu deveria estar feliz por minhas irmãs, mas ser feliz uma pela outra não era uma característica das irmãs Abbott. Superar era mais a coisa a fazer, e uma grande razão pela qual saí o mais rápido possível. Charlotte poderia ter terminado com Ford, e ele poderia ser um filho da puta rico e bonito, mas havia muito mais nele do que isso - muito mais das qualidades indesejáveis de um parceiro vitalício. E Avalee pode ter conseguido o maior diamante que eu já vi, mesmo depois de viver no litoral da Califórnia por sete anos, mas quão boa era uma grande joia preciosa se seu marido trabalhava o dia todo e passava a maior parte das noites com suas amantes?

Depois de me certificar de que a mensagem foi transmitida, virei meu telefone no balcão, desejando que ele ficasse em silêncio pelo resto da noite. Eu poderia ter desligado, mas isso parecia muito fácil.

Boone girou no banco e se inclinou na minha direção. — Quanto tempo você planeja ficar esta noite? Porque se você não

sair nos próximos cinco minutos, eu vou. Vim aqui para esquecer meus problemas por algumas horas, e não ressuscitar um monte de merda deles.

Meu telefone tocou novamente. Repetidamente. Eu o mantive virado e tentei ignorá-lo. Quando notei o copo cheio na minha frente e não me lembro de encomendá-lo ou há quanto tempo estava ali, eu sabia que não devia beber.

Eu sabia disso - mas mesmo assim bebi.

O cheiro e o sabor do limpador químico haviam desaparecido. Mais um sinal de que eu havia excedido meu objetivo de ficar bêbada. Essa pode ter sido a razão pela qual minha boca se abriu e saíram palavras que eu não tinha planejado dizer. —Ouça, me desculpe, Boone.— Girei no meu banquinho, então estava de frente para ele. —Sinto muito por como as coisas aconteceram entre nós. Eu nunca quis te magoar... mas isso não muda o que eu fiz. Eu mordi meu lábio quando certas lembranças voltaram à vida. —Me desculpe.

Ele estava quieto, sua expressão plana e seu corpo imóvel. Ao nosso redor, o bar ecoava com barulhos e vozes, o ar cheio do cheiro de álcool e odor corporal. Este deveria ter sido o

último lugar nos limites da cidade para onde eu iria. A pessoa sentada a meu lado deveria ter sido a última com quem eu me encontraria.

Eu não sabia o que é que tinha previsto na semana seguinte, se é que havia alguma coisa, mas me vi desejando poder planejar mais do inesperado. O que esperava era muito do que vivi, respirei e me afoguei por dezoito anos.

—Essa é a primeira vez que eu ouvi você se desculpar.

A voz de Boone limpou minha cabeça um pouco, trazendo-me de volta ao aqui e agora, em vez de lá e depois. Não importa onde eu estava e com quem estava, preferia muito o aqui e agora.

—Bem, fique à vontade para fazer o mesmo. Eu nunca ouvi exatamente uma série de desculpas de seus lábios também.— Eu girei minha mão em um tipo de movimento contínuo, e ele levantou uma sobrancelha em descrença.

—O que exatamente você quer que eu peça desculpas?

O sangue pulsando em minhas veias esquentou. Já estava em uma temperatura ímpia não precisava começar a me aquecer também por dentro. Outro grau ou dois, e eu estaria

desmaiando.

Quando a testa de Boone permaneceu elevada, o que implicava que ele era inocente em todos os aspectos, eu alcancei o tiro recarregado. Dane-se. —Nada, Boone. Absolutamente nada.

Depois disso, eu me virei e terminei meu tiro em um gole. Quando o barman se aproximou, a garrafa pronta, cobri o copo com a mão e balancei a cabeça. Eu já estava aparecendo sozinha, atrasada, e vestida com o que minha mãe considerava "jaleco destinado aos sem-teto," não era para uma filha Abbott . Começando comigo.

Após um minuto de silêncio, meu telefone começou a tocar como um fogo de artifício no dia 4 de julho. Estava zumbindo tanto, sem parar, que balançava através do balcão. Tudo o que eu pude fazer foi olhar para ele e apertar as mãos no meu colo. Não poderia lidar com eles agora. Eu seria forçada a lidar em breve, mas neste instante não arruinariam minha última meia hora.

—Seu telefone está prestes a explodir—, Boone falou, ainda angulando minha direção.

—Bem ciente disso. Obrigada. Olhei para o telefone, ainda

pulando como se estivesse vivo.

—Se você queria evitar sua família, por que diabos você voou até aqui para o casamento?

Voltei a esfregar minhas têmporas. Eu não vou adiar isso por muito mais tempo. Rasgue o curativo e chupe-o. Era só uma semana. Sete dias. Eu havia suportado dezoito anos; o que era uma semana?

—O que você sabe sobre isso?— Eu disse quando meu telefone vibrou na borda do balcão, para que eu o agarrasse antes de cair no chão... também feito de painéis de partículas.

—Eu sei mais sobre você e sua família do que qualquer um de vocês gostaria de reconhecer, é o que eu 'sei sobre isso'—, Respondeu, sua voz calma e equilibrada. Ele sempre foi melhor controlando suas emoçõesnou mascarando-os.

Eu não tinha a intenção de olhar para o meu telefone, mas depois de vê-lo com a tela para cima, eu já tinha lido algumas mensagens antes de perceber que tinha feito.

Avalee acabou de me dizer que ela te contou! Não é fabuloso? A primeira mensagem da minha mãe foi lida.

Seguido por Charlotte, mal posso esperar para conhecer o seu acompanhante. Onde vocês estão? Está tarde.

Seguido por outro de Avalee. Você é a próxima. Eu sei isso.

Seguido por mais três da minha mãe. Quem é esse homem misterioso que você está trazendo com você? Nós o conhecemos?

Seguido por, é sério? Como seu pai e eu devemos manter o fornecedor em serviço sério?

Seguido por todo mundo está esperando por você e seu encontro. Por favor, não nos deixe esperando muito tempo.

Seguido por mais meia dúzia de mensagens, eu me recusei a continuar digitalizando.

Desliguei o telefone, coloquei-o no bolso de trás e deixei minha cabeça cair nas mãos. Que bagunça do caralho. Eu nem tinha mostrado meu rosto em casa ainda e tudo estava em modo de crise. Sabia que não deveria esperar que algo melhorasse depois de ver minha família. Eu sabia que era melhor não esperar que eles entendessem e guardassem seus comentários e opiniões sobre a minha falta de acompanhante para si. Mesmo sabendo que era melhor não esperar o melhor

quando o oposto fora o tema dos meus anos de formação.

Minha cabeça estava nadando tanto do álcool quanto minha família me pressionando como um ferro quente, e isso poderia ter sido o responsável pelo plano que se formulava na minha cabeça.

—Boone?— Eu disse, torcendo meu pescoço para olhar para ele. Ele não tinha parado de olhar para mim. —O que você está fazendo esta semana?

Ele pegou sua bebida reabastecida e a levantou em minha direção. —Muito disso.

Engoli em seco quando ele o fez, mas eu estava lutando contra a voz na minha cabeça que me avisou que era uma má ideia, muito possivelmente a minha pior ideia até agora.

—Como você se sentiria em ganhar algum dinheiro extra?

Ele colocou o copo no balcão, mantendo-o nas mãos. —Quem disse que eu já não ganhei tanto dinheiro que não poderia me interessar em ganhar mais?

Agora era minha vez de levantar uma sobrancelha em sua direção. Enquanto os Abbot eram conhecidos pela riqueza que

escorria de seus ouvidos, os Cavanaugh eram conhecidos nas últimas gerações pelo contrário.

Das botas marrons gastas que provavelmente deveriam ter sido jogadas fora no verão passado, até a camisa xadrez de botão que eu tinha uma lembrança distante dele usando na escola, eu tive a minha resposta. Além disso, havia toda a questão de... —Os últimos cinco dólares em sua carteira que agora estão no bolso de Tom podem dizer o quanto você não tem tantos mais daqueles que não estaria interessado em ganhar mais deles.

Finalmente, seu rosto deu lugar à emoção. Apenas um flash e apenas por um momento, mas seus olhos se estreitaram ao mesmo tempo em que sua testa se enrugou, como se ele estivesse quase insultado. —Vocês, Abbots, acham que podem comprar o mundo e qualquer pessoa nele. Conheço isso da sua família há anos, Clara, mas acho que não percebi que o gene havia sido passado para você.

Recusei-me a recuar, não depois de mencioná-lo. Além disso, as impressões de Boone sobre mim não podiam ficar muito piores.

—Dez mil dólares—, eu disse e calei a boca depois disso.

Ele estava claramente tão chocado com o número quanto eu imaginei que ele ficaria. Dez mil dólares era muito dinheiro para qualquer pessoa em qualquer lugar. Especialmente para ganhar em uma semana. Abaixo dela e que, trabalhando os tipos de trabalhos que ele tinha trabalhado no colegial e provavelmente ainda faz, era um terço do salário de um ano.

Ele desviou o olhar por um momento, observando a parede à nossa frente, antes que voltasse para mim. Seus ombros estavam tensos, seu pescoço tão rígido que suas veias e músculos estavam aparecendo. Parte de mim sabia que ele se sentia insultado por eu estar oferecendo dinheiro a ele em troca de um favor, parte de mim sentia vergonha pelo mesmo, mas o relacionamento de Boone e eu havia sido interrompido anos atrás. Isso não era mais do que uma transação comercial entre dois conhecidos.

—Você sabe, a última vez que alguém me ofereceu esse pedaço de troco com algumas bebidas, não foi seguido por uma oferta boa.— Sua voz era fria e distante, do jeito que ele estava olhando para mim.

—O que estou prestes a perguntar não é ilegal,

prometo. Nem está lá dentro. Eu balancei minha cabeça. É apenas... talvez um pouco enganador.

Ele bufou e assentiu. —Eu não esperaria nada menos.

Quando pensei em uma maneira de expressar o que estava prestes a sugerir, nada parecia certo. Não importa como eu trabalhei com as peças da minha proposição na minha cabeça, nenhum arranjo a fez parecer menos indigna. Então fui com a explicação mais básica.

—Tudo o que preciso de você é que finja ser meu acompanhante esta semana. Nada mais. Uma semana, dez mil. O que você acha?— Minhas palavras saíram muito rápidas, minha voz estridente. Porque não importa o quanto tentei me convencer, não importa quanto silêncio tenha passado entre nós, Boone e eu não éramos e nunca seríamos meros conhecidos. Tínhamos história demais para sermos 'conhecidos'.

Ele ficou em silêncio por um minuto. Um longo minuto e pensei que nunca iria passar. Quando finalmente disse alguma coisa, eu estava a dois segundos de sair e passar os próximos sete anos tentando e falhando em esquecer Boone Cavanaugh novamente.

—Deixe-me ver se entendi, porque pensei que entendia o idioma inglês, mas não consigo compreender o que acabou de dizer.— Ele virou o banco em minha direção, as sobrancelhas franzidas. —Você está me pedindo para aparecer na casa de sua família com seus entes queridos lá dentro e posar como seu acompanhante para o casamento?

Eu balancei minha cabeça. Difícil. —Como meu acompanhante. Isso é tudo.— Minha voz de traidora me denunciou. Ainda muito alta e rápido.

Boone também não perdeu. Algo que se assemelhava ao movimento de um sorriso apareceu em sua expressão. —Como seu namorado.

Ele não ia facilitar as coisas. Não que ele tivesse algum motivo para isso. —Como meu parceiro.

O sorriso de Boone tornou-se tão pronunciado quanto possível. Sua cabeça inclinou-se um pouco, seus olhos brilhando e sua boca se ergueu em um sorriso. —Como seu amante?

Meus dedos se curvaram em minhas mãos. —Como. Meu. Acompanhante.

Uma risada desigual vibrou em seu peito enquanto ele me estudava. Provavelmente ele não conseguia entender meu negócio mais do que eu. —Por quê? Por que eu?— Ele estendeu os braços e deu de ombros. —Com toda a história entre nós e o modo de sua família tratando a minha como se fôssemos lixo... por que me escolheu?

Peguei as pontas desgastadas do meu short, considerando sua pergunta tanto quanto estava considerando minha resposta. Eu tinha muitas razões para perguntar a ele, a maioria dessas razões eu não queria expressar... até para mim mesmo. Quando saí de Charleston, sete anos atrás, disse que o capítulo de Boone Cavanaugh da minha vida havia terminado. No entanto, aqui estava eu a reabrindo ou iniciando um novo capítulo.

Ele continuou esperando, seu silêncio gritando comigo.

Ele queria saber o porquê, então eu lhe dei uma resposta, embora pudesse ter sido a menos honesta que eu tivesse. —Opções limitadas.— Examinei as poucas dúzias de clientes, a maioria deles mais velhos que meu pai e que mostravam como os vícios haviam desempenhado algum papel

recente em suas vidas. —Com pouco tempo.— Eu bati na minha mão. —É por isso que eu escolho você. Agora, se você terminou as perguntas , qual é a sua resposta?

Meu pulso estava batendo forte no meu pescoço enquanto esperava. Precisava que dissesse sim. Necessitava que ele concordasse em entrar naquele táxi comigo e posar como meu acompanhante na semana seguinte, porque mesmo que minha família não fosse fã dos Cavanaugh, aparecer solteira era um crime pior.

—Devo entender que quem você planejava trazer como seu acompanhante caiu? Boone deslizou o banquinho por mais um pé.

Eu não conseguia decidir o que queria fazer mais: chegar mais perto ou mais longe.

—Pare de falar como um idiota. Se você tiver uma pergunta, pergunte-me pelo amor de Deus.

—Não achei que as debutantes pudessem tomar o nome do senhor em vão.

Fiquei tentada a tirar o sorriso do rosto dele, mas não o

fiz. Precisava que ele concordasse. Para que não aparecesse sozinha e me tornar o alvo das configurações de sabotagem e encontros duvidosos a semana inteira.

—Foda-se, Boone Cavanaugh—, falei antes que pudesse morder minha língua.

Um segundo de silêncio passou entre nós, então ele riu. —Aí está a Clara Belle Abbott que estava convencida de ter sido adotada no nascimento. Porra, eu senti falta dela.

Eu me peguei rindo com ele, porque chorar parecia a opção menos atraente. Rir ou chorar, a batida de Boone e meu relacionamento. —Então isso significa que você vai fazer isso?

Ele enxugou os olhos, sua risada rolando até o fim. Fazia uma eternidade desde que ouvira rir, mas parecia o mesmo. Assim como eu lembrava. —Se você responder minhas perguntas para minha satisfação.

—E há o Boone Cavanaugh que cria tantas condições que ninguém consegue se aproximar o suficiente dele para passar.— Eu ergui uma sobrancelha para ele, deixando-o saber que não era o único autorizado a perguntar.

—Você estava planejando trazer um californiano rico para brincar com você esta semana?

—Eu estava pensando em trazer meu namorado que, sim, mora na Califórnia, mas era de Ohio e que era muito da classe média para estar comigo esta semana.— Os três, quatro ou cinco tiros estavam deixando minha mente confusa. Eu não sabia dizer se estava falando muito ou pouco, mas ele parecia satisfeito com a minha resposta.

—Mas isso não deu certo?

Eu balancei a cabeça, que estava cheia de algodão e tequila.

—Você terminou com ele.— Era uma afirmação, não um indício de dúvida em sua voz.

—Ele terminou comigo.

A testa de Boone enrugou. —A quanto tempo?

—Há três dias.

A boca dele se abriu um pouco. —O cara terminou com você três dias antes de estar planejando voar para cá para apoiá-la e salvá-la dos sugadores de sangue?

—Boone, eu avisei.

—Desculpe, as criaturas da noite—, continuou ele, sem esconder o sorriso quando minha carranca se aprofundou. —Eu tenho que te dizer, você realmente sabe como escolher. Primeiro Ford McBride, o perdedor atrás das costas e fodendo sua irmãzinha, e depois esse idiota que ferrou com você alguns dias antes de voar para enfrentar seu próprio Armagedom.

Eu balancei meu pescoço de um lado para o outro. Ele não estava dizendo nada que eu não tinha ouvido ou dito a mim mesmo mil vezes, mas parecia diferente vindo dele.

—Não vamos esquecer de jogá-lo naquela pilha de saber escolher—, eu murmurei, mais para mim do que para ele, mas Boone não perdeu.

—Você não me escolheu, Clara. Eu escolhi você.— Por um breve momento, vislumbrei o Boone que eu lembrava. Aquele que ocasionalmente se abre e compartilha seu mundo comigo.

Engoli. Eu terminei minha última tentativa minutos atrás, mas senti como se centenas de garrafas de álcool estivessem escorrendo pela minha garganta. —Mais alguma pergunta? Eu

tenho que ir embora, a menos que eu queira que meu pai ligue para o xerife para ir atrás de mim.

—Não seria a primeira vez, não é?— Um sorriso apareceu no canto da boca de Boone.

—Não seria. Mas pelo menos desta vez o xerife não teria que mentir para o meu pai sobre como ele me encontrou e com quem ele me encontrou.

—Ou onde ele encontrou você.— O olhar de Boone se afastou, encarando a parede à nossa frente como se estivesse vendo outra coisa.

—Então?— Pressionei.

Ele tomou outro gole de sua bebida. —Você não vai me perguntar se estou vendo alguém? Você não se importa se eu tiver alguém na minha vida que também precisarei explicar esse pequeno arranjo de uma semana?

—Claro, sim, eu deveria ter pensado nisso. Você tem alguém? Você acha que ela se importaria se você fizesse isso?

Ele terminou a bebida antes de se levantar do

banquinho. Ele sempre foi alto, mas parecia que esticou mais alguns centímetros nos anos desde que eu o vi. E essa era definitivamente a mesma camisa que usara no ensino médio. Lembrei-me daqueles botões. Os brilhantes de mármore que se fechavam ou abriam.

—Eu só tive alguém especial, Clara, e ela me afastou da ideia de ter outra.— Ele não olhou para mim enquanto falava. —Então não, ninguém especial na minha vida para se importar com o que eu faço ou com quem faço.

Ele se despediu de Tom e se aproximou de mim. Saí do banquinho, tentando não balançar no lugar quando me levantei. Eu não era baixa - na verdade, era mais alta que a média para uma mulher -, mas em pé na frente de Boone Cavanaugh, me senti muito pequena. Quase como se ele pudesse me espremer entre o polegar e o indicador.

—Dez mil dólares? Sete dias?— Ele deu um passo mais perto, colocando-se tão perto que, se continuasse balançando no lugar, eu balançaria direto em seus braços. Isso não deveria parecer uma opção tão atraente.

Balancei a cabeça porque não conseguia formar nenhuma

palavra que eu confiava em dizer em voz alta - porque acabei de ser atingida por um perfume familiar. Um que eu tentei excluir da minha memória e que sabia que nunca poderia. Ele cheirava como a minha infância. Como os melhores anos da minha vida em Charleston. Salgado de suor, doce do xampu de sua mãe e irmã, ele costumava usar em vez de comprar algo mais viril e azedo com a lembrança do passado. Eu queria enterrar meu rosto na camisa dele e respirá-lo até que tivesse o suficiente, mas se essa próxima semana fosse dar certo, eu não poderia deixar sentimentos e história passadas entrarem em cena.

Não podia destruí-lo novamente, e não poderia deixar que me destruísse também.

Manter distância. Do tamanho do braço. Indiferente, fresca e calma. Essa foi a minha marcha pela semana que vem. Boone e eu começamos como amigos; nós poderíamos fazer isso de novo.

Minha visão estava embaçada com os tiros, o fundo do bar embaçado e indefinido. A única coisa que podia ver claramente era ele.

Sua mão levantou, se movendo em direção ao meu rosto. Bem quando eu pensei que ele estava prestes a segurar

minha bochecha e me beijar, seus dedos agarraram uma mecha do meu cabelo balançando logo acima dos meus ombros. Ele estudou por um momento como se não o reconhecesse. Depois de mais um minuto, ele se inclinou, deixando a boca cair do lado da minha orelha. Ele estava brincando comigo. Eu sabia. Não bastava pagar dez mil; ele iria me custar mais até o final disso.

—Você conseguiu um namorado. Temporariamente.— Sussurrou, sua voz levantando solavancos nos meus antebraços.

Levantando meus ombros, limpei minha cabeça e lentamente o empurrei de volta até que estivesse a um braço de distância. —Acompanhante. Temporário.

Capítulo Dois

O que eu estava fazendo? O que estava pensando? Em que me meti?

Essas eram as perguntas que passavam na minha cabeça desde o momento em que Boone e eu estávamos entrando no táxi até agora, enquanto estávamos a um quilômetro e meio de distância de Abbott Manor, minha casa de infância.

Eu não deveria ter bebido tanto. Poderia ter saído do meu banco no momento em que notei Boone Cavanaugh alguns bancos abaixo. Nunca deveria ter aberto minha boca. E ter lhe feito uma pergunta da qual sabia que ele não negaria. Arrependo-me de ter entrado naquele vagão decrépito em primeiro lugar. Não, em hipótese alguma deveria ter entrado naquele maldito avião esta manhã e voado até aqui.

Eu não deveria... foi o tema do meu dia, a maior parte da minha vida, e certamente o resto da semana.

—Então, qual é a nossa história?

Eu pulei quando Boone me cutucou. Depois que entrei no táxi e disse ao motorista que estava pronta, nada mais tinha sido falado. Imaginei que, como eu, ele estava avaliando sua decisão.

—Que história?—, Respondi.

—Nossa história de amor como você e eu, vivendo distantes, longe um do outro e nos ignorando como se fôssemos inimigos jurados por quase uma década, acabamos juntos novamente?— Ele me cutucou novamente com o braço. 'Essa história.'

Ele era grande o suficiente para ocupar uma boa metade do banco traseiro, mas sempre ocupara o espaço de um homem com o dobro desse tamanho, como evidenciado pela maneira como suas pernas estavam abertas; seu joelho continuava batendo na parte de fora da minha perna, mesmo quando estava pressionada contra a minha porta. Quando atingimos um buraco na estrada e seu joelho bateu na minha perna com força suficiente para senti-la subir pela coxa e minha panturrilha, pressionei com mais força a porta.

—Oh, nossa história... Acho que ainda não pensei nisso.— Precisávamos de uma história, e sabia que essa história não poderia ser formulada hoje à noite. Não com meu

cérebro marinado em um banho de tequila.

—Realmente? Você não tem nada?

—Não tenho nada hoje à noite. Mas vou resolver tudo isso amanhã, prometo.

Boone grunhiu e olhou pela janela. —Você realmente não pensou muito bem, pensou?

—Foi mais um tipo de decisão do momento.

—É bom saber que sou seu plano B. Nada mudou...— Boone abaixou a janela um pouco, embora o ar condicionado estivesse explodindo através do táxi. Ele inclinou a cabeça em direção a ela, deixando o ar quente e pegajoso atravessar seu rosto. Parecia que ele podia respirar novamente.

—Apenas deixe-me falar hoje à noite.— Eu vasculhei minha bolsa em busca de um chiclete ou uma bala de hortelã ou algo que disfarçasse a tequila no meu hálito. —De fato, já que é tão tarde, a maioria da família provavelmente estará dormindo, então por que você não se esgueira até o meu antigo quarto com a bagagem? Vou dar um oi rápido a todos que estão acordados, e podemos lidar com a grande revelação no café da manhã. Depois

de um boa noite de sono.

A cabeça de Boone reclinou-se no encosto de cabeça, seus joelhos se afastando, então não estava sendo atingida a cada segundo. —Outra coisa que não mudou. Me esgueirando para cima enquanto distrai sua família. Confere. Acho que posso gerenciar isso. Posso estar enferrujado, mas tenho muita experiência. Deveria saber que isso ia voltar para mim.

—Boone.

—Está tudo bem, Clara. Eu não me importo mais com essa merda. O que me interessa são os dez mil.

Quando ficou claro que não havia menta ou chiclete nos confins da minha bolsa, joguei-a no chão do carro, frustrada. Não era com a bolsa que eu estava chateada, e sim a dona dela. As decisões que ela tomou e as consequências que vieram como resultado. —Se vamos fazer isso com sucesso, vamos precisar deixar o passado onde ele pertence.

—Esfregando em nossos rostos?

Eu gemi. —No passado. Não podemos discutir o que aconteceu e quem é o culpado e dar socos um no outro a cada

dois segundos, ou podemos desistir de todo esse negócio agora porque não vai funcionar. Precisamos focar em fingir gostar, tolerar e respeitar um ao outro. Precisamos fingir que não há história entre nós e que tudo o que nos importa é o nosso futuro juntos.— A conversa animada foi tão intencional para mim quanto para ele. — Você acha que pode fazer isso?

—Você acha que pode?— Ele disparou de volta, abrindo a janela mais um pouco.

—Sim—, eu menti.

—Então eu também. Não há problema—, ele respondeu.

Do banco da frente, o motorista me deu um olhar engraçado. Dei de ombros em resposta. Eu só podia imaginar a quão perversa essa conversa soou para alguém de fora e, mesmo que tivesse tempo, não tinha certeza se poderia explicar.

A essa altura, estávamos chegando em casa. O portão no final da entrada da garagem era operado por senha, mas antes que eu pudesse dizer ao motorista o código para entrar, o portão se abriu. O que significava que alguém estava olhando a câmera de segurança e abriu o portão da casa. O que significava que eles

estavam esperando por nós.

Meu coração acelerou, adrenalina, ou foi pânico, pingando na minha corrente sanguínea. Por que a reação do meu corpo ao voltar para casa era como se estivesse sendo perseguida por um bando de lobos na neve até a cintura? Por que meu instinto entrou no modo de sobrevivência quando passei por aquele portão? Por que minha resposta de luta ou fuga foi desencadeada sempre que passava pelas fronteiras da propriedade que estava na minha família há cinco gerações?

Essas eram perguntas que vinha me perguntando há anos. Perguntas que permaneciam sem resposta por anos.

Minhas mãos torceram no meu colo, minhas pernas saltaram fora de controle e meus dentes mastigaram o excesso de adrenalina no meu lábio inferior.

Do nada, a mão dele apareceu no meu colo, tecendo entre as minhas até que ele tivesse uma em suas mãos. Sua mão grande engoliu a minha, apertando-a gentilmente. —Vai ficar tudo bem, Clara. Eles não podem arruinar sua vida duas vezes.

Algo dentro de mim parou. A mão de Boone ainda era áspera

e pontilhada de calos. Ainda era quente e sólida, me segurando antes de eu me afastar.

—Isso não vai impedi-los de tentar— Respondi, quando comecei a distinguir a grande fazenda à distância.

A mandíbula de Boone se apertou. —Bem, eu não vou deixá-los arruinarem minha vida duas vezes.

—Isso não os impedirá de tentar.—

Enquanto continuávamos a parar na entrada, o motorista deu um sussurro baixo. —Esta é sua casa, senhorita?

—Não, esta não é minha casa—, respondi. —Esta é a casa da minha família. Não minha.

—Este é bom um lugar—, continuou o motorista. —Sua família deve estar muito bem.

Fechei os olhos quando a casa ficou à vista. Demais, muito rápido. Boone ao meu lado, aquela casa na minha frente, toda a família esperando para atacar de maneira passiva-agressiva. Por que eu vim?

—Se apenas pelos padrões de suas contas bancárias—, eu

disse enquanto pegava minha bolsa do chão e voltava a procurá-la loucamente, desesperada por uma bala de hortelã e um meio de distração.

—Aqui.— A outra mão de Boone alcançou nossos colos. Nela havia uma bala redonda e branca.

Eu congelei por dois momentos, a bala de hortelã trazendo outro bloco de memórias. Esses, porém, eram bons. Todos eles.

—Obrigado.— Peguei a hortelã e coloquei na minha boca. Não era com sabor de menta; era canela, picante e quente, como eu lembrava. Com um pouco de hortelã, fui levada de volta ao passado: a um primeiro beijo, ao primeiro beijo de verdade, à primeira vez que eu já fiz...

—Foda-me.— Ele assobiou quando paramos na frente da casa.

—O quê?— Eu perguntei, sendo arrancada do passado para o presente. Eu preferia a outra opção.

—Quantas pessoas estão ficando com seus pais?— Ele esticou a cabeça pela janela, concentrando-se em algo distante.

—Eu não sei. Eu não perguntei. As minhas duas irmãs obviamente, provavelmente os pais da minha mãe e talvez tia May, mas não deveria haver muitas pessoas. É para isso que servem os hotéis.— Eu estava torcendo o inferno das tiras da bolsa, desejando ter bebido mais um ou dois tiros, porque, pela sensação, a adrenalina e os nervos haviam queimado tudo no caminho até aqui.

— É melhor você recontar, senhorita Abbott, porque, pela quantidade de carros que vejo estacionados ao redor do táxi, sua casa se tornou o Hotel Grand Charleston.

Boone apontou pela janela, mas não conseguia ver. Ou talvez não quisesse ver.

O pensamento de dezenas de familiares e estranhos que circulavam pela propriedade tornou a viagem ainda mais intolerável. Não faltava espaço na casa, mas faltava outras coisas. Noções como privacidade, que precisaria se esse plano com Boone fosse executado. Com dezenas de pessoas vagando pela casa, isso significava que ele e eu teríamos que fazer a parte do casal amoroso o tempo todo, sem falhas.

Mesmo quando estávamos juntos, de verdade, não éramos

capazes disso. Como diabos nós vamos conseguir isso agora?

—Você tem certeza que quer fazer isso?— A mão de Boone caiu na maçaneta da porta, parecendo tão pronta para abri-la quanto mantê-la fechada.

Obriguei a olhar para a casa. A que cresci por dezoito anos até fugir como se o diabo estivesse me perseguindo. Eu voltei três vezes desde então, sempre fugindo da mesma maneira. Por que continuava voltando? Por que continuava me colocando nisso? Oh sim...

—Eu não tenho escolha, Boone. Você de todas as pessoas deve se lembrar disso.

Os nós dos seus dedos ficaram brancos à medida que o seu punho se apertava na maçaneta da porta. —Você sempre tem uma escolha. Agora você pode ter, e certamente tinha uma antes de estar aqui. Não os culpe pelas escolhas que você fez.

Lá fomos nós, vasculhando o passado novamente. Isso não vai funcionar. Eu deveria ter mandado ele embora imediatamente. Poderia ter pago os dez mil dólares apenas para ele ir embora, porque aparecer com Boone Cavanaugh quando

meu encontro iria pingar mais algumas gotas de nitroglicerina na panela. Minha família nem estava em um estado de cumprimentar enquanto passava na calçada com os Cavanaugh. Boone deveria ter sido a última pessoa que eu escolheria pagar para ser meu namorado esta semana.

Mas então flashes da foto da minha irmã passaram pela minha cabeça. Avalee estava noiva. Charlotte estava prestes a se casar. Todo mundo estava esperando que eu aparecesse com anúncios. Todo mundo esperava que eu fosse a primeira a se casar.

Se eu aparecesse sozinha... Deus, eu não queria pensar nos comentários que receberia, nem imaginar os possíveis 'pretendentes' que minha mãe acharia para mim. Não, este era um bom plano.

Pelo menos melhor do que chegar sozinha.

—Não culpo ninguém—, eu disse enquanto o motorista descarregava a bagagem do porta-malas. —Não culpo meus pais, minhas irmãs, você, Ford ou qualquer outra pessoa por qualquer coisa. Só estou tentando superar isso agora, então você se importaria de me dar uma folga?

Sua expressão ficou congelada. —Isso significa que estamos fazendo isso? Vamos, voluntariamente, a um poço de víboras?

Peguei a maçaneta do meu lado. —Estamos fazendo isso.

Ele respirou fundo pelo nariz e abriu a porta. —Então vamos começar para que possamos terminar logo.

Sua mão se soltou da minha quando ele saiu para ajudar o motorista com a bagagem. A bagagem... havia apenas duas delas - meu conjunto correspondente. Não tínhamos nada para mostrar para Boone, nem mesmo uma pequena sacola noturna.

Este poderia ter sido o plano mais infeliz já concebido.

—Boone!— Abri minha porta e ejetei do banco de trás. —Você tem que ir até o meu quarto sem ser visto. Não pensamos em pegar uma mala para você. Minha família não vai entender. Eles farão perguntas desde o início, e prefiro adiá-las até pelo menos três ou quatro dias.

Joguei minha alça da bolsa em volta do pescoço e ombro, procurando minha carteira para pagar o motorista. A tarifa havia sido íngreme, como em alguns milhões de dólares, mas imaginei que era o que se poderia esperar quando passassem 45

minutos acampados em algum bar, bebendo tequila barata e brigando com uma chama antiga.

O motorista deu outro assobio depois que eu entreguei a gorjeta. —Gorjeta generosa e poderosa, senhora. Muito obrigado.

Eu balancei a cabeça em sua direção antes de encontrar Boone, que tinha uma bagagem em cada mão e estava começando a subir as escadas. —Você me ouviu, Boone? Eles não podem ver você. Não essa noite.

—Sim, eu ouvi você. Porque não tenho bagagem. Ele parou com o pé no degrau mais baixo. Não parecia nem um pouco hesitante em subir as escadas para a casa que tinha sido tão responsável por corroer ele quanto eu. Ansiava por esse tipo de força. —Mas com quem você está brincando, Clara? Sua família sempre viveu com a impressão de que eu nunca tinha mais nada a oferecer além das roupas nas minhas costas, então aparecer sem bagagem não deve surpreender ninguém.— Ele continuou subindo as escadas, suas botas batendo contra cada degrau como se estivesse tentando passar o calcanhar através deles.

Eu corri ao lado dele, agarrando seu cotovelo quando caminhou até a escada do topo.

—Boone, por favor—, eu disse, pânico afiando minha voz.

Ele parou o tempo suficiente para olhar as grandes portas duplas à nossa frente antes que seu olhar se movesse na minha direção.

—Por favor?

Ele tentou segurar seu olhar enquanto olhava para mim, mas não durou. Um momento depois, ele suspirou. —Não serei o seu segredinho sujo desta vez, Clara. De novo não.

Minha mão se curvou em torno da curva de seu braço. —Eu sei. Você não vai. Não vou continuar escondendo você pelas janelas ou mentir sobre com quem estou saindo. Eu prometo. Só preciso desta noite para que reúna meus pensamentos e recupere meu juízo antes que eles comecem a disparar perguntas sobre nós. Olhei para as portas, meio que esperando que elas se abrissem antes que um fluxo de família se aproximasse. Ninguém veio, embora. —OK?

Ele se afastou de mim até que minha mão caiu de seu braço. —Eu nunca fui capaz de dizer não a você. Por que isso mudaria agora?

Ele não estava olhando para mim como se fosse culpada, nem algo em sua voz sugeria o mesmo, mas houve poucas vezes na minha vida em que senti culpa. Boone estava certo eu o escondi da minha família, mantendo-o em segredo por meses. Todo mundo tinha na cabeça que fiz isso porque tinha vergonha dele, mas a verdade era que eu tinha vergonha deles. Envergonhada porque sabia que eles não o aceitariam. Envergonhada porque sabia que eles eram o tipo de pessoa que julgava um homem primeiro pelo tamanho da carteira e depois pelo tamanho do coração.

Envergonhada porque sabia que eles chegariam à conclusão de que sua filha era boa demais para isso, nada de um menino com um futuro sem saída, e sabia a verdade; Boone Cavanaugh era bom demais para alguém como eu.

—Obrigada—, Sussurrei antes de fazer o meu caminho até a porta.

Meus pais tinham funcionários 24 horas por dia, ocupando todas as áreas da propriedade, e mesmo sabendo que o protocolo adequado era tocar a campainha e esperar que o mordomo abrisse a porta e nos recebesse lá dentro, estaríamos incógnitos

hoje à noite.

Quando tentei a maçaneta da porta, a encontrei destrancada. Já passava das dez horas, o que significava que meu pai estava prestes a cochilar no terceiro conhaque da noite, e minha mãe provavelmente estava colocando o creme da noite no rosto antes de tomar um comprimido para dormir e desmaiar.

Então, por que eu senti que estava prestes a ser atacada?

—Você se lembra onde fica meu quarto?— Eu sussurrei para Boone quando abri a porta o mais lenta e silenciosamente que pude.

—Difícil esquecer o quarto da garota que perdi minha ...

—Shhhh.— Eu levantei meu dedo nos lábios e dei um olhar de aviso para ele.

—Sim, eu lembro onde é—, disse ele, sua voz baixa mais uma vez.

—Assim que eu abrir esta porta, quero que você suba as escadas e não pare até fechar a porta do meu quarto atrás de você. OK?

Suas narinas se alargaram um pouco. —Qualquer coisa que você diga.

Uma vez que a porta estava totalmente aberta, acenei para ele entrar, corri para trás e fechei a porta. O vestíbulo estava vazio e, além dos relógios que ouvi na biblioteca e na sala, não ouvi nenhum som. Talvez todo mundo já estivesse dormindo.

—Depressa—, Sussurrei, apontando para as escadas que ele estava olhando como se fossem intransponíveis.

Tudo o que fez foi me dar uma olhada. Aquele olhar dizia mais do que qualquer palavra poderia ter. Então ele subiu as escadas, levando as duas de cada vez, como se minhas malas estivessem vazias.

Assim que Boone chegou ao topo e desapareceu no corredor, rolei o pescoço algumas vezes antes de vagar em direção à cozinha. Alguém estava acordado. O portão não se abriu sozinho.

A viagem para a cozinha levou mais tempo do que lembrava. A casa fora construída há duzentos anos, durante uma época em que excesso e extravagância eram o que se fazia com

aquelas famílias do Sul com dinheiro e um bom dinheiro. Com mais de dois mil e quatrocentos metros e com tantos quartos que não conseguia lembrar metade deles, este lugar parecia um palácio para uma jovem crescer. Para mim, tinha sido uma prisão me mantendo preso das coisas que queria fazer e as pessoas com quem eu queria estar.

—Os Abbots foram todos cortados do mesmo tecido— era a maneira como as pessoas por aqui expressavam, exceto por uma alma. Eu. Nunca fui um deles, embora pudesse ter compartilhado o sobrenome deles. Mesmo desde que era criança, sabia disso. Seus objetivos não eram meus. Suas ambições não eram minhas. A visão deles sobre o mundo e a visão das pessoas se desviavam drasticamente da minha.

Eu não tinha sido apenas a ovelha negra da minha família, eu era o lobo. Exatamente o que ameaçava sua existência.

No começo, lutei quando eles tentaram me transformar em algo que mais se parecesse com minha mãe e irmãs mais novas, mas depois de me exaurir, fiquei mais furtiva. Desempenhei o papel que eles queriam que eu atuasse quando eles estavam por perto, e identifiquei a pessoa que realmente era quando não

estavam olhando.

Eu joguei o jogo deles por tanto tempo, porém, partes de mim começaram a se parecer com elas. Demorei um pouco para reconhecer isso, mas quando o fiz, tornou-se uma grande parte do motivo pelo qual cruzei o país para conseguir um caminho.

Uma grande parte, embora não seja a única.

Quando cheguei à cozinha, achei tudo tão silencioso quanto o resto da casa. Estava prestes a voltar para o vestíbulo e escapar pelas escadas do meu quarto quando ouvi. Esse som tinha sido fundamental na minha infância, responsável por me fazer querer correr na direção oposta. Dado que era a voz da minha mãe, deveria querer correr em sua direção.

—Onde ela está? Onde está minha linda filha primogênita?

Os cabelos na parte de trás do meu pescoço se arrepiaram. Pelo som de seus saltos ecoando, ela estava atravessando o saguão, cortando com sucesso a minha rota de fuga. Eu estava pensando em virar e correr... em algum lugar, quando minha oportunidade desapareceu. Minha mãe me notou e parou no meio do vestíbulo, segurando aquele sorriso tão familiar

como se fosse tudo o que a mantinha ancorada ao mundo.

Depois da hora de dormir da maioria das pessoas, minha mãe ainda estava vestida com um elegante terno azul claro e saltos de marfim, sua maquiagem parecendo ter acabado de ser aplicada e suas joias brilhando como se tivessem acabado de ser polidas. Ela estava intocada. Essa era minha mãe em uma palavra. Pura. . ., mas isso só se aplicava à camada superficial. O que residia abaixo disso não era tão perfeito

—Clara Belle—, disse ela naquela voz que mantinha uma borda suave e afiada, tornando uma pessoa incapaz de decidir se estava sendo insultada ou elogiada. —Faz muito tempo desde que vimos esse seu lindo rosto por aqui. Venha aqui e dê um abraço em sua mãe.— Ela estendeu os braços, acenando com as mãos para dentro, esperando que eu fosse até ela.

Era assim comigo e minha mãe, a abraçava quando ela queria, como queria. Nunca o contrário. Desta vez incluída.

—Ei, mãe.— Eu a segui e coloquei o rosto que dizia que isso não era grande coisa, voltando para casa com anos de história ruim no meu quarto agora. —Desculpe, estou tão atrasada. Atrasos no aeroporto.

Dando uma chupada forte na menta de canela antes de entrar em seus braços, as envolvi em torno dela. O movimento foi rígido, forçado. Abraçar minha mãe era tão natural quanto respirar debaixo d'água.

—Mas verifiquei o status do seu voo a noite toda. Nem um único atraso para ser encontrado.— Ela deu um tapinha nas minhas costas algumas vezes, mel em sua voz, vinagre atrás de suas palavras.

Meus ombros ficaram tensos, mas relaxaram um momento depois. Eu poderia estar fora de prática, mas me alongar, manipular e fugir da verdade veio de volta para mim.

—Retenção de bagagem. Eles pensaram que haviam perdido minha mala em Phoenix apenas para descobrir que outro passageiro a pegara por engano. Graças a Deus eles perceberam isso em pouco tempo e o levaram de volta ao aeroporto para mim. Eu estava falando demais, explicando mais do que o necessário. Então, talvez estivesse um pouco sem prática.

—Que inconveniente infeliz—, disse mamãe, saindo do abraço e dando um passo para trás. A distância era tão importante para ela quanto para mim.

Ficamos assim por um minuto, quietas e olhando uma para a outra, esperando. Esperando o que, não sabia, mas algo que estávamos esperando há anos. Mamãe me deu uma investigação cuidadosa, a que estava acostumada toda vez que me via pela primeira vez depois de um longo período, e embora ela mantivesse seus pensamentos para si mesma, sua expressão os deixava todos lidos.

Então, pensei que parte do motivo de ter resistido tanto à minha mãe era porque éramos parecidas. Tão semelhantes em nossas feições que, quando fotos dela e de mim eram colocadas lado a lado, era impossível dizer quem era quem. Onde minhas irmãs tinham assumido as feições mais escuras de meu pai - cabelos castanhos e olhos cor de avelã - eu obtive meu pedaço de DNA de nossa mãe.

Embora ela estivesse pintando os dela há anos, nossos cabelos eram da mesma cor loiro, um forte contraste com nossos profundos olhos azuis. Fomos construídas da mesma maneira, mignon com figuras curvilíneas, e me disseram que nos movíamos da mesma maneira. Depois de crescer na sombra dela, ser confundida com ela por velhos parentes que se aproximavam da senilidade e receber elogios por minha aparência, que sabia

que minha mãe se importava mais do que ser elogiada por minha inteligência ou personalidade, me rebelava com o que podia.

Eu não conseguia mudar a aparência, pelo menos não muito, mas podia mudar a maneira como pensava. Eu poderia mudar o que era feita por dentro e eu tinha. Talvez um pouco tarde demais para fazer diferença quando eu ainda morava em Charleston, mas o suficiente para fazer a diferença na minha vida desde então.

—Olhe para você, já aconchegante em seus pijamas para a noite.— Mamãe beliscou a barra da minha camiseta, seu olhar percorrendo os punhos desgastados do meu short.

Na Califórnia, era assim que a maioria da população se vestia. No Sul, dentro dos limites de Abbott Manor, não se vestia assim, a menos que eles quisessem que os policiais os chamassem depois de serem confundidos como vagabundos.

—E o que aconteceu com seu cabelo comprido e grosso?— Suas mãos se moveram para as pontas do meu cabelo, seus dedos passando por ele como se ela estivesse esperando que ele voltasse ao seu antigo esplendor bem diante de seus olhos. —Mas não se preocupe Clara Belle. O cabelo cresce para trás e, quando isso acontecer, você não ouse ver o açougueiro de uma esteticista

que fez isso com você—. Ela deu um puxão em meu cabelo, balançando a cabeça, —Mais uma vez. Vou pedir a Janine que pergunte por aí e descubra quem na Califórnia sabe algo a respeito de cabelo das mulheres.

—É um grande estado, mãe. Talvez queira especificar para Janine que eu vivo na área de Santa Barbara, porque eu não estou dirigindo para San Diego para uma lavagem e corte.— Eu segurei meu sorriso e dei alguns passos para trás, longe o suficiente que minha mãe não conseguisse continuar puxando
meu cabelo abaixo dos ombros. A última vez que ela me viu, meu cabelo ainda estava comprido, no meio das minhas costas, e tão grosso que eu mal conseguia prender um rabo de cavalo em volta dele. Todo mundo amava meu cabelo, tocando-o e alegando o quão longe eles iriam para ter mesmo tipo. Todo mundo amava meu cabelo... exceto eu.

Foi por isso que eu entrei no salão de beleza há alguns anos, pedi que ela cortasse uma parte para doar para o Wigs for Kids 2e depois afinou o que restava preso à minha cabeça. Eu tinha perdido o que pareciam dez quilos de ar naquele dia e mil quilos de peso dos meus ombros. Eu era minha própria pessoa, não mais sujeita aos Abbots.

---

[2] Instituto de doações para crianças

—Tenho certeza de que podemos encontrar alguém que encaixe no orçamento—, disse ela. —Uma nova contratada na SuperTrims seria de grande ajuda.— A voz dela sumiu da maneira familiar que fazia há anos, sempre que insultava. Ela sempre disfarçava com um encolher de ombros e um tom quase inaudível, mas isso nunca moderava a intenção de sua mensagem.

Eu fiz meu sorriso esticar. Mate-os com bondade - era o jeito sulista. Quando estiver em Charleston, faça como os Charlestonianos. —Eu senti tanto a sua falta, mãe. Estou feliz por estar de volta.

Ela cobriu o peito com a mão. —Eu também senti tanto a sua falta, querida. É melhor você não ficar longe tanto tempo de novo, senão talvez eu precise trancá-la na próxima vez que você vier visitar.

Eu estava pensando em responder com algo parecido com visitar a família como sendo uma via de mão dupla, então me lembrei de que não queria que minha família visse minha casa na Califórnia. Eu não queria que eles fizessem parte da vida que eu tinha feito para mim. Eles pertenciam aqui, não lá fora.

—Meninas!— Minha mãe gritou por cima do ombro. —Sua

irmã está aqui, finalmente. Vocês não vão acreditar no que ela fez com seus cabelos.

Ela me deu uma piscadela e acenou. —Mas é apenas cabelo. Ele voltará a crescer antes que você perceba. Não se preocupe, Clara Belle.

—Eu não estou preocupada—, Respondi, me preparando enquanto ouvia uma dupla de ataques de calcanhar vindo por aqui. Pelo ritmo deles, eu podia dizer que eles não estavam com pressa em me alcançar, embora isso pudesse ter mais a ver com a altura dos calcanhares do que com a emoção real, ou a falta dela, de me ver.

Avalee foi a primeira a entrar no vestíbulo, uma fada em todos os sentidos, exceto pelas asas duendes - de tamanho pequeno, olhos arregalados e curiosos, graciosos em movimento. Por causa da diferença de idade decente o suficiente entre nós, sempre me senti mais perto de Charlotte, apesar de Avalee e eu sermos mais parecidas.

—Clara Belle!— Ela gritou, avançando, sim, saltos que poderiam ter perfurado a pele de um rinoceronte diretamente para o coração. —Oh meu Deus, é realmente você!

Estremeci quando ela correu em minha direção. Eu tinha certeza que ela iria escorregar no mármore brilhante e abrir seu crânio.

—Você viu? Você ouviu as boas notícias?— Levantando a mão esquerda, ela continuou correndo em minha direção até que seu punho estivesse a meio metro do meu rosto.

Dado o tamanho do diamante que se projetava do dedo dela, dei um passo para trás para não ser esfaqueada na córnea. — Parabéns, Avalee. Isso é tão bonito.

Segurei sua mão e estudei o anel por tempo suficiente para acalmá-la. Realmente era um anel bonito, brilhando como uma bola de discoteca e grande como um ovo de codorna, mas, não conseguia imaginar ir trabalhar diariamente enquanto o usava vinte e quatro horas por dia. Se não estivesse agarrando suéteres, estaria arranhando o rosto das crianças.

—Eu sei, certo? Não acredito que finalmente aconteceu comigo também!— Ela ergueu os olhos para o teto, como se esperasse eras para ficar noiva com a idade avançada de vinte e um anos. Aqui no Sul, isso pode ter alguma verdade.

—Avalee está noiva. Irei me casar. Quando será a vez de Clara Belle?— Uma voz diferente encheu o vestíbulo, em um tom que parecia querer esfregar meu rosto em todos os meus erros.

—Ei, Charlotte. Como você está?— Soltei a mão de Avalee e puxei meu corpo na direção de Charlotte.

Ela estava encostada na porta que dava para a sala, braços e tornozelos cruzados, dando uma olhada em mim que me fez pensar por que eu tinha sido convidada para isso em primeiro lugar.

—Estou prestes a me casar com Ford McBride. Está tudo fabuloso,— Respondeu, um sorriso deslizando no lugar.

Eu me dei um momento para limpar minha cabeça antes de responder. Eu não estava entrando nisso com ela novamente. Não valia a pena brigar por Ford McBride. Nunca mais. —Pés frios?

Ela estendeu o pé, um salto de camurça rosa adornando-o. —Quente, quentinho.

—Deve significar que é para ser então. Você encontrou sua alma gêmea.

Charlotte me observou por um momento, procurando por algo que pudesse revelar que minhas palavras eram nada menos que genuínas. Ela não iria encontrar nada, por mais difícil que parecesse, porque eu havia superado Ford há muito tempo, não conseguia nem lembrar o que tinha visto nele na época.

—Falando em almas gêmeas—, ela disse, empurrando a porta e vindo em nossa direção, —onde está esse seu novo cara?— Ela olhou por cima dos meus ombros antes de examinar o vestíbulo. —Ele não é do tipo imaginário, é?

Mordi o interior da minha bochecha. Charlotte sabia como me empurrar, ela sempre o fez, e só piorou desde que roubou meu namorado. —Ele está lá em cima. Provavelmente já desmaiou agora.— Meu olhar vagou pelas escadas. Nenhum Boone à vista. Graças a Deus, porque eu mal conseguia administrar sozinha essa reunião de estrogênio do abade, sem o bad boy do meu passado. —Vocês todos terão a chance de conhecê-lo amanhã.

—Qual é o nome dele?— Avalee perguntou, aplaudindo em emoção de fada.

Dei de ombros. —O nome dele.—

Ela empurrou meu braço, sorrindo como se eu tivesse acabado de fazer uma piada. Eu não pretendia, mas aceitaria se fosse o que elas queriam pensar.

—Conte-nos algo sobre ele—, mamãe voltou para a conversa agora que passamos ao tópico do meu namorado. —Quando descobrimos que você estaria trazendo seu namorado, não posso dizer o quão empolgados estávamos todos. Seu pai e eu bem, esperamos por esse dia por um longo tempo.

—Para mim trazer um menino para casa?— Eu perguntei confusa.

—Você finalmente ficando séria e se acalmando.— O sorriso contínuo da mãe estava começando a me assustar. Após uma inspeção mais minuciosa, parecia que um trabalho sério no Botox era responsável pelo sorriso que redefinia assustador.

—Quem disse que estou me acalmando e ficando séria?— Meus olhos subiram as escadas novamente, desejando poder escapar antes de responder a mais alguma pergunta.

—Você sabe, menina boba—, mamãe circulou a mão na direção do meu rosto. —É esse olhar em seu rosto agora e esse

som em sua voz. Eu não vi você assim com ninguém desde... Apertando as mãos na frente dela, ela se virou para minhas irmãs como se estivesse procurando uma pequena ajuda.

Avalee e Charlotte pareciam tão surpresas com o quase erro de mamãe quanto eu. Depois de Boone e minhas consequências, falar o nome dele tinha sido como alta traição dentro dessas paredes. Até falar dele tinha sido um crime. Pensei que, com todo o tempo que passara, emparelhado com nenhum outro drama e desastre, Boone e o que tinha acontecido pareceriam notícias velhas e cansadas. Claramente não.

Avalee estava apenas dando um passo à frente para me dar o que parecia ser outro abraço, ela era a —abraçadora— da família - quando alguém entrou no vestíbulo. Alguém que eu não via há anos e alguém que, se não estivesse se casando com minha irmãzinha, gostaria de evitar por mais cinquenta.

—Clara Belle. Ford abriu um sorriso e se inclinou para a mesma porta que sua futura esposa tinha. —Eu gosto do seu cabelo.

Os olhos de mamãe e Charlotte levantaram-se para o teto ao mesmo tempo, exatamente da mesma maneira. O fenômeno

assustador número dois nesta viagem para casa - a irmã do meio estava se tornando um clone de nossa mãe.

—Ei, Ford.— Meus olhos caíram no chão por um momento sob a pressão de seu olhar inabalável. Eu os fiz realinhar com o dele. Eu não deixaria ele me fazer sentir pequena e inconsequente novamente. —Parabéns. Você sabe, desde que eu ainda não tive a chance de lhe parabenizar. É realmente ótimo você e Charlotte se casarem.

Tensão pressionou na sala. Todos sabiam o que havia acontecido entre Ford e duas irmãs Abbott, e ninguém queria falar sobre isso e chamar besteira. Nós, os Abbots, preferimos fazer as pazes e fechar os olhos - mesmo que se tratasse de outras pessoas da nossa 'espécie', porque o oposto era como Boone havia sido tratado.

Ford assentiu algumas vezes, parecendo não piscar enquanto me observava. —Como a Califórnia está te tratando?

Eu levantei um ombro. Eu não queria que eles soubessem a quão boa era ou o quanto eu amava minha vida lá fora, por medo de que eles se mexessem e estragassem a coisa boa que eu tinha. —Boa. Como a Carolina do Sul está te tratando?

O sorriso de Ford aumentou mais de um lado. Alto o suficiente para que sua covinha caísse na bochecha. —Bem—, respondeu ele, espelhando a minha voz indiferente. —Como estão indo seus pequenos negócios? Não jogou a toalha ainda? Abrir um negócio é sempre mais trabalho do que as pessoas imaginam, e boa parte delas falha no final das contas.

Uma mão deslizou até o meu quadril. O que eu tinha visto no elitista, presunçoso Ford McBride, estava perdido para mim agora, mas deve ter havido algo redentor nele ao mesmo tempo. Algo mais redentor do que sua boa aparência e um fundo fiduciário saudável.

—Não é tão ruim.— Muita frieza na minha voz. Afaste-se, Clara. Não deixe que eles cheguem até você em sua primeira noite. Você é uma parede. A Grande Muralha de Clara. Eles não podem movê-la, não importa com que tipo de golpe eles a atinjam.

—Se você precisar de alguma consultoria ou experiência no que diz respeito à administração de uma empresa, ficaria feliz em...

—Tenho certeza de que Clara Belle pode se sair bem

sozinha.— Interrompeu Charlotte, marchando em direção a Ford como se estivesse sendo acariciado por uma casa de irmãs excitadas da irmandade.

—Sim, Clara pode e conseguiu muito bem sozinha. Mas obrigada.

Não sabia por que ainda tentava. Claramente, ninguém na minha família jamais respeitaria meu desejo de ser chamada Clara em vez de Clara Belle. Sim, esse poderia ter sido o nome na minha certidão de nascimento, mas, pela minha opinião, era nome demais. Clara era meu nome na Califórnia, embora eu duvidasse que algum dia seria assim aqui. Apenas uma pessoa aqui em baixo já me chamou de Clara.

—O primeiro ano é o mais difícil, você sabe, Clara Belle, quando as empresas ou se fazem ou se quebram—, Ford falou, ignorando as tentativas de sua noiva de distraí-lo do tópico ou, mais precisamente, de mim.

Charlotte tinha terminado com o homem, mas por algum motivo, tive a sensação de que ela sentia que ainda estávamos lutando por ele. Eu nem tinha lutado por ele quando descobri sobre eles, por isso foi uma luta unilateral da parte dela.

—Este é o meu terceiro ano e, acredite, estou indo bem. Obrigado novamente.— Senti meu maxilar apertar, então trabalhei o mais solta possível. Os negócios que eu abri na Califórnia tinham sido objeto de ridículo, escrutínio e desprezo em minha família, e eles entrelaçaram-se nela. Dizer que a atitude deles diminuiu minha paciência teria sido uma maneira delicada de expressar isso.

—Você nunca pediu ajuda, Clara Belle.— Ford me deu uma olhada, algo significativo em seus olhos que ele estava esperando que eu entendesse.

Eu fingi ignorar enquanto Charlotte tentava desviar sua atenção de mim com suas mãos itinerantes e seu corpo pressionado contra ele.

—Talvez seja porque pedir ajuda não teria sido bom. Talvez porque não há ajuda nesta família... neste mundo— Corrigi quando ouvi minha mãe inalar, como se eu tivesse dado um tapa na bochecha dela. Eu não estava dizendo nada que fosse intencionalmente malicioso, mas estava expressando o que todos sabíamos ser a verdade.

Ford girou de volta, libertando-se um pouco do aperto de

Charlotte. —Deus, você está ótima. Diferente, mas ótima. Você ficou independente, Clara Belle. Bom para você.

A mão de Charlotte parou de esfregar seu ombro.

Cruzei os braços e dei alguns passos para o lado para não ficar diretamente na frente dele. Eu não tinha certeza se ele estava intencionalmente fodendo comigo para obter uma resposta de mim ou se ele estava sendo tão genuíno quanto Ford McBride era capaz, mas ele estava me deixando desconfortável. Especialmente dada a nossa história. Especialmente porque estava casando com a minha irmã em cinco dias.

Foi Avalee quem desanuviou o ar, e bem a tempo do olhar no rosto de Charlotte. Eu não sabia dizer quem ela queria esganar primeiro: Ford ou eu.

—Vamos, Clara Belle, quem é seu cara? Não aguento todo o suspense porque mamãe está certa, esse é diferente. Este significa algo para você.— Avalee parou por um momento antes de acenar com desdém para Ford. —Sem ofensa para você, Ford. Desculpe.

Os olhos azuis claros de Ford se estreitaram um pouco. —

Obrigado, Avalee. Além disso, eu nunca poderia fazer Clara Belle feliz do jeito que ela queria ser. Eu sabia disso antes de convidá-la para sair em nosso primeiro encontro. Poderia tentar, mas nunca poderia me esforçar o suficiente. Ela não foi feita para mim.

A sala ficou em silêncio. Mais silenciosa. Por dentro, eu me senti mais perto de explodir. Por que ele estava falando como se não tivesse me traído com minha irmã? Por que ele ficou lá e fingiu que eu tinha quebrado seu coração em vez do contrário? Por que todos nesta sala se contentaram em concordar com isso e continuaram a jogar sem perceber o fato de que Ford estava se casando com minha irmã depois de transar com ela nas minhas costas?

Havia tanta besteira enchendo o ar que fiquei agradecida pela primeira vez por não poder respirar aqui embaixo.

—Isso é porque eu fui feita para você, Ford.— Charlotte se colocou diretamente na frente dele novamente, apertando seu peito como um gatinho enlouquecido. Depois de mais alguns segundos, ela finalmente chamou sua atenção.

—Sorte minha, querida—, ele murmurou e beijou a ponta do nariz dela enquanto passava um braço em volta dos ombros dela.

Os olhos de Charlotte se fecharam quando ela exalou como se estivesse aliviada ou algo assim. Observar toda essa situação de Ford empurrar Charlotte me deixou triste. Verdadeiramente triste. Estava querendo conversar com minha irmã sobre Ford há anos e descobrir porque ela parecia ter a impressão de que ele era uma divindade envolta de carne mortal. Charlotte e eu podemos ter tido nossas diferenças, e ela pode ter feito de tudo para tornar minha vida mais difícil do que deveria ser, mas isso não apagou o fato de que a amava e queria o melhor para ela.

O homem com quem ela estava prestes a se casar não se enquadrava nessa categoria. Ou em qualquer lugar próximo a ela.

—Então venha e derrame já. Não há mais distrações.— Avalee lançou um olhar de aviso para Ford e Charlotte, que estavam se beijando um pouco febrilmente e alto contra aquela porta.

Eu fiz a coisa da mãe e fiz o meu melhor para fingir que não estava acontecendo.

—Quem é ele? Quem é esse cara que deixou todos irritados?— Avalee acenou para mim como se eu estivesse provando seu ponto de vista agora.

—Você pode encontrá-lo amanhã.— Cruzei meus braços mais apertado, movendo-me em direção à escada. Tempo de reunião familiar suficiente para uma vida. Hora de encerrar.

—Vamos lá, pare de ser tão malditamente misteriosa. Nos dê algo para nos pegar até de manhã.— Avalee apoiou a mão no quadril e bateu no pé. —Diga-nos o que ele faz.

—Por que isso importa?

—Porque sempre importa, Clara Belle.— Minha mãe ressurgiu de seu delírio agora que estávamos conversando sobre o homem com quem ela provavelmente já estava planejando me casar, pelo menos até que ela soubesse quem realmente era. Ela se aproximou de Avalee e ajeitou os cabelos compridos presos por alguns grampos.

Eu não sabia que tinha revirado os olhos até que eles já tivessem feito sua revolução. Mamãe também não sentiu falta.

—Aposto que ele é produtor de filmes, ou talvez um daqueles cantores de rock indie de Los Angeles.— Avalee bateu palmas algumas vezes.

Enquanto isso, Charlotte se separou de Ford por tempo

suficiente para encarar suas irmãs como se fôssemos um casal de imbecis. Fazia muito tempo desde que eu recebi o olhar de Charlotte. Ele veio com tanta frequência crescendo, que eu meio que perdi.

—Ele é provavelmente um daqueles vagabundos surfistas cujo endereço é a praia e circula no ônibus—, acrescentou Charlotte.

Continuei devagar em direção às escadas, meu pé tão perto de subir a primeira.

—Não, ele provavelmente é um advogado da indústria do entretenimento, um cirurgião plástico das estrelas ou um magnata do setor imobiliário.— Ford saiu do abraço de Charlotte e se aproximou de mim. Por que ele estava me olhando assim? Por que ele estava agindo como se as outras três pessoas nesta sala não estivessem lá? —Clara Belle não se contentaria apenas com ninguém. Ela sempre teve uma mira alta, exceto por aquela vez, aquela indiscrição...

Meu sangue rolou até ferver. Ford não tinha o direito de falar sobre o meu passado como se conhecesse a história toda. Ele não tinha o direito de considerar quem era ou não digno de

mim. Ele não tinha o direito de chamar uma pessoa que eu me importava como uma mera indiscrição.

Que droga.

—Já chega dos palpites coxos— Charlotte gritou meio, encarando as costas de Ford enquanto ele se movia na minha direção. —Você vai nos dizer o que ele faz ou não, Clara Belle?

—Eu não vou.— Eu estava no meio de balançar a cabeça quando notei alguém sair das sombras no topo da escada.

Era uma figura imponente e grande, e não precisava olhar para saber de quem era o esboço. Eu memorizei tudo o que havia para saber sobre ele anos atrás. Essas lembranças podem ter sido embaralhadas no fundo da minha mente, mas elas sempre estariam lá.

—Desempregado—, a figura agora descendo as escadas falou. —Essa é a minha profissão atualmente. Alguma outra pergunta? Eu ficaria feliz em respondê-las agora que consegui me estabelecer com Clara.

Três pares de olhos saltaram para a escada - Avalee alargando-se ao máximo, minha mãe de olhos esbugalhados a

ponto de ser lendária - seguida por três bocas se abrindo enquanto observavam Boone descer as escadas. O quarto par de olhos, pertencente a Ford, permaneceu focado em mim, estreitando-se um pouco mais a cada passo que descia.

Os meus embora? Os meus se estreitaram em raios destinados a ele. O que diabos ele estava fazendo? Ele não era incapaz de seguir as instruções, e sabia que ele tinha me ouvido pedir para ficar no andar de cima. Ele estava fazendo isso intencionalmente. Estava propositalmente tentando tornar isso difícil para mim. Eu tinha concordado em pagar a ele dez mil para atuar como meu namorado pela semana, mas tinha esquecido de estabelecer um conjunto de regras básicas muito necessárias. Estava claro que passaria a semana seguinte me cobrando pelo que considerava que eu devia a ele do nosso passado.

Eu estaria melhor aparecendo sozinha.

—Saia dessa casa, Cavanaugh. Você praticamente destruiu esta família e essa garota.

A voz de Ford encheu a sala, seu dedo empurrando em minha direção. —Você não tem o direito de estar aqui. Saia.

Boone parou o tempo suficiente no meio da escada para olhar para Ford. Para os outros na sala, eu sabia que ele parecia tão calmo e controlado como sempre, mas eu li as letras mais finas que eles ainda tinham que aprender. A maneira como os cantos dos olhos se enrugava quando ele ficava com raiva. O modo como os nós dos dedos puxava sua pele como se estivessem se preparando para uma briga. A maneira como os músculos de seu pescoço se enrijecera apenas o suficiente para serem visíveis. Boone nunca gostou de Ford. Ford nunca gostou de Boone. Não era apenas a rivalidade entre adolescentes; foi muito mais profundo que isso.

—Se bagunçar essa família e essa mulher é sua qualificação para quem merece e não merece estar nesta casa, é melhor você ser o primeiro a sair por essas portas.— A mão de Boone apertou o corrimão, parecendo capaz de transformar ele em serragem.

Ford balançou a cabeça, tentando desviar o olhar de Boone, mas não conseguiu. —Eu terminei de falar com você. Aprendi anos atrás que tentar racionalizar com um animal irracional e selvagem é como esperar que eles tenham consciência. Nem é possível. É da natureza do animal ser selvagem. E brutal.

—Isso é uma promessa que posso conseguir sua assinatura?— Ele continuou descendo as escadas. —Porque eu realmente acho que gostaria disso por escrito.

Minha pobre mãe estava olhando entre Boone e eu como se não conseguisse entender o que estava acontecendo. Ela se afastou quando ele desceu as últimas escadas. Avalee ficou onde estava, me dando um olhar curioso, enquanto a cabeça de Charlotte parecia pronta para girar.

O Olhar de Ford virou em minha direção. —Pensei que você fosse inteligente, Clara Belle. O tipo de garota que aprende com seus erros e não comete o mesmo duas vezes.

Falando comigo como se eu fosse criança. Me apadrinhando como se eu não estivesse na posse de um pedaço de inteligência. Se ele não estivesse tão longe, eu poderia ter batido em Ford McBride naquele momento.

—É você quem está implicando que cometi um erro em primeiro lugar, mais ninguém.— Minha voz saiu duas teclas mais baixa.

—Eu não estava exatamente sugerindo nada—, Ford

respondeu, seu olhar se alternando entre Boone e eu como se ele tivesse acabado de testemunhar um acidente de trem e estivesse tentando descobrir o que fazer a seguir.

—E ele não está exatamente sozinho nessa implicação também—, acrescentou Charlotte, aproximando-se de Ford e passando o braço pelo dele.

Ele tentou sacudir, mas o aperto de Charlotte era inquebrável.

—O que eu nunca entendi sobre todos vocês é por que vocês estão tão preocupados com os negócios de todos os outros quando não tem a capacidade dar aos seus próprios negócios a atenção necessária .— Boone pulou os últimos degraus para pousar ao meu lado. Ele me lançou um olhar de lado antes de continuar. —Eu acho que é isso que o reverendo Simmons chamaria de fixar no cisco do olho de seu vizinho, enquanto ignora a porra da prancha.

—O reverendo Simmons não diz essa palavra—, disse Charlotte, como se fosse inocente de nunca dizer isso. O que ela não era. Eu a ouvi gemer algumas vezes antes de me deparar com ela e meu namorado.

—Ele deveria reconsiderar. Dá um soco, não acha?— Boone disse, sorrindo para Charlotte de uma maneira que estava claro que ele a estava provocando.

Os olhos dela se estreitaram. —Como se você tivesse assistido a um culto de domingo em sua vida, Boone Cavanaugh. Quem é você para nos pregar sobre moralidade?

Ele enfiou as mãos nos bolsos da frente e encolheu os ombros. —Ninguém, mas com todos vocês sendo membros regulares da igreja, eu pensaria que vocês estariam a todo vapor. Mas claramente estou longe, porque pude ver aquela ação nos seus olhos, Charlotte, a uma milha de distância. Aquela que caiu quando você decidiu focar no namorado da sua irmã e transar com ele na casa dela...

O pigarro de minha mãe sacudiu o lustre.

Eu cutuquei Boone. Ele não tinha aceitado o que tinha ocorrido, trazer à tona o passado e os erros contidos nele não resultariam em um pedido de desculpas, mas poderia acabar declarando guerra.

—Então você está desempregado, Boone?— Ford disse,

aproximando-se de nós enquanto minha mãe começou a se abanar como se estivesse quase desmaiando.

Que bagunça. Não queria que isso acontecesse assim. Não pretendia chocar e alienar minha família desde o início.

—Eu só precisava dizer isso uma vez. É bom para você por melhorar suas habilidades de escuta e compreensão, Ford. Você recebe nota máxima. E essa, seu pai nem precisa comprar para você.

Boone manteve aquele meio sorriso colado no lugar, agindo como se tudo isso fosse um jogo que ele estava gostando. Na verdade, eu sabia que ele estava gostando de mexer com Ford. Era um dos passatempos favoritos dele, assim como mexer com Boone era um dos de Ford.

—E estar desempregado é algo novo para você? Porque não é isso que o escritório de desemprego está dizendo...

Charlotte puxou o braço de Ford como se estivesse tentando avisá-lo para calar a boca. Eu teria feito o mesmo com Boone, mas tinha medo de tocá-lo. Eu nunca tinha sido capaz de apenas tocar Boone Cavanaugh.

—E notas altas para humor e alívio cômico também.— Ele bateu palmas na direção de Ford. —Hoje à noite, McBride. É bom ver o que uma educação da Ivy League e algumas centenas de dólares podem comprar para um cara hoje em dia.

—Tenho certeza de que Estelle aqui tem uma vaga de jardinagem aberta.— Ford levantou o braço na direção da minha mãe, esperando que ela confirmasse.

Os lábios dela ficaram fechados. Ela não ofereceria nada a Boone. Nem um trabalho de podar suas rosas seria incluído.

—Deveria conseguir muitas horas extras esta semana com o casamento e tudo—, continuou Ford. —O suficiente para conseguir algum dinheiro na próxima vez em que você se encontrar com uma mulher e considerar ir a uma loja de conveniência para pegar alguns suprimentos. Você sabe, caso queira aprender o suficiente desde a primeira vez.

Eu senti como se tivesse levado um soco nas costelas. Meus pulmões colapsaram e vacilei no lugar. Ao redor da sala, minha mãe e irmãs suspiraram, enquanto as mãos de Boone se fecharam em punhos enquanto eles se
encaravam. Seus ombros tensos tremiam com o que eu sabia que

era raiva. Algumas pessoas tremiam quando estavam com medo; alguns tremiam quando estavam tristes. Boone? A raiva era apenas aquela emoção que realmente podia abalá-lo.

—Eu não sou o único que esqueceu de aparecer com 'suprimentos' em nossas vidas, Ford, então pare.— A voz de Boone era baixa e rolou pela sala.

Tudo o que Charlotte viu no rosto de Boone a fez alcançar o braço de Ford novamente, enfiando os calcanhares no chão enquanto tentava puxá-lo para trás alguns metros. Não que eu pudesse culpá-la. Ele poderia estar na minha frente, mas eu sabia o suficiente sobre esse tom para imaginar qual expressão combinava com ele. Também sabíamos que, quando os dois entravam no assunto, Boone sempre foi o vencedor, pelo menos em termos da batalha de sangue e suor. Ford tinha saído por cima quando se tratava de sair da cadeia e obter um passe na detenção

—Quando isso aconteceu, Clara Belle?

A voz da minha mãe era tão baixa que eu não tinha certeza de que era ela quem falara. Somente depois de perceber que estava esperando minha resposta, registrei quem havia feito a pergunta.

—Quando o que aconteceu?— Perguntei, dando a volta em Boone para ter uma boa visão de todos na sala novamente.

—Você e... Minha mãe parecia quase com medo de olhá-lo, mas finalmente o fez. Por apenas um momento. —Boone.

Era exatamente por isso que eu queria guardar a grande revelação para amanhã de manhã: para que eu pudesse ter a noite para descobrir uma história. Alguma história que não tinha nada a ver com entrar em um bar no mato e oferecer a um caso antigo dez mil para posar como meu namorado.

—Não faz muito tempo—, eu disse, ao mesmo tempo em que Boone disse: —Há um tempo agora.

Quatro pares de olhos se moveram entre ele e eu.

—Por que você não disse alguma coisa? Por que você não me deu um pequeno aviso? para que eu e seu pai estivéssemos preparados para isso? A pele de minha mãe ficou um pouco mais clara.

Eu não conseguia me lembrar de uma vez que a vi tão perdida, além do tempo depois que eu contei a ela... naquele tempo. Eu balancei minha cabeça e larguei esse

pensamento. Esse era o passado, e uma parte do passado que era muito doloroso para se segurar. Eu tinha que deixar isso ir de uma maneira boa.

—Estou dizendo agora—, respondi. —Desculpe se você precisava de um aviso antes de descobrir que Boone era o meu namorado, mas eu simplesmente não achei que fosse um grande negócio.

—Sim, por que Boone Cavanaugh voltar a sua vida seria um grande negócio?

Charlotte disse baixinho.

Minha resposta não foi dita baixinho. —Porque isso foi há oito anos e algumas pessoas acreditam em seguir em frente. Supere isso , Charlotte. Eu superei.

Boone me deu outro daqueles olhares de lado. Eu fingi ignorar.

—Seu pai... Eu não sei como ele vai lidar com isso, mamãe se preocupou, olhando para o escritório como se ele estivesse prestes a sair com armas em punho. —Você sabe como ele se sente sobre o que aconteceu... como ele se sente sobre Boone.

—Ele está bem aqui. Bem à sua frente, Sra. Abbott.— Boone cruzou os braços e pareceu esticar-se a toda a sua altura. — E ele também não tem certeza de como vai lidar com seu marido. Ele sabe como se sente sobre o que aconteceu... e como ele se sente em relação ao Sr. Abbott também.

—Então por que você está aqui? Por que voltar quando você sabe como nos sentimos a seu respeito e como você se sente claramente em relação a nós?— Mamãe foi até uma das cadeiras parisienses decorativas no pé da escada e se acomodou nela.

Não esperava que ela levasse isso tão difícil. Não imaginava que a estéril Abbott, de ferro, fosse deixada de lado alguns minutos depois de encontrar Boone Cavanaugh na vida de sua família.

—Porque Clara pediu. É por isso.

—Não sei se Clara pediu o que você deu a ela oito anos atrás. Que bom que você seja tão acolhedor agora. A maturidade chegou a você, Boone.

Ele não olhou para Ford, nem falou nada. Os músculos do seu queixo apertaram, no entanto. Ele poderia enganar Ford,

pensando que não dava a mínima para ele, mas não podia me enganar. Ele nunca foi capaz.

—Então por que você, Clara Belle, pediu que Boone viesse?— Mamãe continuou cruzando as mãos no colo e depois as dobrando para o outro lado. —Certamente você tinha que saber que causaria um tumulto. Por que você convidaria esse tipo de dilema durante um período tão especial para sua irmã?

Eu contei até cinco antes de responder porque minha resposta não seria tão gentil.

—Porque ele é meu namorado—, disse lentamente, cada palavra mais amaldiçoada do que falada.

Boone colocou o ombro perto de mim, passando o braço em volta e me puxou para perto. —O namorado dela.— Ele sorriu ao redor da sala como se fosse um momento de orgulho.

Apenas o suficiente para que ninguém mais notasse, dei uma cotovelada em suas costelas. Ele estava com tantos problemas. Eu não podia acreditar que lhe ofereci dez mil para jogar gasolina nessa fogueira que quase tinha se apagado. Por que eu não poderia ter vindo sozinha? Por que eu tinha tanto medo da minha

família saber que não tinha ninguém? Por que me importava em ser a última a casar, mesmo sendo a mais velha? Por que me importava com o que eles pensavam em primeiro lugar?

Minha dor de cabeça começou a voltar, e desta vez não tinha uma dose de tequila para amenizar o problema.

—Você já estragou a vida dela uma vez, Cavanaugh. Não conseguiu o suficiente? Precisava fazer isso mais uma vez?— Ford deu alguns passos largos em nossa direção, rompendo o domínio de Charlotte.

Boone ficou no lugar, com o braço ainda enrolado ao meu redor, nem sequer vacilando. Quanto mais Ford olhava o braço de Boone ao meu redor, mais selvagens seus olhos se tornavam. Diante dos meus olhos, Ford estava se transformando naquele animal irracional e selvagem que ele acabara de afirmar que Boone era.

—Você ainda não sabe do que diabos está falando, McBride.— O braço de Boone se apertou ao meu redor. —Estou cansado de você apontar o dedo na minha direção, sendo que deve apontá-lo a si mesmo, se não mais.

—Você pode continuar dizendo a si mesmo que é inocente em todos os aspectos, mas vamos lá, Boone, até um perdedor como você precisa saber melhor. Você estragou a vida de Clara Belle uma vez, e não vou deixar você fazer isso de novo. Você está me ouvindo?— A voz de Ford ficou mais alta a cada palavra, sua última quase um grito.

—Eu estraguei a vida de Clara? Verdade? E quem era o namorado mergulhando o pau na irmãzinha dela?

Charlotte ofegou, erguendo a mão como se quisesse dar um tapa na bochecha de alguém.

—Você precisa descobrir em que águas você pode ou não nadar, Cavanaugh.— Ford apontou para Boone, acenando com o dedo como se estivesse repreendendo. —Você é um pedaço de lixo, e isso não se mistura com os Abbots. O lixo pertence a outro lixo, algo que existe escassez dentro e fora desta cidade. Então vá foder com outro pedaço de lixo e faça mais lixo, mas mantenha sua poluição para si. Você não é bem-vindo nesta família.

—Ford...— Rosnei, balançando a cabeça para ele.

Até minha mãe e Avalee pareciam chocadas com o que ele

acabara de dizer. Poderia ter sido a crença não dita entre as famílias ricas daqui, mas ninguém a expressou. Nunca.

Depois de alguns segundos, o olhar de todos mudou para Boone.

Esperando que ele gritasse algo tão rancoroso ou jogasse Ford no chão e começasse a balançar. Esperamos, sabendo que ele não era conhecido por sua solução pacífica de conflitos.

Boone levantou a mão, apertando os dedos em punho.

E depois... ele cobriu a boca e bocejou - alto, longo - seguido por um aperto em meus ombros. —Querida, é hora de dormir.

Minhas sobrancelhas se juntaram. Este não era o Boone que eu lembrava. Tudo o mais sobre ele poderia ter sido praticamente o mesmo, mas ir embora quando as tensões estavam em níveis máximos não era sua marca registrada. Mas não era hora de questioná-lo ou lutar contra sua sugestão.

Dando o sorriso mais convincente que pude, acenei para aqueles na sala. —Boa noite.

O rosto da minha mãe ficou em branco. —Ele não vai ficar

aqui, vai? Você não vai ficar no mesmo quarto com certeza.

O braço de Boone endureceu contra meus ombros quando estávamos prestes a subir as escadas.

—Por que ele não ficaria aqui?—, Perguntei. —Por que não estaríamos compartilhando o mesmo quarto?

Todas as quatro pessoas no hall de entrada deram a volta nas escadas, nos seguindo.

Minha mãe liderou o ataque. —Porque Boone mora aqui na cidade e pode ficar na casa dele.

—Desde que ele tenha uma que não seja a caçamba de seu caminhão—, Ford interrompeu, zombando na direção de Boone.

E atingimos oficialmente níveis máximos de besteira.

—Vamos ver, Ford mora na cidade. Sterling vive na cidade. Eles vão ficar em seus lugares esta semana, mãe?

Ela segurou meu olhar, mas mudou o peso para o outro pé. —Bem, não, eles não vão.

É claro que não, porque Sterling e Ford vieram de famílias

ricas e abastadas. E porque eles se vestem de uma certa maneira. E dirigem um certo tipo de carro. E estudaram em escolas sofisticadas, possuíam diplomas extravagantes e tinham empregos que soavam extravagantes.

Boone tinha sido tratado como um cidadão de segunda classe desde que eu pudesse me lembrar. Não mais. Eu ainda estava chateada com ele por nos surpreender aqui embaixo hoje à noite e estava mais do que um pouco em conflito sobre como ele havia feito tudo no passado, mas eu tinha acabado de deixar minha família dar uma merda nele quando e como pudessem.

Quando comecei a subir as escadas, Boone seguiu, mantendo o braço colado no meu ombro e combinando minha subida, passo a passo.

—Boa noite—, disse novamente quando estávamos no meio da escada.

—Sim, bom, conversaremos de manhã.— Pelo som da voz de minha mãe, ela estava a alguns metros de hiper ventilar, mas ninguém nos perseguiu pelas escadas. —Vamos apenas ter um boa noite de sono, e resolveremos isso amanhã.

Eu não olhei para trás. Apenas continuei. Era onde eu havia falhado antes, mas desta vez não o faria. Continue, não deixe que eles parem você. Não deixe que eles te atrapalhem.

—Mal posso esperar—, respondi baixinho antes de dar o passo final e pôr os pés no segundo andar.

Boone ficou em silêncio o tempo todo, apenas soltando o braço quando estávamos fora da vista dos espectadores abaixo. Eu não olhei para trás para ver se eles ainda estavam lá embaixo, olhando boquiabertos para nós com vários graus de choque e nojo, mas eu podia sentir seus olhares apontados para minhas costas através da parede, eles eram tão intensos.

Quando ele e eu caminhamos pelo corredor até uma das últimas portas, ele abraçou a parede, parecendo querer manter a maior distância possível entre nós. Esta foi a primeira vez que andamos juntos por este corredor, lado a lado.

Mesmo quando Boone não era nada mais do que meu amigo de infância, meus pais mal o permitiram entrar na varanda da frente e, quando nosso relacionamento evoluiu para mais, eles certamente não o deixaram chegar nem perto do meu quarto. Eles não sabiam das dezenas de vezes que ele subiu a árvore do lado

de fora do meu quarto, se jogou no telhado e subiu pela minha janela.

Quando olhei para ele andando pelo corredor como se não pudesse descer rápido o suficiente, Boone quase parecia desconfortável. Com a testa dobrada e o pescoço tenso, ele acelerou o ritmo quando notou que eu o estudava.

Tinha vontade de dizer algo para confortá-lo ou dizer algo sobre esquecer o que tinha sido dito e como ele havia sido tratado no vestíbulo nas costas, mas não consegui encontrar as palavras. As únicas palavras rolando na minha língua eram aquelas sobre ele não me ouvir, aquelas que tinham a ver com ele me traindo quando eu confiei nele.

Engoli em seco e empurrei o passado de volta para os recantos onde ele pertencia. Isso não foi então. Eu não era a mesma garota que era antes. Boone provavelmente não era o mesmo cara que também era.

Não projete seus erros do passado nele agora. Não deixe que as escolhas passadas definam as ações presentes. Essas foram as frases que repeti em minha mente quando demos os últimos passos antes de parar na frente da porta do meu quarto.

Ele esperou que eu abrisse a porta e, quando o fiz, esperou novamente que eu entrasse primeiro. Uma vez que entrei, me virei e esperei que ele entrasse e fechasse a porta. Eu ainda esperava que a cavalaria viesse atrás de nós, e até que a porta estivesse fechada e trancada, não seria capaz de relaxar.

Mas Boone ficou no corredor, as mãos enterradas nos bolsos e os olhos encarando o limiar entre o corredor e o quarto.

—Eu nunca vi você tão indeciso em entrar no meu quarto—, disse quando o encontrei no mesmo lugar depois que tirei meus sapatos.

—Isso é porque sei melhor agora.—

Suas palavras alojaram um nó na minha garganta. Eu o machuquei naquela época, mas ele também me machucou. Tão mal que as cicatrizes que eu carregava do que Boone e eu havíamos feito eram aquelas que eu levaria para o túmulo. Mas não queria jogar o jogo da culpa esta semana. Eu queria enterrar o passado de uma vez por todas com ele.

—Você vem ou não? Porque estou cansada, e se vai ficar lá fora a noite toda, vou jogar um travesseiro e um cobertor agora.

—Você não vai me convidar para entrar? Implorar e suplicar até que eu ceder como costumava?— A voz dele era baixa e aguda.

—Não, não vou—, respondi, toda a emoção drenada da minha voz. —Porque eu sei melhor agora também.

Um bufo veio da porta antes de ele dar o primeiro passo para dentro do meu quarto. Depois de mais algumas, ele fechou a porta, trancando-nos para dentro.... e o ar passou de leve a tão espesso de tensão que parecia sufocante.

Fingi que nem percebi, continuando a passear pelo meu quarto. Abri minhas malas que Boone havia apoiado no meu armário e acendi a luz no banheiro que ficava ao lado do meu quarto.

Meus pais haviam deixado meu quarto do jeito que deixei à sete anos atrás. Sem dúvida, esperando que a filha pródiga retornasse e se aconchegasse embaixo daqueles lençóis de flores de lavanda, abraçasse o urso de pelúcia em sua mesa de cabeceira que eles não sabiam que Boone ganhou pra mim em um carnaval no verão e voltasse a ser sua filha boa e obediente.

Se isso era o que eles estavam esperando, seria uma espera ao longo da vida.

—Ei, obrigada, a propósito, por me ouvir mais cedo e por ficar escondido hoje à noite. Nada como voltar para o pelotão de fuzilamento que é minha família e atirar-se na mistura cinco minutos depois.— Puxei um pijama da minha mala, mas era mais uma distração.

—Não tem problema, Clara. Ainda bem que posso ajudar.— Ele se sentou em uma das cadeiras no outro canto da sala e tirou as botas.

O ar podia estar pesado com a tensão, mas havia algo mais entrando e assumindo o controle. Raiva.

—Por que diabos você fez isso?— Perguntei, minhas palavras parecendo venenosas na minha boca.

As botas de Boone saltaram no tapete enquanto ele jogava cada uma. Tirando as meias, fazendo o mesmo com elas. Ele sabia que eu era meio louca quando se tratava do meu quarto, e essa era claramente outra maneira de tentar me irritar. —Porque estou cansado de ser seu pequeno segredo sujo.

Eu apareci, torcendo o pedaço de pijama. —Eu estou pagando a você, Boone, muito dinheiro também. Tudo o que pedi foi que você ficasse aqui e fosse um 'segredinho sujo' hoje à noite.

—Está certo. Exatamente. Ele se levantou da cadeira, inclinando-se na minha direção.

—Isso é negócio. O que significa que não sou um garoto apaixonado por uma garota e disposto a fazer qualquer coisa por ela. Você pode ter me pedido para ficar escondido em seu quarto quando éramos crianças, mas não sou mais uma criança, então pare de me tratar como uma.

Andando pela sala, peguei suas botas e meias espalhadas e as coloquei ordenadamente na parede do banheiro. —Oh sim? Pare de agir como uma então.

Boone disparou outro bufo. —Você primeiro.

—Sua maturidade continua a mesma—, eu disse antes de bater a porta do banheiro atrás de mim e trancá-la. Estava pensando em trocar de pijama antes de me deitar na cama e deixar todo esse dia abandonado por Deus para trás, mas, em vez disso, me vi encostada no balcão do banheiro e lutando contra um

ataque de lágrimas que não sabia que vinham até que estavam perto de cair.

Não tinha certeza de quanto tempo estive trancada dentro do banheiro, lutando contra as lágrimas com tanto fervor quanto eu estava lutando contra más lembranças a noite toda, quando uma batida suave veio à porta.

—Clara?— A voz dele estava baixa, voltando à mesma que eu lembrava. —Eu preciso mijar.—

Muita coisa havia mudado sobre ele e muito não tinha. Saí do balcão e finalmente vesti o pijama. —Há uma planta do lado de fora da porta. Tenho certeza de que poderia usar uma boa rega.

Do outro lado da porta, ele suspirou. —Clara?— Outro suspiro. —Você está bem?

Fiquei me trocando, focando em enfiar o braço na manga da camisa e as pernas nas pernas do short. —Eu estou bem, Boone.

Assim que terminei de me trocar, molhei um pouco de água fria no rosto, escovei os dentes e abri a porta do banheiro.

Ele ainda estava lá, pairando do lado de fora. —Ei.

—Oi—, disse, passando por ele. —É todo seu. Desculpe pelo comentário da planta.

Ele riu enquanto se movia dentro do banheiro. —Eu não estou chateado. Se você tivesse demorado mais um minuto, eu teria 'regado' com prazer essa planta. Na verdade, eu devo fazer antes de sair esta semana, porque não posso te dizer quantas vezes eu quis mijar algo de seu pai...

Fiz um movimento rápido com a mão. —Divirta-se.

Outra risada suave encheu o quarto antes de Boone fechar a porta do banheiro.

Enquanto ele cuidava de seus negócios, fui para minha cama, jogando os travesseiros decorativos antes de dobrar os cobertores e lençóis. O mesmo amaciante de flores permaneceu nos lençóis, transportando-me de volta à minha infância e adolescência.

Eu tinha acabado de apagar algumas das lâmpadas cambaleando pelo meu quarto quando a porta do banheiro se abriu e Boone marchou para fora dela, logo antes de puxar a camisa sobre a cabeça e jogá-la nas botas. Eu tentei não olhar. Eu

não queria olhar.

Eu não pude deixar de olhar.

Quando suas mãos desceram para o jeans, desabotoando o botão antes de passar para o zíper, meu sangue congelou. —O que você pensa que está fazendo?— Minha voz saiu estridente e alta.

Ele fez uma pausa, abaixando o zíper. —Me preparando para dormir.

—E isso requer strip-tease?

Sua cabeça inclinou quando ele deu uma boa olhada em mim. Os cantos de sua boca se contraíram quando me notou segurando meu travesseiro como se eu estivesse prestes a estrangulá-lo. —Bem, sim, a menos que você tenha outro conjunto daqueles pijamas de seda rosa. Eu não estou exatamente vestindo jeans duros e grossos para a cama.— Ele esperou - acho que me deu um minuto para oferecer a ele um pijama de seda rosa - antes de puxar o jeans pelas pernas e sair deles. —
Isso. Muito melhor.

Ele enrolou seus jeans em uma bola e os jogou no mesmo canto do resto de suas coisas, dando-me um lugar na primeira fila

para vê-lo quando ele não estava olhando. Minha garganta ficou seca, meus braços apertando o travesseiro no meu peito. Boone sempre esteve na posse de um bom corpo. Do tipo que uma garota não podia deixar de encarar e se perguntar como seria se sentir enrolada nele.

Anos depois, e nada havia mudado. Enquanto alguns caras da idade dele começavam a mostrar sinais de barriga, a de Boone ainda era plana e dura, esculpida com tantas linhas e planos que meus olhos pareciam quase atravessar de encará-los. Os ombros dele estavam mais largos, as costas também. Sua pele já estava bronzeada pelo verão, e pelo que podia dizer, ele não tinha se tatuado como eu sabia que meus pais e nossos professores do ensino médio haviam previsto.

Todo esse tempo havia passado e eu não tinha uma parte dos sentimentos agora que tive por ele antes, mas ainda me vi sendo atraída. Quase como um planeta orbitando o sol, eu não conseguia escapar de sua atração.

Coloquei um rosto não afetado e voltei a mexer nos cobertores. —Isso é mesmo necessário?

— O que é realmente necessário?

—Dormir de boxer.— Falar sobre isso me fez olhar para ela, o que fez minha garganta secar novamente.

Boone deu de ombros. —Eu sempre dormi assim.

—Sim, mas você não está exatamente dormindo sozinho, livre para andar como quiser.

Um sorriso que era um pouco conhecedor também funcionou. —Lembro-me de usar muito menos sempre que éramos apenas você e eu neste quarto, Clara. Se é isso que você está falando, eu posso facilmente ir com o comando...

Quando suas mãos se moveram para a cintura de sua cueca, eu me sentei. —A boxer funciona muito bem, obrigado.

—De nada.— Ele pegou o travesseiro dos meus braços e o deixou cair no chão.

—Obrigado pelo travesseiro.

Fingi ignorar o sorriso que ele disparou em meu caminho e terminei de apagar as luzes. Eu mantive a pequena lâmpada brilhando sobre a mesa do outro lado do meu quarto, sem saber se estava pronta para estar em um quarto escuro com Boone

novamente. Depois de engatinhar na minha cama e colocar o lençol em cima de mim, rolei para a borda, onde ele estava se acomodando no tapete abaixo.

—Obrigado por ficar no meu quarto como eu pedi.— Então eu peguei o travesseiro de volta.

Sua cabeça bateu no chão com um solavanco que foi acompanhado por um grunhido surpreso. —Isso é um convite para sua cama, ou você está tentando provar que há consequências por não obedecer à sua alteza?

Acompanhada pela escuridão, a voz baixa e rouca de Boone trouxe de volta memórias que eu não queria ressuscitar quando ele estava estendido seminu a menos de alguns metros de distância e eu ainda estava duas sombras atrás de embriagada.

—Eu acho que você pode descobrir a resposta para essa pergunta por conta própria.

Eu mantive meus olhos focados no teto, o lençol dobrado sob meus braços.

—Não tenho certeza de que posso. Eu nunca tive muito talento para descobrir você.

Meus olhos se estreitaram no teto. —O que isso deveria significar?

—Exatamente o que você acha que deveria significar.— Pelo som de sua voz, sabia que ele estava de costas para mim.

—Você é inútil quando se trata de tentar, querer ou fingir decifrar os sentimentos das pessoas?— Coloquei o travesseiro que acabei de roubar debaixo da cabeça e tentei me sentir confortável. Nos poucos segundos em que ele foi pressionado em torno de sua cabeça, tomou seu perfume. O que ainda era o mesmo.

Nenhuma quantidade de perfuração ou ajuste tornaria o travesseiro mais confortável.

—Só com você, porque para realmente conhecer e entender uma pessoa, a mesma precisa querer ser conhecida e compreendida. O que você não fez. O que provavelmente nunca fará.— Ele parecia que estava se arrastando para se sentir confortável no tapete.

—Só isso.

Enquanto mantive meu olhar fixo no teto, um sorriso puxou

em meus lábios. Sempre houve a maneira de Boone e a minha maneira de levantar uma queixa um com o outro, falando sobre o assunto e seguindo em frente. Nosso jeito de não nos prendermos aos detalhes, quando não havia escassez de problemas muito maiores impedindo nosso relacionamento. Tantas vezes havia sido falado entre nós tantas vezes, que tinha sido responsável por nos salvar de pelo menos algumas centenas de lutas potenciais.

Algumas centenas e uma agora.

—Ei, Boone?— Eu sussurrei alguns minutos depois. Ele não se mexeu nem disparou um de seus grunhidos, mas eu sabia que ainda estava acordado.

Um desses grunhidos soou.

—Obrigado por proteger minha retaguarda lá—, disse, rolando para o meu lado. O lado de frente para ele. —É bom saber que há uma pessoa nesta casa que está a meu favor. Mesmo que eu tenha que pagar para estar aqui.

—Quando se trata de você e sua família, sempre vou te apoiar.— Pela mudança de voz, eu sabia que ele se virara na minha direção também. —E isso não tem nada a ver com o nosso

atual acordo comercial.

Enterrei minha cabeça mais profundamente no travesseiro, finalmente me sentindo confortável. —Então tá.

Sua risada foi a última coisa que me lembrei de ouvir antes de adormecer.

Capítulo Três

—Clara Belle? Acorde já.— Um padrão de batidas bruscas do lado de fora da porta e apenas palavras igualmente bruscas me despertaram na manhã seguinte. —São quase oito horas. O café da manhã está na mesa em dez. Seria bom se você agraciasse a todos com sua presença. Foi o que mamãe disse.

Eu gemi e joguei um travesseiro no meu rosto. Um fuso horário de três horas, cinco horas de sono e muita tequila não eram a receita para colocar o "bom" de bom dia. Sem mencionar a irmã mal-humorada provavelmente batendo o pé do lado de fora da minha porta.

—Obrigado pelo aviso, Charlotte—, respondi, minha voz abafada pelo travesseiro.

—Vamos descer em alguns minutos.

—Yippee—, ela respondeu, embora seu tom fosse o oposto do que sua escolha de palavras sugeria.

Dando-me alguns segundos para piscar meus olhos acordados, rolei para o meu lado.

—Ei, Boone—, disse em torno de um bocejo. —Hora de levantar e brilhar.

Foram necessários todos os pedaços de força e determinação dentro de mim para nivelar meu tom e expressão e fazer parecer que estava tão imperturbável em acordar com ele no meu quarto quanto eu poderia ter estado. Como se sair da cama com um ex fosse um tipo de coisa semanal que agendava em meu calendário. Quando não respondeu ou resmungou alguma coisa, corri mais para a beira do colchão para ver se ele estava realmente dormindo ou apenas me dando dificuldades ao me ignorar.

Meus olhos saíram de suas órbitas quando eu olhei para ele. Jogando-me de volta no colchão, tentei tirar a imagem da minha cabeça, mas o estrago já havia sido feito. Nenhuma quantidade de descarga o apagaria.

—E você claramente já está acordando e brilhando.—

Uma risada de nota única vibrou em seu peito. —Muito

claramente.— Sua voz era mais rouca, pesada com o sono.

Fechei os olhos e cantarolei Brilha Brilha Estrelinha, em um esforço para me distrair do que acabara de ver. —Você poderia cuidar disso, por favor? Para que eu possa me levantar e me preparar para o café da manhã antes que minha família decida arrombar aquela porta e me arrastar para baixo?

—Gostaria de me ajudar a cuidar disso, ou gostaria que eu resolvesse o assunto com minhas próprias mãos?

Eu não estava olhando para ele, mas há muito tempo memorizei o sorriso que eu sabia que estava mantendo sua expressão cativa agora. —Controle-se. Logo.

Outra risada sacudiu em seu peito. —Vamos, Clara. Relaxe. É perfeitamente normal.

—Não, isso certamente não é normal.— Por que eu não conseguia parar de imaginá-lo? Por que parecia que quanto mais eu tentava, mais isso pressionava minha mente?

—Você está certa. Está acima da média.

Peguei um dos travesseiros na minha cama e atirei em sua

direção. —Não, é absolutamente normal.

Meus olhos ainda estavam fechados, mas eu o ouvi se movendo. —Quando adormeci ontem à noite, não me lembro de estar em volta de um travesseiro e cobertor.

Eu limpei minha garganta. —Quando acordei no meio da noite, tive um momento de fraqueza, vendo você todo enrolado no tapete e tremendo. Desculpe. Isso não vai acontecer novamente.

—Estou acostumado a dormir em temperaturas altas e umidade de oitenta por cento. Esse ar condicionado deve ser renomeado como Explosão Ártica.

Eu nunca tinha sido uma grande fã de ar condicionado também. Não gostava de me sentir gelada e fechada, presa dentro de algo que criava um ambiente artificial.

—De nada—, eu disse quando ele soltou um bocejo.

—Obrigado—, disse ele quando terminou.

—O café da manhã é às oito, de acordo com Charlotte, gostaria de chegar um minuto mais cedo, para garantir que ela

não jogue arsênico nos meus ovos. Sugiro o mesmo para você.

—Desde que ela odeia minhas entranhas?— Ele disse.

—Apenas superado pelo quanto ela odeia a minha.

—Então é melhor chegarmos lá rapidamente. Eu ainda tenho anos para chatear as pessoas. Seria uma pena ir antes que alcançasse todo o meu potencial. Boone ficou de pé ao lado da cama, o lençol ainda enrolado na cintura e pendurado logo abaixo dos quadris.

Ele ainda estava tendo. . . problemas.

—Sério, Boone? Acenei na direção geral da região sul dele.

—Desculpe. Não sabia que você tinha se transformado em uma puritana. Meio que foi na direção oposta a mim.

Estava olhando para o outro lado, mas o ouvi se aproximando do banheiro.

—Não se preocupe. O pau acima da média está fora de vista. . ., mas talvez não tão fora da vista, certo, Clara?

—Boone... — Avisei, não tendo certeza de como sobreviveria

ao dia se continuasse da mesma maneira. A ereção matinal e os comentários ilícitos girando em torno dela me exauriram o suficiente sem necessidade de mais nada.

—Você sabe que amo quando você diz meu nome assim.

Eu cerrei meus dentes para esquecê-la, amaldiçoando meu momento de fraqueza noite passada. Claro, ele era fofo quando estava dormindo, mas a versão acordada não era nada próxima.

—Eu vou tomar um banho rápido, então vamos assistir o envenenamento por arsênico, ok?

Levantei-me na cama e virei-me em sua direção. —Não há tempo suficiente...

Ele estava indo para o banheiro, de costas para mim e ainda segurando o lençol em volta da cintura. No entanto, não estava cobrindo nada em torno de suas costas.

—Jesus Cristo, Boone. O que aconteceu com sua boxer? Eu deveria ter fechado meus olhos novamente, mas as costas de Boone... Sim, teria sido um crime contra a humanidade desviar meus olhos quando sua bunda estava à vista.

—Eu tirei. Muito restritivo.

—Bem, você se importaria de colocá-la de volta? De preferência antes de eu acordar e você começar a andar nu pelo meu quarto?

—Eu tenho um lençol.— Ele parou do lado de fora da porta do banheiro e se virou.

Meus olhos dispararam de onde eles estavam focados. Eu não queria que ele soubesse que eu estava checando sua bunda. Pelo brilho em seus olhos, ele já sabia.

—Um lençol só funciona se uma pessoa o enrolar na frente e nas costas.— Eu levantei uma sobrancelha para ele.

—Oh, bem, nesse caso...— Levantando os braços em um tipo de gesto infernal, ele deixou o lençol flutuar no chão. E agora ele estava parado na minha frente, de frente para mim, completamente nu.

Eu tentei não olhar.

Eu não estava preparada para a tarefa, aparentemente.

—Você provou seu ponto de vista, Boone. Você não tem

nada a esconder. Você se importaria de se encobrir agora?— Meu peito estava pegando fogo, se espalhando para os confins do meu corpo. Como eu consegui parecer tão afetada, eu não sabia.

—Nada que você não tenha visto antes. Nada que você não tenha feito muito pior também.— Dando outro encolher de ombros, ele desapareceu no banheiro, apenas fechando a porta até a metade.

Enquanto tomava banho, vesti um vestido leve de algodão e um par de sandálias, e passei uma escova no cabelo algumas vezes antes de amarrar um cachecol. Eu queria escovar os dentes, mas isso exigiria entrar no banheiro, e depois de tudo o que já havia acontecido entre nós hoje de manhã, não precisava acrescentar vê-lo sair do chuveiro, molhado e nu, para essa lista.

Havia algumas coisas que uma mulher poderia aguentar antes que ela quebrasse. Eu estava me aproximando rapidamente disso.

Então a escovação dos dentes foi atrasada, temporariamente preenchida por alguns pedaços de chiclete de hortelã que eu desenterrara de uma das minhas malas. Eu tinha acabado de colocar meu segundo pedaço quando ouvi o chuveiro desligar.

Sentei na beira da cama, já tendo feito isso, e esperei ele se vestir. Quando ele saiu do banheiro um minuto depois, com as mesmas roupas que ele usava na noite passada - já que o conjunto de uma mala para meu namorado não tinha passado pela minha cabeça - ele parou quando me viu.

—Você esperou por mim?—, disse ele, mais como uma pergunta do que uma mera observação.

—Você parece surpreso.

Ele enrolou as mangas da camisa, passando pelos cotovelos, sacudindo os cabelos molhados. Gotas de água choveram pelo quarto, captando a luz do sol atravessando as janelas e formando centenas de pequenos prismas.

—Eu apenas assumi que você teria descido quando estivesse pronta, sabe, para não deixar sua família esperando.— Ele se inclinou para calçar as botas, parecendo grato pela distração.

—Sim, bem, não queria jogá-lo sozinho nos tubarões. Pode ser um negócio, mas isso não significa que não posso tratá-lo humanamente no processo.

Boone parou no meio de puxar sua segunda bota, a pele

entre os olhos vincando. Ele ia dizer algo - podia sentir - então o momento passou antes que ele tivesse uma chance de criar raízes.

De pé, limpou a garganta e foi para a porta. —Arrancar o curativo?— Ele abriu a porta e esperou.

—Rasgue esse otário.—

Levantei da cama e atravessei o quarto em sua direção. Quando passei, senti como se estivesse passando por um campo de energia. Como se a eletricidade no ar estivesse especialmente concentrada ao seu redor. Isso não era algo novo quando se tratava de Boone, mas era algo que esperava que tivesse sido desmembrado depois de todo esse tempo. Depois de toda a bagagem que veio com a nossa história.

Quando entrei no corredor, quase senti minhas paredes se levantando de volta no lugar. Minha armadura corporal se ajustou confortavelmente ao meu redor, presa para que não houvesse pontos fracos que qualquer coisa afiada pudesse penetrar. Veio naturalmente. Aprendi há muito tempo que a única maneira de sobreviver nessa família era me proteger, incluindo paredes e armaduras invisíveis.

—Deixe-me falar quando se trata de nós—, sussurrei para Boone, que estava ao meu lado e não estava escaneando a área como se estivesse apenas esperando que algum membro da família aparecesse em uma dessas dúzias de portas e disparar um comentário depreciativo após o outro.

A cabeça dele balançou. —Sim, quando eu segui esse conselho da última vez, seus pais ligaram para a polícia, pensando que eu era um malfeitor seminu no seu quarto, prestes a profanar a filha deles. Em vez de acreditar que o 'suposto' bandido era o namorado da querida filha que ele acabara de profanar.— Ele me deu uma cutucada com o cotovelo, seu sorriso tão perverso. — Pela segunda vez naquela manhã.

—Você não estava tão ansioso para divulgar o que estávamos fazendo naquela manhã então, por que você não liga esse tom de tsk-tsk para si mesmo para variar?— Afastei dele, colocando algum espaço entre nós.

Estávamos descendo as escadas e nos dirigimos para a sala de jantar - porque a família Abbott estava tomando café da manhã em uma sala separada do que os jantares há cinco gerações - quando a testa de Boone se enrugou. —Está muito quieto aqui em

baixo. Você tem certeza de que não iam tomar café da manhã ou algo assim?

Agora que estava prestando atenção, percebi que também não ouvia nada, o que era incomum. Geralmente, a voz estrondosa do Sul de meu pai podia ser ouvida em alguns cômodos atrás, ou minha mãe tentando chamar a atenção de meu pai disparando perguntas após perguntas sobre qual convite de jantar eles deveriam aceitar para o fim de semana, e Avalee e Charlotte quase sempre brigavam sobre algo. Naquela manhã, porém, quando soube que pelo menos uma dúzia de corpos extras morava sob esse teto, não consegui distinguir o som de uma colher raspando uma tigela.

Não, não tenho certeza. Como Charlotte era a portadora das notícias do café da manhã, isso poderia ser algum tipo de armadilha. Estiquei o pescoço para olhar para a sala de estar para ver se havia alguém lá. Como o resto da casa, estava vazia.

—Ou talvez o Reverendo Martin finalmente tenha acertado e o Armagedon tenha chegado e levado todos os ovos ruins—, disse ele, checando a cozinha e encontrando-a vazia.

O pensamento me fez rir. —Finalmente livre. Graças a Deus

Todo-Poderoso e ao Armagedom, finalmente estou livre.

Boone e eu ainda estávamos rindo quando entramos na silenciosa sala de jantar.

—Eu não sei sobre ovos ruins, mas se eles ainda não estão com frio por esperar vocês dois, estão prestes a ficar.—

Boone pigarreou enquanto eu deslizava um pouco em sua direção. Havia uma frente fria diretamente à sua frente, enquanto ele sempre emitia um calor que beirava a luz do sol.

A sala estava em silêncio antes. De alguma forma, ficou ainda mais.

À cabeceira da longa mesa estava meu pai, intocado pela idade e tranquilo pela experiência, se sua expressão pudesse ser confiável. Onde eu estava acostumada a ver três das duas dúzias de cadeiras cambaleando ao redor da mesa, nesta manhã, cada uma delas, exceto uma, estava ocupada. Eu reconheci alguns rostos; mas não todos.

Todos sabiam claramente quem eu era. Tão claramente quanto eles sabiam quem era Boone. Não, esse não era o caminho certo... mais provável, eles sabiam de Boone.

Não a versão que eu cresci conhecendo ou mesmo a que ele realmente era.

—Papai—, eu disse finalmente, tentando sorrir, porque a situação pedia. Ver o pai pela primeira vez em mais de dois anos costumava acontecer... certo? —Sinto muito, senti sua falta na noite passada. É bom ver você novamente.

—Sim, bem, se alguém tivesse chegado quando a esperávamos, você não precisaria pedir desculpas na frente de todos na mesa do café, precisaria?— A voz do meu pai encheu a sala, ricocheteando nas paredes e preenchendo os espaços vazios. Ele não era o que eu chamaria de homem duro, apenas um homem inflexível. Ele sabia o que sabia, e esta era sua verdade. Sem exceções.

Isso deixou qualquer um que quisesse ter um relacionamento com ele, a pessoa teria que fazer tantas justificações e condições até que se rompessem. A única maneira de amar uma pessoa inflexível era se quebrar.

Foi o que eu fiz com meu pai.

Era o que eu estava decidida a não fazer de novo.

—Sua mãe teve a gentileza de me dizer quem era seu encontro no casamento. A mesma boa graça que você poderia ter exercido, então teríamos um pouco de...— Os olhos do meu pai finalmente pousaram em Boone. Se o olhar pudesse cometer assassinato, meu pai acabara de ganhar uma sentença de prisão perpétua. —noção sobre o que estava por vir.

—Não queria dizer quem estava vindo?— Disse em um tom que se aproximou mais do grunhir do que dizer.

O olhar do meu pai voltou para mim, sua testa prateada se erguendo de uma maneira que sugeria que ele não cometera nenhum erro.

Boone se aproximou um pouco de mim, mantendo a cabeça tão alta que parecia antinatural. —Eu aposto que você nunca pensou que veria meu rosto por aqui novamente—, disse ele, conseguindo projetar da mesma maneira que meu pai havia dominado.

Papai recostou-se na cadeira, levantando o jornal na frente do rosto. —Mais do que esperasse nunca mais ver—, ele disse, como se estivesse falando sozinho. —Mas como meu pai sempre dizia, a esperança vale o seu peso na merda.

Minhas sobrancelhas entraram na minha testa. Meu pai era do Sul, para o sul, e a essência do Sul, o que significava que ele seguia um certo código de conduta que era exclusivo dessa parte do mundo. Parte desse código incluía nunca xingar na frente do gênero "mais gentil" e compensar esses períodos de abstinência, xingando-o com o resto dos neandertais que se consideravam o próprio páculo do domínio humano. O fato de ele ter acabado de lançar uma bomba de merda na frente de uma sala cheia de mulheres significava que meu pai não estava se sentindo como ele. Ou isso, ou ele estava possuído por um cara que havia passado a vida inteira em um trailer fora de Detroit.

—Por que você não se senta para que não deixemos nossos convidados morrerem de fome?— Papai abriu o jornal, mas não conseguiu se distrair de nós pairando dentro da sala.

—Só resta uma cadeira.— Acenei meu dedo entre Boone e eu. —E nós somos dois.

Papai ergueu a sobrancelha novamente, uma expressão de então? Acomodando-se em seu rosto.

À esquerda do meu pai, Ford cobriu a boca quando uma risada irrompeu dele. Todo mundo ainda estava olhando para

nós, e ninguém estava tomando a iniciativa de fazer as apresentações, então eu continuei ali, aceitando os boatos, risadinhas e pontos de interrogação invisíveis pendurados acima da cabeça de todos. Esperando.

Passei metade da minha vida esperando. Esperando por algo que nunca tinha ganhado. Esperando por algo que eu não poderia designar com um nome sequer.

—Está tudo bem, querida—, disse Boone, sua voz prolongando o termo de carinho por mais tempo que o necessário. —Você pode sentar no meu colo. Não seria a primeira vez que tomamos café da manhã assim.

Quando olhei para ele sorrindo para mim como se tudo estivesse surgindo rosas, encontrei meus olhos começando a se estreitar. Eu peguei antes que alguém parecesse notar.

Estava prestes a sorrir e dizer algo como ‘Não quando há companhia por perto’ quando minha mãe saiu do banco.

—Agora não há absolutamente nenhuma necessidade de alguém ficar sem uma cadeira quando temos um depósito inteiro lotado com elas.— Mamãe ergueu as sobrancelhas para um dos

funcionários da cozinha que pairava no canto da sala, então ela engessou um sorriso próprio. —Devo ter dado errada a Frieda o número do café da manhã.

—Você deve ter—, respondeu ele, seu sorriso mais convincente que o da minha mãe, embora eu soubesse o que ele estava dizendo nas entrelinhas. Você não contou nada de errado, senhora. Você simplesmente escolheu não me contar.

—Como todo mundo dormiu?— Papai desistiu de seu papel e jogou-o em uma pilha amassada na borda da mesa. Ele não parava de assistir Boone e eu.

Um coro de “bom” e “bem, obrigado” varreu a mesa. A nova cadeira estava sendo aninhada ao lado da outra cadeira vazia. Frieda correu de volta para a cozinha para pegar outro lugar, e Boone pegou minha mão e me levou até nossas cadeiras. Os olhos do meu pai baixaram para onde ele segurou minha mão. Se você pudesse matar a mesma pessoa duas vezes, meu pai acabara de ganhar outra sentença de prisão perpétua.

—Eu não sei se você quer chamá-lo de sono, por si só—, disse Boone, disparando uma piscada em volta da mesa antes de continuar, —mas eu tive uma noite infernal, se você entende o

que quero dizer.

Minha boca não foi a única que se abriu. A de minha mãe, junto com algumas outras, seguiu minha liderança, enquanto papai e Ford fizeram algo mais ao longo das linhas de enrolar os lábios enquanto pegavam suas facas de manteiga. Quando ele deslizou para fora da minha cadeira, dei-lhe um cutucão antes de me sentar. Um que sugeria que ele calasse a boca, a menos que ele quisesse que eu o esfaqueasse no joelho com o garfo, se ele fizesse mais comentários dessa natureza.

Frieda correu de volta para a sala e montou o lugar de Boone em menos tempo do que eu levei para desdobrar meu guardanapo e alisá-lo no meu colo.

O café da manhã era formal no Abbott Manor, como quase tudo. Comemos nossos ovos com guardanapos de pano, bebemos nosso café em xícaras de porcelana pintadas com folhas de ouro e bebemos nosso suco de laranja prensado todas as manhãs na jarra de cristal italiano importado. Enquanto as peças centrais do café da manhã eram tipicamente extravagantes, das três peças florais que revestiam o centro da mesa, imaginei que meus pais tivessem todas as lojas de flores, de Charleston, no modo 24

horas.

—Estelle me disse que você está desempregado, Boone.— Agora que estávamos sentados, meu pai cortou o bife de presunto, embora eu não pudesse deixar de sentir que era o pescoço de Boone que ele estava imaginando. Ele o cortou um pouco mais ansiosamente do que o presunto do café da manhã precisava.

Ele tomou um gole de suco de laranja, ignorando as cabeças viradas para ele. —Estelle fala a verdade.

—Isso é algo novo?— Papai perguntou, antes de levar um pedaço de presunto à boca.

Peguei meu próprio copo de suco. O café da manhã ainda não tinha começado, e já estava contando as mordidas até terminar.

—Meu negócio acabou de falir.— Boone tomou outra bebida, drenando o copo. Quando terminou, ele bateu o copo na mesa como se estivesse em um bar de pistoleiros, e foi assim que pedimos outra bebida. —Então, sim, novo nas últimas semanas.

Minhas sobrancelhas se juntaram enquanto processava o que ele acabara de dizer. Não sabia nada sobre ele possuir seu próprio negócio ou o que esse negócio poderia ter sido. Eu não sabia que isso estava no radar dele. O fato de ter ocorrido tão recentemente me deu uma nova visão de por que ele aceitou tão rapidamente o acordo que eu lhe ofereci.

Desespero: o que faz o mundo girar.

—Que tipo de negócio era esse?— A garfada de presunto ficou congelada no ar enquanto meu pai continuava seu interrogatório.

Quando Frieda apareceu atrás de Boone depois de me dar um pouco de presunto e ovos pochês, ela esperou. Ele olhou para trás quando a notou, com a testa alinhada.

—Seu guardanapo, Cavanaugh— Ford falou. —Vai no nosso colo. Não é usado para limpar sua bunda como eu sabia que você estava pensando.

Ao lado dele, Charlotte riu e, do outro lado da mesa, o Sr. McBride, que parecia ter acumulado quinze quilos em sete anos e jogado o fígado no chão a julgar pelas manchas marrons pálidas

que pontilhavam seus braços e rosto, soltou uma única risada.

—Por favor, todos estamos na mesa do café da manhã e temos uma mesa cheia de convidados.— Mamãe bateu no ar com as mãos, abordando a sala como a debutante que ela tinha sido. — Agora, Boone, você estava nos contando sobre o pequeno negócio que iniciou... A mão dela apontou na direção dele, dando-lhe a palavra.

Eu lutei contra o desejo de corrigi-la por aplicar a palavra “pequeno” aos empreendimentos de Boone e meus negócios. Em termos freudianos, isso significava que minha mãe pensava que éramos dois tolos para pensar que poderíamos ou deveríamos pensar grande o suficiente para nos aventurarmos no mundo dos negócios. Ela nunca entenderia, porque para entender, uma pessoa precisava estar ligada ao código de compreensão.

Ela não estava.

Beliscando o guardanapo, ele simplesmente o moveu do prato para o lado dele. Ele não o colocou no colo, onde pertencia. De uma maneira que não lhe valeria uma repreensão da minha mãe, Boone estava dando o dedo a Ford. — Comecei a

criar um centro de recreação para crianças sem fins lucrativos.

Os hóspedes no processo de comer o café da manhã pararam de mastigar. Eu estava prestes a mergulhar na minha fatia grossa de torrada com manteiga quando voltei minha atenção para outro lugar. Um centro infantil? Uma organização sem fins lucrativos? Volte novamente?

—O que é isso?— Papai pressionou, seu bigode enrolado mais alto por seu meio sorriso. —Como uma creche?

Mais uma vez, Ford engasgou com uma risada, embora desta vez ele não parecesse se importar em tentar esconder.

Ele pegou o garfo e cortou um dos ovos. Meu pai não era o único a expressar suas emoções na comida do café da manhã.

—Não, as crianças podiam ir e vir como elas quisessem—, Boone explicou em torno de um bocado de ovo —, mas deu ao número crescente de crianças na nossa comunidade que estão sendo criadas em lares instáveis e voláteis um lugar seguro por algumas horas. Um lugar onde eles poderiam ser apenas crianças e fazer refeições quentes.— Ele terminou de dar de ombros e enfiou a outra metade do ovo na boca.

Ninguém tinha nada a dizer, nem mesmo meu pai ou a hiena rindo Ford. Eu nem sabia o que dizer, porque não conseguia descobrir como pensar no que ele acabara de dizer. Ele possuía e dirigia um programa de caridade para as crianças carentes da comunidade? Ele lhes deu um lugar seguro para brincar e um lugar confiável para comer uma refeição quente? Ele teve a visão de começar algo assim, o conhecimento necessário para concluí-lo e a compostura para explicá-lo a uma sala cheia de estranhos julgadores, mesmo depois que os negócios desmoronaram?

Quem era a pessoa sentada ao meu lado? O que aconteceu com quem virou as costas e me deixou quando eu mais precisava dele? Como esse tipo de pessoa passou a construir um negócio que girava em torno de apoiar os outros e estar lá quando os outros não estavam?

Parecia que Boone e eu tínhamos mais para esclarecer do que apenas nossa história falsa de como nos reunimos depois de todos esses anos.

—Acho que essa organização sem fins lucrativos pagou um salário a você.— Ford se inclinou para a frente em seu assento, a inocência colada no rosto. Ford era tantas coisas, e nenhuma

delas incluía inocência.

Ao meu lado, ele soltou um suspiro lento. —Sim, pagou, e antes de você assumir que eu estava tirando seis dígitos por ano de maneira corrupta, meu salário era de vinte e quatro mil.— Os suspiros internos da maioria dos convidados que alinhavam a mesa eram tão altos que quase fizeram eu pular no meu lugar. — É uma questão de registro público. Você sabe, caso você não acredite em mim e queira checar novamente.

Ford trocou um olhar com meu pai. Pelo que parece, esses dois ainda eram os segundos maiores fãs um do outro - próximos um do outro.

—Oh não, Boone, é claro pelas botas que você ainda está usando que você estava fazendo menos do que a linha da pobreza.— A covinha de Ford entrou em sua bochecha enquanto ele lutava para reprimir um sorriso quando Charlotte riu. — Minha pergunta tinha mais a ver por que diabos um homem abriria um negócio e receberia todas as dores de cabeça que surgissem se ele soubesse que estaria ganhando menos de 25 mil. Quero dizer, é um tipo semanal de salário, mas achei que havia leis trabalhistas que protegiam as pessoas desse tipo

de renda anual atroz.

De todos os corpos à mesa, apenas Avalee e eu estávamos dando a Ford um tipo de olhar chocado. Provavelmente porque a maioria das pessoas ao redor da mesa era sua família e amigos... na verdade, penso que alguns eram membros da minha família, embora distantes, que eu não via há anos e não sabia o nome, se alguém pendurasse uma passagem só de ida para casa partindo em uma hora na minha frente.

Boone continuou trabalhando no café da manhã, porém metade dele já estava na boca. —Porque talvez meus motivos para fazer as coisas sejam totalmente diferentes dos seus motivos.— Quando ele voltou o olhar de Ford, havia fogo nos olhos de Boone. Fogo era outra palavra para desprezo. —Eu poderia explicar, mas você não entenderia.

Charlotte rolou seu sim enquanto continuava pegando seus ovos, apunhalando-os até que a gema estourou e se acumulou no centro de seu prato. Conhecendo Charlotte, ela provavelmente estava tentando perder mais cinco quilos antes do casamento. Ela usava jeans de tamanho 36 e tinha sido submetida a oito padrões médicos durante toda a vida, mas se você perguntasse a ela,

nunca houve um tempo em que ela não quisesse perder peso.

Eu por outro lado? De acordo com o diabo - também conhecido como gráfico de IMC -, eu tinha um peso perfeitamente médio para a minha altura, mas, de acordo com minha mãe, meu tamanho quarenta e dois era cerca de quatro tamanhos grande demais. Ser uma adolescente não abaixo do peso nesta casa tinha sido um inferno. Mesmo agora, minha mãe não podia deixar de olhar meu pedaço de torrada toda vez que eu o levava à boca. Você sabe, já que os carboidratos eram o inimigo.

—Por falar em negócios, o que é isso que eu ouço sobre a sua empresa se expandir, Clara Belle?— Papai levantou a xícara de café na direção de Frieda, com a irritação na testa. Ela se apressou com a cafeteira como se a vida de todo um conteúdo estivesse em suas mãos. —Fazendo seu caminho até aqui? Minhas fontes estão corretas?

Todas as cabeças viraram na minha direção. Todos eles, exceto os de Ford, que permaneceram focados no prato enquanto cortava o presunto como se estivesse fazendo uma cirurgia.

—O negócio está prosperando. As vendas estão aumentando—, eu disse, sentindo como se estivesse explicando

isso para toda a mesa. —Meu objetivo não era apenas ficar na Califórnia, se isso funcionasse; era expandir nacionalmente. Só não achei que isso acontecesse tão rapidamente.

Boone pousou o garfo e se inclinou na cadeira em minha direção. —Que tipo de negócio, Clara?

Ele percebeu seu deslize um instante depois que eu fiz. Sua expressão permaneceu plana embora. O erro apenas registrou em seus olhos, enquanto todo o meu corpo e rosto ficaram rígidos com uma merda! Olhando-me.

—Você não sabe o que Clara Belle faz?— Ford não estava mais focado em dissecar seu presunto e ovos. —Há quanto tempo vocês estão juntos novamente?

Meu pai pressionou o antebraço contra a mesa e se inclinou para frente. —Sim, quanto tempo?

Tomei um gole do meu suco de laranja, lentamente. Ele ficou quieto, erguendo a sobrancelha apenas o suficiente para me deixar saber que ele estava ouvindo meu aviso para me deixar falar quando se tratava de nosso relacionamento.

—Você quer saber sobre os meus negócios ou sobre Boone

e eu?— Perguntei, circulando meu garfo no meu prato que quase não havia sido tocado graças ao pelotão de perguntas e respostas. —Porque eu gostaria de tomar um pouco do meu café da manhã esta manhã.

Os olhos da minha mãe se voltaram para o meu pedaço de torrada pela metade. Eu sabia que nos olhos dela, eu já tinha comido o suficiente para me levar para o almoço.

—Por que você não resume tudo isso para nós, Clara Belle, já que parece que há muita área confusa ao seu redor, e nós faremos perguntas esclarecedoras, se houver alguma, disse papai.

Papai ignorou Charlotte quando ela disse algo para ele, sem dúvida tentando chamar sua atenção, como ela fez por toda a sua vida. O que eu esperava quando a única coisa que chamou a atenção de nosso pai quando se tratava de sua família era um escândalo em potencial e qualquer coisa que pudesse manchar o suposto nome primitivo de Abbott. Entre os três filhos dele, eu fui a mais “problemática” e, portanto, recebi mais atenção.

O que Charlotte não percebeu em seu ciúme foi que havia uma diferença entre boa atenção e má atenção.

—Bem, as vendas da empresa triplicaram em relação ao ano passado e devem...

—Que tal começar seu resumo com o motivo pelo qual Boone Cavanaugh está sentado à minha mesa do café da manhã, ao lado da minha filha, cujo coração e inocência ele esmagou uma vida atrás.— Papai segurou o sorriso para os outros convidados que mordiscavam o café da manhã em silêncio, sem dúvida sentindo-se como um monte de terceiras rodas.

—Isso é o que mais me interessa no momento presente. Eu gostaria que você me olhasse nos olhos e me explicasse por que esse garoto é quem você escolheu como seu encontro esta semana.

—Meu namorado —, corrigi automaticamente.

Boone me deu um olhar de soslaio, como se eu tivesse de alguma forma traído ele.

—Por favor, diga, há quanto tempo você e seu 'acompanhante' se conhecem? Porque a última vez que você foi capaz de nos apertar em sua agenda lotada e voltar para casa, tive a impressão de que você havia esquecido o nome Boone

Cavanaugh e certamente o homem por trás desse nome.

Algumas conversas estavam começando a circular na mesa, e eu estava agradecida por não sentir mais a pressão de duas dúzias de pares de olhos em meu caminho. Isso tornou o pensamento em movimento muito mais fácil.

—Eu não sei. É difícil dizer exatamente quando nos acostumamos... —Eu me atrapalhei com as palavras certas para cortar e colar uma mentira hermética. —Acho que começamos a conversar há um tempo, e-mails aqui e ali, telefonemas esporádicos, esse tipo de coisa, e você poderia dizer que uma coisa levou a outra nos levou a sentar um ao lado do outro na sua mesa do café da manhã.— Quando terminei de massacrar essa explicação, peguei a outra metade da minha torrada e a enfiei na boca para me calar.

A testa de papai estava enrugada com linhas de confusão, assim como as de Ford, Charlotte e mamãe. Até a testa de Boone estava enrugada, embora sua expressão estivesse menos confusa e mais que diabos? Dei de ombros apenas detectáveis e ele apunhalou um pedaço de presunto e o enfiou na boca, mastigando-o como se tivesse um problema sério com a carne de

porco.

—Então vocês dois são apenas amigos? Ou há mais? Papai pressionou. —Porque sua mãe me disse que vocês dois dividiram o mesmo quarto ontem à noite, o que me diz que há algo.

E o café da manhã?

Eu senti como se estivesse caindo lentamente na minha cadeira, uma pergunta pontual por vez. Em mais algumas, eu estaria perdendo o controle e, de alguma forma, isso parecia a opção mais atraente.

—Eu acho que é difícil para nós responder a isso—, eu disse quando terminei minha torrada. —Então, talvez possamos passar a discutir algo mais emocionante, como o grande casamento que está chegando.— Quando joguei minhas mãos na direção de Charlotte e Ford, não recebi nada além de um olhar e um brilho de cabelo da minha irmã.

—Por favor, querida—, a voz de Boone encheu a sala, soando um pouco mais como apresentador de um jogo do que sertanejo - garoto do sul. Isso não seria bom; a parte querida denunciou isso. Eu caí mais fundo na minha cadeira. —Você não

precisa subestimar o que temos apenas porque poucas pessoas conseguem experimentar a conexão que você e eu temos.

Inclinei minha cabeça para ele e forcei um sorriso que era tudo menos benigno. —Do que você está falando, Boone?— Eu acrescentei baixinho: —Por que você está falando?

Ele apontou uma piscadela para mim. —Se você vai continuar com essa abordagem modesta, deixe-me assumir e explicar como realmente é entre nós.

—Por favor, não—, eu murmurei entre dentes, batendo meu joelho no dele debaixo da mesa.

Ele bateu na minha perna algumas vezes em troca. —Alguns de vocês na mesa sabem que Clara partiu meu coração quando éramos crianças. Quebrar pode ser um eufemismo, mas você entendeu. Ela me esmagou.

Ford exalou bruscamente, balançando a cabeça. Meu pai estava fazendo a mesma coisa.

Boone continuou ignorando as respostas variadas que circulavam a mesa: —Quando nos reconectamos, pensei em nos dar outra chance e, se nada mais, ver se eu poderia retribuir a ela

o favor de partir seu coração.

—Como exatamente você chama o que você fez com ela naquela época?— Ford disse, olhando para ele como se estivesse contemplando o caminho mais rápido para chegar até ele e poder torcer o pescoço.

Boone ignorou Ford, segurando seu sorriso e me encarando como se eu fosse seu mundo inteiro. Meu joelho continuou batendo no dele, mas não estava me levando a lugar nenhum além de uma perna dolorida.

—Mas garoto, meus planos de vingança foram pela culatra—, disse ele, quase animado.

Eu me sinto doente. O que eu tinha feito? O que eu estava fazendo? Por que eu simplesmente não me levantei e admiti a todos o que aconteceu para trazer Boone ao meu lado esta manhã. A verdade teria sido dez vezes melhor do que essa história que ele estava tecendo.

Papai empurrou seu prato um pouco e se inclinou, seu olhar voltado para mim. —Quão sério é isso?

Ele estava esperando que eu respondesse, mas foi Boone

quem deu a ele. —Eu não sei sua definição da palavra, mas tenho que lhe dizer, Sr. Abbott, houve muitas vezes que olhei naqueles olhos azuis dela e vi minha eternidade neles.— Piscando-me outra piscadela, ele deu um tapinha na minha bochecha.

Resisti ao desejo de afastar a mão dele. Não há necessidade de confundir ainda mais a todos - eles já pareciam tão confusos que os olhos estavam perto de ficarem zangados.

—Clara Cavanaugh...— Boone disse, assentindo em aprovação. —Parece bonito, não é? Como um nome inventado de conto de fadas ou algo assim.

O rosto do meu pai estava vermelho. Minha mãe parecia mais hiperventilada. Eu estava ambos.

—Não há necessidade de apressar as coisas.— A voz do meu pai fez cada palavra soar como se ele estivesse xingando em vez de falar.

Boone deu de ombros, colocando um pedaço de torrada na boca. —Não há necessidade de desacelerar as coisas também.

Peguei meu garfo e o abaixei no meu colo. Se ele continuasse, eu o apunhalaria na coxa.

—Você não tem um emprego.— Papai levantou um dedo no ar, depois outro. —Você não tem como sustentar minha filha.

—Clara conseguiu um emprego—, respondeu Boone. —Ela poderia me apoiar.

Ford jogou o guardanapo no chão e se afastou da mesa. Papai olhou outra palavra de Boone, longe de fazer a mesma coisa.

—Não é assim que um casamento igual deve funcionar?—, perguntou ele.

Com a palavra casamento, mamãe parecia mais desmaiar do que hiper ventilar.

—Eu não estou pensando em ficar desempregado para sempre, ou mesmo por muito tempo, mas, enquanto isso, é bom para nós dois, ela tem uma renda firme.— Boone me cutucou com o cotovelo, seu rosto brilhando pela emoção de irritar minha família e me jogando para um inferno de um loop ao mesmo tempo.

—O que tenho certeza é que ela vai querer que você assine um acordo pré-nupcial antes que 'sempre aos olhos dela' se torne

realidade.— Quando Frieda apareceu com a jarra de café para encher a xícara do meu pai, ele acenou para ela ir embora. —Isso não está certo, Clara Belle?

Meu pai estava esperando que eu respondesse. Para apoiá-lo. Minha voz, ou mais provavelmente minha vontade de projetá-la, sumiu.

—O que Clara quiser. Ela é uma garota esperta. Eu confio nela.— Boone colocou a última mordida de seu meio pedaço de torrada na boca antes de deslizar a outra metade no meu prato. Ele deve ter lembrado o quanto eu amava pão.

Minha mãe não gostou, e sem dúvida garantiria que o que estivesse no meu prato de almoço fosse ajustado para não incluir carboidratos.

Eu não tinha certeza do que pensar da torrada compartilhada. Era apenas outra maneira de ele mexer comigo? Brincando com minha mãe porque ele se lembrava de como ela havia monitorado cada pedaço que entrava na minha boca naquela época? Ou era esse o Boone que eu lembrava? O generoso e gentil que daria a vida ou um membro a um amigo se o pedissem.

Eu não tive tempo para processá-lo, porque foi quando papai fez mais perguntas, mau parando para respirar entre cada uma. —Você tem um advogado na Califórnia, Clara Belle? Eles têm clientes que não sejam celebridades? Você precisará de um advogado separado do seu profissional, um versado em acordos pré-nupciais do tipo que você e Boone podem estar elaborando.

—Mais como improvável —, Ford murmurou, seu café da manhã intocado pela aparência, espelhando a futura esposa.

—Deixe-me ligar para Bill ainda esta manhã e ver se ele pode recomendar alguém que ele conheça. Ele tem muitas conexões— papai continuou implacavelmente. —E lembre-se, você quer alguém que a represente, não vocês dois.— Meu pai puxou o telefone do bolso, quebrando uma regra fundamental de não haver telefones na mesa, fazendo um lembrete ou prestes a ligar para Bill neste minuto. —Eu também perguntarei se ele conhece alguém que possa ajudá-la com seus negócios. Enquanto eu o tenho na linha.

—Eu tenho alguém que cuida das questões legais em torno dos negócios—, falei. Minha voz soou tão baixa que acho que Boone nem me ouviu.

—E se você ainda não o fez, faça um testamento, Clara Belle. Um que proteja sua empresa, no caso de sua morte, daqueles próximos a você que possam ter intenções menos que honrosas quando se trata do interesse em você de repente.

—Devo deduzir pelo seu tom que você está se referindo a pessoas fora da própria família que têm intenções menos que honrosas?— Boone não escondeu a acusação em seu tom.

—Acho que todos já ouvimos o bastante de você por uma manhã, Sr. Cavanaugh. Estou conversando diretamente com minha filha, certamente não vou passar pela cobra derramando veneno no ouvido dela.— Papai acenou com o dedo entre ele e eu, implicando que tínhamos o vínculo estreito que alguns pais tinham com suas filhas. Quase todo mundo na mesa provavelmente sabia melhor. —Além disso, este é um café da manhã em família. Você pode estar tentando uma segunda vez fazer o seu caminho para isso, mas posso assegurar-lhe se tenho algo a dizer sobre isso, você vai ter o mesmo sucesso nas Abbotts como a primeira vez que você fez o seu jogo.

—Papai.— Eu disse, mas ele mal registrou um decibel.

Gritos e protestos surgem em volta da mesa - meu pai se

remexendo na cadeira, ainda provocando insultos a Boone; Ford ao lado dele, acrescentando combustível ao fogo; e minha mãe pulando na cadeira, prestes a chorar pela maneira como o café da manhã 'perfeito' da semana do casamento estava se transformando em cena de um reality show. Se a mesa não fosse tão grande, não duvidei que meu pai já não a tivesse virado.

—Pai, pare—, tentei novamente, mas foi inútil.

Boone, que ficou calmo durante o primeiro impacto do ataque de meu pai, estava empurrando para fora de sua cadeira, disparando insultos e acusações, assim como esbravejando. Esse foi o ponto que eu desliguei.

Eu não deveria ter voltado. Ninguém realmente me queria aqui de qualquer maneira. Charlotte só me convidou porque nossa mãe insistiu e mamãe só o fez porque eu era a irmã da noiva e o que os quinhentos convidados pensariam se a irmã da noiva não estivesse lá? A fachada da família Abbott, sem dúvida, seria destruída para sempre por causa desse escândalo.

Convidada ou não, eu não deveria ter vindo. Eu trouxe dissidência e desastre sobre essa família. Eles trouxeram o mesmo sobre mim. Estávamos melhor um sem o outro, algo que

aceitei no dia em que pisei no meu primeiro apartamento na Califórnia e percebi que parecia mais um lar do que aquele em que cresci.

Todos ainda na garganta um do outro, silenciosamente empurrei para fora da minha cadeira, levantei-me e saí da sala. Se alguém me notou ir embora, ninguém me chamou. Se alguém se importava que eu estava saindo, ninguém expressou.

Passei por Frieda no corredor, com o rosto em uma expressão preocupada, mas antes que ela pudesse me perguntar se eu estava bem, assenti e continuei. Eu tinha que sair desta casa e encontrar um pouco de ar fresco. Ou pelo menos um pouco de ar mais fresco.

Atravessei a parte de trás da casa, passando pela porta de tela que os funcionários da casa eram obrigados a usar. Eu sempre me senti mais confortável passando por aquela porta lateral velha do que as grandes portas duplas na frente de qualquer maneira.

No momento em que meus pés tocaram a grama, tirei minhas sandálias, puxei o laço do meu cabelo e corri em direção à beira do terreno. Eu sabia para onde estava indo, mas não

consegui chegar lá rápido o suficiente. Eu senti como se tivesse um elástico em volta da minha cintura, e quanto mais me afastava da casa e da minha família, mais ele lutava para me puxar de volta. Quanto mais eu tinha que lutar para continuar me afastando. Se ao menos eu conseguisse encontrar o ponto em que esse elástico se rompesse e a conexão pudesse ser cortada de uma vez por todas, a vida poderia ser muito mais fácil aqui.

Pela primeira vez, eu podia me sentir tão apática por minha família quanto fingia que estava.

O balanço do pneu ainda estava lá, pendendo de um dos grandes carvalhos rastejando ao longo do leito do rio, mais do pneu coberto por musgo espanhol do que estava exposto. Suponho que sem mim por perto, não havia ninguém para escalá-lo e se afastar horas do dia, procurando as respostas para seus problemas no pêndulo firme de uma corda amarrada a um círculo de borracha.

A manhã estava esquentando, mas ainda fria o suficiente para ser aproveitada, a umidade ainda não grudando na minha pele como uma amante impaciente. Aproximei-me do balanço e varri cuidadosamente o musgo, apenas o suficiente para subir no

pneu e girar, mas não tanto que danificaria os tentáculos do musgo. O tempo havia desgastado a corda e forrado a borracha com rachaduras, mas ainda estava lá. Ainda servindo a seu propósito e perseverante.

O balanço do pneu tinha sido uma das poucas coisas que meu pai havia acrescentado ao terreno com as próprias mãos, suor e graxa de cotovelo. Foi um presente para o meu quinto aniversário, o único que eu disse que queria na manhã em que acordei e meus pais me perguntaram o que eles poderiam me comprar. Como era domingo e a maior parte da equipe estava de folga durante o dia, papai não teve escolha a não ser comprar os suprimentos, pendurar a corda e prender o pneu com força. Era isso ou aquilo com uma filha decepcionada e, naquela época, nosso relacionamento era mais fácil.

Eu escolhi a árvore e papai fez o resto. Levou a maior parte do dia, e meu aniversário estava a apenas algumas horas do término no momento em que terminou, mas eu consegui o que queria naquele dia: a atenção do meu pai - o tipo bom - e o balanço de um pneu. Eu gastei um ano de horas desde então.

A corda se esticou e gemeu quando coloquei meu peso no

balanço, mas ele se manteve forte. A parte externa do pneu pode ter se desgastado, mas o núcleo ainda estava forte. Enrolando meus braços em volta da borracha, dando-lhe um abraço gentil, inclinei minha bochecha na banda de rodagem e usei os dedos dos pés para me balançar suavemente para frente e para trás. A grama pontilhada de orvalho fazia cócegas nos meus tornozelos, enquanto os lençóis de musgo espanhol brotavam nas minhas costas. Se havia um lugar nesse estado em que eu me sentia em casa, estava ali.

Apenas um ou dois minutos se passaram e estava começando a colocar o desastre conhecido como café da manhã com minha família atrás de mim, quando ouvi passos pesados esmagando a grama atrás de mim. Não olhei por cima do ombro para ver quem era; já sabia. Na minha vida, apenas uma pessoa veio me procurar quando eu desaparecia. Apenas uma se importou o suficiente para me encontrar, ou se importou o suficiente para perceber que eu tinha saído em primeiro lugar.

Os passos pararam alguns comprimentos atrás, então ele pigarreou como se estivesse se anunciando. — Então... Eu sou um idiota.

Continuei olhando para o mundo à minha frente, me recusando a olhar para trás para tudo o que estava lá esperando.

—Já sei disso—, respondi, sentindo algo mais parecido com a exaustão do que com a indignação que senti antes.

Atrás de mim, Boone suspirou. —Eu sinto muito. Eu não pude evitar. Aquelas pessoas, a maneira como eles pensam de mim, a maneira como eles te tratam, acho que não posso deixar de tentar igualar o placar sempre que vejo uma chance.

Vai e volta. Para a frente e para trás. Eu continuei balançando, embora meus dedos estivessem cansados de suportar o peso do meu corpo. —Já sei disso também

—O que isso significa?

Eu me peguei prestes a olhar para trás. Ainda não. Eu não estava pronta para o meu momento de paz terminar. Já havia muito poucos e distantes entre si. Vinte horas de tortura a cada dois minutos de consolo. —Você sabe o que isso significa, Boone.

Ele parecia contente em deixar minhas palavras pairarem entre nós, sem pressa de seguir em frente ou negar. Apenas quando estava perto de verificar se ele ainda estava lá ou se eu o

assustei, ouvi seus passos se aproximarem.

—Chega de assunto pesado pela manhã, ok?— Ele disse, seus dedos roçando minhas costas quando o movimento balançou em sua direção. —Você quer que eu te empurre?

Deslizei meu cabelo para trás dos ombros para esconder meu pescoço. Se ele estivesse prestando atenção suficiente, eu não queria que ele notasse os arrepios que pontilham a pele lá. —Eu quero que você me empurre e mantenha sua boca fechada.

Quando voltei em sua direção novamente, Boone agarrou a corda para detê-la. —Eu acho que posso gerenciar isso.

Eu sorri, sabendo que ele poderia ter sido capaz de manter a boca fechada momentaneamente, mas nunca por muito tempo. Se ele conseguisse um minuto inteiro, seria um sucesso.

Soltando a corda, ele pegou o pneu e o puxou o mais longe que pôde, depois me levantou ainda mais. Quando ele soltou o pneu, fechei os olhos e foquei no modo como o ar estava colidindo com meu rosto. No caminho, pareceu quebrar meu cabelo. Eu me concentrei em como algo tão invisível aos olhos e dado como certo poderia se tornar uma coisa tão poderosa.

Quando o pneu voltou para Boone, meu sorriso se alargou quando meus cabelos chicotearam pelo meu rosto, entrelaçando meus olhos e entrando na minha boca. A vida parecia tão simples do assento desse balanço. Tão claro que era mais simples do que complexo, mais bom do que ruim. Por que as coisas ficaram tão confusas quando desci dele, eu não sabia, mas talvez esse fosse o preço da gravidade.

Capítulo Quatro

—Como está Clara Belle?— Minha mãe perguntou pela décima vez nos últimos trinta segundos, batendo do lado de fora da porta do meu closet. —Como está o ajuste? Não é muito grande, espero. Quando encomendei o tamanho que sua irmã tinha para você, achei que devia ser um erro, e você sabe como um vestido muito grande parecerá desajeitado em seu corpo, querida. Se for muito grande, tenho certeza de que poderei convencer Pearl a fazer um trabalho rápido de costura. As fotos do casamento serão eternas e não queremos estremecer sempre que olharmos para elas.

Depois disso, deixei de ouvir. Ela continuou e continuou desde que saímos da garagem com minhas irmãs e alguns primos de segundo grau enfiados em seu novo Rolls. Minha mãe tinha virado muitas cabeças na juventude, de acordo com meu pai e ela, mas agora que a idade agitava sua varinha de condão em seu caminho, ela tinha que virar as cabeças de outras maneiras. Dirigindo um carro de centenas de milhares de dólares

pelas ruas de Charleston.

Os caras tinham combinado um dia de golfe e bebidas no clube de campo, enquanto nós, garotas, tivemos a sorte de aguentar a prova final do vestido. Em seguida, almoçávamos no spa em que minha mãe era membro emérito e uma tarde de 'mimos'. As outras garotas poderiam estar ficando quentes com massagens e banhos de parafina, mas eu já tinha visto o que estava programado, e uma depilação de corpo inteiro seguida de algumas taças de algas e abacaxi não era minha ideia de mimar.

—Venha para fora. Vamos ver isso em você.— Minha mãe passou de bater na porta para torcer a maçaneta. Graças a Deus eu verifiquei três vezes para ter certeza de que estava trancada depois que fiquei aqui. —Já vi suas irmãs em seus vestidos, mas estou morrendo de vontade de vê-lo no seu, querida. Abra já.

Eu não conseguia parar de olhar para o espelho e balançar a cabeça. Isso vinha acontecendo nos últimos cinco minutos, desde que eu tinha me enfiado nesta farsa de vestido de dama de honra e chupado e lutado mais partes de carne que eu sabia que tinha que fechar o zíper na maior parte para cima. Eu sempre soube que Charlotte tinha isso para mim, mas eu não sabia até agora que

ela estava indo para a matança.

Havia uma cor que minha mãe me proibia de usar sob pena de humilhação pública quando as pessoas viam quão pastosa e amarela minha pele era contrastada com a cor proibida acima mencionada: pêssego. Era sinistro. Até eu reconhecia esse fato, apesar do meu desejo de nunca concordar com minha mãe.

Algo relacionado a ter cabelos claros, combinados com pele de marfim com tons amarelos, me fez parecer tão errada quando o pêssego colocado no meu corpo. Foi uma obra-prima do desastre épico. A bomba atômica de atroz. A benção de Deus.

Banir pêssego do meu guarda-roupa era uma das poucas coisas que minha mãe tinha acertado quando se tratava de mim.

Então, por que eu estava enfiado nele agora, da cabeça aos pés, coberto por um tom de pêssego brilhante e doentio? Por que minha mãe estava agindo como se estivesse usando alfinetes e agulhas para me ver nele? Por que ela não vetou a escolha da cor de Charlotte quando viu que cores havia escolhido para o grande dia?

Por que eu ainda estava de pé aqui balançando a cabeça com

o meu reflexo e não arrancando essa coisa como um gato selvagem enfiado em uma jaqueta estreita?

—Clara Belle. Neste minuto. Estou morrendo aqui fora— mamãe praticamente gritou, suas mãos batendo palmas em sua excitação.

—É para morrer. Eu prometo a você.— disse categoricamente, incapaz de parar minha cabeça trêmula.

Não era apenas a cor, embora isso fosse imperdoável por si só; também era a forma. Ao contrário de minhas irmãs, eu não tinha sido agraciada com um corpo alto e magro, mas um corpo mais baixo e mais macio. Os cortes quadrados e afiados em que o vestido foi modelado pareceriam bater em uma modelo de passarela cujos ossos do quadril estourariam através da camisa, mas fez alguém com meu corpo curvilíneo parecer como se alguém tivesse acabado de espremer uma família de porcos em um vestido de coquetel.

Pouco lisonjeiro nem começou a resumir.

Rasgue o curativo.

—Saindo—, anunciei, trocando meu reflexo que continuava

zombando de mim.

—Preparem-se.

Minha mãe bateu palmas vertiginosamente novamente. — Eu tenho minha câmera pronta.

—Isso realmente não é necessário—, eu disse enquanto abria a porta do camarim lentamente e saía ainda mais devagar. Se ela ouviu o meu comentário sobre a câmera, ela não deu atenção. Um flash disparou na minha cara, me cegando. — Mãe, guarde essa coisa antes que você cegue alguém.

Não havia falta de luzes na loja de noivas, então por que sua câmera antiga e confiável considerava a iluminação apropriada para o flash era uma indicação de quão arcaico realmente era. Digamos que sua câmera já era antiga antes dos telefones com câmeras estarem presentes.

—Não tenho certeza se tia Estelle será a responsável por cegar alguém hoje.— Minha prima Cynthia disse. Ela e Charlotte tinham sido melhores amigas quando cresceram. Isso era o suficiente para resumir.

Levei alguns instantes para afastar minha cegueira e,

quando o fiz, encontrei todas as bocas abertas. Minha mãe parecia mais triste do que chocada. Lágrimas podiam ser vistas brotando nos cantos dos olhos.

—Oh não, Clara Belle, o que houve de errado?— Ela olhou ao redor da sala como se estivesse tentando localizar um atendedor de emergência para salvar o dia.

—Além de quanto peso ela ganhou desde que me deu suas medições há três meses? Charlotte correu até minha mãe, cruzando os braços e me inspecionando como se não tivesse certeza se sentia mais vontade de rir ou se gabar - claramente uma decisão difícil para ela.

—Eu não ganhei peso, mas obrigado pela sua preocupação. E simpatia. Circulei minha mão em seu rosto. Seus olhos estavam praticamente dançando dentro de seu crânio.

—E o vestido não apenas apertou alguns tamanhos da noite para o dia—, respondeu ela.

Avalee se juntou à minha mãe, Charlotte e primos na fila de inspeção. Ela era a única do grupo que parecia ter pena de mim.

—Sim, e algo me diz pela maneira como as mangas parecem

interromper a circulação nos meus braços de que não é assim que este vestido adorável deve se encaixar.— Esse era apenas o lugar mais perceptível meu corpo formigando com a diminuição do suprimento sanguíneo no momento. De volta ao vestiário, tive que chupar tanto a cintura para colocar o zíper na lateral que quase desmaiei. Eu me acostumei com a sensação de vácuo lá agora, e me adaptei à respiração superficial.

—Eu pedi com base nas medidas que você me deu.—

Quando tentei cruzar os braços na direção de Charlotte, só consegui alcançá-los até a metade do caminho antes de parar de confiar na integridade das costuras que mantinham essa coisa unida. —Caso você seja cega, Charlotte, este vestido não se baseia nas minhas medidas.— Eu bati meus quadris na prova, onde as costuras estavam puxando mais.

—Tampouco se baseia em praticamente qualquer outra mulher americana comum.

Minha mãe levantou o dedo indicador e continuou olhando por cima do meu ombro. Era a única maneira que ela podia 'olhar' para mim sem chegar ao ponto de explodir em lágrimas. —Nós não somos medianos, querida. Nós somos Abbots.

Charlotte arqueou uma sobrancelha estreita para mim assim resumiu. Fim de jogo.

—Eu não posso usar isso. Desculpe. Tive que me arrastar para o espelho de três rodas porque dar passos largos era impossível.

—O casamento é daqui a quatro dias. Não posso exatamente pedir um novo para você em Londres e esperar que chegue aqui a tempo—disse Charlotte.

Eu continuei esperando. —Então o que você sugere, querida irmã?

—Pare de comer—, ela falou. —E use um modelador.

Minhas primas gargalharam ao lado dela.

—Deus, Charlotte—, disse Avalee, —Você não pode esperar seriamente que ela use isso. É horrível.— Avalee me lançou um sorriso de desculpas. —Sem ofensas, Clara Belle, você sabe...—

—Deve ser queimado depois de desenharmos um anel de sal em torno dele?— Eu sugeri, beliscando o tecido.

—Melhor fazer dois anéis. Só por segurança— disse Avalee

enquanto eu arrastava os últimos centímetros nos espelhos.

Eu não sabia por que esperava que algo parecesse diferente ou se afrouxasse – o corpo de seda não se esticava, mas de alguma forma, aqui embaixo de todas as luzes do teto da loja, parecia ainda pior. Este vestido nasceu no círculo interno do inferno.

Resisti ao desejo de rasgar a peça, pedaço por pedaço, e me virei para que todos pudessem ter outra boa visão, porque não era como se eles já não estivessem boquiabertos para mim sem piscar desde que eu saí do provador.

—A menos que você tenha dado à loja minhas medidas como sendo 32-22-32, isso foi encomendado no tamanho errado, Charlotte. Seria bom se você pudesse verificar se eles conseguem o tamanho correto aqui a tempo do casamento.

Minha mãe estava balançando a cabeça, já pegando seu American Express.

—E não tome isso como eu questionando sua sanidade mental ou algo assim, mas posso perguntar por que você escolheu um vestido tão longo com mangas compridas em tecido pesado para o seu casamento da tarde de verão em Charleston?— O ar

condicionado estava explodindo aqui e eu já podia sentir o suor escorrendo pelas minhas costas - e em alguns outros lugares que não queria estar suando o dia e a noite.

—Meu vestido não é assim. É muito mais leve e arejado— disse Cynthia, como se ela tivesse acabado de defender Charlotte em vez de incriminá-la.

—Sim, nem o meu. É sem alças e no meio da panturrilha— acrescentou minha outra prima, Harper.

Quando me virei para Avalee, a única pessoa do meu lado, e tudo o que ela podia fazer era morder o lábio e desviar o olhar, eu sabia o que tinha acontecido.

Charlotte tinha acontecido.

—O que significam que seus vestidos são diferentes da beleza que eu tenho agora? Ouvi o veneno na minha voz quando comecei na direção de Charlotte. Se não fosse o vestido, eu ficaria tentada a envolver meus dedos em volta do pescoço dela e apertá-lo até que a diversão drenasse de seus olhos.

Ela levantou um ombro como se nada disso fosse grande coisa. Como eu, prestes a suar a desidratação e amputar meus

membros devido à falta de circulação, não era grande coisa. — Decidi que queria que todas as minhas damas de honra usassem vestidos diferentes.

Claro que sim. Por que diabos não? Quando se tratava das tentativas de Charlotte de me colocar no meu lugar, segundo ela, diretamente abaixo de seus calcanhares - ela pulava em toda e qualquer oportunidade.

—E eu vou assumir, porque eu sei que você não me destacaria assim, que o vestido de todo mundo ainda tem a mesma tonalidade adorável?— Aqui nas luzes mais brilhantes, minha pele parecia amarela. Eu pareceria uma linguiça icterícia na frente de quinhentos dos melhores de Charleston. Mal podia esperar.

—A menta é minha— Cynthia fez uma careta quando inspecionou meu vestido novamente, como se não pudesse decidir o que era mais ofensivo: a cor ou o estilo.

—O lilás azulado é meu—, disse Harper a seguir.

Quando Avalee ficou quieta, eu a encarei e esperei. Ela voltou a morder o lábio, desta vez ela estava olhando por cima do

ombro para a porta.

—O dela é lilás—, disse Charlotte para Avalee.

Balancei minha cabeça, dando-me outra flagelação interna por entrar naquele avião ontem, quando soube que o mesmo circo de três anéis estaria me esperando aqui embaixo. Charlotte ainda estaria fora para me pegar. Mamãe ainda estaria olhando para me refazer. Papai ainda me trataria como uma criança. E todo mundo ainda teria sua própria agenda pessoal quando se tratava de Charleston versus Clara Abbott.

Por que eu esperava que as coisas fossem diferentes, por que esperava que a mudança fosse possível em primeiro lugar, eu não sabia, mas essa era a última vez. A última vez.

—Por que eu acabei com pêssego então?—, Perguntei. —Como você estava claramente seguindo o esquema de cores pastel, por que não calêndula, rosa de pétala ou casca de ovo? Por que pêssego?

Minha mãe virou a própria acusação da minha irmã. Ela não deve ter tido uma mão ou saber que vestido à noiva havia escolhido para sua irmã mais velha. Se ela soubesse, o suficiente

ela teria se esforçado muito - também conhecido como seu bolso - para impedir que Charlotte fizesse isso com ela... Eu quero dizer para mim.

—Você sabe o que o pêssego faz na pele de sua irmã, como a deixa apagada.— Mamãe fez um gesto para mim, esperando a resposta de Charlotte.

—Tecnicamente, o estilista chamou a cor...

—A estilista pode chamá-lo como quiser. Você pode chamá-lo do que quiser. Mas isso não muda o fato de ser pêssego. É feio de todas as formas possíveis, o vestido pode ser repulsivo.

O rosto de Charlotte caiu, seus olhos ficando brilhantes. E o Oscar vai para...

—Eu mesmo escolhi—, disse ela suavemente, ainda em caráter.

Cynthia e Harper correram para os lados, dando um tapinha nela e me lançando olhares.

—Sim, isso é óbvio—, eu disse.

Charlotte coloca o cabelo por cima do ombro. — O que isso

significa?

— Significa que você escolheu isso exatamente pensando em mim.

O telefone de Charlotte tocou antes que ela pudesse responder. Não que ela tivesse alguma defesa, porque ela podia alegar inocência tudo o que queria, mas eu sabia do que se tratava: vingança. Por qualquer falta que eu não sabia, que eu tinha cometido.

Depois que ela atendeu o telefone e se afastou, eu me virei para mamãe. —Eu não posso usar isso.

Mamãe deu um tapinha no ar em minha direção, como se estivesse tentando me acalmar quando eu estava surpreendentemente calma, dadas as circunstâncias. —Nós vamos descobrir algo, mas você está certa, você não pode usar isso. O que os convidados pensariam? Quero dizer, o que Charlotte estava pensando, sabendo que você estaria em um bom punhado de fotos de casamento usando isso?

Eu tentei cruzar os braços novamente. O golpe choramingou em protesto, mas resistiu, antes que eu desistisse e deixasse meus

braços caírem de volta ao meu lado. —Não ser esquecida é como eu me sentiria de pé ali ao lado do altar logo antes de desmaiar de exaustão por calor ou falta de oxigênio.

Avalee deu alguns passos no meu caminho, inclinando a cabeça enquanto inspecionava o vestido. —Realmente não é tão ruim. Com algumas modificações, acho que podemos melhorar muito.

—Avalee, eu amo você, mas a única modificação que melhoraria esse vestido é a terapia total de reposição de vestido.

Mamãe assentiu em concordância óbvia. Mamãe estar do meu lado em vez do de Charlotte era uma ocasião rara.

—Não, sério, acho que se conseguirmos que a costureira deixasse sair um pouco aqui e apertasse lá..— Avalee beliscou algumas áreas do vestido como se estivesse fazendo anotações mentais.

—Tudo o que a genética me amaldiçoou é sabotado ainda mais por esse vestido.

Quando dei outra olhada nos espelhos, desta vez me encolhi. —Apenas me ajude a resolver isso, ok? Quanto antes

melhor. Vou descobrir o que fazer sobre esse desastre mais tarde.

Cynthia e Harper seguiram Charlotte enquanto Avalee e minha mãe ficaram comigo.

—Sinto muito por isso, querida. Eu deveria ter pedido para ver qual vestido Charlotte havia escolhido para você.— Mamãe passou as pérolas em volta do pescoço, esfregando-as como se fossem um fio de pedras de preocupação.

—Eu não acho que você poderia ter feito ela mudar de ideia, se você tivesse tentado.

Eu levantei meu braço o mais alto possível, para que Avalee chegasse ao zíper.

—Provavelmente não. Charlotte sempre foi competitiva com você, Clara Belle, e às vezes ela gosta de ter suas próprias oportunidades. Sinto muito.— Mamãe deu um pequeno sorriso, continuando a puxar suas pérolas.

Tentei não me assustar com o pedido de desculpas da minha mãe. Tentei fingir que estava acostumada a ouvi-los, mas não estava. Na verdade, não conseguia me lembrar da última vez que ela me pediu desculpas por tudo, incluindo esquecer o nome da

cidade em que vivo, todas as vezes que nos falamos.

Então eu limpei minha garganta e espelhei seu sorriso. — Está bem. Eu acho que vou sobreviver. É apenas humilhação pública. Nada que eu não tenha passado algumas vezes na minha vida.

Mamãe soltou suas pérolas e limpou a garganta. —Isso me lembra, querida, agora que estamos sozinhas, eu estava esperando falar com você sobre Boone.

Meu pescoço enrijeceu. É claro que o tema da humilhação pública a lembraria de sua filha primogênita namorando o garoto que havia crescido na faixa dupla que todos conheciam por várias razões.

—Eu estava esperando que tivéssemos conversado sobre o assunto até agora, depois da noite passada e hoje de manhã no café da manhã.— Verifiquei para ver como Avalee estava se dando bem com o zíper. Só de pensar em falar sobre ele com minha mãe estava me fazendo suar. Suar mais.

—Sim, mas com seu pai sendo do jeito que ele é, sentindo do jeito dele... Esperava que pudéssemos discutir vocês dois de uma

maneira um pouco mais civilizada. Menos testosterona.

Avalee resmungou sob minha axila, puxando o zíper, mas não fazendo progresso.

—Eu não lembro de nenhuma das conversas que tivemos sobre Boone, ser civilizada, mãe.

—Elas não eram—, ela respondeu, sua expressão tão desapaixonada quanto seu tom.

—Mas você era uma garota na época e vivia sob nosso teto e sob nossa responsabilidade. Você é uma mulher agora e provou que é capaz de tomar suas próprias decisões.— Ela acenou para mim, como se estivesse na frente dela, parecendo uma abóbora de pêssego, provando seu ponto de vista.

Senti-me perdida, de novo, como devia responder. Minha mãe estava falando comigo como uma adulta? Ela estava falando para mim em vez de falar de mim? Ela estava dizendo que eu era capaz e realizada e tinha empreendido com sucesso?

—O que você quer saber?— Eu me vi respondendo. Anos atrás, teria saído em um bufo e batido a porta do meu quarto. Supus que, olhando para trás, eles não eram os únicos

irracionais.

—Por que agora?— Ela perguntou. —Por que todos esses anos depois vocês dois estão juntos novamente? Por que depois de tudo o que aconteceu... e com ele apenas se afastando de você como fez...— Ela desviou o olhar, olhando através da janela de vidro que revestia a frente da loja. Se dezoito anos de experiência não tivessem provado o contrário, eu quase acreditaria que ela estava perto de derramar algumas lágrimas. —Não quero ver você se machucar de novo assim, Clara Belle. Eu não acho que aguento ver você passar por esse tipo de dor novamente.

Avalee parou de mexer com meu zíper por tempo suficiente para trocar um olhar comigo depois de olhar para minha mãe. Eu poderia dizer que ela foi tão surpreendida quanto eu.

Sim, lembrei-me da dor, é claro, lembrei-me das lágrimas e do sentimento, como se meu coração estivesse sendo triturado por um ralador de queijo nos meses seguintes a Boone e minhas consequências, mas nunca imaginaria que minha mãe tivesse sido afetada por nada disso.

Ela não tinha dado uma indicação em contrário. Ela não ofereceu um ombro para me deixar chorar ou até um abraço

aleatório quando me encontrou espalhada nos degraus da varanda, olhando para o final daquela longa entrada, apenas esperando minha vida terminar ou para começar de novo.

—Isso não vai acontecer novamente. Eu sei— falei, balançando a cabeça. —Você não precisa se preocupar, mãe.

—Como você pode ter certeza? Ele fez isso uma vez. Ele pode fazer isso de novo.

Avalee voltou a puxar o zíper, não tão gentilmente agora.

—Não desta vez—, eu disse.

—Por que não desta vez?— Mamãe levantou uma sobrancelha e esperou por mim.

Eu não podia dizer exatamente a ela que paguei para ele posar como acompanhante, para que eu não tivesse que ser publicamente envergonhada por comparecer a um casamento do Sul nos meus vinte e poucos anos sem marido ou namorado, mas isso era um segredo que ficaria feliz em manter entre Boone e eu pelo resto de nossas vidas. Eu supunha que poderia dizer a ela que ele era uma pessoa mudada e que amadurecemos e havíamos crescido além da intensidade adolescente, mas eu sabia que ela

não ficaria satisfeita com nenhuma dessas respostas.

Então eu fui com uma abordagem diferente.

—Ele não me machucou sozinho. Também o machuquei, mãe. Da mesma forma.

Ela deu um pequeno suspiro, como se duvidasse muito disso. —Você não fez nada mais doloroso do que fazer uma omissão temporária. O que ele fez, como ele te deixou...— Ela levantou as mãos e balançou a cabeça, incapaz de continuar.

—Isso está no passado agora. Seguimos em frente o melhor que duas pessoas com história podem. Não estou pedindo que você goste dele, não estou pedindo que você goste da ideia de nós, só estou pedindo que você seja civilizada. Isso é tudo. E seria bom se você pudesse influenciar o pai nessa direção. Sou idiota por pensar que isso é possível?

Mamãe caiu em um dos bancos estofados espalhados pelo camarim e cruzou as mãos no colo. —Você provavelmente é uma tola por esperar, mas prometo que tentarei. Por você, Clara Belle. Somente você, não para ele. Eu não tenho um pedaço de civilidade na cara para aquele garoto e nunca vou, mas para você,

porque você pediu, vou tentar. Não há garantias.

Avalee fez uma pausa, olhando para mim.

—Eu sei—, Murmurei para ela. —Isso é progresso, mãe. Progresso sério. Eu vou aceitar.

Ela conseguiu sorrir, mas continuou se contorcendo como se tivesse acabado de se encontrar em uma situação problemática. Avalee deu outro puxão no vestido, com tanta força que acabou perdendo o equilíbrio e recuando alguns passos.

—Calma aí, Assassina—, eu disse. —Você está bem?

O rosto de Avalee ficou um pouco mais claro. —Eu estou bem.— Ela estendeu a mão para revelar algo que parecia muito com uma parte de um zíper. Uma parte quebrada de um zíper. —Mas eu não acho que você está.

Capítulo Cinco

—Se eu morrer sufocada hoje à noite, por favor, Avalee, estou confiando em você para fazer isso, por favor, não deixe que eles me enterrem nessa coisa. Por favor, não deixe que isso seja o que vou passar a minha eternidade vestindo— falei enquanto ela e eu nos afastávamos das outras quatro do nosso grupo, que já estavam indo pelas portas do restaurante The Half Shell no píer.

Depois do longo dia que todas passamos juntos, mesmo que não fosse o vestido que restringia meus movimentos, eu teria escolhido ficar para trás. Oito horas com minha mãe, Charlotte e primas gêmeas do mal foram suficientes para perceber todas as minhas últimas percepções de certo ou errado de assassinato premeditado. O fato de Charlotte ainda estar respirando depois do dia que ela passou cocô na minha direção era um verdadeiro milagre.

—Você tem a minha palavra—, disse Avalee, balançando a cabeça pela bilionésima vez naquele dia, desde que ela inadvertidamente arrancou o zíper do meu vestido quando estava

tentando abaixá-lo. —E posso apenas dizer novamente que sinto muito pelo que aconteceu? Se eu soubesse que o zíper era uma porcaria, ou que a empresa não tinha costureira de plantão hoje, ou que não haveria outra maneira de tirar você do vestido, exceto um zíper quebrado, teria deixado isso em paz. Ela chutou uma pequena pedra em nosso caminho, esquecendo as sandálias de dedos abertos que ela usava. —Eu estou tão irritada. Desculpe.

Agarrei a mão dela e apertei. —Se você fosse Charlotte, saberia que você tinha segundas intenções para quebrar meu zíper, mas você é Avalee, e sei que Avalee Abbott não tem um osso vingativo e cruel em seu corpo, então não se preocupe. Você está perdoada. Apertei a mão dela. —Novamente.

—Você sabe, não precisa ficar nessa coisa até que a costureira chegue até você amanhã.— Ela me parou antes de atravessarmos as portas do restaurante. —Você sempre pode rasgá-lo e jogá-lo no oceano.— Ela levantou o queixo em direção à água. —Eu não vou contar.

Essa opção foi além de atraente, especialmente porque eu teria que dormir neste espartilho da cabeça aos pés de uma bagunça quente, mas eu estava fazendo um ponto agora,

anunciando meu manifesto ao mundo e, mais importante, para minha irmã. Vejam isso, cadelas. Eu não vou cair Para o mérito da loja de roupas, eles telefonaram para uma de suas costureiras para levá-la para uma 'emergência', mas quando descobri que isso significava que ela seria afastada de um dia na praia com sua família, recusei. Poderia esperar até amanhã, quando alguém estava programado para trabalhar. Não gostava de ganhar condições especiais por causa do nome da minha família.

—Entre nós, acho que a melhor maneira de irritar Charlotte é sorrir e fingir que percebi que esse vestido foi feito para mim.— Puxei o decote alto para deixar entrar um pouco de ar fresco.

A única vantagem de ficar presa no meu vestido de dama de honra durante a noite era que eu tinha conseguido renunciar à dupla de depilação e envolvimentos corporais que minha mãe tinha reservado para mim. Em vez disso, passei a tarde fazendo uma massagem nas mãos e nos pés, seguido de um tratamento facial relaxante. Há um lado positivo para todas as situações, sendo confinada nos 100 vestidos mais hediondos da Cosmo já criados.

Avalee olhou dentro do restaurante, concentrando-se na

parte de trás da cabeça de nossa irmã. Ela sorriu. —Você está muito bem, oh. Você trabalha esse vestido hoje à noite. Você o possui, não deixa o vestido possuí-la, ela possui a porra do vestido.

Estendi meus braços o máximo que eles podiam e olhei para mim mesma. Um pêssego redondo gigante menos a penugem. — Sim algo assim. Só não estou rasgando tudo para ofender Charlotte.

—Sim você está certa. Essa coisa...— Avalee colocou as mãos no meu vestido —Eu não me importo com quem você é ou em quantas pistas você andou, não há como esse vestido ser usado sem dominar a mulher. Desculpe, Clara Belle.

—Sem problemas.— Concordo. Fui abrir a porta, precisando acabar com outra coisa. Rasgar o curativo fora o tema da minha visita até agora e o tema de boa parte da minha vida aqui em baixo.

Eu não tinha certeza de quantas pessoas estariam no baile de hoje à noite. Não tinha perguntado. Eu sabia que meus pais haviam alugado o The Half Shell e contratado uma banda e gastado mais em comida e álcool para essa refeição do que a

maioria dos casais que passavam no casamento real, mas a quantidade de convidados eu não tinha certeza. A julgar pelo número de Lexus e Mercedes brilhando no estacionamento, acho que pelo menos cem.

Cem pessoas prestariam testemunho de mim pisando no local, comendo garras de caranguejo e parecendo um pepino do mar cor de pêssego. Eu só podia imaginar os clipes que seriam postados no YouTube e se tornariam virais amanhã.

Cem pessoas também veriam que minha irmã poderia tentar tudo o que quisesse, mas não me curvaria a ela. Eles veriam que eu era feita de coisas mais fortes do que minha família deixava transparecer, e havia mais na garota rica que namorou o pobre garoto do que apenas seu sobrenome e fundo fiduciário.

Depois de me dar essa conversa animada, abri a porta.

—Então,— Avalee disse, entrando primeiro quando eu segurei a porta aberta para ela, —Boone sobreviveu ao dia com os caras? Quando entrei com Sterling, parecia que as coisas poderiam ter sido um pouco difíceis para ele.

Eu a segui para dentro e fechei a porta. Nós estávamos lá

dentro. Agora tudo o que eu precisava fazer era andar pela sala, acenando e cumprimentando muitas pessoas enquanto fingia que não estava vestida como a amante de Bozo, o palhaço.

—Eu não sei. Eu não falo com ele desde esta manhã— Ansiei.

—Realmente? Você não ligou para verificar se ele precisava de um resgate?— Avalee me deu um pequeno empurrão. —Isso é frio, Clara Belle. Você não pode simplesmente jogar um cara para papai e o resto desses caras, especialmente um cara chamado Boone Cavanaugh.

Dou de ombros, embora provavelmente não fosse perceptível pelas mangas bufantes do meu vestido. —Ele sempre foi um cara de afundar ou nadar. Tenho certeza que ele conseguiu passar bem.

Avistamos Sterling de volta ao bar com alguns outros caras. Ele sorriu e acenou para Avalee. Ela levantou o dedo para se dar um momento.

Então ela se virou e me deu um olhar curioso. —Agora. Somos apenas você e eu. Você vai me dizer o que está

acontecendo entre vocês dois? Ou devo continuar acreditando que vocês dois se conectaram aleatoriamente e uma coisa levou à outra?— Ela cruzou os braços e me deu um olhar que sugeria que ela via através de tudo.

—Se há alguém para quem eu possa contar a história toda, seria você, mas por enquanto eu prefiro mantê-la em segredo.— Quando ela abriu a boca para protestar, eu acrescentei: —Além disso, seu noivo parece como se ele sentisse sua falta e tem aquele olhar impaciente de venha até aqui, e não quero me sentir apressada em explicar Boone e eu para você, ok?

Ela exalou e rolou os dedos pelo braço. —Eu pressionaria você mais algumas rodadas, se ainda não soubesse que, embora você possa ter recebido a boa aparência de mamãe, você com certeza recebeu mais do que seu quinhão de tolice do nosso pai.

Agora era eu abrindo minha boca para contestar.

—E antes que você passe o resto da noite tentando me convencer do contrário e exigindo que eu retire o que acabei de dizer, pense em quem mais faria exatamente a mesma coisa.— O olhar de Avalee não se moveu tão casualmente na multidão até ela viu nosso pai com um copo de bourbon em uma mão, a

outra apertando as mãos de um monte de convidados.

—Estou enfiada dentro de uma camisinha de pêssego, Avalee.— Fiz um giro não tão gracioso na embalagem de salsicha de um vestido para lembrá-la. —Chutar-me quando estou deprimida não é legal.

Uma risada explodiu dela, mas ela cobriu a boca para tentar impedir. Afastei as mãos dela e ri com ela.

—Está bem, ria disso— dei outra rodada, quase tombando —É engraçado, se é que existe algo assim.

—Sinto-me péssima por rir—, disse ela, embora continuasse rindo comigo.

—Bem, é uma coisa terrível—, provoquei antes de empurrá-la em direção a seu noivo. —Agora vá ser uma boa futura esposa do Sul e faça com que ele pegue uma bebida para você.—

Ela acenou para mim por cima do ombro antes de correr em direção a Sterling e se jogar nos braços dele antes de tê-los abertos.

Essa visita estava se tornando estranha e inesperada de

algumas maneiras maravilhosas. Primeiro, minha mãe se desculpando e agora Avalee se comportando como se fôssemos duas conspiradoras em ascensão para alcançar o domínio do mundo. Talvez minha viagem não fosse um fracasso total, afinal. Talvez houvesse algo positivo que eu pudesse tirar disso.

Com Avalee fora, estava por conta própria. Teria que passar pela mesa da recepcionista, pelos bancos de espera e atravessar o mar de pessoas sozinha. Estava acostumada a fazer isso sozinha em muitas coisas na vida, mas não quando estava vestida do jeito que estava agora.

Quero dizer, o que devo fazer primeiro? Ir até meus pais e me misturar com eles e seus amigos? Ir ao bar para tomar uma bebida forte e beber antes que alguém pudesse me notar? Dirigir-me ao buffet de frutos do mar para que eu possa ser a primeiro da fila para as garras de caranguejo que eram mais longas que meus braços? Ou marchar até Charlotte e agradecê-la por escolher, com tanto cuidado e preocupação, o vestido que eu passaria nas próximas catorze a dezoito horas da minha vida presa nele?

As pernas de caranguejo estavam chamando meu nome e,

como minha mãe estava de costas, talvez eu pudesse empilhar um prato com elas sem ter vergonha de comer menos. Estava marchando em direção à fila do bufê quando notei que um dos banheiros próximos se abriu e saiu um rosto familiar.

Boone deu alguns passos largos antes de me notar. Ele congelou no meio de arregaçar a manga e me deu uma inspeção da cabeça aos pés.

Apontei para o zíper. —Zíper preso. Clara ficou presa. Justo quando não sabia dizer se ele iria rir ou estremecer, ele levantou a palma da mão para mim em um tipo de 'fique aí' antes de desaparecer de volta ao banheiro.

Parecia que ele havia sobrevivido ao dia do golfe e do country clube com os meninos, e se ele estava aqui agora, não havia sido preso por quebrar o nariz de Ford - como quase acontecera no ensino médio - nem ele fugiu por ter assassinado Ford, como eu sabia que ele vinha fantasiando há anos. Ele estava aqui, presente e responsávelne não parecia que ele poderia ser o protagonista de James e o pêssego gigante. Bom para ele. Era uma porcaria para mim.

Eu não estava esperando mais do que alguns minutos - e

começando a ficar impaciente quando vi pessoas circulando as pernas do caranguejo como um bando de abutres - quando a porta do banheiro dos homens se abriu e saiu Boone... como eu nunca tinha visto ele antes.

—O que diabos aconteceu com você?— perguntei, balançando a cabeça para ver se minha visão clareava.

—Vamos ver... Boone levantou o pé para mostrar um par de meias cor de lavanda e hortelã que foram puxadas até os joelhos, abaixo das quais estavam amarrados um par de sapatos de golfe combinando. —Ford aconteceu comigo. Caso o tom pastel não o revele.

—Merda, Boone, eles não fizeram você usar isso o dia todo, não é?

A mandíbula de Boone ficou rígida. —Ninguém me faz fazer nada. Ninguém.— Depois de ajustar o chapéu de golfe com aparência de boina, ele beliscou a gravata-borboleta de lavanda. —Eu escolhi usar isso o dia todo para provar aos bastardos elitistas que não há nada que eles possam fazer para me fazer sentir inferior. Por mais que eles tentem.

Eu balancei minha cabeça em sua roupa, não me sentindo mais como a única vestida como se estivesse ou não ter tido a impressão de que o Halloween tinha chegado quatro meses antes. —O que são essas coisas?— Eu cutuquei o material de cor cáqui. —Pantalonas? Calças?

—Se eles têm um nome, não preciso saber. Não pretendo encher meu guarda-roupa com todas as tonalidades deles.

—Sinto muito.— Eu me senti culpada por ter deixado Boone sozinho com meu pai e o resto dos 'bastardos elitistas'. Aqui eu pensei que tinha tido um mau tempo com as garotas, e acabou que ele tinha sofrido por dezoito buracos, parecendo um metrossexual enlouquecido que colocou as mãos e a pistola de cola nele.

Ele deu um tapa no penduricalho que balançava da boina quando ela saltou em seu rosto. —Mas eu não sou o único que está aqui como o alvo de todas as piadas. — Ele empurrou as mãos na minha direção do meu vestido. —O que aconteceu com você?

Fiquei surpresa que ele tivesse que perguntar. —Charlotte aconteceu.

Os olhos de Boone cortaram a multidão de convidados, pousando em minha irmã. Os olhos dele se estreitaram. —Bem, a pequena princesa e príncipe não foram feitos um para o outro?

—Perfeitamente feitos um para o outro.

—Por que você ainda está usando se isso foi tudo ideia de Charlotte? Boone se inclinou na parede atrás dele e foi enfiar as mãos nos bolsos da frente. No entanto, ele não estava vestindo seu típico jeans desgastado e as 'calças' não tinham bolso. Ele murmurou uma maldição.

—Por duas razões.— Eu dei um puxão na barra do colete dele. —Porque eu quero provar àquela cadela elitista que não há nada que ela possa fazer para me fazer sentir inferior.

Ele levantou o queixo e me incentivou a fazer uma pausa antes de dar a ele meu segundo motivo, que foi mais como o meu primeiro.

Eu dei um suspiro e levantei meu braço o mais alto possível antes de baixar meu olhar para o zíper. —Avalee e eu arrebentamos o zíper quando estávamos tentando tirá-lo de mim, e a loja de noivas não tinha costureira na equipe hoje, por que

diabos eles teriam em um sábado? mas amanhã haverá uma disponível para consertar o zíper e me libertar dessa coisa.

Ele levantou uma sobrancelha, medindo para ver se eu tinha terminado. —Você não precisa do zíper para sair da coisa.

Eu empurrei seu braço quando ele usou minha designação para o vestido, fazendo parecer o inimigo em algum filme de ficção científica. Certamente era meu inimigo.

—Na verdade, sim, porque no caso de você não ter percebido, essa coisa é mais apertada ao meu corpo do que a pele ao redor de uma salsicha.— Dou um beliscão no tecido e puxo para mostrar a ele o quão impossível era libertá-lo de minha pele. Eu senti como se alguém tivesse colado isso em mim, embora a grande quantidade de suor que eu tinha suado possam ter algo a ver com isso. —Nenhuma quantidade de puxão, sacudida, sucção ou deslizamento fará com que A Coisa desapareça sem esse zíper funcionando. Nem que eu ensaboasse meu corpo com manteiga.

Ele sorriu quando eu copiei seu tom ameaçador ao me referir ao vestido de dama de honra do inferno. —Então por que você não cortou ou rasgou? Isso deve mostrar a ela o que você

acha do vestido que ela escolheu para as damas de honra.

—Dama de honra—, eu corrigi, apontando para mim mesma. —Apenas sorte minha.

—Você é quem ela esperava usar A Coisa? A única?— O músculo que corria pela mandíbula de Boone apareceu em sua pele.

—Eu disse que tive sorte.

Ele murmurou outra maldição antes de pegar minha mão e me puxar em direção ao banheiro. —Venha comigo. Eu tenho um canivete no meu jeans. Vou tirar você dessa coisa e, quando terminarmos de cortar em pedaços, vamos espalhar as peças no colo dela.

—Espere aí, Ansioso Cortador de canivete.— Puxei contra ele no momento em que estávamos atravessando a porta do banheiro. —Vamos pensar sobre isso. Primeiro, o que vou vestir quando você me libertar dos limites da Coisa?

O rosto de Boone se achatou com a percepção logo antes de sua boca aparecer em um sorriso torto.

—E você pode simplesmente apagar essa imagem da sua mente depravada agora.— Eu agitei sua têmpora, sem saber por que saber que ele estava pensando em mim de calcinha me fez sentir aquele estranho fenômeno no estômago. Aquele em que parecia que havia sido invadida por um ninho de beija-flores, muito rico em néctar. Eu não sentia esse sentimento há muito tempo. Por tanto tempo eu tinha esquecido o que parecia. —Sem mencionar que minha irmã perderá a cabeça se jogarmos confetes de seda pêssego no colo, afinal, é sua semana especial.

Boone revirou os olhos, mas ficou quieto.

—E eu não estou apenas vestindo isso porque não consegui tirá-lo pelos meios convencionais, que não são necessários em canivetes. Estou usando porque, como você, estou cansada deles me fazendo sentir como uma marionete com a qual eles podem brincar quando e como quiserem.— Eu pude apenas dar de ombros. —Estou cansada deles grudarem em mim, em nós, porque eles podem e eu deixo. Esta é a minha maneira estranha de revidar.

Ele ficou em silêncio por um momento, me observando como se estivesse lendo algum tipo de manual. Ele não parou de

encarar até o riso estridente de Charlotte irromper pela sala. Ele se encolheu. —Então, vamos nos juntar a eles hoje à noite? Eu entendi?

—Você entendeu.— Puxei a gola do vestido para deixar entrar um pouco de ar. O restaurante era agradável e fresco, mas não parecia importar. O material não parecia respirar, e fui envolvida nele do pescoço ao tornozelo. —Mas pergunta rápida primeiro, antes de irmos fazer espetáculos de nós mesmos diante dos melhores de Charleston...

Boone puxou a gola e a gravata borboleta e esfregou a pele atrás dela. Mesmo para bailes formais, ele não usava gravata nem abotoava o colarinho. Naquela época, ele alegou que não gostava de nada no pescoço e que as coleiras eram para cães, então, para ele estar sofrendo com isso, ele deve estar realmente tentando fazer questão.

—Você saiu do banheiro com nossas roupas normais. Você mudou para o jantar. Por que você voltou a isso quando já passou o dia inteiro, grudado a eles, e tem a sorte de não ficar preso nele como eu estou no meu?— Tentei não sorrir quando notei o xadrez das meias, mas era impossível. Eu duvidava que Boone

tivesse deixado qualquer coisa xadrez chegar a um raio de três metros dele até hoje. —Você teve uma escolha hoje à noite. Por que escolher isso?

Ele parou por um momento, soltando a porta e deixando-a fechar atrás de nós. Ele olhou para a parte principal do restaurante, parecendo que preferia estar lá do que ficar na minha frente com essa pergunta entre nós.

—Você não teve escolha—, ele disse finalmente, um dos ombros levantando. —Foi por isso que fiz minha escolha.

Eu senti minhas sobrancelhas se juntarem. —Então, porque eu não tive escolha quando se tratou da Coisa, isso fez você escolher voltar a mudar para Sua Coisa?— Elas se uniram mais. —Isso não faz sentido.

Os olhos de Boone ficaram focados no meu ombro. —Somos uma equipe nisso, Clara. Como te disse ontem à noite, quando se trata de você e sua família, estou sempre do seu lado. Eu sempre terei suas costas, não importa o que aconteça entre nós.

Já percebi. De repente, fez sentido, mas este não era o

Boone do tempo presente que eu tinha conhecido. Este era o Boone do passado que eu lembrava. Aquele que parecia egoísta para o resto do mundo, mas eu sabia que era o menos egoísta por aí. Aquele que daria qualquer coisa e faria qualquer coisa pelas poucas pessoas que amava.

Essa percepção me assustou mais do que os limites do vestido queriam permitir.

—Você está fazendo isso, então eu não seria a única para-raios para apontar e rir, não é?—, perguntei, minha voz ficando suave.

—Eu só não queria que você fosse o único espetáculo e se divertisse hoje à noite.— Ele começou a sorrir. —Isso é tudo.

Pela primeira vez desde que entrei no município, senti-me tão perto de expirar que senti meus pulmões começando a se contrair. No entanto, isso era algo que o vestido não permitiria. Não sem rasgar as costuras, pelo menos.

—Bem? Devemos acabar com isso?— Virei-me para a sala de jantar principal.

—Não.— Ele balançou a cabeça quando ele veio ao meu

lado. —Deveríamos começar essa festa.— Estendendo o cotovelo, ele esperou que eu passasse meu braço em volta dele antes de nos levar ao restaurante.

—Caso você esteja se perguntando, a lavanda é uma boa cor para você.— Eu o cutuquei enquanto caminhávamos. —Realmente destaca o feminino em seu personagem.

Ele ajeitou a gravata borboleta para ficar mais torta do que uma linha reta. —Assista lá, massa de creme de pêssego, antes que eu decida ligar para a sociedade debutante e diga que você roubou um de seus vestidos. Desde 1982.

—Você nem estava vivo nos anos oitenta.

—Eu vi vídeos da Madonna. Perto o suficiente— ele disse enquanto subia algumas escadas antes de pisar na cova dos leões. Também chamada de sala de jantar.

Eu estava certa em minha estimativa de quase cem convidados. Alguns deles andavam pela sala com seus coquetéis na mão, outros cambaleavam em torno de mesas e comiam o bufê de frutos do mar, e alguns estavam caminhando para a pista de dança onde uma banda de jazz tocava uma música de

Sinatra. Todos estavam vestidos com vários graus de semi formal, adequados ao evento.

Boone e eu éramos os únicos que não estavam em uma versão de terno e gravata ou vestido de cocktail.

Essa pode ter sido a razão pela qual todo mundo estava olhando para nós como se tivéssemos recebido o endereço errado. Quando continuamos a atravessar a sala, ignorando os pontos e olhares flagrantes, os olhares dos convidados mudaram na direção do meu pai, esperando para ver o que Quincy Abbott faria sobre os transgressores da festa.

Meu pai ficou lá, continuando a conversa com o cara que era prefeito quando eu estava no ensino médio e fingindo que era como Boone e sua filha andavam de braços dados por uma sala cheia de seus estimados convidados não estava prestes a mandá-lo através do telhado. Eu sabia melhor. Eu poderia dizer pela maneira como ele estava segurando seu copo de bourbon com tanta força que parecia que estava prestes a quebrar.

—Parece que você e meu pai fizeram algum progresso no departamento de crescer para gostarem um do outro.

—Oh, toneladas.— Boone torceu o indicador e o dedo médio juntos. —Nós somos assim agora.

—Você e Ford, aparentemente.— Eu balancei a cabeça para a mesa onde Ford estava sentado com uma multidão de amigos. A maioria deles estava boquiaberta para nós, voltando às bebidas e besteiras, mas Ford ainda estava olhando para nós, com a boca parecendo ter acabado de morder uma fatia de limão.

—Foi ele quem me informou sobre a política do clube em relação ao traje do jogo, um fato que ele só mencionou quando estávamos lá, e ele é o mesmo que teve algum idiota na loja de artigos esportivos e colocou esse traje para mim no vestiário.

Voltei o olhar de Ford por um segundo antes de voltar a ignorá-lo. —Vocês sempre foram melhores amigos.

Boone bufou, tecendo-nos através de grupos de convidados em direção à pista de dança. —Sempre. Mas pelo menos ele pagou a conta por essas coisas. Alguém teria que me pagar para tirar essas coisas de suas mãos, mas eu não deixaria que eles se livrassem de mim tão facilmente. Eu não acho que eles pensaram que eu blefaria hoje. Você deveria ter visto o rosto deles quando eu pisei no gramado nisto.— Ele riu. —Impagável.

—E você jogou todos os dezoito buracos também?— As poucas pessoas que estavam na pista de dança prontamente a deixaram quando notaram Boone e eu indo para lá.

—Até último.

—Como foi?

Ele bufou. —Como homens crescidos podem justificar desperdiçar cinco horas batendo em uma minúscula bola manchada com um pedaço de metal muito caro, enquanto tentam colocá-la em um pequeno buraco apertado, é uma dica de que eles não estão transando o suficiente. Ou bem o suficiente quando o fazem.

Uma explosão de risadas disparou da minha boca. As cabeças que estavam começando a se afastar voaram de volta.

—Tudo está fazendo muito mais sentido agora. Eu nunca entendi o apelo com o golfe, mas entendo agora. É um bando de homens sexualmente frustrados batendo sua agressão em uma bola inocente antes de tentar colocá-la no buraco. O universo faz sentido novamente.— Comecei a rir e Boone se juntou a mim. —Então, e você como você se saiu?

—Terrível.

—Sinto muito por sua péssima apresentação—, eu disse quando paramos na frente da banda.

—Por quê? Não preciso do golfe como substituto de outros impulsos, porque, diferentemente dos caras que poderiam ter conseguido uma pontuação abaixo do normal hoje em dia— A cabeça de Boone inclinou-se na direção de Ford —Estou recebendo meus impulsos de forma adequada e suficiente.

—E obrigado por esse memorando, mas o tempo de compartilhar acabou, Sr. Cavanaugh.

Eu sorri e tentei não entender o que ele quis dizer com isso. Ele estava transando com metade da população feminina solteira? Talvez um punhado de não tão solteiras também? Ou era outra pessoa, alguém sério, ele estava recebendo todos esses 'impulsos' tão bem atendidos? Eu deveria ter deixado ele descansar, ou esperado por um tempo melhor, mas aparentemente pensei que pairar na pista de dança do The Half Shell, enquanto Louis Armstrong soava a alguns metros de distância, era o melhor momento.

—Então você realmente não está vendo ninguém? Nem casualmente?— perguntei, gritando acima da música. Quando ele me deu um olhar estranho, acrescentei: —Só assim eu sei se deveria manter os olhos abertos por alguma meio-namorada puxando meu cabelo em tufos se ela nos ver juntos.

—Isso implica que eu ainda não teria contado a essa amiga sobre o nosso arranjo.

A mão de Boone foi para o meu pulso, e ele nos moveu apenas o suficiente para o lado da banda, para que eu não sentisse que meus tímpanos estavam vibrando. Também tornou mais fácil conversar um com o outro em vez de gritar um com o outro.

—Eu não faria isso com alguém com quem me importasse—, continuou ele. —Eu não iria atrás das costas deles com outra pessoa, fosse um relacionamento real ou fingido. Eu sei como é estar do lado ruim de algo assim, e nunca faria isso com alguém que me importasse.

Afastei-me dele, me sentindo muito perto, dada a acusação em sua voz. —Eu nunca disse que você faria.

—Não, você acabou de sugerir.

Fechei os olhos. —Boone

—Clara, não há ninguém. Então você pode parar com o interrogatório. Já tive o suficiente para durar algumas vidas.

—Mas você acabou de dizer...

—Eu sei o que acabei de dizer—, ele retrucou.

Quando notei um grupo de velhos amigos de Charlotte do ensino médio apontando para mim e rindo, dei uma pequena volta, seguida por uma reverência dura. Depois disso, voltaram às bebidas frutíferas.

—Então, se você não está recebendo esses impulsos de alguém, isso significa que eles estão a ser recebidos por alguém.— Fiz uma pausa longa o suficiente para deixá-lo corroborar ou argumentar a minha conclusão. Ele ficou quieto. —Estou certa?

Ele cruzou os braços e desviou o olhar. Ele poderia tentar tudo o que quisesse, mas parecer duro nessa roupa era uma busca inútil. —Talvez. Talvez não. Mas definitivamente não é da sua conta.

—Você é meu acompanhante no casamento da minha irmã. Eu diria que é da minha conta saber exatamente qual garçonete ou cabelereira vai olhar atravessado para mim, porque eu estou 'com' o seu apelo inicial.

—Garçonetes e cabeleireiras?— Ele exalou pelo nariz. —É esse o meu alcance? Elas são os únicos tipos de mulheres que se abaixam o suficiente para namorar o membro inferior Boone Cavanaugh?— Ele balançou a cabeça e se afastou de mim também. —Você pode fingir que não é um deles, Clara, mas é o mais Abbott possível.— Ele continuou se afastando, esfregando as mãos em uma espécie de movimento de lavagem. —Você pode dançar sozinha, realmente não estou mais com vontade.— Então ele virou as costas e se afastou, as dobras de sua calça tocando os convidados enquanto passava por eles.

Meus ombros caíram quando suspirei. Eu não poderia dizer ou fazer muito melhor quando se tratava de Boone. Não que ele pudesse dizer ou fazer muito bem quando se tratava de mim também. Depois de um dia inteiro de intervalo, não conseguimos passar dez minutos sem nos irritarmos. O que estávamos pensando quando éramos jovens fingindo que podíamos ficar juntos para sempre?

Que idiotas. Isso é o que havíamos sido.

Saí da pista de dança e fui para onde queria ir; a mesa com as pernas de caranguejo. Antes que eles acabassem. Tecer através da multidão desta vez foi muito mais intimidador. Em vez de partilhar os olhares com Boone, eu aborreci a todos. Em vez de sentir minha cabeça erguida, senti vontade de abaixar.

Quando ouvi Ford chamando meu nome, fingi que não podia ouvi-lo. Eu não estava com disposição para ele ou minha irmã ou alguém. Eu queria ficar sozinha por dois minutos para esquecer tudo relacionado a Charleston. Queria remover cirurgicamente essa parte da minha vida, embora temporariamente.

—Clara Belle, espere aí.— Ford tinha corrido ao meu lado quando fiz meu caminho para a mesa de comida.

Quase todo mundo que planejava comer já havia terminado o buffet - também conhecido como as pessoas que não eram minha irmã, mãe e amigas de uma política de pensamento semelhante quando se tratava de comer ou evitá-lo e felizmente ainda havia muitas pernas de caranguejo.

—O que foi, Ford?— Eu disse impaciente, pegando um prato

de uma torre deles. Peguei outro porque por que diabos não? Eu estava tendo uma semana difícil, um dia do inferno, e não havia nada como afogar minhas mágoas em carne de caranguejo pingando manteiga de alho. Quem disse que comer emocionalmente não era um método aceitável de lidar, poderia apenas beijar minha bunda.

—Uau, relaxe. Eu não sou seu inimigo. Ele estendeu os braços, segurando o que parecia um mojito.

—Não? Você está apenas se casando com a mulher que é, certo?

—Charlotte não é sua inimiga, Clara Belle.

—Aqueles que passaram a noite olhando boquiabertos para o vestido em que estou atualmente presa podem ter uma opinião diferente sobre o assunto.— Liguei-me aos banhos de gelo das pernas de caranguejo e as empurrei no meu primeiro prato. Quando estava cheio, empurrei-o na mão vazia de Ford antes de encher meu segundo prato.

—O vestido é bonito.— A voz de Ford era uma tecla muito alta. —Qual é o problema?

—Não, este vestido é Hitler reencarnado. Deve ser destruído. E o problema, Ford, é que não gosto desta cidade e não gosto dessas pessoas.— Acenei as pinças ao redor da sala enquanto procurava na mesa por manteiga de alho. —E não gosto do clima. E não gosto de voltar e sentir que fui transportada de volta no tempo duzentos anos. E não gosto disso.— O que claramente deixara de fornecer manteiga com as pernas de caranguejo, provavelmente a pedido de minha mãe, pois ela sabia do meu caso de amor com carne e manteiga de caranguejo. —E não gosto quando não consigo encontrar a manteiga derretida quando tenho dois pratos de garras de caranguejo prontas para serem comidas.

O rosto de Ford estava em branco. Pelo que parecia, havia sido assim por um tempo. Provavelmente desde o início do meu discurso. Legal, Clara. Bela maneira de fazer a parte da pessoa maluca usando o vestido maluco. Boa maneira de realmente entrar no papel.

Enquanto trabalhei para acalmar meus batimentos cardíacos, Ford apontou com o mojito para a mesa. —A manteiga está aí, Clara Belle. Crise evitada. O mundo não vai acabar.— Recuando com minhas pernas de caranguejo ainda na mão, ele

assentiu quando eu peguei o prato. —Você precisa de uma bebida. Volto já.

—Eu não preciso de uma bebida, preciso das minhas pernas de caranguejo. É isso aí.

Ford continuou em direção ao bar, me ignorando. — Volto logo.

Mantendo uma embreagem apertada no meu prato de caranguejo e tigela de manteiga, fui para a área de jantar externa, que dava para a água. Eu mal tinha empurrado a porta e senti o ar fresco passar pelo meu rosto, e já estava me sentindo melhor.

Sentei-me na primeira cadeira na primeira mesa por onde passei e estava entrando na minha primeira perna de caranguejo quando a porta abriu e alguém saiu.

—Uma pessoa geralmente se isola assim porque quer ficar sozinha —, eu disse, circulando meu dedo pela área vazia ao ar livre.

Ford deixou a porta se fechar atrás dele e se aproximou de mim, claramente não entendendo todo o conceito de solitário.

—Aqui, pegue isso e me diga se você está se sentindo menos solitária depois.— Ford deslizou um mojito fresco na minha frente antes de colocar meu segundo prato de pernas de caranguejo ao lado do meu primeiro. —Não se isole.— Ford piscou para mim antes de puxar a cadeira ao meu lado e se sentar.

—Isso soa como uma política que grita por ajuda em doze etapas.— Levantei minha cadeira, sem ter certeza de que queria estar tão perto dele sem mais ninguém por perto. Eu nem tinha certeza de que queria falar com ele depois do que havia dito e feito nas últimas vinte e quatro horas.

—O que está havendo com você, Clara Belle? Agora que somos apenas você e eu, pode me dizer diretamente.— Ford acenou com os dedos entre nós como se estivéssemos apertados com uma letra maiúscula. —Qual é o problema de Cavanaugh voltar à sua vida? Qual é o problema da sua empresa tornar-se nacional? Qual é o problema com você sentada aqui quando a festa está lá dentro?— Ford deslizou um frasco da parte de dentro do paletó. —Qual é o problema com Cavanaugh?

—Você já disse isso—, disse antes de puxar um pedaço de carne de caranguejo e mergulhá-lo na manteiga.

—E repeti isso porque você não respondeu.— Ele desapertou a tampa e levou o frasco aos lábios, erguendo uma sobrancelha para mim antes de tomar uma bebida.

—Por que todo mundo fica me perguntando as mesmas perguntas? Por que todo mundo está tão preocupado com a minha vida hoje em dia?— Joguei o caranguejo na boca, fechei os olhos e mastiguei. A noite estava instantaneamente melhorando. Olhei para cima.

—Sempre nos preocupamos com sua vida. Todos que realmente se importam com você.

Eu estava puxando outro pedaço de carne antes de terminar de mastigar pela primeira vez. —Não, todos vocês sempre se preocuparam com certas partes da minha vida. Não como um todo. Boa tentativa.

Ford esfregou a ponta do nariz e exalou. —Por que você torna as coisas tão difíceis? Por que você age como se me desprezasse?

—Não é um ato.— Agitei a carne na manteiga, levantando uma sobrancelha para ele, depois joguei o caranguejo na minha

boca.

Ford se inclinou para frente, seus olhos se transformando em um par de brasas ardentes. —O que eu já fiz com você, Clara Belle, além de cuidar de você?

Parei de mastigar e tive que resistir ao desejo de pegar a maior perna de caranguejo que pude e bater nele com a cabeça. Em vez disso, peguei a perna de caranguejo em questão e a quebrei ao meio. —Puxa, não sei, Ford. O que você poderia ter feito comigo?— Eu bati meu queixo antes de quebrar outra parte da perna ao meio. —Oh, está certo. Você estava transando com minha irmã pelas minhas costas.

Ele jogou a cabeça para trás e gemeu. —Pela milésima vez, estávamos dando um tempo. Quantas vezes você vai me pregar em uma cruz por isso? Estou casando com ela, não estou? Charlotte e eu fazemos muito mais sentido do que você e eu. Pelo menos, ela aprecia o que ela tem em vez de ficar com saudade do que ela já teve.

Senti como se a temperatura do meu corpo tivesse subido dez graus. Eu quase podia sentir minha cabeça sufocando. —Eu acho que você e minha definição de fazer uma pausa são

diferentes porque, veja, minha definição inclui não subir na cama de seu irmãozinho menos de setenta e duas horas após o intervalo ter entrado em vigor.— Pulei da minha cadeira e acenei o que foi deixado na perna de caranguejo massacrado nele. — E você está certo, você e Charlotte fazem sentido. Tanto sentido que é impressionante. Vocês realmente são feitos um para o outro.

O rosto de Ford ficou em branco antes de se transformar em algo que parecia ferido. Eu não sabia por que estava sendo tão má esta noite. Eu era uma pessoa melhor do que fazer comentários desagradáveis após comentários desagradáveis. Por que eu estava fazendo agora?

Enquanto eu olhava para o meu prato de pernas de caranguejo procurando uma resposta, Ford afrouxou a gravata e suspirou. —Escute, me desculpe pela maneira como as coisas aconteceram. Se pudesse, voltaria e mudaria como aconteceu porque você está certa, não merecia isso e era uma coisa de merda para eu fazer. Os olhos dele se estreitaram em algum lugar distante na água. Acho que me cansei de ser o reserva.

Eu queria negar o que ele tinha acabado de dizer, mas não

podia. Teria sido uma mentira tão real como sempre foi.

—Ele deixou você quando você mais precisava dele, e passei dois anos com uma mulher que ainda estava pendurada no cara que a deixou. Passei dois anos tentando convencê-la de que estava com ela e não me curvaria quando as coisas piorassem. Passei dois anos voando pelo país tentando provar isso a ela. Acho que eu era jovem e estúpido e acreditava que, com tempo suficiente, você perceberia.— Ford puxou a gravata novamente, abrindo também o botão da gola. —Eu cansei de fingir que não estava andando na sombra de Boone Cavanaugh. Eu cansei de esperar para ver se você poderia me amar do jeito que você o amava. Eu sei que fiz tudo de errado com sua irmã, quando tínhamos acabado de fazer uma pausa, mas eu te amo, Clara Belle. Alguma parte de mim sempre o fará.

Meus olhos levantaram do caranguejo para Ford. Ele ainda estava focado naquele ponto distante da noite, tomando outro gole de seu frasco, mas tive um vislumbre do Ford que me apoiei quando Boone saiu. O Ford sólido e inabalável que estaria ao meu lado em um momento e estaria de plantão 24 horas por dia, se eu precisasse dele. Ele fez sua parte de foder, mas eu também. Talvez fosse hora de deixar de lado o rancor e seguir em frente. Talvez

estivesse na hora de aceitar que nem todos no mundo estavam querendo me machucar, e que às vezes o tempo e as más decisões eram mais culpados do que uma pessoa que intencionalmente tentava me machucar.

—Eu sinto muito.— Afastei o prato de caranguejo e recostei-me na cadeira. —Pareço uma mulher amarga e desprezada, mas não é assim que me sinto, e quero que você e Charlotte vivam felizes para sempre. É que esse maldito lugar e essas pessoas malditas trazem o pior de mim. Estou feliz por vocês dois, e desejo a ambos o melhor. Verdadeiramente.— Afastei minha cadeira da mesa e me levantei. Ar fresco suficiente para uma noite. O tipo abafado e com ar-condicionado dentro do restaurante parecia uma opção melhor do que manter essa conversa estranha com Ford. —Apenas ignore a garota amarga no vestido de pêssego gigante.

Afastei-me da mesa na direção da porta. Logo depois de pedir desculpas, algo começou a clarear dentro de mim. Quase como se eu estivesse sendo bombeada com oxigênio e prestes a flutuar. Sinto muito... duas palavras que eram mais terapêuticas do que eu poderia imaginar. Talvez eu devesse dar outra chance com a outra pessoa que eu ofendi hoje à noite, apenas para ver o

que acontece.

—Você esqueceu as pernas de caranguejo.— Ford sorriu enquanto passava o braço sobre a mesa. —E a sua bebida.

—Todo seu—, eu respondi quando abri a porta. —Mais uma vez obrigado pela conversa, Ford. Isso foi... legal.

Seu sorriso ficou no lugar. —Foi... legal. Vamos fazê-lo novamente em breve, ok?

Quando ele ergueu as sobrancelhas, seu sorriso mudando para que não fosse tão reto, eu acenei para ele e desapareci por dentro. Havia muita coisa acontecendo esta noite para dedicar algum tempo a decifrar a aparência de Ford e os significados por trás dessa aparência.

Eu mal tinha dado alguns passos para dentro antes de Charlotte disparar em minha direção do nada, parecendo tão perturbada quanto ela jamais ficou. —Você viu Ford? Não consigo encontrá-lo em lugar algum.— Até a voz dela revelou que estava estressada. A cada segundo, sua cabeça se virava de um lado para o outro, procurando no restaurante por ele.

—Sim, ele está do lado de fora.— Joguei meu polegar por

cima do ombro.

Os olhos dela foram para a porta. —De onde você veio?

Joguei meu polegar por cima do ombro novamente. —Lá fora—, eu disse devagar, porque ela parecia estar tendo tempo para processar as coisas. —É por isso que eu sei onde ele está.

Os olhos de Charlotte dispararam para os meus. —Vocês dois estavam lá fora juntos? — Ela meio que gritou. — Sozinhos? Por quanto tempo? Por quê? O que você estava fazendo?

No começo, não entendi por que ela parecia tão frenética que sua cabeça estava prestes a girar, mas não demorou muito tempo para entender por que ela estava olhando entre Ford e eu como se tivéssemos acabado de fazer mal às suas costas...

Charlotte poderia ter sido a pessoa que o enganou, mas agora ela estava comprometendo sua vida com um homem que era um trapaceiro conhecido. Ela provavelmente passaria o casamento inteiro se perguntando se aquele brilho nos olhos dele foi despertado por outra mulher. Ela passaria o resto do relacionamento se perguntando se ele faria o mesmo com ela,

como fez comigo.

Pela primeira vez em muito tempo, tive pena da minha irmã. Ela poderia ter sido superficial e desdenhosa e ter apenas um ou dois ossos gentis em seu corpo, mas não merecia viver com esse tipo de dúvida. Eu não conseguia imaginar como seria isso.

—Charlotte, está tudo bem.— Eu dei um tapinha em seu braço algumas vezes e inclinei minha cabeça para Ford. —Ele é todo seu. Eu prometo.

Ela me observou por um minuto, olhando nos meus olhos como se estivesse procurando o menor fragmento de mentira. Quando ela parecia apaziguada, ela soltou um suspiro e se moveu em volta de mim. —Obrigado por me informar, Clara Belle.— Sua voz era dura, e sabia pela incapacidade de me olhar que suas palavras tinham mais de um significado. —E sinto muito pelo vestido. Você sabe... pelo zíper e tudo mais.

Ela ainda não conseguia olhar para mim e, quando mordeu o lábio, sabia que havia mais desculpas pelo vestido do que apenas pelo rompimento do zíper.

Charlotte e eu estávamos dando a entender que estávamos

enterrando a machadinha de guerra? Isso era possível?

Antes que eu pudesse esclarecer ou considerar mais, ela correu pela porta em direção a seu noivo, que parecia que havia assumido a responsabilidade de não deixar a bebida que ele me trouxe ser desperdiçada.

Enquanto me movia pelo restaurante, não recebi tantos olhares e pontos como antes. As pessoas se acostumaram com o A Coisa ou estavam muito embriagadas para perceber ou se importar. Pela maneira como os casais balançavam e gritavam na pista de dança, imaginei que a indiferença deles tivesse mais a ver com o último.

Não precisei procurar muito tempo na sala por Boone. Ele foi fácil de encontrar. Fácil, porque ele era a única pessoa em todo o lugar que estava sentado sozinho. Até as poucas mesas à sua volta estavam desocupadas, como se ele estivesse carregando a peste bubônica ou algo assim. Vê-lo evitado novamente pelas mesmas pessoas que fizeram isso com ele anos atrás fez algo no meu peito apertar. Eu sabia de fato, vários casos à parte, que ele era a melhor pessoa do lugar.

Do outro lado da sala, notei que minha mãe e meu pai

acenavam para mim, apontando para mim. Eu não tinha certeza se eles queriam me apresentar a alguns conhecidos novos ou antigos, ou apenas me manter longe de Boone, como eles tentaram fazer há anos, mas continuei em direção a Boone. Nada parecia mais importante naquele momento do que pedir desculpas a ele.

Ele estava de costas para mim, e parecia totalmente preocupado em comer o jantar, mas quando cheguei a alguns metros dele, suas costas ficaram rígidas. Ele tinha o mesmo sexto sentido comigo que eu tinha com ele. Girando em seu assento lentamente quando eu terminei de me aproximar. Ele parecia cansado novamente, exausto como quando o vi pela primeira vez na noite passada no bar.

No momento em que seus olhos encontraram os meus, vomitei: —Sinto muito.

No mesmo instante, ele abriu a boca e disse: —Sinto muito.

Um momento de surpresa passou entre nós antes de nós dois sorrirmos.

—Acho que falei o meu como um décimo de segundo mais

rápido—, eu disse.

—Sim, mas acho que atingi o equilíbrio certo de encontros sinceros de desculpas, então ficamos quites.— Ele levantou a cadeira ao lado dele e apontou para ela. —Se você não está com medo de se sentar com o leproso na sala, por favor.

—Desde quando eu tenho medo de sentar ao seu lado?— Eu escovei seu ombro com a mão no meu caminho para a cadeira. Ele ainda estava tenso.

—Desde nunca—, disse, apoiando o garfo e a faca no prato. —E é isso que eu sempre amei sobre você, Clara, ou o que a tornou tão especial para mim. Você não se importava com o que alguém pensava, porque queria se sentar ao meu lado, ou queria ser minha amiga, ou queria ser minha namorada. Você estava nas minhas costas quando todo mundo estava dando uma facada nela, e me desculpe, esqueci quando fui atacar você esta noite. Sei que você não está preocupada com coisas como manter a própria espécie ou não ver alguém que está supostamente abaixo ou acima de você, então, desculpe-me por acusá-la disso antes. Como eu disse hoje de manhã— ele enfiou o polegar no peito, —Sou um idiota.

Tomei um gole do copo de água na minha frente, que permaneceu intocado esta noite. Junto com os outros nove copos circulando a mesa. —Não, você não é um idiota. Pelo menos não todo o tempo. Apenas um pouco.

Ele me lançou um sorriso depreciativo antes de empurrar um prato em minha direção. —Eu tenho algumas pernas de caranguejo para você. Você sabe, como uma espécie de oferta de paz, se você seguir em frente.— Então ele pegou uma tigela não tão pequena ao lado do prato. —E eu não esqueci a manteiga, porque ainda me lembro do jeito que sua boca caiu quando a esqueci pela primeira vez.

Estudei o prato de caranguejo e a tigela de manteiga na minha frente. Algo tão simples, mas significava muito mais dado o contexto. Boone tinha estado a pensar em mim, lembrando do que eu gostava e como eu gostava. Fresco na nossa discussão, ele ainda tinha pensado em me salvar um pouco de comida no caso de eu perder.

Eu senti algo apertar minha garganta. Algo que não era o temido colar da Coisa. Algo que parecia muito com uma emoção que eu não sentia há anos e que eu não estava ansiosa para sentir

novamente pelo homem que me deixou sem uma explicação.

—O que você está fazendo aqui sozinho? É por escolha ou por circunstância?— Eu perguntei enquanto ele também bebia uma bebida na minha frente.

Este não era um mojito como o que Ford me trouxe. Eu odiava mojitos. Se Ford tivesse pensado nisso ou me perguntado, ele poderia ter se lembrado, mas Boone se lembrou de uma das minhas bebidas favoritas de quando eu era criança. Era a minha favorita mesmo quando adulta - Sprite com um toque de licor de romã e duas cerejas.

—Ambos—, ele respondeu, acenando para o meu pai, que estava tentando muito ignorar nós dois sentados juntos. —Você sabe, há toda aquela questão de sua família me odiando e eu não me sentindo tão querido por eles. Depois, há tudo sobre eles guardando rancor melhor do que no passado, e vamos encarar, quando se trata de você e de mim, não há escassez de tópicos para guardar rancor, principalmente da perspectiva de um pai.

Eu estava tomando um gole da minha bebida quando balancei a cabeça. —Por favor, Boone. Não posso voltar lá. Eu não posso continuar chutando.— Eu abaixei a bebida, meus olhos se

fechando enquanto eu lutava para manter as memórias onde elas pertenciam - trancadas. —Sei que está pedindo muito e, dado o que aconteceu entre nós, sei que não tenho o direito de perguntar, mas como você se sentiria em esquecer o passado quando se trata de você e de mim?— Eu me forcei a abrir os olhos e seguir em frente com o presente, em vez de descobrir o passado. Quando o fiz, achei o rosto de Boone parecido com o que eu imaginei que o meu - torturado. —Não tenho certeza de que posso passar os próximos cinco dias com minha família se apegando a ela em todas as conversas como sabemos que o farão. Se pudéssemos verificar nossa bagagem na porta e fingir que acabamos de nos conhecer, e a partir de agora é a única história que temos, isso facilitaria muito as coisas.

Boone procurou no meu rosto por um momento, depois procurou na sala. O que quer que estivesse procurando nesses lugares, ele parecia não encontrar nenhum. —Você está perguntando ou dizendo?

—Perguntando.

Ele balançou a cabeça para si mesmo, e quando seus olhos voltaram para mim, havia algo novo neles. Algo que eu não

reconheci. Desta vez, quando ele procurou meu rosto, ele parecia encontrar as respostas que estava procurando.

—Então sim—, disse ele com outro aceno firme. —Considere o passado apagado, a história limpa. Não há nada entre nós, exceto neste momento, Clara. Como isso soa?

De repente, me vi querendo voltar atrás. Eu me perguntei se eu tinha cometido um erro. A maior parte do meu passado e do Boone foi pavimentada com os tipos de lembranças que a maioria das pessoas sonhava que existiam, mas também havia muitos outros tipos. Eu realmente queria deixar de lado o bem para aliviar um pouco, ou mesmo muito, da dor? Os maus, em vez dos bons, devem ditar o passado? Não deveria ser o contrário?

De repente, eu não tinha tanta certeza do que estava dizendo. Ou sugerindo.

—Eu não quero que você pense que é porque me arrependo do passado ou me arrependo de você ou de nós ou algo assim...— Eu torci no meu assento para encará-lo. As costuras do vestido se esticaram do movimento. Muitas pernas de caranguejo.

Ele me deu um sorriso triste. —Eu sei. É muito doloroso. Às

vezes você tem que saber quando soltar.— Sua mão ergueu a minha bochecha e formou-a com cuidado, como se ele não tivesse mais certeza de como me tocar, ou se deveria. Quando seus olhos se fixaram nos meus, eles espelharam seu sorriso, então sua mão caiu do meu rosto. —Considere este nosso momento unificado de desapego.

Por um breve momento, senti-me mais leve, como se um fardo tivesse sido tirado de minhas costas. Um momento depois, senti algo mais pesado pressionando sobre mim. Algo que parecia mais incapacitante do que o peso do passado. Algo que parecia muito com arrependimento.

Ele puxou a gravata borboleta quem sabe quantas vezes naquele dia e fingiu voltar para a refeição. Tudo o que ele fez foi embaralhar pilhas de frutos do mar de um lugar para outro; nem uma única mordida chegou à boca dele. —Então esse negócio seu... há um burburinho no círculo superior do escalão de Charleston. Boone acenou com o garfo para meu pai e seus colegas de cabelos grisalhos e portadores de charutos. —Qual é o problema, Clara? Pensei que você fosse contra todo esse estilo capitalista, lucrativo, de abertura de capital e de alto lucro, sem ética, de ganhar dinheiro. Esses rumores de expansão são

verdade? A dominação mundial está no plano de cinco anos para o seu negócio e, a propósito, qual é exatamente o seu negócio?

Belisquei a cintura da Coisa na esperança de que soltasse um pouco. Meu estômago parecia ter sido enrolado a vapor e embalado a vácuo dentro de uma folha de borracha.

—Sinto muito, Boone, mas também não posso falar do futuro esta noite. Amanhã sim, mas hoje à noite...—

Eu examinei a sala. Todos estavam se esforçando, ou não tanto, para não deixar óbvio que estavam conversando sobre Boone e eu, esclarecendo aqueles que não sabiam o que havia acontecido entre nós ou especulando sobre o que aconteceria entre nós agora. Senti cem olhos em mim, e nenhum deles era particularmente gentil ou receptivo.

—Hoje à noite, mal posso passar pelo aqui e agora.— Peguei minha bebida e chupei o resto. Eu peguei as cerejas quando terminei e coloquei uma na minha boca e estendi a outra para Boone.

Ele mordeu a haste que eu ainda estava segurando. Por alguma razão, eu senti algo contrair em torno do meu umbigo

quando ele fez isso. Algo que não era devido A Coisa.

—Oh-ok, então o que você quer falar ou fazer agora?— Ele disse, mastigando a cereja antes de engolir. —Se você quer fazer ou falar sobre qualquer coisa

Eu me vi olhando para a pista de dança. Estava vazia novamente. Um grande piso brilhante para os casais dançarem, uma banda ao vivo tocando sons destinados a mover o corpo e comida e bebida suficientes para alegrar a maioria das pessoas e nem uma única alma estava lá fora. Nem mesmo a noiva e o noivo, que ainda estavam do lado de fora do que eu podia ver, agitando os braços e fazendo caretas que não levavam ninguém a acreditar que estavam brincando de charadas.

—Vamos fazer o que sempre costumávamos—, eu disse abruptamente, saindo da minha cadeira o mais rápido que pude sem abrir uma costura. Peguei o braço dele e dei um puxão.

—O que era isso?— Ele perguntou, não precisando de muito incentivo para ir junto comigo.

Eu mantive minha mão em volta de seu pulso e o puxei para a pista de dança. Do outro lado da sala, senti meus pais nos vendo

como se estivessem vendo a história se repetir. Como se eles já estivessem planejando como mitigar esse escândalo e manter as consequências secretas do resto do mundo. A quem eles teriam que subornar, ameaçar ou dever um favor a fim de manter a reputação da filha em bom estado.

Peguei meu ritmo, por mais difícil que tenha sido com A Coisa sugando meu corpo. Não parei até que estivéssemos no centro da pista de dança, onde todos no restaurante tivessem uma boa visão de nós. A filha mais velha de Abbott, enfiada dentro de um vestido que estava na moda há três décadas e era de dois tamanhos menores, de pé com o infame Boone Cavanaugh, que veio de uma família que era o proverbial chiclete na sola dos sapatos dessas pessoas, que estava vestido como se tivesse passado a tarde pulando por um campo e gravando um comercial para uma comédia sobre pacientes mentais em fuga.

Ele levantou uma sobrancelha um pouco mais, esperando minha resposta.

Dei de ombros. —Dança.

Seu sorriso começou a se formar, a luz em seus olhos disparando. Ele lembrou. Não que uma pessoa possa esquecer

esses tempos. Aqueles em que duas pessoas apenas se levantaram e dançaram ou fizeram um show para uma multidão para provar que não davam uma fruta voadora para o que alguém pensava delas. Se eles estavam andando por uma lanchonete da escola, ou comendo ovos e bacon em um café do centro, ou se misturando em uma sala lotada na festa de véspera de Ano Novo dos meus pais ou ser evitado por uma sala cheia de familiares e amigos da família anos mais tarde. Nós demos a eles um show para provar que eles podiam encarar tudo o que eles queriam, mas não íamos nos esconder.

Boone deu uma piscadela para mim, balançando a cabeça ao ritmo da música antes de se jogar de volta na pista de dança. Suas mãos se empurraram em rápida sucessão, batendo palmas toda vez que ele pressionava o chão. Ele ainda tinha o corpo de um adolescente, e ainda podia se mover como um também.

Se eu tivesse sido capaz de executar os movimentos loucos que Boone estava fazendo para todos, A Coisa se abriria em cada costura se eu tentasse agora, então mantive meus movimentos um pouco mais contidos, embora o que me faltava em mobilidade eu mais do que compensado na expressão. Quando ele saiu de sua rotina no chão, passando para uma série de movimentos no

quadril que desonrariam um stripper masculino, eu fiz algo que lembrava quando o aspersor encontra a sereia, e todos os olhos que não tinham sido virados para o nosso lado o fizeram.

Boone passou os braços em volta da cabeça, abrindo os cotovelos para a frente em sincronia com os quadris. Alguns gritos vieram do círculo de amigos de Charlotte que circulavam o bar a maior parte da noite.

—Para nós fazer—, disse ele, seu sorriso se esticando enquanto ele me observava beliscar meu nariz, abanar meu corpo mais baixo, e fazer outra sereia.

Soltando meu nariz, eu sorri de volta. —Para nós.

Capítulo Seis

Segunda Manhã.

Dois já foram, mais quatro pela frente. O fato de eu estar contando as manhãs até poder sair foi uma indicação de quão indesejável e desconfortável me senti no lugar que eu chamava de lar por quase duas décadas.

Quando fui me alongar, gemi quando encontrei meus braços restritos à amplitude de movimento usual, junto com o resto do meu corpo.

—Sim, eu também—, uma voz sonolenta respondeu do chão.

—Você também teve o melhor sono da sua vida?— Eu fiz uma careta quando rolei de lado em direção onde Boone havia acampado no chão novamente. Minha cintura, junto com meus quadris, parecia machucada ou em perigo de perder a circulação. Eu não tinha certeza de como, mas de alguma forma A Coisa parecia ter encolhido outro tamanho da noite para o dia.

—Positivamente, o melhor—, disse ele, gemendo um pouco mais alto do que eu. —A propósito, Clara, seu chão é difícil. Eu sei que há carpete e tudo mais, e seus pais provavelmente se certificaram de que era uma merda de pelúcia cara, e provavelmente há um tapete tão caro e fofo embaixo dela, mas eu dormi em pisos de madeira e acordei com menos nós nas minhas costas.

Coloquei meus lábios entre os dentes para não sorrir. —Você está dizendo que não é a primeira vez que dorme no chão de alguém? Bebê grande?

—Nem mesmo perto da minha primeira vez—, ele respondeu com um bocejo. —Miss Colchão Pillow-Top.

Eu estava rolando um pouco mais para olhar para ele quando me peguei. Meus olhos se fecharam antes que eu olhasse em sua direção. —Ei, Boone?

—Ei o que?

—Você sabe... Fiz alguns movimentos com a mão que preencheram o resto, começando e terminando no local ao sul do umbigo.

—Não, nós estamos bem. Parece que, junto com as minhas costas, outras partes do meu corpo não gostaram dos preparativos para dormir. Quando meus olhos ficaram fechados por mais alguns momentos, ele exalou. —Isso significa que você já pode abrir os olhos. Não há ereção matinal para te cegar.

—Você está nu de novo?—, Perguntei.

—Por quê? Você gostaria que eu estivesse?— Sua voz baixou algumas notas.

Peguei o travesseiro atrás de mim e o lancei em sua direção. —A não ser que você esteja planejando se revestir de mel e rolar em uma pilha de penas.

—Eu não acredito que esteja na minha agenda. Esta manhã.

Eu espiei com um olho aberto. Ele ainda estava com o lençol sobre ele, mas estava com uma camiseta, então eu entendi que ele também estava vestindo algo que lembrava boxers ou cuecas ou qualquer outra coisa abaixo disso. Abri meu outro olho também, arriscando-me. —Qual é o seu horário para hoje? Eu deveria ensaiar e comprar vestidos com minha mãe e irmãs esta manhã, mas como ainda estou lidando com as repercussões do vestido

que fui forçada ontem, vou passar. Além do mais, estarei acampada do lado de fora dessa loja de noivas hoje de manhã, e Deus me ajude se uma costureira não estiver na equipe hoje, vou me declarar uma e tirar essa coisa de mim por todos os meios necessários. Boone sorriu para mim, seus olhos ainda parecendo sonolentos. —Você sempre pode me declarar costureira e eu posso fazer as honras.

—Isso parece assustador. Não tenho certeza se quero imaginar como você conseguiria tirar essa coisa de mim.

Ele rolou sobre o cotovelo, sua expressão escurecendo apenas o suficiente para que a região em volta do meu estômago se apertasse novamente. Era como se alguns olhares dele estivessem conectados àquela parte invisível, tornando-a mais apertada e espremida no momento certo - ou geralmente errado -. Como quando ele estava a um metro na minha frente, nós dois ainda estávamos esparramados em nossas respectivas camas, atrás de uma porta trancada.

—Não seria a minha primeira vez libertando você de um vestido, não é?

Minha garganta ardeu e ficou quente. —Então você está

dizendo que conseguiu isso por causa de toda a sua experiência no departamento de roupas livres?

—Bem, não seria por inexperiência, isso é absolutamente certo.— Sua expressão escureceu quando ele se sentou, então aquele olhar mais maduro e instantâneo foi rapidamente substituído por um de dor. Alcançando a parte inferior das costas, ele resmungou enquanto a esfregava.

—Você é muito jovem para se queixar de dor nas costas por dormir no chão—, eu disse, sentindo que estava prestes a suar a camisa por manter um olhar não afetado estampado no meu rosto.

—Não, na verdade não. Estamos nesse estágio estranho e preso no meio. A coisa 'velho demais para ser jovem, mas jovem demais para ser velho'.— Ele continuou a esfregar as costas por mais um momento antes de jogar o lençol e se levantar.

—Velho o suficiente para saber mais, mas jovem demais para dar a mínima?— Eu falei enquanto ele caminhava em direção ao banheiro. Do jeito que ele estava se movendo agora, uma pessoa nunca saberia que ele passou as últimas duas noites dormindo no chão duro.

—Algo assim.— Ele fechou o chão a meio caminho.

Bem quando eu esperava ouvir o chuveiro explodir, ouvi o assento do vaso levantar, seguido por outro ritual típico da manhã.

—Limites—, eu chamei, balançando a cabeça. —Eles são uma coisa boa.

—De acordo com quem?— ele falou, ainda deixando fluir. —Eles parecem mais uma desculpa para manter as pessoas à distância, sabe? Apenas mais uma desculpa para manter suas paredes erguidas quando se trata de outras pessoas conhecendo o verdadeiro você.

—Um problema com o qual você claramente não luta—, eu disse logo antes de ouvir a descarga do vaso sanitário e o assento do vaso fechando. Pelo menos ele era um bárbaro de boas maneiras.

—Ei, você entende bem o mal desde o início, quando se trata de mim. Não vou me embrulhar em papel dourado e jogar um laço prata em cima e fingir que minha merda não fede e a única falha de que tenho posse é o meu carinho por animais do abrigo.—

Boone bufou um pouco antes do chuveiro ligado. —Não é de admirar que tantos casamentos terminem em divórcio. Uma pessoa pensa que está se casando com uma pessoa apenas para descobrir que se casou com outra pessoa completamente diferente. Isso é um monte de porcaria. A mulher que se casar comigo vai ter o mesmo eu no dia seguinte ao casamento que ela teve no primeiro encontro.

Sua camiseta e cueca voaram de trás da porta do banheiro e pousaram em duas pilhas no meio do chão.

—Senhora de sorte—, eu murmurei, rolando para fora da cama.

—Então realmente? O que você está fazendo hoje?— ele gritou do chuveiro enquanto eu atravessava a sala para pegar suas roupas sujas. Joguei-os na cesta seca com minhas roupas sujas de ontem. —Porque não estou ansioso por outros dezoito buracos de golfe, seguidos de uma excursão de limusine pelas diferentes destilarias da cidade. Queimado pelo sol, desidratado e bêbado - não era a maneira que eu esperava passar o dia. Além disso, gastá-lo com um monte de palhaços na mesma condição.

Eu soltei uma risada. —Desde que eu recebi um passe em

todo o passeio de ensaio, graças à minha mãe e Charlotte, considerando minha necessidade de melhorar A Coisa com um uso aceitável, eu duvido que eles me deixem passar a tarde de visita pela vinícolas locais. Parei na frente do espelho para verificar meu reflexo, certificando-me de ignorar o que ele me mostrava do pescoço para baixo. Meu cabelo estava bagunçado, mas depois de uma escovação, ele se arrumou o suficiente para atender cada compasso.

Eu estava prestes a colocar um pouco de blush e uma camada ou duas de rímel quando o chuveiro desligou, e decidi deixar de lado essa ideia. Eu não sabia o porquê, mas não queria que ele me visse colocando maquiagem. Não queria que ele pensasse que estava fazendo isso por ele. Eu não queria que ele pensasse, mais importante, sobre o porquê de querer dar o meu melhor ao seu redor.

—Um passeio pelas vinícolas? Uma visita à destilaria?— A voz de Boone ecoou no banheiro. —Sua família sabe beber. Eu tenho que reconhecer isso neles.

—Você passou um bom tempo em torno deles. É uma medida de sobrevivência, a única razão pela qual ainda estamos

vivos e não recebemos sentenças de prisão perpétua por assassinato premeditado.— Dobrei os cobertores, lençóis e travesseiros dele e os guardei no meu armário para que não parece suspeito para qualquer olhar curioso - também conhecido como da minha mãe -.

A risada de Boone entrou na sala. —Deus abençoe a América e a revogação da proibição.

—Por favor, meu tataravô era supostamente o mestre das marionetes na indústria na lei seca nesta parte do país. Atualmente, os Abbots estariam bem abastecidos de qualquer maneira.

Depois de arrumar minha cama, deslizei em um confortável par de sandálias e examinei o quarto, procurando algo mais para fazer, ou pelo menos me distrair. Boone tinha acabado de sair do banheiro, o vapor subindo atrás dele, sem nada para vesti-lo, a não ser uma pequena toalha apertada em volta da cintura. Sua pele molhada, seu cabelo molhado, seu olhar pousaram em mim, e aquele sorriso que eu tinha certeza de que uma vez foi criado somente para mim deslizou no lugar. Eu precisava de algo para me distrair.

—O que você tem em mente para o dia?— Eu me afastei dele e fui para a minha cômoda para reorganizar as estatuetas de porcelana que recebi todos os anos no meu aniversário - uma série de anjos com qualquer idade que eu tivesse feito aquele ano. —Além de fazer declarações de moda no country club novamente e se marinar em um barril de uísque premium?

Atrás de mim, ouvi o que parecia muito com uma toalha caindo no chão. Meu instinto era girar para descobrir se eu estava certa, então eu fiquei congelada, movendo apenas minhas mãos enquanto movia os anjos de porcelana.

—Bem, hoje eu preciso voltar para minha casa para trocar de roupa. Eu virei minha cueca de dentro para fora ontem, mas dois dias é realmente o limite para as roupas íntimas de qualquer pessoa, e prefiro não fazer isso amanhã também. Só porque eu gosto de dormir assim não significa que eu gosto de passar o dia na mesma condição.

Troquei o anjo adolescente de dezoito pelo de oito, enrolando meu nariz. —Isso é nojento.

—Ah, por favor, não vamos agir como se eu fosse o único a reciclar suas roupas íntimas, porque, a menos que algum tipo de

milagre imaculado de troca acontecesse enquanto nós dois estávamos dormindo, você estava usando exatamente a mesma calcinha que vestiu ontem de manhã, Clara Abbott.

Eu senti minhas bochechas esquentarem. Ele estava certo. Na verdade, eu nem tinha conseguido usar o banheiro graças às qualidades restritivas da Coisa. Limitei minha ingestão de líquidos depois de saber que ficaria presa até essa manhã, e o resto do meu fluido corporal fora suado pelos litros de ontem.

—Vamos apenas cuidar do nosso próprio negócio quando se trata de nossos respectivos hábitos de roupas íntimas—, eu disse, trocando mais alguns anjos enquanto tentava fingir que não estava tão focada no que ele estava fazendo, que eu podia identificar todas as partes do corpo, seu ritual de vestir. O farfalhar de seus jeans velhos quando ele os puxava, uma perna seguida pela seguinte, o som do zíper levantando, a agitação de sua camisa enquanto ele a puxava sobre sua cabeça, seguido pelo som de empurrar colocando-o dentro.

—Quantas vezes você vai mudar esse anjo de dezoito anos?

Eu quase pulei quando ouvi a voz dele logo atrás de mim. Um olhar por cima do meu ombro revelou que ele

estava vestido e a apenas um pé de distância.

Eu não tinha percebido que estava movendo de um lugar para o outro por um tempo até Boone falar sobre isso. Eu segurei um suspiro e a deitei na mesa por perto. —Até que ela encontre seu lugar.

Enquanto eu retinha o meu, ele não conteve o suspiro. — Vamos. Vamos tirar você da Coisa. Já que você não está emocionada com a ideia de te tirar de maneira antiquada.

Ouvi um tremer em sua voz, então, mantendo os olhos para a frente, dei uma cotovelada em seu estômago antes de ir em direção à porta. —Não sei do que você está falando, Sr. Cavanagh. Por que acabei de conhecê-lo ontem à noite e nunca deixei um homem fazer esse tipo de coisa comigo no primeiro encontro.— Abri a porta e esperei por ele. Nós éramos uma equipe, o que quer que fôssemos ou sempre que nos 'conheceriamos'. Eu sabia disso se não soubesse mais nada. —Eu não sou esse tipo de garota.

Boone cobriu o peito com a mão e me deu um olhar chocado enquanto atravessava a sala. —Você diz que, como está sugerindo, eu sou esse tipo de cara.

—Não sugeri nada. Mais uma vez, eu acabei de conhecer você. Eu não sei o suficiente sobre você para fazer esse tipo de suposição.— Acenei para ele através da porta antes de fechá-la atrás de nós. Não que fechar seria bom. Minha mãe nunca aderiu à política de privacidade de portas fechadas. —Tudo o que sei é que você sabe como mexer na pista de dança e que possui padrões de higiene preocupantes no que diz respeito às suas roupas de baixo.

A risada de Boone rolou pelo corredor, parecendo derramar escada abaixo no vestíbulo. Como ontem de manhã, a casa estava em silêncio, mas hoje eu sabia o motivo do silêncio. O café da manhã estava sendo servido do lado de fora, em estilo de buffet, o que era apenas um milhão de vezes mais preferível do que o concorrido e abarrotado de ontem. Talvez eu consiga dar mais de duas mordidas e meia no meu café da manhã.

—Então, o futuro está na lista de tópicos aceitáveis a serem discutidos hoje?— Boone perguntou enquanto descíamos as escadas a um passo de minhoca.

Com A Coisa, as escadas eram quase impossíveis de manobrar com qualquer velocidade. Provavelmente teria sido

mais rápido e fácil me derrubar.

—Tive um boa noite de sono. Ainda ninguém gritou comigo sobre meu cabelo, meu vestido ou meu peso, com certeza, vamos enlouquecer.

Quando desci a próxima etapa, meu dedo do pé pegou no degrau e me desequilibrou um pouco. As mãos de Boone estavam me segurando, mantendo-me de pé, antes que eu soubesse que estava descontrolada. Agradeci com um sorriso envergonhado e diminuí o ritmo como se fosse um cidadão idoso.

—Você possui um negócio. Um bem-sucedido, pelo que parece— Boone começou mantendo as mãos para cima —Acho que no caso de decidir dar outro lance abaixo da escada.

—Sim, e sim, talvez—, eu respondi.

Ele me deu um olhar que sugeria que ele sabia que estava sendo modesta.

—Ok, sim, foi bem-sucedido além do que eu imaginava que seria—, eu admiti com um revirar os olhos.

—Legal—, disse ele, parecendo que realmente quis dizer

isso. Se eu admitisse o mesmo para a maioria da minha família, receberia comentários semelhantes que soariam como se eles significassem o contrário. —Avisando você aqui de imediato que vou parecer um caipira ignorante, mas qual é exatamente o seu negócio?

Sorri para o chão quando demos o último passo que nos colocou no vestíbulo. —Isso não parece ignorante. Isso parece honesto. Como a pergunta que a maioria das pessoas faria em vez de fingir que sabe do que diabos estou falando.

—Então sim, eu sou um caipira ignorante. Todas as avaliações de meus professores sobre mim, do jardim de infância até a sala de estudos do último ano, foram confirmadas. Ele jogou as mãos para o ar como se estivesse comemorando. —Finalmente, finalmente atendi às expectativas de alguém.

Eu cutuquei meu ombro no dele. —Criei um negócio de consultoria que trabalha com grandes corporações para torná-las mais eficientes em termos de energia, economizando milhares, às vezes milhões, de dólares por ano e fazendo minha parte para ajudar o meio ambiente também. Eu vejo isso como um ganha-ganha.— Olhei para ele e acrescentei: —E você não é um caipira

ignorante. Deus sabe que passei meu quinhão de tempo com eles, mas nunca um minuto desse tempo esteve com você.

Ele assentiu enquanto passávamos pela cozinha em direção à porta dos fundos. —Sua família é uma das famílias mais antigas e ricas em petróleo da história do país. Quem teria visto sua filha mais velha entrando no negócio de salvar o meio ambiente em vez de avançar com seu fim?— Ele sorriu para mim, quase como se estivesse orgulhoso por eu ter feito uma das coisas mais ultrajantes e vergonhosas que pude aos olhos da minha família. Abrindo um negócio com o governo para diminuir a dependência do país em relação ao petróleo, em vez de fazer todo o possível para aumentá-lo. —E obrigado por dizer que não sou caipira, mas isso não significa que não seja verdade. Você pode pintá-lo de branco e trançar sua crina, mas no final do dia, você não pode colocar um rabo em um unicórnio, não importa quanto brilho e flores você espalhe nele.

—Você me perdeu na parte do glitter, mas agora você pode entender por que minhas visitas a casa são tão raras. Meu pai não podia falar comigo sem praticamente ficar com os olhos arregalados depois que contei a ele sobre a empresa que havia começado na Califórnia.

—Tão parecido com o mesmo olhar que ele te deu ontem no café da manhã quando você disse a todos que estava expandindo nacionalmente?— Boone perguntou enquanto passávamos pela porta de tela para a varanda dos fundos.

—Veja, apenas alguns cortes menos severos no departamento de choque e pavor. O visual de ontem foi a versão mais domesticada de três anos atrás.

Quando chegamos aos degraus que levam ao quintal, ele e eu paramos e examinamos a cena diante de nós. Nenhum de nós parecia ter pressa de se jogar nos tubarões. Tínhamos desempenhado o papel de parceiros pôr tempo suficiente ontem, e todo o ápice de predadores nos seguindo com sede de sangue nos olhos havia cansado.

Boone suspirou antes de me olhar de uma maneira que sugerisse que ele estava dizendo: você primeiro.

Agarrei sua mão e o puxei, dando o primeiro passo juntos.

—Então, você está querendo livrar o mundo de sua necessidade de petróleo?— A voz de Boone era um pouco mais alta que o necessário, sem dúvida, porque ele queria que cada um

dos pequenos ricos em petróleo ouvisse.

—Eu só quero salvar os ursos polares. Isso é tudo.— Acenei para Avalee, que estava acampada em uma cadeira com um par de óculos escuros apoiados no nariz e uma expressão que indicava que ela estava se arrependendo de certos aspectos da última noite.

Ela acenou de volta, mas foi breve antes de pegar seu copo de água gelada e levá-lo à têmpora. Quando dei uma olhada no resto da meia dúzia de mesas espalhadas pelo quintal dos meus pais, parecia que boa parte dos convidados estavam na mesma forma que Avalee. Fiquei feliz por ter ficado com Sprite e licor.

—Chega de falar dos meus, quero saber sobre os seus negócios—, eu disse enquanto nos dirigíamos para as mesas dispostas com a maioria dos meus alimentos favoritos para o café da manhã, começando com biscoitos pegajosos e terminando com uma fonte de chocolate. —Eu sou claramente a pessoa entre nós dois quando você considera que me propus a salvar os ursos polares enquanto seu objetivo era salvar as crianças do mundo.

Ele me entregou um prato quando chegamos ao início do buffet. De algumas mesas atrás, vi meus pais pelo canto dos meus

olhos. Pareciam estar no meio de um daqueles argumentos falados em sussurro e expressão congelada. Provavelmente tendo algo a ver com Boone e comigo.

—Sim, mas diferentemente do meu, seu negócio ainda está no mercado e está indo tão bem que você está expandindo. O meu mal conseguiu permanecer no negócio por dois anos e, durante esses anos, nunca houve um mês em que se saísse bem.— Ele acenou comigo na frente dele para ir primeiro.

—Por que um centro infantil? —. Perguntei enquanto seguia direto para as bandejas de doces. Eu tinha comido mais do que meu quinhão de ovos cozidos com rúcula no café da manhã na Califórnia. —Quero dizer, sei que você é um cara legal e tudo e quer fazer sua parte para salvar o mundo sem que ninguém saiba que você dá a mínima para isso— Lancei a ele um olhar de conhecimento enquanto deslizava um pão pegajoso em seu prato, depois um na minha —mas eu poderia ter visto você abrir pelo menos cinquenta tipos diferentes de negócios antes de adivinhar um centro infantil.

Ele parou no meio da fila do bufê, olhando a salada de frutas com um olhar que redefiniu pensativo. —Quando você cresce

vendo o que acontece com crianças como minha irmã, e o que poderia ter acontecido comigo, tudo porque nós tiramos a palha curta da vida e acabamos com uma mãe negligente e um pai tuberculoso, você vê as coisas de maneira um pouco diferente. Acho que queria um lugar onde os Cavanaughs do mundo pudessem encontrar refúgio. Mesmo que fosse apenas por algumas horas de cada vez.— Ele parou de encarar a salada de frutas e se virou para mim, um oceano inteiro de emoção agitando em seu rosto. — Você entende?

Aproximei-me dele e pressionei a mão em seu peito. Eu não tinha a intenção de tocá-lo e não queria tocá-lo exatamente onde seu coração residia, mas eu fiz. Foi uma reação instintiva.

—Eu sei—, respondi com um pequeno sorriso, curvando meus dedos em seu peito. Eu deveria ter deixado minha mão cair e me afastar. Eu também não poderia.

Boone estava fazendo um trabalho melhor ao interpretar as coisas do que eu, mas eu poderia dizer que ele ficou abalado pela maneira como não parecia me olhar nos olhos.

—Apenas olhe para nós. Um casal de empresários. Quem acreditaria?— Ele colocou uma pilha de salada de frutas em seu

prato, o que tornou ainda mais evidente o quão irritado ele era. Ele nunca foi um fã de frutas - algo sobre ser muito doce para o seu gosto. —Pelo menos quem teria acreditado nisso de mim? Eu fui oficialmente nomeado com a pessoa com menor probabilidade de ter sucesso no ensino médio.—

Eu ri enquanto abaixamos as mesas, olhando a bandeja de petit fours no final, quando alguém apareceu atrás de nós.

—Não foi artificial. Realizamos uma votação.— O sorriso de Ford, foi pintado no local esta manhã. O resto dele, do pescoço para baixo, parecia igualmente polido.

Contei até três na minha cabeça, lembrando-me de que eu e Ford fizemos alguns progressos ontem à noite no departamento de mudança. Ele seria meu cunhado em alguns dias, e seria bom começar com o pé direito. —Bem, acho que você e seu bando de homens alegres estavam errados sobre Boone, porque olhe para ele agora.— Eu acenei as quatro pinças de prata para ele, erguendo uma sobrancelha. —Um empresário.

Ford se aproximou, segurando um prato vazio. Claramente ele não tinha pulado na fila pela comida. —Seu negócio foi a falência. Portanto, eu diria que o título 'não oficial' é muito

poético.

—Ford—, Bati, apertando a pinça como se fosse seu pescoço.

—Está tudo bem, Clara. Ele não está falando nada que eu não tenha sido dito antes, disse Boone antes de se virar para Ford. —Na verdade, meio que perdi toda a atenção que você me deu no ensino médio. Estava começando a me perguntar se havia passado seu fascínio por mim, mas claramente— ele circulou o dedo no rosto de Ford, que estava preso em dobras de desprezo —Você não o fez.

Ele virou as costas para Ford e me deixou empilhar alguns petit fours em seu prato. Se a fruta fosse doce demais para ele, provavelmente odiaria, mas não disse não. Quando Ford caminhou atrás de nós novamente, com uma expressão que me dizia que estava apenas começando, eu não conseguia dirigir Boone para uma das mesas vazias no perímetro rápido o suficiente.

—As pessoas acham estranho que um homem solteiro esteja administrando um centro infantil sem fins lucrativos?— Ford disse, acompanhando nosso ritmo enquanto Boone e eu

nos afastávamos das mesas de comida.

Eu segurei a parte de trás do braço dele, guiando-o em direção a uma mesa vazia. Senti-o endurecer e, exatamente quando pensei que ele iria parar e dar um giro na direção de Ford, ele continuou andando.

—O que você está sugerindo?— Boone disse rigidamente, deixando o prato cair sobre a mesa quando paramos atrás de duas cadeiras vazias.

Ford deu a volta ao outro lado da mesa, esperto o suficiente para perceber que, neste momento da sua fala instigante de Boone-Cavanaugh, ele queria algo tão grande e sólido entre ele e Boone. —Nada—, ele disse com um encolher de ombros preguiçoso. —Assim como sua irmã deixa todos os pênis da cidade mergulharem e você prefere passar seus dias brincando com menores, algo tinha que ter acontecido naquele trailer da sua mãe.

Um suspiro correu para fora de mim enquanto, ao meu lado, Boone se tornou uma estátua. Uma que poderia tão facilmente estar em paz por dentro quanto ele poderia estar prestes a explodir.

Indo até agora com o tema desta visita a casa - sem analisar, peguei um morango extra maduro do prato de Boone e o joguei sobre a mesa.

Aterrissou no centro da testa de Ford. Eu estava mirando sua boca, mas sua testa funcionou. Especialmente quando o suco escorria pelas laterais do nariz e quando o morango caía, ele conseguiu deixar algumas gotas de vermelho na polo azul-celeste.

—Que diabos, Clara Belle?— Ford pegou um guardanapo de linho branco da mesa e esfregou a virilha, onde o morango havia tocado pela última vez antes de cair na grama.

—Jogada sólida.— Boone me cutucou, sua voz tão uniforme quanto sua expressão, apesar do que Ford acabara de dizer. — Boa pontaria.

— Obrigada—, respondi, tentando não rir, pois os esforços de Ford apenas esfregavam o suco de morango, causando ainda mais manchas.

—Só porque você está andando com um animal não significa que você precisa começar a se comportar como um, Clara Belle.— Ford limpou a testa com o guardanapo, passando o suco de

morango pelas sobrancelhas mais do que realmente removendo ele.

—E se você não tem nada de bom para dizer, prepare-se para voar frutas.— Cruzei os braços. Eu senti a costura nas minhas costas puxando, tão perto de rasgar que eu praticamente podia sentir o ar fresco entrando.

Ford jogou o guardanapo em cima da mesa e balançou a cabeça para mim.

—É melhor você parar de balançar a cabeça assim para ela, ou vou removê-la do resto do seu corpo.— Boone não piscou enquanto olhava para Ford.

—Oh, descanse, Cavanaugh.— Ford bufou, mas sua cabeça parou de tremer. —Você pegou a garota no final. Claramente.— Ele fez questão de olhar entre nós algumas vezes, sem tentar disfarçar seu desgosto. —Mas não foi porque você me venceu. Foi porque eu fiz uma escolha. Decidi parar de desperdiçar meu tempo perseguindo uma irmã e mudei para
uma diferente. Alguém que é um pouco mais exigente. Alguém que não abriu as pernas por nenhum pedaço de lixo que apareceu em seu caminho.

Antes que Boone pudesse dar um passo na direção de Ford, outro morango salpicou o rosto de Ford, explodindo em sua bochecha e jogando o suco todo o caminho até a têmpora e no pescoço. Ele congelou no meio de sua jornada ao redor da mesa, me dando uma chance de pegar sua mão e puxá-la de volta para mim.

—Maldição, Clara Belle.— Ford limpou a carnificina de morango, piscando para mim em descrença.

—Você ainda não estava dizendo nada de bom. Eu pensei que você teria aprendido sua lição com o primeiro, mas claramente não.— Quando Boone puxou contra mim, apertei sua mão até doer. Eu não o deixaria dar um murro em Ford em nome de 'defender minha honra'. Minha honra estava ótima, não importa o que Ford quisesse vomitar esta manhã.

—Sim, mas você está sem morangos agora.— Ford colocou as mãos nos quadris.

—E eu não subestimaria o poder do abacaxi. Eu peguei uma fatia do prato de Boone e levantei. —Especialmente quando o exterior espinhoso não foi removido.

Ford não parecia tão impressionado com a minha ameaça de abacaxi, mas parecia que ele estava prestes a recuar e, esperançosamente, procurar uma muda de roupa - quando um grito familiar soou de algumas mesas. Charlotte dominou a arte de gritar quando criança, e ela realmente a aperfeiçoou na adolescência.

Enquanto ela avançava em direção a Ford, avaliando-o como se ele fosse o centro de uma cena de crime, ela não perdeu o que eu estava segurando. —Legal, Clara Belle. Maneira de realmente definir o tom do dia. Quão imatura você pode ser?

—Tão imatura quanto as coisas que seu noivo estava dizendo—, retruquei, deixando cair a fatia de abacaxi quando ficou claro que Ford tinha terminado.

Charlotte me lançou um olhar desagradável quando pegou outro guardanapo de pano, mergulhou-o em um dos copos de água que circundava a mesa e começou a trabalhar esfregando sua virilha. —Deus, Clara Belle, há mais alguma coisa que você planeja sabotar quando se trata do meu casamento?— Ela estava esfregando com tanta força a virilha de Ford que seu rosto começou a enrugar com desconforto. —Você sabe, apenas para

que eu possa me preparar mentalmente.

—Não estou tentando sabotar nada—, disse, percebendo que as pessoas estavam começando a reparar no que estava acontecendo em nossa mesa. Minha mãe não estava voando aqui como se o chá doce estivesse em perigo de ser ilegal, então pelo menos meus pais não tinham notado. Ainda.

Charlotte bufou. —Desde quando?

—O que isso quer dizer?— Agora parecia mais como Boone quem estava me segurando, me mantendo no lugar ao lado dele.

Charlotte parou de esfregar a virilha de Ford por tempo suficiente para lançar um olhar para mim. —Só que você é uma das pessoas mais egoístas e egocêntrica que eu já conheci. Você descobre uma maneira de dar um jeito ou fazer uma cena ou criar uma crise se não estiver recebendo a atenção total de alguém ou de todos o tempo todo.

Isso foi um bocado, levei alguns momentos para absorver tudo o que ela acabara de dizer. Demorou o dobro do tempo para descobrir se ela estava sendo séria. Quando eu determinei, com base no olhar em seu rosto, que ela estava, senti meu sangue

esquentar.

—Eu acho que você quis dizer que isso era você mesma—, disse, minha voz tremendo.

—Não, eu não fiz.

Minha boca se abriu. —Quando se trata de egoísmo, você tem o mercado cercado Quando ela disparou outro suspiro de descrença, molhou o guardanapo novamente antes de começar a trabalhar no rosto de Ford, acrescentei: —Bufou para mim novamente. Isso não vai mudar o fato de que você era a irmã transando com o namorado da sua irmã, sabe-se lá por quanto tempo.— Eu não quis que minha voz continuasse assim, mas não consegui controlá-la. —Então, vá para o inferno com isso!

Boone olhou para mim, mas, em vez de olhar para mim como Charlotte e Ford, seu olhar era mais sutil. Mais um dele me dando as costas. Ele me deu uma piscadela rápida.

O atrito dela só piorava as manchas na camisa dele, então Charlotte jogou o guardanapo sobre a mesa. Seus ombros caíram por um momento, como se ela estivesse desistindo, depois seus olhos caíram no prato que eu ainda estava segurando. —Estou

farta de brigar com você todo dia, Clara Belle. Então, por que você não engole mais alguns pães pegajosos e vê se consegue esse vestido com outro tamanho pequeno demais? A costureira já terá que tirar ele mesmo. É melhor aproveitar e deixá-la sair até o fim.

Charlotte passou os braços em volta de seu corpo fino como lápis, não escondendo o que estava fazendo.

Meu apetite se foi. Por comida e por uma luta.

Deixando cair o meu prato na mesa ao lado do de Boone, vi ela e Ford irem para casa. Eu queria chamá-la. Eu queria pedir desculpas, se por mais nada, por arruinar a manhã dela. Mas as palavras não se formariam.

Eu sabia que as pessoas estavam me encarando. Eu sabia que eles estavam balançando a cabeça, entendendo por que eu tinha sido rotulada como a ovelha negra da família. Depois de me convencer por todos esses anos de que minha família era inimiga, comecei a me perguntar se eu era a inimigo deles. Eu era egoísta? Eu fui absorvida por mim mesma?

Acabei de lançar dois pedaços de frutas no noivo da minha irmã porque ele estava abrindo a boca - como Ford sempre fez e

sempre faria. Eu tinha acabado de anunciar para quem não sabia que ela estava 'fodendo' Ford enquanto ainda estávamos juntos. Em suma, tinha feito um desastre total do que sem dúvida poderia ter sido um café da manhã perfeitamente agradável.

Por que eu simplesmente não conseguia ficar de boca fechada e aceitar que as pessoas eram do jeito que eram e que nenhuma quantidade de gritos ou estragos de frutas mudaria isso? Por que eu não conseguia parar de me fixar nos erros dos outros, em vez de gastar um pouco mais de tempo refletindo sozinha?

E por que diabos, depois de me contentar em brincar com todas essas perguntas profundas, eu andava por aí a fazê-las enquanto estava no meio do meu próprio inferno pessoal e subornando meu ex-namorado para posar como meu atual - um ex-namorado de quem eu claramente não havia esquecido, dados os sentimentos que percebi nos últimos dias?

O peso dos meus pensamentos se tornou pesado demais para eu continuar de pé. Puxando minha cadeira, caí nela. O som de um rasgo agudo ecoou logo antes de uma corrente de ar frio

cair em minhas costas.

—Clara...— Boone disse baixinho por cima do meu ombro. Seguiu-se o som de sua camisa abrindo.

—Eu sei, Boone—, eu disse enquanto sentia sua camisa cair em meu lugar. —Eu estou caindo aos pedaços.

Capítulo Sete

— Você está respirando agora?— Boone perguntou quando saímos da loja de noivas naquela manhã.

Eu sorri para o meu vestido de algodão. Meu vestido fluido e respirável. Eu estava livre

Então eu tentei expirar.

—Eu me sinto melhor agora, pelo menos—, Respondi, parando na calçada e olhando para o céu azul. —E não preciso me preocupar com meus órgãos internos se liquefazendo por serem comprimidos com tanta força. Então tem isso.

Ele colocou o ombro ao meu lado e olhou o céu comigo. — O que é isso.

As pessoas que passavam por nós na calçada continuavam olhando enquanto passavam, tentando descobrir o que havia nos arrebatado. A menos que se sentissem tão tocados pelo tom do céu ou pelas nuvens finas quanto eu, acabariam decepcionadas.

Depois que Boone me levou para longe do desastre conhecido como café da manhã, ele ‘pegou emprestado’ um dos carros do meu pai e me levou para a loja de noivas. Nossos rostos foram esmagados contra a porta de vidro dez minutos antes de abrirem, e Boone bateu nela quando chegaram trinta segundos depois da abertura.

Meia hora e algumas centenas de suspiros depois, a costureira me libertou da Coisa. Provavelmente levaria mais algumas horas se eu não tivesse rasgado acidentalmente as costas um bocado. Depois que ela me soltou do resto, ela segurou as peças do vestido como se fosse um animal morto e me perguntou o que eu queria fazer com ele. Eu disse a ela que a avisaria amanhã, porque hoje eu não confiava em mim mesma para responder com nada além de queimá-lo.

—Devemos voltar para participar das festividades agora que libertamos você das garras malignas da Coisa?— Boone perguntou, enfiando as mãos nos bolsos enquanto olhava para o céu comigo.

Eu olhei por mais um momento antes de baixar o olhar. Tudo ao meu redor estava embaçado com uma névoa

branca ofuscante. Eu tentei deixar minha visão clara. — Definitivamente não.— Eu puxei a saia do meu vestido, querendo girar, me senti tão livre. —Acho que Charlotte apreciaria um dia livre de mim.

—Eu não me importo com o que Charlotte apreciaria—, disse Boone.

—Bem, eu sei—, respondi, vagando pela calçada sem um destino real em mente. —Não estou tentando bagunçar tudo relacionado ao casamento dela, mas isso não muda que o faço, então acho que vou dar um dia de folga para nós duas.

Ele andou ao meu lado, combinando com o meu ritmo sem pressa. —Ela estava transando com Ford pelas suas costas. Ela merece qualquer tipo de desastre na semana do casamento que você possa lançar nela. Intencional ou não.

Acenei para o dono da farmácia, varrendo a varanda quando passamos. Ele acenou de volta, me cumprimentando pelo nome.

—Charlotte não fez o que fez para me machucar. Ela nem fez isso para me irritar.

Boone bufou sua discordância.

—Charlotte estava louca por Ford desde muito antes de ele e eu nos encontrarmos. Eu também sabia. Estudei a calçada enquanto continuava sentindo como se as peças esquecidas ou lembranças reprimidas estivessem voltando para mim. —Eu não pensei muito nisso, porque ela era muito mais nova que Ford - e isso era uma coisa tão grande quando éramos crianças -, mas eu sabia o quanto ela gostava dele. Eu só tinha que ouvi-la continuar falando sobre ele todas as noites, desde os dez anos até o verão em que completou quinze e Ford e eu... bem, você sabe.

Boone assentiu uma vez, encarando a calçada. —Eu sei.

—Ela gostava dele há anos antes de eu sequer considerar gostar dele, e não reconheci isso quando Ford e eu começamos a namorar. Era quase como se tivesse desprezado os sentimentos dela como uma paixão de menina. Era claramente mais do que isso.

Ele virou a cabeça para o chão, quebrando o pescoço, mas ficou calado.

—Charlotte não podia ajudar quem ela amava mais do que nós. Acho que escolhi não ver isso até hoje de manhã, quando a vi esfregando as calças manchadas de Ford como uma mulher louca.

A cabeça de Boone virou na minha direção. —Nada como uma mulher se esfregando na virilha de um cara para definir o conceito de amor.

Eu levantei meus olhos. —Não foi assim que eu quis dizer isso. Eu apenas quis dizer... ela o ama.

—Concordando em discordar de você, Clara.

Boone e eu deslizamos para o lado quando uma mãe com seus três filhos passou por nós. Não eram dez horas e ela já parecia pronta para dormir.

—Às vezes, as pessoas que devemos amar são as mais difíceis. E às vezes as pessoas que não devemos amar são as mais fáceis.— Dei de ombros e continuei pela faixa de pedestres no final do quarteirão. —Isso é algo que eu descobri anos atrás. Só não achei que Charlotte tivesse descoberto isso também.

Boone parou, pegando meu braço. Seu rosto era uma máscara de confusão. — Você está prestando um elogio à sua irmã?— Sua voz combinava com sua expressão. —Você sugeriu que Charlotte pode não ser a raiz de todo mal?

Respondi a ele com um encolher de ombros.

—E agora eu já vi e ouvi tudo.— Ele sorriu para mim antes de continuar pela calçada.

—É incrível como a perspectiva pode mudar quando você tenta olhar para uma situação com os sapatos da outra pessoa. No caso de Charlotte, as bombas Milano de tamanho trinta e seis de camurça.

—Existe uma reconciliação no horizonte próximo?— Boone jogou o braço na minha frente quando fui para a próxima faixa de pedestres, apenas para ter certeza de que o carro estava realmente parado e esperando.

—Lancei duas frutas suculentas no rosto de seu noivo no café da manhã na frente de um monte de amigos e familiares próximos. Logo antes de rasgar a parte de trás do vestido de dama de honra que eu tinha sido sugada por quase 24 horas.— Eu estremeci ao reproduzir as cenas mais marcantes da manhã. — Acho que o horizonte distante é mais provável.

Ele acenou para o carro assim que atravessamos a faixa de pedestres. —Bem, bom para você. Eu nunca poderia estar convencido de que Charlotte não é a semente de Satanás, mas não estou surpreso que você veja as coisas de maneira diferente.

—Por que isso?

—Porque você sempre teve uma maneira de ver o melhor das pessoas. É exatamente isso que faz você ser tão boa, Clara Abbott.

Uma risada saiu da minha boca. —Oh sim. Eu sou totalmente incrível.

Eu não tinha percebido que chegamos à beira da parte comercial da rua e estávamos prestes a entrar em uma área residencial até Boone parar e olhar em volta. Eu pensei que nós dois estávamos percebendo onde estávamos pela primeira vez desde que começamos a andar.

—Você quer continuar até chegarmos à Geórgia, ou você tem algo mais em mente? Ele perguntou, soando como se estivesse disposto a qualquer coisa.

—Eu quero ver o centro infantil que você começou—, eu disse, verificando seu rosto para avaliar sua reação. Eu não tinha certeza de como ele se sentiria ao discutir, muito menos ver, seu trabalho duro que se foi. —Se está tudo bem com você.

Suas sobrancelhas se apertaram enquanto ele me

estudava. —Por que você quer ver isso?

—Porque acho que preciso lembrar que ainda existem pessoas boas fazendo coisas boas.

—Você quer dizer que precisa de um lembrete do que acontece quando pessoas de origem duplamente boa tentam fazer algo bom e tudo acaba caindo de barriga para baixo?

Recuei pela calçada que acabamos de nos aventurar, indo em direção à loja de noivas onde o velho Chrysler do meu pai estava estacionado. Eu não sabia onde ele havia aberto seu lugar, mas imaginei que não estava a uma curta distância. A área em que estávamos era tão arrogante da classe alta que eles teriam encenado uma revolta se alguém sugerisse que alguém se candidatara para abrir um centro infantil na área.

—Vamos lá, eu quero ver o que você tem feito desde que se formou no colegial.

—Desde que terminei o ensino médio.— Ele suspirou enquanto eu continuava descendo a calçada. Depois de outro momento, ele me seguiu.

—Isso é um sim?

—Eu gosto de como você pergunta isso, como se houvesse uma dica de eu ainda ter uma escolha.— Ele me deu uma olhada antes de passar um braço ao redor da parte de trás do meu pescoço e me puxar. —Você sempre foi boa nisso.

Levantei minhas mãos para os lados. —É a Abbott em mim.

Eu sorri para ele enquanto continuávamos descendo a calçada. Pode não ter batido nele do jeito que estava me atingindo, mas Boone e eu tínhamos percorrido essas ruas o que parecia centenas de vezes do jeito que estávamos agora: lado a lado, o braço pendurado em torno de uma parte de mim, ambos tão no nosso próprio mundo que aquele que estávamos realmente vivendo desapareceu. Sem saber que eu estava sentindo falta por todos esses anos, meu coração parecia suspirar de satisfação.

Quando nos aproximamos do Chrysler, Boone puxou as chaves do bolso de trás e as girou no dedo indicador. —Eu tenho que dizer, eu estava esperando uma repetição da última vez que 'emprestei' o carro do seu pai durante o inverno formal.

—Você está falando sobre eu ficar de castigo pelo resto da minha vida natural? Ou meu pai ligando para a polícia e eles nos

encontrando em Peach Point, embaçando as janelas?

Os olhos de Boone mudaram quando ele olhou para o carro, seu sorriso aumentando.

—Estou falando do xerife batendo na janela de trás quando minha cabeça estava enterrada sob dezoito camadas de tafetá.

Senti meu rosto ficar ruborizado quando o calor subiu pelo meu pescoço. Tinha me lembrado daquela noite... sem lembrar a noite detalhe por detalhe. Agora que eu estava me lembrando dessa maneira, senti como se estivesse revivendo a maneira como certas partes do meu corpo estavam se contraindo.

—Memórias—, eu disse, minha voz alta. E por que não pude fazer contato visual com ele como ele comigo?

—Desculpe. Eu não quis... você sabe, trazer o passado novamente— ele disparou enquanto destrancava a porta para mim. Seus dedos roçaram o metal da maçaneta da porta e permaneceram lá.

—Está bem. Não é que essa seja uma das muitas que podemos arquivar na caixa Esquecer e seguir em frente.

Quando ele inclinou a cabeça para mim, quase sorrindo sobre o fato de eu não rotular a primeira vez que ele desceu em mim como algo que eu queria esquecer, não pude conter a expressão confusa que eu estava segurando. Alcançando a maçaneta que ele ainda estava segurando, abri a porta e pulei dentro do carro.

Só para ser lembrado por que não se deve jogar a pele nua em um assento de couro que estivera assando ao sol durante a última hora sem dar alguns toques para se acostumar primeiro.

—Quente?— Boone estremeceu quando eu rolei para o meu lado.

—Escaldante.

—Ar condicionado chegando.— Depois de bater a minha porta, ele correu pela frente do carro, se jogou para dentro e ligou o motor e o ar antes que eu pudesse fazer outro giro para frente e para trás.

—Qual é a distância do seu centro?— Eu poderia ter suspirado de alívio quando o ar frio correu pelo meu rosto.

—Onde fica o que costumava ser meu centro? Não longe. Ou

um pouco longe.— Boone jogou o braço sobre o encosto do banco, inclinando a cabeça para trás também, antes de recuar na vaga de estacionamento. —Depende da sua definição de longe.

—Essa é à sua maneira sutil de dizer que é uma questão de perspectiva?— Eu arqueei uma sobrancelha em sua direção enquanto ele gastava a rua.

—Essa é à minha maneira não tão sutil de dizer que tudo é uma questão de perspectiva.

Boone acenou para o Mercedes clássico que acabara de passar por nós depois que o motorista acenou pela janela primeiro. Quando passamos, o motorista nos deu um olhar estranho. Provavelmente porque ele estava acostumado a ver meu pai ao volante, não um rapaz jovem com cabelos presos em um rabo de cavalo.

—Quando você foi pegar um carro do meu pai hoje de manhã, por que esse? perguntei alguns minutos depois que passamos da parte rica da cidade para uma que era distintamente de classe média. Eu gostei mais desta parte de Charleston. Mais parques públicos, muito mais crianças e mais cães passeando com guias. Não do tipo que poderia ser amarrado

em um carrinho de bebê ridículo.

Os punhos dele deslizaram para cima e para baixo no volante, como ele estava pensando. —Eu já dirigi esse antes, então tive uma certeza razoável de que não o destruiria como seu pai acredita que destruí as outras coisas na vida dele.

Esmaguei meus lábios e assenti. —Isso faz sentido.— Sorri quando passamos por um parque da cidade cheio de crianças pulando em torno dos brinquedos, como se fossem árvores. —Eu só estava pensando que poderia ter sido por outro motivo...

Ao mesmo tempo, os olhos dele e os meus se voltaram para o banco de trás por um momento.

Ele assentiu uma vez. —É por causa das memórias. As boas.— Ele deixou o braço pendurado no encosto do meu banco e, quando a mão dele cobriu a ponta do meu ombro, eu me encolhi.

—Desculpe.— Sua mão voltou para o assento.

—Não, não foi por isso que eu pulei—, eu disse rapidamente. —Foi bom.— Claramente, eu estava dizendo as coisas muito rapidamente agora, como foi confirmado pela

expressão de Boone se transformando em algo que não consegui traduzir. Mas não importa o que aconteça, não significava nada de bom quando ele estava assim, dentro deste carro, falando sobre essas memórias. —Quero dizer, fiquei surpresa que me senti bem.

As sobrancelhas dele se uniram mais.

Eu gemi silenciosamente e caí no assento. —Deixa pra lá. Não consigo montar um pensamento inteligente para salvar minha alma hoje.

Depois de mais um minuto me mexendo no meu assento, o crescente silêncio passando de desconfortável para insuportável, notei os cantos da boca de Boone se contorcendo antes de um sorriso se encaixar.

—É bom saber que meu toque ainda é tão bom que faz você pular.

Quando seus olhos deslizaram em minha direção, logo antes de ele piscar, minha boca se abriu. —Bom é uma maneira generosa de colocá-lo.

Seus olhos rolaram, chamando meu blefe. —Você pode estar

me pagando dez mil para posar como seu encontro para a semana, mas isso foi de graça.— Outra piscada combinou com um sorriso malandro. —Seja bem-vinda.

Eu queria dar um tapa no peito dele, mas sabia que não devia tocá-lo. Não do jeito que eu estava me sentindo - como tudo o que ele fez me puxou para mais perto, em vez de me repelir como deveria. —Um pouco mais de direção, um pouco menos de alegria, por favor.

—Só para você saber, minha mão está aqui para o seu prazer.— Boone manteve uma cara séria e levantou a mão que ainda estava logo atrás do meu ombro.

Eu cerrei meus dentes juntos. —A única maneira pela qual a mão poderia me dar mais prazer é saber que nunca mais me tocaria.— Quando ele olhou para verificar minha expressão, eu esperava que ele encontrasse uma tão convincente quanto pretendia.

Depois de um último olhar para mim, ele riu. —Deus, Clara, não é de admirar que seus pais tenham entendido nós dois. Você não é apenas uma mentirosa ruim, nem mesmo excepcionalmente ruim.— Boone balançou a cabeça. —Você é comprovadamente

incapaz de mentir.

Sua risada continuou a encher o carro e, embora soubesse que ele estava apenas brincando, senti minhas penas tremerem. —Eu me lembro de ter mentido algumas vezes quando éramos crianças.

Eu queria as palavras de volta. Eu queria que elas fossem colocadas dentro de mim, para nunca mais serem proferidas novamente. Pelo olhar de Boone, ele também não se importaria.

Toda a leveza deixou sua expressão, seu riso parou. —Reter a verdade é diferente de mentir, Clara.

—Não muito—, sussurrei, olhando pela janela e tentando ver o que estava acontecendo naquele momento, em vez do que havia acontecido no passado.

Depois disso, ficamos quietos. Muito passado foi trazido à tona. O presente não aguentava mais sem parar tudo.

Apenas alguns minutos depois disso, ele parou em um estacionamento vazio de cascalho e estacionou sob uma sombra projetada por uma das grandes árvores que ladeavam a propriedade.

—Estamos aqui—, Anunciou, olhando e segurando o volante como se não estivesse pronto para o que estava por vir.

À nossa frente não passava de uma massa de terra não desenvolvida, mas atrás de nós, logo depois do estacionamento, vi um grande edifício cercado pelo que pareciam ser vários campos esportivos cobertos de vegetação. Meu olhar percorreu o comprimento da torre. —Essa igreja é antiga?

—Sim, ela estava vaga por quase uma década e, com toda a terra vazia ao seu redor e sua proximidade com o bairro, seu uso passado era fácil de ignorar.— Os punhos de Boone continuaram deslizando para cima e para baixo no volante, seu olhar inabalável.

Dei uma olhada em volta. Embora sua localização fosse na periferia da cidade, ainda havia muitas casas bem à vista e muito mais a uma curta distância. Esta era uma parte da cidade que eu raramente visitava - apenas quando estava com ele.

—Posso ver?—, perguntei suavemente.

Os nós dos dedos de Boone estavam tão brancos que os ossos pareciam romper sua pele. —Claro.— Ele limpou a

garganta. —É por isso que viemos aqui, certo?

—Se é muito difícil, eu entendo.

Ele olhou para mim pelo canto dos olhos. —Eu já passei por coisas mais difíceis .

Eu engoli e assenti. Eu sabia que ele tinha.

Depois de mais alguns segundos, ele soltou um suspiro que soou como se estivesse segurando a respiração por todo o caminho até aqui, então abriu a porta. Ele não disse mais nada, mas esperou por mim no para-choque da Chrysler. Eu o encontrei encostado no porta-malas, os braços cruzados frouxamente e sua expressão quase pacífica enquanto ele inspecionava a propriedade na nossa frente. Qualquer tensão que ele sentisse dentro do carro foi apagada agora que ele se deu permissão para olhar para o centro.

—The Charleston Center para crianças —, li a placa na frente, que parecia ter sido pintada recentemente não muito tempo atrás.

—Sim, as pessoas jurídicas me disseram que eu deveria usar a palavra crianças, porque era um som mais 'digno', mas eu disse

a eles que não queria que as crianças viessem aqui pensando que elas tinham que ser dignas. O ponto principal era que eles pudessem agir como crianças por quanto tempo estivessem aqui, não se comportar como crianças.

Eu sorri enquanto lia a placa novamente. Boone pensou no nome desse lugar mais do que eu imaginava que ele passara durante um ano inteiro de geometria no ensino médio.

—É incrível, Boone.— Meu olhar varreu os campos - futebol, futebol americano e beisebol - e terminou na igreja convertida. Tudo o que parecia uma nova camada de tinta, e as janelas brilhavam por terem sido limpas recentemente. —Quando você disse que era dono de um centro infantil, eu imaginei algo em um quarto dessa escala.

Ele me cutucou antes de começar em direção ao prédio. —Você não seria a primeira pessoa na minha vida a me subestimar.

Eu o segui, gostando da maneira como o cascalho triturava sob minhas sandálias. Parecia um instrumento musical, algo vivo e algo feliz por estar vivo. Eu não tinha saído do estacionamento e já estava apaixonada pelo lugar.

Ele parou na beira do estacionamento para colher algumas ervas daninhas que atravessavam o cascalho. —É incrível como algo tão pequeno pode ocupar uma área inteira em pouco tempo, se você não cuidar dela.— Ele arrancou outras ervas daninhas antes de continuar em direção ao prédio.

Os degraus de madeira nem rangeram quando subimos para a entrada do centro, onde, pelo que parecia, pelo menos uma centena de crianças mergulharam as mãos em tinta antes de colocá-las nas paredes. Mãos pequenas, mãos grandes, algumas mãos faltando um dedo, em todos os tons e sombras que percorriam o comprimento do arco-íris. Era um lugar convidativo, em algum lugar que eu imaginava que uma criança sorrisse ao entrar, diferente dos poucos centros e abrigos que visitei em outras partes de Charleston. Onde sombrios e melancólicos pareciam ser os temas nesses centros, calor e alegria claramente eram os temas aqui.

Quando li o aviso amarelo grampeado na grande porta da frente essencialmente que o centro estava fechado e agora detido ao banco - meu sorriso se apagou. Uma das poucas empresas nesta parte da cidade, em toda a cidade, que causou e poderia ter continuado a causar um impacto significativo na vida de tantas

pessoas, foi forçada a fechar as portas porque não podia mais pagar as despesas mensais.

Onde estavam as famílias ricas que escreveram cheques em arrecadações de fundos e leilões que gastaram cem mil por uma organização sem fins lucrativos que doou suéteres de lã para cães sem teto na Índia não era algo maior do que entrar em um posto de gasolina e comprar uma Coca-Cola? Onde estavam as pessoas ricas que chegaram ao final do ano e perceberam que precisavam doar esse valor para a caridade em troca de benefícios fiscais? Onde eles estavam?

Eu não precisava perguntar a Boone quanto custou a ele administrar este lugar para saber que não tinha sido muito. Ou não muito na escala do tipo de riqueza que eu conhecia fluir por esta cidade. Eu queria arrancar esse aviso da porta e queimá-lo, embora eu soubesse que fazer isso não faria diferença. O centro estava fechado, Boone tinha perdido.

—Isso é realmente incrível.— Minha voz saiu como um sussurro, porque eu estava muito emocionada para dizer algo mais alto.

—Sim, você disse isso no estacionamento.— Boone

procurou algo no bolso da calça, me dando um olhar peculiar, como se estivesse preocupado que eu estivesse com febre.

—Tudo o que você viu é o estacionamento e a parte externa do prédio.

—E tudo tem sido incrível—, respondi enquanto ele enfiava uma chave na fechadura.

—Eles não fizeram você entregar todas as suas chaves?

Ele mexeu a chave algumas vezes antes de girá-la e abrir a porta. Ele sorriu. —Claro, eles fizeram. E eu dei todas a eles. Ele deslizou a chave e a segurou no ar. —Exceto por esta

—Que rebelde.— Passei pela porta e esperei ele fechá-la quando estivéssemos lá dentro. —Quem imaginaria que você fosse dono e administrasse um lugar como este?

—Ninguém, nem eu teria feito até alguns anos atrás.

—Deixe-me adivinhar – isso aconteceu com você em um sonho?

Ele balançou a cabeça enquanto acendia um interruptor de luz para cima e para baixo algumas vezes. As luzes ficaram

apagadas. Havia luz suficiente entrando pelas várias janelas espalhadas pelo prédio antigo para que pudéssemos ver com clareza, mas eu não precisei verificar o rosto dele para saber que ele estava desapontado porque, onde as luzes já haviam iluminado intensamente, elas agora não acendiam.

—Na verdade, chegou a mim na forma da minha irmã tropeçando em meu lugar tarde da noite, bêbada, machucada e ensanguentada.

—Oh meu Deus. O que aconteceu com ela?— Eu sabia que sua irmã mais nova, Wren, bebia álcool da mesma maneira que bebia suco de maçã, mas a coisa machucada e ensanguentada não tinha sido uma ocorrência tão comum na época.

Ele teve que soltar o queixo antes de responder. —O namorado dela. Foi o que aconteceu com ela.

Eu toquei seu braço. —Ele bateu nela?

Boone olhou ao redor do corredor, inspecionando tudo o que não estava nem perto da minha direção. —Ele bateu nela. Ele estava batendo nela. Assim como a maioria dos namorados de nossa mãe havia espancado ela.— Ele balançou a cabeça. —Era

como se eu estivesse vendo minha irmã se tornar minha mãe. Cometer os mesmos erros. Uma decisão ruim de cada vez, abrindo caminho para um inferno com as próprias mãos.

Eu queria apertar a mão dele ou dar-lhe um abraço ou algo para indicar que sua dor era evidente eu estava reconhecendo. Meus pés pareciam grudados no chão. —E ver sua irmã assim fez você pensar em criar este lugar?

Ele virou as costas para mim e balançou a cabeça. —Não, não tanto o que aconteceu com ela naquela noite, mas o que aconteceu com ela antes para levá-la a um lugar onde dançar por dólares e namorar caras que lidavam com problemas com os punhos era tudo o que ela esperava da vida.

Minhas costas enrijeceram quando ele olhou para mim por cima do ombro. Eu sabia do que ele estava falando. —Você quer dizer o que aconteceu com ela quando você era criança?— Eu tive que fazer uma pausa antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa.

— Abuso... dela?

Ele não respondeu, e quando ele finalmente respondeu, foi

com um único aceno de cabeça.

—Você pensou que se Wren tivesse um lugar como este, como uma espécie de refúgio, ela poderia ter sido salva do que aconteceu com ela?— Os tetos eram altos aqui no corredor, fazendo minha voz ecoar em torno de nós, mas as palavras que eu estava dizendo que queriam ficar quietas.

—Não, não achei que algo assim pudesse ter impedido o que aconteceu com ela ou interrompido o que acontece com milhares de outras crianças. Isso só me fez pensar em como sua vida poderia ter sido diferente se ela tivesse algo em sua vida que a apoiasse, em vez de constantemente destruí-la. Se fosse a algum lugar e estivesse perto de pessoas e atividades que a fizessem se sentir bem consigo mesma, poderia ter... você sabe, mudado a maneira como ela acabou.— Boone se virou, mais olhando para mim do que se afastando. —Eu não pude salvar Wren ou as outras Wrens por aí do que aconteceu com elas, mas acho que esperava equilibrar a balança. Eu não era ignorante o suficiente para acreditar que poderia apagar o passado com rolinhos de canela e jogos de futebol. Eu estava apenas tentando fazer a diferença no seu aqui e agora, e talvez lhes dar uma vantagem quando se tratava de seu futuro.

Eu não conseguia continuar olhando para ele dizendo o que estava dizendo sem me animar, então desviei o olhar. Eu ainda me afoguei, mas pelo menos ele não sabia. —Você queria ser uma força para o bem.

Ele exalou. —Acho que tinha mais a ver com não querer ser uma força para o mal. Elas já existem o suficiente.

Continuei olhando fixamente para a parede, enxugando os cantos dos olhos como se estivesse tentando arrancar um cílio que caíra nos meus olhos. —Então você vai me mostrar? Ou vamos continuar discutindo forças do bem e do mal na entrada?

Uma risada vibrou profundamente no peito de Boone. —Vamos. Vamos acabar com isso antes que a polícia apareça e me acuse de arrombar e entrar, além do roubo de veículos.

—Eu seria enquadrada como cúmplice.

—Okay, certo. Seu pai diria ao xerife que eu a sequestrara, então acho que você pode adicionar uma terceira acusação à minha prisão. Quando Boone passou por mim, ele pegou minha mão e me levou pelo corredor.

Em vez de deixar que ele me soltasse quando chegássemos

aonde estávamos indo, eu uni meus dedos nos dele e segurei firmemente.

—Esta é a sala de jantar e a cozinha—, anunciou ele quando entramos em uma grande sala no final do corredor. Pela maneira como o interior foi emoldurado e redesenhado, uma vez que uma pessoa estivesse lá dentro, ela nunca saberia que estava em uma igreja.

—A sala mais importante de qualquer lugar, certo?— Eu sorri para as dezenas de mesas espalhadas pela sala. Elas eram todas redondas, alguns mais baixas do que outras, e em um dos cantos havia uma cozinha infantil, completa com um exército de bonecas e bichos de pelúcia ainda apoiados em cadeiras altas em sua própria mesa.

Boone me pegou olhando para ele. —Sim, eu simplesmente não consegui encontrar uma maneira de derrubar tudo e colocar em caixas. Sou idiota por deixar tudo para trás também para o banco, mas acho que estou me iludindo acreditando que alguém entrará, comprará e manterá as coisas exatamente do jeito que eram: Sininho e Winnie, jantando com Ursinho Pooh, lado a lado.— Boone acenou para a mesa cheia de convidados ecléticos.

—Então, o que você faria nesta sala?— Eu perguntei, dando voltas e espiando a área da cozinha. Era uma cozinha grande e bem equipada de nível comercial, pelo que parecia.

—Quero dizer, além do óbvio.

Ele sorriu para mim. —Se por óbvio você quer dizer que costumávamos ver quantos marshmallows uma criança podia colocar na boca e ainda dizer coelhinho gordinho, e acabar com mais frutas esmagadas no chão do que nos potes quando ensinávamos a fazer geleia e realizaríamos cerimônias de premiação para quem era o mais corajoso quando se tratava de experimentar novos alimentos semelhantes a uma natureza saudável e frondosa.— Boone esfregou uma marca de mão na bancada de aço inoxidável com o punho da manga. —Algumas das coisas mais óbvias que costumávamos fazer aqui incluíam preparar, servir e comer refeições.

Revirei os olhos para o seu sorriso. Por mais difícil que tenha sido para ele no estacionamento, agora que estávamos dentro e ele estava se movendo pelo centro, era como se eu estivesse com uma pessoa totalmente diferente. —Quantas refeições você serviu em um dia típico?

Ele não teve que estreitar os olhos em concentração ou dobrar a testa para calcular.

—Sete dias por semana, servimos café da manhã e jantar e, nos fins de semana, também almoços, e no total estávamos fazendo quase mil e quinhentas refeições por semana. Mais no verão, quando as crianças estavam em casa depois da escola.

Minhas sobrancelhas se levantaram —Não teria adivinhado metade disso. Estamos falando de cachorros-quentes, pizzas, batatas fritas e vegetais enlatados, certo? Acha que o almoço escolar é melhor em algum grau?

O olhar de Boone procurou na cozinha, vendo algo que era invisível aos meus olhos.

—Meu objetivo não era dar a eles o que eles esperavam. O que todo mundo pensava que merecia. Carnes de qualidade do banco de alimentos e ervilhas empapadas de uma lata não eram o ambiente que eu queria criar aqui.

—Então você foi com ervilhas congeladas?— Tentei calcular quantos quilos de ervilhas congeladas uma pessoa passaria semanalmente tentando acompanhar quinhentas refeições.

—Frescas. Sempre que pudermos pegá-las. Caseiro. Sempre que pudemos. Frutas que eram mais do que apenas uma banana ou uma maçã machucada.— Boone saiu da cozinha para a sala de jantar, com o sorriso ainda no lugar. —Você deveria ter visto o rosto das crianças quando servimos kiwi pela primeira vez. Metade delas tentou comê-lo como uma maçã, pele marrom felpuda e tudo, e a outra metade não ousaria dar uma mordida até que eles assistissem alguém fazer isso primeiro.— A risada dele ecoou pela grande sala vazia. —Eu queria que eles soubessem que havia mais na vida do que as outras coisas de segunda mão. Eu queria que eles percebessem que eram dignos das coisas boas da vida, mesmo que essa lição lhes fosse sutilmente passada na forma de um copo de leite que havia sido derramado de uma caixa de papelão em vez de pó misturado na água.

Eu o segui até a sala de jantar, querendo dizer muito. Querendo jorrar, elogiar, perdoar e cumprimentá-lo até eu ficar de cara azul. Queria que ele soubesse que, embora aos seus olhos parecesse que ele falhou porque havia perdido o centro, ele conseguiu.

—Quantas pessoas trabalhavam ao mesmo tempo? —, perguntei, em vez de seguir com o pensamento.

—Geralmente havia três pessoas trabalhando na cozinha a qualquer momento e mais algumas ajudando nas atividades que realizávamos ao longo do dia; portanto, geralmente de cinco a oito pessoas, dependendo da hora e do dia.

Boone deslizou uma cadeira para trás de uma mesa enquanto saía da sala de jantar. A turnê estava em andamento e, com base no que eu já tinha visto, mal podia esperar para ver o resto.

—Isso incluindo você?— Eu perguntei quando me aproximei dele.

—Isso me incluindo.

—Que tipo de horário você tinha?— Perguntei quando ele abriu a primeira porta que viemos no corredor. A sala não tinha tantas janelas quanto a cozinha, por isso estava um pouco mais escura. Eu hesitava em entrar, mas quando ele entrou, eu o segui.

—Se o centro estivesse aberto, eu estava trabalhando. Essa era a minha agenda.— Pelo jeito que a voz dele não estava ecoando tanto quanto na cozinha, imaginei que essa sala tivesse metade do tamanho da sala de jantar.

—Qual era o horário do centro?

Os passos dele se moveram pela sala, depois uma nova luz cortou. E depois mais quando ele levantou as persianas que cobriam as janelas. —De segunda a sexta, estávamos abertos das seis da manhã às nove da noite. Nos fins de semana, abrimos uma hora depois e ficamos abertos uma hora depois.

—Você estava aberto quinze horas por dia?— Eu me movi pela sala mais confortavelmente, deixando meus olhos se ajustarem à luz. —Sete dias por semana?

—Sim e sim.

—Então, as suas semanas de trabalho foram centenas de horas de trocas e trocas?

Boone se sentou contra um dos poços da janela e olhou ao redor da sala. Agora que meus olhos haviam se ajustado, vi que era uma espécie de biblioteca. Fileiras de estantes haviam sido empurradas contra as paredes, todas cheias de livros, e no centro da sala havia um monte de pufes e tapetes coloridos.

—Isso parecia certo—, respondeu ele.

—Quando você dormia?— Fiz uma pausa quando cheguei ao lado de uma bolsa tingida que ainda tinha Anne de Green Gables aberta.

—Sempre que eu não estava trabalhando—, ele disse, levantando os ombros. —Às vezes, quando eu terminava a limpeza, as estantes de livros e os pedidos, eu ficava cansado demais para voltar para a minha casa, então eu entrava aqui, aconchegava-me e apagava as luzes.— Ele olhou para um dos pufes maiores que tinham tido claramente sua parte de uso.

Eu balancei minha cabeça, confusa. O Boone que eu amava não poderia ter feito nada errado aos meus olhos, mas o Boone de hoje, ele estava pensando em outra coisa. Alguém que fez tanto de sua vida. Alguém que havia superado as probabilidades e optado por colocar o bem no mundo quando era muito mais fácil usar a outra opção.

—Você é um santo—, eu disse, virando-me lentamente.

—Ninguém chega a ser um santo sem antes ser um pecador.— Ele empurrou a janela, indo para a porta. —Engraçado, não é?

Agachei-me ao lado do pufe com o livro. Fiquei tentada a pegar o livro e guardá-lo, mas no último momento parei. Levantei, virei e saí da sala do jeito que estava - pronta para o jovem que havia deixado o livro lá voltar e terminar de lê-lo.

—Nesta sala, a maioria era de artes e ofícios.— Boone seguiu pelo corredor, abrindo portas quando passou por elas. —E este, que era um armário de roupas quando este lugar era uma igreja em funcionamento, era meu escritório.— Ele olhou para mim quando eu espiei minha cabeça dentro do espaço apertado. —Eu não conseguia esticar meus braços atrás de mim sem bater minhas mãos na parede.

—Estou surpresa que você possa se virar aqui.— Eu enruguei meu nariz quando calculei que, enquanto o espaço estava do lado longo, não poderia ter sido maior que um, talvez um metro e vinte.

Ele riu, agarrando meus ombros e me afastando do armário de casacos que era seu escritório. —Mas o que estou realmente animado para mostrar é o que está do lado de fora.

—Os campos de esportes?— Eu perguntei quando o deixei me levar por uma sala diferente que parecia ter um monte de

materiais educacionais antes que ele abrisse uma porta que dava para fora. —São ótimos, Boone. Eles parecem muito bem conservados, e eu amo as arquibancadas que você tem no campo de beisebol.

—Os campos são ótimos—, disse ele, guiando-me por algumas escadas antes de me guiar na direção oposta dos campos. —Mas isso é o que você vai achar que é realmente ótimo.

Ele não teve que me guiar muito mais longe antes que eu visse o que ele devia estar falando. Do estacionamento, não era visível, mas pelo que pude ver aqui, parecia ser uma grande área cercada por postes manchados de mel.

—Um quintal cercado?— Eu disse, me aproximando. —É isso que você acha que eu vou achar realmente bom? Sou mais uma pessoa do tipo quintal sem cercas. Espaços abertos e sem limites, esse tipo de coisa.

Boone beliscou meus ombros, ainda me guiando. —As cercas são para afastar os cervos e outros animais. Também não escolheria tê-las se não fosse necessário.

—Manter o cervo fora de quê?

Quando paramos do lado de fora da cerca, Boone alcançou por cima e abriu o portão. Ele me convidou para entrar primeiro. Eu dei a ele um olhar desconfiado antes de dar um passo hesitante para dentro.

Meu segundo passo não foi tão hesitante. —Um jardim—, eu sussurrei, me virando para tentar absorver tudo. Não consegui. Algo dessa magnitude não podia ser entendido de uma só vez. —Você fez um jardim.

Ele respondeu enfiando as mãos nos bolsos e encolhendo os ombros.

O espaço era facilmente tão grande quanto o interior do edifício. Se eu precisasse adivinhar, provavelmente seis por quinze metros de largura. Canteiros elevados cobriam o perímetro, e gaiolas e treliças de tomate passavam pelas fileiras centrais. Uma passagem rudimentar de rochas do rio havia sido tecida pelo jardim, e havia tanta fruta fresca, ervas e legumes que eu entendi como Boone tinha sido capaz de alimentar tantas crianças com tanta comida fresca.

—Como ele permaneceu vivo com o banco proprietário da propriedade?— Eu me agachei ao lado de um tomateiro saudável

repleto de globos escarlates pesados.

—Alguém na propriedade ao lado pode ou não estar entrando e passando a mão diariamente.— Ele se moveu pelo jardim, arrancando algumas ervas daninhas e folhas mortas.

O tomate estava tão maduro que mal tive que tocá-lo para que ele se libertasse da videira na minha mão. —Você mora ao lado?

—Tão ao lado quanto os lugares por aqui.

A mãe de Boone tinha vivido, e eu imaginei que ela ainda morasse, alguns quilômetros na outra direção. Eu assumi que ele queria estar perto dela sem estar muito perto. Eu tinha sido mais da mentalidade de querer estar longe da minha família, tanto quanto o país permitisse.

—Há quanto tempo você mora em seu lugar?—, Perguntei.

Ele continuou podando de costas para mim. Fiquei temporariamente distraída das plantas observando-o. Antes dos últimos dois minutos, eu não sabia que Boone sabia o que era preciso para cuidar de um jardim. Manter tantos tipos diferentes de seres vivos e prósperos. Eu não conseguia descobrir se essa

era minha impressão, porque ele nunca admitiu completamente não conhecer a raiz de uma planta a partir de sua flor, ou se era porque eu não conseguia me lembrar de um único ser vivo crescendo fora ou dentro do trailer dele, incluindo um pedaço perdido de capim-caranguejo.

—Eu comprei do meu tio quando tinha dezoito anos, mas só me mudei alguns anos depois.— Boone misturou a pilha de ervas, rasgando um pedacinho de cada uma delas e recolhendo-as no bolso da camisa.

—Por que você não se mudou logo depois que você comprou?— Lembrei-me do tio de Boone que morava aqui – era excêntrico como a maioria das pessoas que o conheciam o descreviam - mas eu nunca soube que Boone havia comprado sua casa dele.

—Eu não estava pronto—, respondeu ele, continuando pelo jardim, se afastando cada vez mais.

Levantei-me e limpei o tomate com o meu vestido. —Posso ver?

Ele ficou quieto. Eu estava quase convencida de que ele não

tinha ouvido minha pergunta até que eu o notei concordar.

—Preciso pegar roupas limpas esta semana, certo? Antes que sua família perceba que eu realmente não possuo nada além da camisa que tenho nas costas.— Seu tom era leve, mas eu sabia que havia um peso no significado dele.

Eu estava prestes a morder o tomate e comer como uma maçã quando algo brilhou no outro extremo do jardim. O sol estava pegando algo perfeito. Meus olhos lacrimejavam com o brilho, mas isso não me impediu de me aproximar. A cada passo que eu me aproximava, a luz se tornava menos severa e era suportável quando eu dava alguns passos para trás.

Era uma placa feita de diferentes tipos de metal e soldada por alguém claramente habilidoso com um maçarico. Eu só conhecia uma pessoa na minha vida que podia usar um maçarico, como a maioria das crianças faz com um lápis.

—O que é isso?— Eu gritei para Boone, que ainda estava mexendo com as ervas.

Quando sua cabeça inclinou em minha direção, suas costas ficaram rígidas. —É uma placa.

Cruzei os braços e continuei a estudá-lo. —Obrigado por essa revelação que abalou o mundo, mas minha pergunta teve mais a ver com o que diz.

—O que você quer dizer?— Ele se levantou, mas ficou onde estava.

—'Clara's Garden'—, eu li. —É o que a placa diz.

—Sim.

Eu não conseguia parar de olhar para a placa, confusa sobre por que estava lá e o que isso significava. —É Clara como eu ou uma diferente?

Vi Boone lentamente caminhando em minha direção, mas não havia urgência em seus passos. —Eu só conheci uma Clara na minha vida até agora.

—Então isso significa... ?

—Sim, eu nomeei o jardim em sua homenagem.— Seus passos de botas se aproximaram, amortecidos pela espessa camada de solo castanho.

Minhas sobrancelhas se juntaram. —Por quê?

Boone parou. —Porque você sempre quis seu próprio jardim, e eu não tinha certeza se você teria um algum dia. Então acho que essa foi a minha maneira de garantir que você tivesse isso. Ele puxou a camisa para fora da calça e limpou a terra das mãos. A terra era tão rica em nutrientes e água, mais riscava suas mãos do que as limpava.

— Sério?— Eu perguntei, escovando o sinal com as pontas dos meus dedos. Fazia calor ao sol, mas nenhuma das arestas de metal era afiada.

—Realmente. Além disso, você era responsável por me fazer sentir que eu valia mais do que aquilo que o resto do mundo me daria. Meu objetivo era dar a essas crianças aqui neste centro a mesma coisa que você deu a mim, de muitas maneiras, eu não poderia ter dado ao jardim um nome mais adequado.

—Você não precisava de mim para fazer grandes coisas com sua vida, Boone. Este centro prova isso.— Olhei para ele e levantei o tomate.

—Não, mas eu precisava de outra pessoa para acreditar em mim primeiro, antes que eu pudesse acreditar em mim. Essa pessoa foi você. Você me deu a hora do dia em que ninguém mais

do seu círculo o faria. Você me mostrou que eu era digno de amor e da confiança de alguém. Como você me viu...— Ele balançou a cabeça. —Era como se você estivesse me vendo pelo homem que eu poderia ser, em vez do garoto titubeante que eu era. Era sobre isso que era esse centro, era o que você fazia por mim, e foi por isso que eu batizei o jardim em seu nome. Não há outro motivo.— O olhar de Boone caiu no letreiro e, quase imediatamente, a pele entre as sobrancelhas se enrugou. Ele desviou o olhar.

—Quaisquer que sejam suas razões—, eu disse, sorrindo para a placa antes de virar e inspecionar —'Meu jardim', obrigado. Eu sempre quis ter um jardim, e você estava certo ainda não tinha conseguido um.

Ele estendeu os braços. —Bem, você tem um agora.— Seus braços caíram ao lado do corpo. —Nem que seja apenas por sentimento, já que o Clara's Garden agora pertence ao The First Bank da Carolina do Sul.

—O sentimento funciona muito bem para mim.— Eu me senti envergonhada quando me virei para encará-lo. Eu não tinha certeza do porquê; tímida era uma das únicas emoções que eu

nunca senti com Boone. —Obrigado.

Ele arrancou um tomate de um tomateiro antes de levá-lo à boca e dar uma mordida.

—De nada.— Ele deu outra volta lenta, inspecionando o jardim, antes de inclinar a cabeça em direção ao portão. —Você já viu tudo agora, e roupas limpas não vão se embalar sozinhas. Pronta para seguir em frente

—Não.— Eu balancei minha cabeça. —Mas acho que nunca estarei pronta, então é melhor irmos antes que meus pés se enraízem com o resto das plantas aqui.

—Eu garanto que você não terá que se preocupar com a mesma coisa acontecendo na minha casa—, disse ele enquanto se movia em direção ao portão.

—O que isso significa?

—Isso significa que a casa pode ter um telhado que não vaza e um ar-condicionado funcionando, mas meu lugar não é exatamente o que a maioria das pessoas consideraria acolhedor. Ou convidativo.

—Como eles chamam?— Eu perguntei enquanto ele segurava a boca aberta para mim.

—Marginalmente hospitaleiro.

—Eu tenho certeza que está tudo bem.— Eu finalmente mordi meu próprio tomate. Era tão suculento e doce que fazia os que eu havia comprado nos mercados dos fazendeiros na Califórnia parecerem círculos vermelhos de ar e sementes.

—Como proprietário e único ocupante, nem tenho certeza de que está tudo bem, mas obrigado por ser gentil.

Quando saímos do jardim, Boone virou-se para a parte de trás da propriedade do centro e começou a seguir nessa direção. Eu não estava de salto, mas mesmo nas minhas sandálias planas, eu não conseguia acompanhar o ritmo dele. Parecia que ele estava marchando para a guerra e mal podia esperar para chegar lá para poder acabar logo com isso. Eu bufei e bufei, tentando acompanhar.

Não estávamos caminhando há mais de um minuto quando uma estrutura apareceu. Não era tão ruim quanto ele sugeriu, nem metade disso. Como o centro, parecia recém-pintado e as

janelas brilhavam. Não tinha muito quintal, mas a paisagem compensava. Pelo que parecia, havia tantos carvalhos velhos envoltos em musgo ao redor do perímetro da casa dele quanto havia em todos os cinquenta acres da propriedade da minha família.

Ele olhou para trás e parou quando me viu tão atrás. Aparentemente, ele estava muito distraído para perceber que me deixou no pó.

—Desculpe—, ele disse quando me aproximei. —Acho que estou com pressa.

—Com pressa para quê?— Eu perguntei, tentando não soar como se meu coração estivesse batendo no meu peito.

O olhar de Boone mudou de mim para o seu lugar. Um suspiro seguiu. —Para acabar com isso.— Não oferecendo mais nada, ele continuou em direção a sua casa, seu ritmo mais lento.

O caminhão velho que ele costumava dirigir no ensino médio estava estacionado ao lado, parecendo exatamente como eu me lembrava, exceto pela adição de outro ponto de ferrugem ou dois acima dos poços das rodas. Havia uma garagem isolada

atrás da casa, tão bem cuidada, e além do planador na varanda da frente da casa, vi duas cadeiras de balanço do outro lado.

Ele me pegou olhando para elas enquanto subíamos os degraus da frente. —Para quando eu tiver companhia—, explicou, como se possuir duas cadeiras de balanço fosse crime. —A cada década ou duas.

Fiquei um passo atrás dele graças aos meus pulmões prestes a ceder da corrida através do campo. —Pelo menos o tipo de companhia que não chega na ponta dos pés pela porta dos fundos no meio da noite, segurando a calcinha em uma mão e os saltos na outra, certo?

As costas dele pareceram endurecer, mas eu não sabia dizer se era porque ele estava tirando um par de chaves do bolso ou por causa do que eu acabei de dizer. Foi mais brincadeira do que qualquer coisa, mas brincadeiras à parte, não havia escassez de meninas que queriam entrar nas calças dele quando éramos adolescentes. Eu só podia imaginar o tamanho da lista desde que ele se tornara um homem.

—Você pode apenas esperar aqui por mim e ficar calma. Serei rápido, e os móveis aqui são as coisas mais

confortáveis que tenho. Boone virou a fechadura com a chave, mas não abriu a porta. Parecia que ele não tinha certeza de como abri-la comigo, ao lado dele.

—Você deveria esperar aqui. Não vou demorar.

—É uma fornalha aqui, Boone. Acho que vou esperar lá dentro. Limpei minha testa para provar meu argumento. Era um dia raro quando havia algo mais frio do que uma fornalha durante o verão em Charleston, mas eu podia dizer que ele não queria que eu entrasse. Isso me fez querer entrar muito mais. Não era como se eu fosse bisbilhotar suas gavetas da cômoda ou algo assim. Eu só queria ver o lugar em que ele passou os últimos cinco anos de sua vida.

—Eu desliguei o ar condicionado quando saí algumas noites atrás, então será sufocante por dentro. Pelo menos aqui fora, você tem movimento de ar, e lhe trago um copo frio de limonada. A menos que sua preferência tenha mudado e você prefira um doce agora. Ele esfregou a parte de trás da cabeça com a mão, a outra mão ainda estagnada com a chave na fechadura.

—Eu morei dezoito anos no Sul e nunca tomei uma xícara de chá doce. Se isso não foi capaz de mudar meus gostos, sete anos

no estado anti açúcar certamente também não. Inclinei-me para o lado da casa e dei-lhe um olhar aguçado, mas ele não olhou pra mim.

—Adoraria uma limonada, obrigado, mas adoraria tê-la lá dentro. Vou me arriscar com o sufocante.

Ele exalou.

—Vamos. Você acha que eu realmente vou me importar se você tem um monte de roupa suja empilhada por todo o lugar? Ou se todos os seus pratos estiverem empilhados na pia?— Balancei a cabeça e acenei para a porta. —Eu só quero ver dentro por um minuto. Não bisbilhotar, prometo. Eu não vou pegar a roupa de baixo suja e começar a lavar também. Ou encher uma pia com água e sabão nos pratos.

—Você? Limpar voluntariamente uma bagunça de outra pessoa ou a sua?— Boone empurrou a porta, abrindo uma fresta enquanto sorria para mim. —Sim, é algo com o qual não estou preocupado.

Minha boca se abriu um pouco antes de dar um empurrão nele. —Essa é a sua maneira de sugerir que eu sou

bagunceira? Porque, caso você esteja se perguntando, não foi a Fada da Limpeza visitando e recolhendo suas roupas do chão do meu quarto.

Os olhos dele rolaram. —Só que você não é uma aberração limpa. Nada mais, nada menos.— A porta estava meio aberta, mas nós dois ainda estávamos na varanda.

—Todos nós temos nossas quedas—, disse. Eu podia estar um pouco bagunçada quando criança, mas isso mudou, o que ele poderia ter percebido se tivesse parado para pensar em quem pegara suas roupas e sapatos descartados todas as manhãs.

—Sim, e todos nós não crescemos com uma casa cheia de empregadas treinadas para limpar todas as nossas bagunças, permitindo-nos ainda mais.— Boone disparou uma piscadela para mim antes de passar pela porta antes que eu pudesse dar um soco nele.

Eu estava muito ocupada perseguindo-o, fingindo estar indignada, para perceber que eu estava dentro de sua casa até que eu estava na metade da sala. Ele já havia desaparecido no corredor e entrou no que eu achava que era o quarto dele quando eu parei para olhar em volta. Casa do Boone. Eu estava parada no

meio disso.

Isso era algo que eu nunca pensei que estaria fazendo, não depois de tudo o que tinha acontecido entre nós.

De acordo com o exterior, o interior era limpo e arrumado e decorado com um foco claro na função e não na estética. Um sofá, algumas cadeiras e algumas mesas e lâmpadas formavam a sala de estar. Pelo que vi da cozinha, uma mesa básica de madeira cercada por quatro cadeiras era tudo o que havia nela. Havia algumas fotos cambaleando pelas paredes e mesas, principalmente fotos dele e de sua irmã de quando eram crianças, e uma que parecia ter sido uma foto antiga da mãe dele.

—Se você quiser fazer uma trégua, vou me esforçar ao máximo para pegar a limonada que prometi—, Boone gritou de dentro da sala em que desapareceu.

Eu levantei meus olhos para o teto. —Trégua.

Ele esticou a cabeça, estudando-me para avaliar se eu podia confiar em não atirar meu tomate meio comido em seu rosto. Tentador. . ., mas, no entanto, levantei o tomate antes de voltar e colocá-lo lentamente em uma de suas mesas de apoio.

Pelo olhar em seu rosto, era como se eu estivesse segurando uma arma carregada e pudesse abrir fogo contra ele a qualquer momento.

—Trégua—, repeti, levantando uma sobrancelha.

Boone sorriu e depois saiu do quarto. —Droga.— Ele puxou algo pelas costas. —Eu realmente estava esperando que você estivesse indo para o outro lado.— Ele jogou o tomate na outra mão. —Porque meu tomate é maior.

—Vocês homens e tamanho. Mesmo quando se trata de seus produtos.

Ele me jogou seu tomate quando ele passou. Eu peguei, mas mal. —Você diz isso como se estivesse surpresa.

—Na verdade, não —, respondi, colocando o tomate ao lado do meu enquanto ele entrava na cozinha. —Apenas afirmando o óbvio.

Ele riu quando abriu a geladeira. —Sinta-se em casa ou pelo menos fique à vontade.

—Precisa de ajuda?— Comecei a ir para a cozinha. Como o

resto da casa até agora, as paredes eram pintadas de branco.

—Eu acho que consigo alguns copos de limonada. Você sabe, crescendo sem um exército de empregadas e tudo.

Eu estreitei meus olhos em sua direção, mas ele ainda estava meio enterrado na geladeira, remexendo nela. —Assista.

Outra risada me seguiu enquanto eu caminhava pelo corredor. A primeira porta que cheguei foi o banheiro. Pequeno, prático e, novamente, as paredes eram brancas. Era tão arrumado quanto o resto do lugar, não tanto quanto uma mancha de água que pontilhava o espelho ou uma toalha suja enfiada no canto.

Eu continuei. O próximo quarto que eu fui era o quarto dele. Não entrei nem dei mais do que um olhar superficial por várias razões; o principal era que eu não queria que ele se sentisse como se estivesse esgueirando-me pelo que geralmente era considerado o quarto mais privado da casa de uma pessoa.

Havia apenas mais um quarto, e ficava em frente ao quarto de Boone. A porta não estava aberta, mas também não estava bem fechada. Então eu deixei meu elfo entrar.

Estudei as paredes, tentando descobrir por que elas foram

pintadas com uma suave sombra de espuma do mar quando não havia uma única peça de mobiliário para dar qualquer indicação de seu objetivo. Havia uma bela janela na parede oposta, e um conjunto de cortinas brancas penduradas, embora parecessem empoeiradas o suficiente para sugerir que Boone não frequentava este quarto.

Na parede à minha direita havia um armário. Movendo-me para ela, deslizei a porta, esperando encontrá-la vazia.

Não estava.

Minha mão foi para minha boca enquanto eu olhava, sentindo todas as emoções reprimidas que eu retinha por anos empurrando contra minhas paredes, ameaçando romper. Eu não conseguia parar de olhar para o que estava dentro do armário, nem o tempo suficiente para piscar. Meu coração parecia como se tivesse parado de bater, eu estava bastante certa de que a queimação que eu sentia nos meus olhos era de meus esforços para afastar as lágrimas.

Eu não tinha certeza de quantas vezes ele havia chamado meu nome antes dele entrar na sala. Ele estava no meio de chamar meu nome novamente quando ele parou, a última sílaba

do meu nome foi cortada.

Desta vez, quando ele disse meu nome, não havia ponto de interrogação em seu tom.

—O que é isso, Boone?— Perguntei, embora por que fiz, eu não tinha certeza. Eu sabia o que era.

Ele parou por apenas um momento. —Um berço.

Meus olhos ardiam mais. —Por que está aqui? Por que está nesta sala vazia?— Minha voz soou como se fossem meras palavras longe de quebrar. Como se estivesse quase à beira de uma adaga.

Ele não parou desta vez. —Comprei para o centro quando abrimos pela primeira vez. Para o caso de aparecer pequenos e precisávamos de um lugar para eles. Eu não tinha certeza e achei que seria bom ter em mãos.— Ele recuou, entrando no corredor antes de se inclinar no batente da porta. —Nós nunca o usamos, então quando tive que fechar, empacotei e coloquei dentro do armário. Eu esqueci totalmente que estava aqui. Fora da vista, fora da mente, eu acho.

Eu não conseguia parar de olhar para as peças desmontadas

do berço. Boone não parecia dar a eles um olhar fugaz. —Você deixou todo o resto. Por que não isso também?

Ouvi os cubos de gelo tilintar no copo que ele estava segurando do lado de fora da porta. —Eu não sei. Eu acho que pensei que seria um bom presente de chá de bebê para alguém um dia ou algo assim. Não é como se alguma vez fosse usado.— O tom dele ficou em uma ponta afiada, que cortou através de mim.

Como uma coisinha poderia ser responsável por desfazer anos de repressão. Como um objeto inanimado poderia me fazer sentir como se tivesse acabado de ser conectado ao meu coração e pressionado o botão de destruição. Como eu tinha passado tanto tempo sem pensar no que tinha acontecido, como aconteceu, o que aconteceu como resultado...

—Sinto muito, Boone—, eu disse, deixando cair a lágrima que finalmente desisti de segurar e decidi soltar.

—Desculpe pelo quê?— Ele disse, empurrando o batente da porta. —Não é crime enfiar a cabeça dentro de uma sala e olhar através de um armário. Nenhum dano, nenhuma falta. Apenas esqueça.

A nitidez em sua voz que ele estava tentando esconder com um tom de desdém continuou cortando através de mim. —Boone

—Apenas esqueça, Clara— ele retrucou. —Quero dizer isso.

Eu balancei minha cabeça, não tendo certeza se poderia, mas se ele precisasse que eu fingisse por ele, eu poderia fazer isso. Eu devia isso a ele depois de como eu o machuquei, apesar de como ele me machucou de volta. Seu erro não era meu para expiar; nunca foi.

Foi por isso que consegui desviar o olhar do objeto no armário e fechar os olhos. —OK eu vou tentar.

—Você poderia fechar a porta do armário, por favor?— Ele perguntou, mas pelo som de sua voz, ele já estava no meio do corredor.

Não respondi, nem fiz como ele havia solicitado. Em vez disso, mantive as portas abertas, o berço à vista para quando e se ele escolhesse enfiar a cabeça nesta sala novamente. Eu não tinha certeza do porquê, mas o berço afetou Boone tanto quanto eu, e não duvidei que esses motivos se originaram do que aconteceu no passado.

Uma pessoa não podia simplesmente colocar algo em um armário, fechar a porta e fingir que estava esquecida. Não era assim tão simples.

Quando saí da sala, deixei a porta entreaberta, do jeito que a encontrei, e fiz meu caminho pelo corredor, recompondo-me o melhor que pude no espaço de uma dúzia de passos.

Quando encontrei Boone, ele estava na cozinha, inclinando-se para a beira do balcão e tomando um copo de limonada como se não estivesse realmente provando. O outro copo estava sobre a mesa, já cheio de condensação nas laterais.

—Você tem um bom lugar—, eu disse, movendo-me para a limonada e tentando fingir que o que havia acontecido naquela sala estava atrás de nós. —Obrigado por me deixar ver.

Ele assentiu enquanto inclinava o copo mais alto, bebendo a última gota de limonada. Ele praticamente bateu o copo no balcão quando terminou, antes de ligar a torneira. —Eu só tenho que pegar minha bolsa e então podemos sair daqui. Está pronta?

As notas afiadas haviam sido drenadas de sua voz, mas ele ainda parecia ausente, distante até. Seus olhos não se

aproximavam de mim.

—Estou pronta—, disse suavemente. Peguei o copo de limonada e tomei a bebida, como ele, também não senti o gosto.

Ele desapareceu em seu quarto novamente e saiu em menos de cinco segundos, a alça de uma mochila pendurada em seu ombro. Ele marchou pelo corredor mais rápido dessa vez, dirigindo-se para a porta como se não pudesse sair dessas quatro paredes rápido o suficiente.

Tomei outro gole de limonada, corri para a pia e joguei o resto antes de segui-lo. Eu sabia que não estava correndo, porque ele estava ansioso para sair de casa, era eu.

O encontrei esperando na porta, segurando-a aberta com um olhar expectante. Passei por ele rapidamente, com muito medo de dizer qualquer coisa. Não foi até ele fechar a porta, trancá-la e se virar para respirar fundo que seu corpo começou a relaxar. Sua expressão seguiu por último.

Ele estava no meio de uma segunda respiração profunda e parecia que ele queria me dizer algo quando um telefone tocou.

Eu não tinha minha bolsa, então sabia que não era o meu, e

ainda não tinha ouvido ou visto Boone em seu telefone nos últimos dias. Fiquei quase surpresa quando o vi tirar um do bolso de trás e verificá-lo. Ele suspirou antes de responder.

—Eu estava prestes a ligar para você e desejar-lhe uma quarta-feira feliz também, Han-— Ele deve ter sido interrompido, porque ele parou de falar com a boca ainda aberta. Sua expressão realmente não mudou. O que quer que o interlocutor do outro lado estivesse dizendo, nada disso deve ter sido uma surpresa. —Sim, tudo bem.— Outro suspiro. —Eu estarei lá.

Boone não disse mais nada antes de colocar o telefone de volta no bolso.

—Está tudo bem? Perguntei.

—Eu não sei bem, mas tudo está normal.— Ele esfregou a ponta do nariz algumas vezes antes de cerrar a mandíbula e correr pelos degraus da frente. —Ter que pegar minha mãe em seu bar favorito tem sido uma ocorrência semanal desde que eu fiz doze anos e meus pés alcançaram os pedais e pude ver sobre o volante.— Boone pegou as chaves do Chrysler do meu pai no seu bolso e jogou-os para mim. —Preciso ir buscá-la antes que Hank ligue para a polícia e, além de buscá-la, tenho que pagar a

conta. Você acha que pode voltar para o carro do seu pai?— Ele estava voando pela casa, jogando sua mochila na carroceria do caminhão antes que eu descesse as escadas.

—Eu vou com você—, eu disse, sem espaço para negociação na minha voz.

—Você já fez essas excursões antes. Depois de ver um, você praticamente já viu todos.— Ele abriu a porta do motorista e pulou dentro da cabine. —A única diferença é que ela acrescentou mais sete anos de manchas no fígado à pele.

Eu comecei a correr quando o ouvi ligar o motor. Antes que eu parasse completamente, abri a porta e me joguei dentro do carro.

Ele me deu um olhar que teria encolhido uma mulher menor em nada. —Saia.

—Não.— Apertei o assento à minha volta e me sentei direito.

—Agora, Clara.

—Pare de me mandar, seu idiota.— Cruzei os braços.

—Pare de me forçar a mandá-la por aí. Escute, pela primeira vez.— Boone alcançou meu colo, tentando abrir minha porta.

No último segundo, enfiei meu cotovelo na fechadura e a abaixei. —Dirija.

A boca dele se abriu, mas nada saiu. Eu tinha experiência suficiente conosco discutindo no passado para poder imaginar quais palavras estavam na ponta de sua língua, mas elas não vieram. Em algum lugar ao longo de sua jornada de sete anos, ele adquiriu um pouco de autocontrole.

Algo que eu ainda estava lutando para entender.

—Por que você nunca pode me ouvir? Nunca?— ele disse finalmente, saindo da garagem.

—Porque se eu tivesse te escutado naquela época, nunca teríamos chegado a lugar algum. Porque se alguém escutasse o que você pediu que eles fizessem, ninguém chegaria perto de você.— Descruzei meus braços e relaxei, apesar de Boone sair correndo pela estrada de terra a quase 80 quilômetros por hora. Ele sempre foi um motorista cruel. Eu me acostumei com isso. —É por isso.

—Você é o único lembrete de por que não deixo as pessoas se aproximarem de mim, então tenha cuidado com o que você está fazendo, me dando palestras, entendeu?— Ele olhou para mim. —Agora não é o momento de falar sobre me abrir para as pessoas porque fui queimado por você e não vou deixar ninguém fazer isso comigo novamente.

—Eu incluída?

—Você principalmente. —

Olhei pela janela para as árvores passando e fiquei quieta quando a última coisa que eu queria fazer era ficar parada e calada. Talvez ele não tenha sido o único que pegou algum autocontrole. Quanto mais olhava pela janela, concentrando-me em me acalmar, mais descobri que realmente funcionava.

Boone não tinha dito para onde estávamos indo, mas não precisava de dois palpites para descobrir. Dolly Cavanaugh frequentava o mesmo bar desde a noite em que o pai de Boone e Wren os deixou quando ele tinha quatro anos e Wren ainda era um bebê. Não pude começar a contar o número de vezes que acampara dentro do silencioso carro de Boone enquanto estacionava do lado de fora do Bar, sim, o proprietário era

realmente criativo - esperando que ele escoltasse ou levasse sua mãe para fora. Como eles saiam dependia da noite e quantas lembranças dolorosas Dolly não era capaz de manter reprimida.

Lembrei-me principalmente dele carregando-a por cima do ombro, a cabeça erguida, mas os olhos arregalados. Ele não queria que ninguém visse sua vergonha, mas para quem olhasse com bastante atenção, era inconfundível naqueles olhos azuis.

—Por que você está tão quieta agora?— Boone perguntou um minuto depois, sua voz voltando ao normal.

Continuei olhando pela janela. —Eu não tenho nada a dizer.

—Você pode não ter nada a dizer, mas Deus sabe que você tem algo a argumentar. Havia dúvidas suficientes surgindo na voz de Boone que eu poderia dizer que ele estava tão surpreso quanto eu por ter escolhido a resolução mais pacífica para nossa briga.

—Eu não.— Eu levantei meus ombros. —Você está certo.

Sua cabeça girou na minha direção. —Eu estou certo sobre o que?

—Você se abriu para mim e te machuquei. Você não tem

motivos para querer fazer isso comigo ou com outra pessoa novamente.— As árvores estavam se tornando menos borradas, o que significava que estávamos desacelerando. O que significava que estávamos nos aproximando. Eu não queria estar lutando com ele logo antes de lançar Dolly na mistura. Quando éramos crianças, eu sabia que podia confiar nele para intervir se ela decidisse dar um soco em mim ou envolver as mãos em volta da minha garganta e drenar a vida de mim como se soubesse que ela estava fantasiando desde que uma Abbott começou a namorar seu filho.

Desta vez, depois de tudo... Eu não podia ter tanta certeza de que ele estaria com o mesmo tipo de pressa em intervir.

—Você está falando sério agora? Ou sendo irônica?— Ele perguntou, o caminhão fazendo uma curva acentuada no estacionamento rudimentar do bar. —Talvez uma frase de efeito no horizonte, ou estou apenas falhando em entender seu sarcasmo?

—Sim, não, não e não—, respondi. —Eu entendo de onde você vem, e respeito isso. Eu me fiz desviar o olhar da janela e me concentrar nele.

Depois que ele estacionou o caminhão em frente ao bar, ele olhou para dentro, mas não parecia ter pressa de entrar.

—Mas você fez o mesmo comigo, Boone. Eu confiei em você. Eu me abri para você. Quando não havia mais ninguém no mundo com quem eu pudesse conversar, havia você. E então tudo desmoronou, e você me destruiu também.— Fiquei olhando para ele, esperando que ele voltasse sua atenção para mim. —Então, por favor, pare de fingir que você foi a única vítima no jogo entre você e eu. Porque eu sangrei como você. Também morri um pouco naquele dia.

Os dedos dele apertaram o volante, girando para cima e para baixo nele. —Acho que não estávamos tão sozinhos quanto pensávamos.

Eu segui seu olhar em direção ao bar. Eu também estaria parada se tivesse que entrar naquele lugar lotado e arrastar minha mãe para fora chutando e gritando. —Eu acho que não.

Dando um aceno de cabeça, Boone respirou fundo e abriu a porta. —Espere aqui. Eu volto já.

Eu tinha ouvido essa frase tantas vezes dele, que ficou

marcada na minha memória.

—Eu irei com você. Te ajudar.

Boone me deu uma olhada enquanto se arrastava para fora. —Obrigado pela oferta, mas sua presença ao tentar levar minha mãe para fora de seu bar favorito não vai ajudar.

—Como você sabe? Eu não vejo Dolly há anos e, pelo que parece, ela provavelmente tem cinco drinques após o reconhecimento facial.

Ele estalou o pescoço, segurando os braços contra a parte superior do caminhão se preparando. —Minha mãe não gostava exatamente de você quando estávamos juntos.

—Não é exatamente apaixonada por mim?— Eu torci no meu assento e ergui uma sobrancelha. —Boone, ela teria ligado o interruptor na cadeira elétrica se eu estivesse amarrada nela. Com um sorriso no rosto.

Seus olhos me alcançaram. —Sim, bem, junto com esse sorriso, agora ela dançaria e faria uma festa depois, em todo o Estado. Você deveria ficar aqui.— Ele se afastou da caminhonete e ergueu a mão na minha direção. —Ela não sabe que você

voltou. Não sabe que estamos ‘Juntos', ele esclareceu, fazendo aspas no ar. —Com ela tão bêbada, Hank está ameaçando chamar a polícia, não quero adicionar você à mistura quando eu entrar lá. É como planejar uma tempestade perfeita.

Eu peguei a maçaneta da porta. —Você costumava me dizer o que fazer e eu ouvia. Não tanto mais.

Suas mãos pousaram em seus quadris quando ele se afastou de mim. —Eu não quero que você veja isso, Clara. Não quero que você tenha que ver isso novamente. É humilhante. Para minha mãe. Para mim. Por favor —, disse ele, ainda de frente para o bar mais do que estava de frente para mim

—Por favor, fique.

Minha mão ficou na maçaneta, querendo abri-la. —Você está perguntando ou dizendo?

Ele olhou para mim por cima do ombro. —Perguntando. Sempre perguntando.

Minha mão caiu da maçaneta para acená-la. —Vá buscá-la. Eu ficarei aqui.— Desejando ter arrumado minha armadura de corpo inteiro, o que eu teria, se soubesse que ficaria cara a cara

com Dolly hoje à noite.

A risada dele quase não foi detectada, mas eu não senti falta. —Não se preocupe. Eu te dou cobertura. Qualquer um que tente dar um soco em você, inclusive minha mãe, terá que passar por mim primeiro.

Eu levantei meu punho e circulei algumas vezes. —Quem disse que eu não pratico kickboxing, jiu jitsu e tae kwond nos últimos sete anos?

—Por favor, com esses bracinhos magricelas?— Boone balançou a cabeça. —De jeito nenhum.

—Armas Pequenas?— Eu levantei meu braço e o inspecionei. —Você pode ser a única pessoa em Charleston que faria pouco das armas. Minha mãe o acorrentará a uma estaca e queimará por heresia, se você repetir isso na presença dela.

Ele revirou os olhos. —Só porque sua mãe diz que seus braços não são pequenos, não significa que não são. E só porque sua família tenta fazer você se sentir menor, não significa que você é. As pessoas sempre querem nos dizer o que somos e quem somos, mas ninguém pode dizer quem você é. Esse é o seu

trabalho.

Eu o observei por um momento. Eu olhei para ele por mais alguns momentos. —Quando você ficou tão esperto, Boone Cavanaugh?

Ele estendeu os braços, recuando. —Quando eu parei de ser idiota.

Dando um aceno, ele pulou para a entrada do bar e parou do lado de fora da porta, parecendo que ele estava trabalhando com coragem, antes de empurrar para dentro.

Ele deixou o caminhão ligado e, depois de um minuto, pensei em desligá-lo. Foi quando ele saiu, Dolly pendurada por cima do ombro e parecendo tão mole que imaginei que ela estava desmaiada. Isso resolveu o problema do reconhecimento facial e explicou por que eu estava aqui com Boone.

Quando ele passou pela porta, um coro de assovios e gritos o seguiu. Palmas explodiram através do bar. Eles estavam aplaudindo. Os clientes do bar ficaram contentes por ela ter sumido. Ou estavam provocando-o. Ou eles estavam sendo típicos babacas e incomodando alguém, em vez de se concentrar em suas

próprias vidas patéticas.

Boone deixou o bar da mesma maneira que eu lembrei dele saindo quando éramos adolescentes: cabeça erguida, olhos baixos. Meus olhos ardiam enquanto observava o homem antes de mim mudar para o garoto que já amei. Ele mudou em algumas coisas, eu mudei também, mas algumas coisas nunca mudariam.

Arrastar Dolly para fora de um bar tarde da noite da semana nunca mudaria. A maneira que isso o fazia sentir provavelmente nunca o faria. A maneira como eu me senti assistindo-o fazer isso aparentemente, nunca seria boa. Era uma mistura estranha, uma mistura potente de simpatia e orgulho intenso enquanto o observava carregar sua mãe, uma e outra vez, fora do lugar que ela escolhera para resolver seus problemas. Alguns escolheram a terapia, outros a repressão; Dolly Cavanaugh virou-se para uma garrafa barata de uísque.

Quando ele estava no meio do caminho, abri a porta e a segurei enquanto ele contornava o para-choque dianteiro. Antes, eu apenas sentava entre Boone e Dolly no banco, às vezes com ela babando no meu cabelo e às vezes com ela tentando arrancar meu cabelo. Desta vez, porém, eu não queria ser pressionada tão

fortemente contra ele. Não com o turbilhão de confusão que senti ao seu redor quando se tratava de certos sentimentos tentando ressuscitar a si mesmos.

Eu estava apenas me afastando, prestes a subir na carroceria do caminhão, quando a muito desmaiada Dolly ganhou vida. Sem brincadeira, era como se ela tivesse acabado de ser atingida por um raio e levada à vida ao estilo de Frankenstein. Ela levantou a cabeça, seus olhos se fixaram em mim, e se eu já tinha visto o ódio antes, foi redefinido exatamente naquele momento.

—O que diabos essa puta atrevida e arrogante está fazendo na minha frente, Boone? Dolly gritou, suas palavras mais confusas do que pareciam. —Eu posso estar empolgada, mas não estou tão empolgada por imaginar coisas.

—Há dez doses atrás, mãe—, disse ele, mantendo o tom equilibrado e calmo. Lembrei-me disso também, de sua firmeza diante de uma tempestade. Quanto mais alta ela ficava, mais calmo ele ficava. —No momento, você está bêbada o suficiente. Estou preocupado que, se não dermos um pouco de líquido pra você que não seja o tipo de oitenta provas, você terá intoxicação por álcool.

Sem ele perguntar ou mesmo olhar na minha direção, peguei uma das garrafas plásticas de água do estojo que ele havia colocado na cama. Quando abri a tampa e estendi para Dolly, ela pegou.

E ela jogou na minha cara. —É melhor você não tentar me dar nada de novo com esse olhar crítico em seu rosto. Não tolerava isso quando você era uma adolescente malcriada, e com certeza não vou tolerar isso agora com você sendo uma puta de mulher.

Limpei meu rosto, secando a água.

—Merda, mãe, você está apenas implorando para que os policiais a levem embora hoje à noite, não é?— Boone recuou alguns passos antes de abaixá-la de seu ombro. —Eu te disse que a última vez que te paguei foi a última vez. Você entra de novo e fica sentada naquela cela por um tempo.

Dolly deu um tapinha na bochecha de Boone, cambaleando o suficiente para que ele tivesse que alcançá-la para impedir que ela caísse. —Você está dizendo isso há alguns anos, querido. Você é muito bom garoto para deixar sua mãe apodrecer. Eu te criei certo. Ao contrário das outras pessoas nesta cidade, não vou citar.

—Posso fazer alguma coisa para ajudar?— Perguntei a ele, Dolly estava de costas para mim enquanto ela continuava a balançar no lugar.

—Você pode se virar, colocar um pé na frente do outro e não parar até cair na cara do oceano— Dolly retrucou para mim, parecendo pronta para cuspir na minha cara. —É isso que você pode fazer para ajudar esta família.

Eu dei outro passo para trás. —Oi, Dolly. Como está indo? Prazer em te ver também.

Acenei para ela antes de subir na parte traseira do caminhão e sentar nela. Eu não queria estar tão perto de Boone, mas não queria estar nem perto de Dolly. Com o jeito que ela estava raivosa, poderia transformar seus sonhos assassinos em realidade.

—Você pode se foder agora, Clara Belle Abbott, e se foder amanhã, e se foder na eternidade. É assim que está indo.

—Mãe, chega—, disse Boone, verificando se eu estava bem antes de colocar as mãos nos ombros de Dolly e guiá-la em direção ao carro. Aparentemente, ele tinha a mesma ideia quando

se tratava de nos manter o mais afastadas possível.

—Não espere que eu finja ser civilizada, Boone. Não me peça para ser gentil com a garota que deu um soco no seu coração.— Dolly tropeçou para a frente, guiada pelo aperto firme de Boone. —Você é um bom garoto, o melhor tipo lá fora, e não merecia ser tratado como lixo. Não com tudo o que você fez por ela.

Eu deveria ter mordido minha língua. Eu deveria ter tentado morder com mais força.

—E tratá-lo como lixo não inclui tê-lo puxando sua bunda para fora do mesmo bar toda semana, enquanto a multidão zomba de vocês dois como se vocês fossem dois palhaços?

O rosto dele estremeceu, mas ele estava antecipando Dolly se arremessando na minha direção. O aperto dele segurou seus ombros, exatamente quando ela se jogou em direção ao carro, parecendo pronta para saltar de cabeça para dentro, se essa era a maneira mais rápida de chegar até mim.

—Droga, chega!— Boone gritou, puxando-a para trás e girando seu corpo até que ela estava de frente para ele

novamente. —Entre agora, ou eu estou saindo e a polícia pode lidar com você.

Dolly olhou para o filho, seus olhos incapazes de se concentrar nele graças ao álcool, e ela deu um tapinha na bochecha dele gentilmente. Quase carinhosamente, embora Dolly fosse tão carinhosa quanto um wolverine raivoso. Por cima do ombro, ela me disse: —É melhor você não comparar o que fez com meu filho com o que eu fiz com ele. Todos temos nossos defeitos, mas no fim das contas, amo meu filho.

Meus dedos se curvaram nas minhas mãos. Dolly Cavanaugh sempre teve um jeito de me irritar. Não apenas porque ela era mãe do meu namorado do passado, mas porque ela usava o amor como desculpa para tudo o que fazia.

—Eu também o amava!— Eu gritei quando Boone a levantou no carro. —Mas pelo menos eu não continuava cometendo o mesmo erro repetidamente, desculpando-o com amor. O mesmo erro em qualquer outro happy hour.

Pelo que parece, Dolly lutou um pouco para sair do carro e me atacar, mas sua força estava diminuindo. Ela provavelmente tinha tomado um pingo de adrenalina depois de me ver, e agora

que isso tinha diminuído, ela provavelmente estava apenas a alguns segundos de desmaiar em coma de uísque.

Ele me lançou um olhar enquanto segurava sua mãe, mantendo-a onde ela estava. Seu olhar era mais suplicante que severo, um que dizia que ele já tinha que lidar com uma pessoa que ele mal conseguia lidar e que realmente não precisava de outra. Selei meus lábios para ele, depois me virei e joguei minhas costas contra a janela traseira do carro. Era um pouco mais fácil ignorar Dolly quando eu não estava olhando para ela.

Dolly Cavanaugh tinha sido um tornado de um metro e oitenta e dois com cabelos ruivos ardentes durante a maior parte de sua vida. Pelo que parecia, ela havia entrado na vida fazendo confusão, e eu sabia por experiência que ela provavelmente deixaria o mundo da mesma maneira. Uma pessoa não podia sentir falta dela andando pela cidade. Ela poderia ter sido pequena, mas tinha um jeito de se segurar que a fazia parecer meio pé mais alta. Além disso, ela era pesada e tinha todas as pernas, e sabia como se vestir para mostrar ainda mais suas vantagens genéticas. Ela nunca foi tímida com suas afeições por homens, assim como eles nunca foram tímidos em troca.

Provavelmente era por isso que havia um boato de longa data circulando a comunidade de que Boone e Wren eram de pais diferentes. Se olhassem, uma pessoa poderia ser facilmente convencida, mas os rumores nunca chegaram a Boone. Wren era sua irmã, e ninguém poderia tentar lhe dizer o contrário.

Quando ele chegou ao lado do motorista depois de prender a mãe e fechar a porta, ele fez uma pausa. —Você está bem?

—Estou bem.— Eu me aninhei um pouco mais na traseira do carro para ficar confortável. A viagem de carro até a casa de Dolly não era longe, mas andar na traseira de um caminhão velho enquanto passeava por estradas de terra que não eram cuidadas há mais de uma década não era a definição de confortável.

—Você não parece bem.

—Caramba, valeu. Acho que provavelmente não.— Olhei para ele pelo canto dos meus olhos. Ele se aproximou, enquanto me observava. —Mas quando acordei hoje de manhã, não esperava ser chamada de vadia arrogante antes que meia garrafa de água fosse lançada no meu rosto.— Eu ainda podia sentir a água na minha linha do cabelo e o decote do meu vestido, mas eu não estava realmente chateada com isso. —Acho que estou um

pouco surpresa de sua mãe ter passado de me odiar a me odiar com cada fibra do seu ser, você deve ter dito a ela o que aconteceu entre nós, mesmo que você prometesse que não contaria a ninguém.— Eu tive que mudar de posição. Não havia nada de confortável nisso.

—Prometi não contar a ninguém, Clara, e não contei.— A voz de Boone era tão baixa que era quase um sussurro. —Mas, em vez de dizer a ela como as coisas realmente aconteceram, eu disse a ela que você me deixou que foi você quem finalmente se afastou.

Minha testa se dobrou. —Por que você diria isso a alguém?

—Você realmente acha que alguém acreditaria que fui eu quem se afastou de você?

Ele deixou isso pairar entre nós na noite abafada de Charleston. —Você realmente acha que alguém nesta cidade teria comprado que Boone Cavanaugh terminou com Clara Belle Abbott?— Ele balançou a cabeça. —Ninguém teria acreditado nisso, e aqueles que o fizeram descobriram rápido demais, deve ter havido um inferno de razões para eu fazer isso. Eu não queria que ninguém cavasse muito para chegar a esse inferno de uma razão, então contei a todos o que eles estavam antecipando

desde o dia em que passamos pela feira do condado, no verão em que estávamos com dezesseis anos, de mãos dadas, você tirou a folga do sistema e passou a coisas maiores e melhores.

Minha cabeça disparou em sua direção. —Eu nunca te tratei como se você fosse lixo, Boone, então não tente grampear suas inseguranças para mim. De onde você veio e de quem você veio não me importava. Tudo o que importava era onde você estava indo e quem você se tornaria.

Ele abaixou a cabeça entre os braços, chutando um dos pneus distraidamente. —Sim, bem, não importa o que você pensava de mim, estava bem ciente do que o resto da cidade pensava e a maneira mais fácil de explicar o que aconteceu entre nós era contar a todos o que eles estavam esperando para ouvir. Era mais simples assim. Menos explicações envolvidas.

Eu dobrei meus joelhos no meu peito e passei meus braços em volta do pescoço.

—Então você nunca contou a ninguém? Sobre o que realmente aconteceu?

Ele não respondeu imediatamente. Justo quando pensei que

ele iria entrar no caminhão e fingir que a pergunta nunca havia sido feita, sua cabeça ergueu, seus olhos pousando em mim. —Fiz uma promessa a você, Clara. Eu nunca contei a ninguém, e nunca vou contar.

Eu rolei minha cabeça para o lado para olhar para ele. Onde nós erramos? Para onde foi todo esse amor? Eu sabia dos erros que cometemos, com certeza, mas como os deixamos nos separar? Por que deixamos que eles nos quebrassem? Avançamos rápido em sete anos para vivermos vidas separadas em lados opostos do país, eu ainda sentia que cada parte de mim estava sendo puxada em sua direção, não tanto por escolha, mas por algo que era mais profundo, algo entre instinto e destino.

—Obrigado. Por não contar— falei. —Tenho certeza de que deve ter sido difícil, não poder conversar com ninguém sobre o que aconteceu.

—Eu imaginei que muitas pessoas já sabiam.— As mãos de Boone se curvaram ao redor da borda da caminhonete. —E a única pessoa com quem eu gostaria de conversar era você... e você se foi.

Do lado de dentro do carro, ouvi o ronco familiar de Dolly,

induzido pelo álcool. —Acho que isso explica por que o carinho de sua mãe por mim só aumentou. Embora, com a maneira como ela costumava falar, eu pensei que ela faria uma comemoração quando descobrisse que finalmente segui seu conselho e deixei o filho 'o inferno sozinho'.

O olhar de Boone mudou dentro do carro, onde a cabeça de sua mãe estava lentamente caindo de vista. Ela estaria encolhida no banco antes que ele se aproximasse. —Você pensaria assim, certo? Acho que as pessoas não podem decidir o que querem no final.

—Eu acho que não—, Concordei, apesar de não ter realmente. Naquele momento, senti como se soubesse exatamente o que queria.

—Por que você não entra no carro? Pelo cheiro de sua respiração, mamãe só acordará amanhã ao meio-dia.— Ele estendeu a mão para me ajudar, mas eu fiquei no lugar.

—Obrigado, mas não vou me arriscar.— Enfiei minhas mãos embaixo das costas para formar uma espécie de assento e me acomodei. —Alguma coisa me diz que, se Dolly Cavanaugh pensou que poderia romper as dimensões para conseguir eu, ela

faria. Eu não quero estar em um veículo correndo por alguma estrada dos fundos quando ela acordar e decidir me empurrar para fora da porta do lado do passageiro.

Boone balançou a cabeça, sorrindo. —Eu não discutirei com você sobre isso. Minha mãe tem um raro tipo de ódio por você em seu coração.— Ele olhou para dentro do carro onde a cabeça de sua mãe havia desaparecido de vista. —Você quer trocar de lugar com ela? Não é como se ela percebesse que está na traseira de um caminhão.

Eu balancei minha cabeça. —Ela é sua mãe. Deixe-a onde está.

—E, no entanto, aqui estou eu, ainda sendo mãe dela.— Ele olhou para o bar e soltou um suspiro silencioso. —Estou tão doente e cansado dessa mesma velha merda.

—Então por que continuar fazendo isso?

—Porque eu a amo. Não paro de amar alguém porque eles cometem um erro, ou o mesmo erro todas as noites. Quando você ama alguém, faz o que é certo e ama-o para sempre. Não os deixa pensando o tempo todo quando vai acabar ou expirar.

Inclinei minha cabeça para trás para olhar o céu. Era uma noite clara. O tipo que fazia parecer que uma pessoa podia ver todo o caminho até o fim da galáxia. O que quer que houvesse lá fora, eu sabia que não havia outro lugar que eu preferiria aqui - acampada na traseira do caminhão de Boone depois de ter acabado de resgatar Dolly.

—Sua mãe tem sorte—, eu disse.

Ele bufou. —Sorte não é uma palavra que eu usaria para descrever minha mãe.

—Ela tem sorte de ter você, foi o que eu quis dizer.

Ele deu outro bufo, este mais nítido. —Tenho ainda mais certeza que sorte não é uma palavra que eu usaria para descrever alguém que me tem na vida.

Meus olhos pousaram na Estrela do Norte. Quantas pessoas se apegaram a esse farol como bússola? Quantas vezes ele guiou uma pessoa na direção certa, mantendo-a no caminho errado? Eu olhei para ele por um momento antes de meus olhos voltarem para Boone. Ele sempre foi mais a minha Estrela do Norte do que qualquer outra coisa. —Eu gostaria. Eu diria que uma pessoa tem

sorte de ter você em sua vida.

Eu não poderia dizer se ele me ouviu, porque ele entrou no carro antes que eu terminasse minha frase, mas pela rigidez de seus ombros, algo me disse que ele tinha. Boone nunca recebeu elogios bem. Supus que ele nunca teve a chance de se acostumar com eles.

Depois que ele ligou o motor, e abriu a janela deslizante traseira e passou a cabeça por ela. —Apenas grite comigo se parecer que estou indo rápido demais ou se sua coluna está pronta para sair dos buracos.

Eu levantei uma sobrancelha para ele. —Eu poderia ter sido um residente da Califórnia nos últimos sete anos, mas isso não significa que eu tenha amolecido.

Ele ajeitou Dolly no banco, conseguindo colocar um cinto de segurança em volta do colo. Ela não se mexeu nem acordou uma vez; ela apenas continuou a roncar.

—Fico feliz em ouvir isso—, disse ele depois de clicar no cinto no lugar.

Quando ele entrou na estrada, eu jurei que ele olhou para os

dois lados meia dúzia de vezes antes de sair. Não havia um carro à vista, mas eu não daria a ele muita dificuldade por sua vigilância, exagero ou não. Na estrada, a caminhonete mantinha o que eu imaginava serem constantes de quarenta quilómetros por hora, em vez das sessenta autorizadas. Por tão ruim quanto eu me lembrava dessa estrada, o passeio foi o mais suave que eu já tive na traseira do caminhão velho de Boone.

De vez em quando, pegava ele olhando para mim, parecendo expirar quando ele confirmou que eu ainda estava lá. Era uma coisa estranha para onde ele achava que eu iria quando estava presa em uma caminhonete descendo no meio do nada no meio da noite? mas parecia mais um tique habitual do que situacional.

Quase como se ele estivesse me procurando há anos.

Demorou mais do que os dez minutos que lembrei que levava do bar favorito de Dolly até o trailer em um dos parques da periferia da cidade, mas quando finalmente entramos no Diamond Trailer Park, vi que nada havia mudado ali. O mesmo conjunto de balanço enferrujado e quebrado que Boone e Wren haviam brincado quando crianças ainda estavam no ‘parque’ de dez por dez pés da comunidade, parecendo tão enferrujado que

poderia desmoronar em pedaços e explodir com a brisa seguinte. As mesmas letras de neon queimadas na última vez que visitei aqui no verão anterior à minha saída para a faculdade ainda estavam queimadas. As mesmas carcaças de carros das décadas passadas estavam em decomposição nos mesmos trailers, tornando-se mais uma com a paisagem do que uma invenção da indústria humana.

Quando olhei para Boone, encontrei sua expressão plana e as costas rígidas. Ele odiava isso aqui. Não porque era um estacionamento de trailers e ele tinha vergonha do estigma que veio com o fato de ser o endereço residencial, mas por causa das coisas que aconteceram aqui. As vidas que foram retorcidas e destruídas, os momentos que foram sangrados de esperança e felicidade.

Ele apagou os faróis quando estava no meio do parque, rastejando pela estrada estreita até chegarmos ao trailer cinza coberto de mais musgo do que tinta. Ele parou devagar e desligou o motor.

—Eu já volto—, ele sussurrou através da janela aberta enquanto desabotoava o cinto de segurança de Dolly.

—Eu vou ajudar.— Levantei-me lentamente para obter o equilíbrio antes de ir em direção à porta traseira para rastejar para fora. A viagem não tinha sido particularmente esburacada, apenas por muito tempo.

—Não preciso de ajuda—, respondeu Boone em um sussurro mais alto, uma vez que ele saiu do caminhão. — Mas obrigado.

—De nada—, respondi, balançando a perna sobre a porta traseira e pisando no para-choque antes de pular no chão.

Ele parou com Dolly dobrada em seus braços quando ouviu meus passos se arrastando atrás dele. —Eu disse que não preciso de ajuda. Eu já sairei.

Eu levantei meus ombros e o segui pelos degraus rangentes de madeira até a porta da frente do trailer. —Eu te ouvi.

—Então por que você está me seguindo?

—Porque eu não acredito em você—, disse simplesmente, subindo os degraus até estar ao lado dele, tomando cuidado para ficar fora do alcance das garras, caso Dolly percebesse meu cheiro e se tornasse toda animal selvagem em mim novamente.

—Não acredita no que exatamente?— Ele ficou em pé na frente da porta, tentando vasculhar a bolsa enrolada no peito de Dolly.

—Que você não precisa de ajuda.— Abandonando minha política de distância de garras, eu levantei e puxei a mão de Boone da bolsa dela antes de deslizar a minha.

Segurando a mãe bêbada nos degraus do lado de fora do trailer que parecia meses longe de ser condenado não poderia ter sido fácil. Pescar em torno de um conjunto de chaves em sua bolsa, mantendo o poder sobre ela era impossível.

Quando puxei as chaves, segurei-as. —Veja como posso ser útil quando me dedico a isso?— Sorri na tentativa de aliviar o peso do rosto dele, mas não fez nada. —Qual é o problema?— Eu tentei algumas teclas na maçaneta da porta antes de pegar a certa.

Ele não respondeu imediatamente. —Eu não queria que você nos visse assim novamente.

Eu abri a porta e estava prestes a entrar, mas o cheiro que me corria de dentro me manteve no lugar, tentando me acostumar com isso antes de ser agredido por ela com força

máxima. —O que você quer dizer?

—Todo esse tempo passou... você realmente fez algo ótimo com sua vida. Você fez algo de si mesma.— Ele deu de ombros, seu olhar varrendo o trailer antes de pousar nele segurando sua mãe. —Mas olhe para nós. Os mesmos sete anos também nos passaram, mas nada mudou. A mesma velha merda, dia diferente. Tê-la aqui, vendo isso— ele apontou para Dolly com os olhos —é humilhante.

Meus olhos se fecharam quando ele pronunciou a última palavra. Boone passou por muita coisa e sobreviveu muito. Ele tinha sido tão julgado por aqueles que se consideravam melhores que ele e outros que apenas pensavam que o julgamento era o chamado deles na vida. A maioria das pessoas teria assumido que ele não era estranho à vergonha e humilhação, mas a verdade não poderiam estar mais longe disso.

Boone nunca deixara que outros o fizessem sentir-se de alguma maneira. Ele nunca deixaria que a circunstância ou a situação ditassem seu senso de valor próprio. Ele nunca admitiu se sentir humilhado, nem uma vez. . . até o momento.

Eu odiava ser a razão de ele ter experimentado isso.

—Você já fez algo de si mesmo. Como você não vê isso?— Eu mantive minha voz calma como uma força do hábito. Eu não tinha certeza se a velha que costumava manter sua janela de frente para o trailer de Dolly aberta para que ela pudesse escutar cada palavra, maldição e garrafa quebrada ainda morava na porta ao lado, mas eu não estava dando a ela nenhum prazer em bisbilhotar se ela ainda vivesse ali.

—Eu tentei—, ele respondeu. —E eu falhei.

Eu me aproximei e levantei meu dedo. —E você voltará e tentará novamente, porque esse é o tipo de pessoa que você é. Então, por que você não para de agir como se fosse um derrotado e se dá conta disso? Estou cansada e gostaria de me arrastar para a cama em breve, então, se você for tão gentil, podemos colocá-la em ordem para que possamos seguir nosso caminho?— Acenei meus braços dentro do trailer, esperando.

Ele ficou congelado na varanda por mais alguns segundos, depois entrou. Ele teve que abaixar a cabeça para não bater no topo do batente da porta, mas ele tinha que fazer isso desde os dezesseis anos.

—O que a deixa tão convencida de que vou me levantar e

tentar de novo?— Ele perguntou enquanto eu o seguia.

Tentei respirar pela boca e não pelo nariz. O perfume era tão pungente que eu realmente podia senti-lo girando no meu estômago. —Passei quase dez anos vendo você levantar toda vez que você foi derrubado.— Parei atrás dele quando abaixou Dolly no mesmo sofá que me lembrava.

—Eu nunca aprendi quando ficar sentado e admitir a derrota, aprendi? — Ele riu enquanto pegava a manta pendurada na velha cadeira de balanço, com um dos braços em falta. Ele a colocou sobre o corpo de sua mãe e ao redor dela.

Estava mais quente que o inferno aqui, mas eu sabia que ele dobrar a manta em torno de sua mãe tinha mais a ver com sua profunda necessidade de cuidar dela e protegê-la da maneira que ele pudesse. Ele pode não ter sido capaz de salvá-la do lodo da humanidade para a qual ela estava drenada ou mantê-la longe da garrafa, mas ele poderia colocar uma manta velha em volta dela enquanto ela dormia.

Minha garganta se apertou enquanto o observava. Ele não merecia isso. Ele merecia muito mais. A vida passou os últimos vinte e cinco anos enganando Boone Cavanaugh, e eu estava

doente e cansada de ver isso acontecer.

—Por que você não foi embora, Boone?— Eu sussurrei enquanto ele cuidadosamente tirava suas botas. —Por que você nunca escapou deste lugar como eu fiz?

Ele recuou do sofá, encarando sua mãe com uma expressão conflitante. —Porque se eu fosse embora, ela não teria ninguém.— Sua testa ficou mais profunda. —E todo mundo deveria ter pelo menos alguém que se importe com eles.

Coloquei meus ombros ao lado dele, encarando a mãe dele por tanto tempo que nem percebi o cheiro ao nosso redor. Não demorou muito para se acostumar. Não com os anos de experiência que tive.

Não gostava de Dolly Cavanaugh. Eu chegaria ao ponto de dizer que houve momentos na vida em que a odiei completamente, hoje à noite na fronteira com essa designação. De onde eu estava, ela havia feito apenas uma coisa certa na vida: conseguir trazer o tipo de pessoa que Boone era para este mundo. Isso era tudo o que eu podia lhe dar crédito, porque ela tinha feito pouco mais por ele. Além de tê-lo como garantido e fazer tudo ao seu alcance para tentar impedir que ele se tornasse

a boa pessoa que ele era hoje.

—E quem é a pessoa que dá a mínima para você, Boone?— Eu perguntei, embora fosse uma pergunta que eu pretendia manter para mim.

Ele suspirou, mas interrompeu. Virando-se, ele se dirigiu para a porta como se de repente tivesse que sair deste lugar rapidamente. —Inferno, se eu sei.

Ele esperou por mim na porta e a fechou atrás de nós. Ele ficou perto de mim quando descemos as escadas e não ligamos a caminhonete até que eu estivesse no meu lugar e com cinto. Não dissemos mais nada durante todo o percurso de volta à casa dos meus pais.

Eu estava tão contente com o silêncio quanto ele.

A casa estava escura e silenciosa quando paramos, o que fez nossos ombros relaxarem. Eu tinha perdido muitas ligações e mensagens de texto de Charlotte, querendo saber o que estava fazendo e onde estava quando deveria passar o dia com 'as meninas', e sabia que não tinha paciência para explicar qualquer coisa para ela em frases que não fossem salpicadas de palavras

que eu acordaria amanhã lamentando.

Em vez de estacionar ao lado da parte cheia de carros de hóspedes na lateral da casa, ele parou a entrada da porta da frente, mantendo o motor ligado enquanto levantava o queixo na porta da frente. —Eu vou correr de volta e pegar o carro do seu pai. Não quero que seja levantado ou grafitado da noite para o dia.

Eu balancei minha cabeça. —Está tarde. Você teve um longo dia. Podemos pegá-lo de manhã. Meu pai tem outros cinco carros que ele pode dirigir se precisar ir a qualquer lugar.

—Mas ele só tem um Chrysler 72 .

—Amanhã.

Boone e balançou a cabeça, mantendo as mãos no volante. —É a coisa certa a fazer. Eu peguei emprestado hoje. Devo devolvê-lo hoje também.

Girei no meu assento para encará-lo. —E desde quando você e meu pai estão sob algum tipo de política de 'fazer a coisa certa ' quando se trata um do outro?

—Desde que decidi crescer e começar a agir como homem,

em vez de menino.

Quando ri, parecia ecoar no carro. —Como você evoluiu muito.

Quando eu abri minha porta e deslizei para fora, ele pigarreou. —Não demorarei muito, mas não se preocupe em me esperar.— Ele limpou a garganta novamente. —Você sabe, se você estivesse pensando em fazer isso... o que tenho certeza que você provavelmente não estava... e sim, cale a boca agora.— Esfregando a parte de trás da cabeça, ele fechou a boca de uma forma dramática.

Logo depois que fechei a porta e estava prestes a subir os degraus da varanda, parei. Não pude dar outro passo. Não até eu fazer alguma coisa. Virando-me, enfiei a cabeça na janela aberta do passageiro. —Ei, Boone?

Ele já estava me observando. —Sim?

—Eu sou alguém que se importa com você.—Mordi meu lábio, baixando o olhar. —Você sabe, apenas no caso de precisar de uma confirmação verbal.

Capítulo Oito

Se outra bala em forma de pênis ou atirador de gelatina fosse lançado na minha direção, eu ia me autodestruir. E eu estava levando o resto das cadelas comigo.

Avalee tropeçou em minha direção, se jogando no sofá de couro rosa ao meu lado. Ela era a primeira pessoa que tinha sido corajosa o suficiente para se sentar ao lado da garota que tinha sido chamada de tantas variações de desmancha prazeres e puritana, eu me perguntei se essas meninas realmente tinham passado tanto tempo na faculdade lendo os livros quanto elas estavam batendo no zagueiro.

—Você pode pelo menos fingir que está se divertindo?— Ela riu, curvando-se para mim jogando um braço e uma perna em volta de mim. Ela era uma bêbada divertida. Um toque delicado, mas divertida mesmo assim.

Eu circulei meu dedo em volta do meu rosto, tentando não estremecer quando a próxima música tocou através do

clube. Aparentemente, o DJ teve a impressão de que a lista dos 40 melhores era o ponto mais importante da festa. —Esta sou eu fingindo. Veja? Fingindo ter um rosto divertido.

Eu circulei meu rosto novamente e levantei uma sobrancelha para minha irmãzinha sorridente e idiota.

—Vamos lá, é uma festa de despedida de solteira. Se você não pode se animar com uma dessas coisas, está realmente condenada a uma existência triste e miserável.— Avalee acenou para a mesa da festa, que tinha tantos balões em forma de pênis presos a ela, era um milagre a mesa não estar flutuando. Na frente e no centro, estava o... quem imaginaria? um bolo de pênis gigante.

Nossa mãe não estava aqui hoje à noite, e graças a Deus porque teria sofrido um ataque cardíaco se visse um décimo dos presentes que Charlotte abriu hoje à noite ou uma das centenas de fotos provocativas que foram tiradas dela demonstrando suas habilidades orais relativas a uma certa peça de anatomia masculina.

—Triste e miserável existência— estendi meus braços —me leve, sou sua.

Ela riu de novo, fazendo cócegas nos meus lados.

—Você para de se esfregar em mim? Você tem um noivo para isso.— Afastei as mãos dela, embora estivesse lutando contra uma risada. Meus lados sempre foram delicados, eu ficaria condenada se desse alguma indicação de que desfrutei de alguma parte dessa noite infernal.

—Você quer me ajudar a cortar o bolo?— Ela perguntou, tentando se sentar. Ela caiu de volta ao meu lado no sofá.

Era uma coisa boa que a dama de honra, também conhecida como Avalee tivesse tido a previsão de alugar um daqueles ônibus de festa com motorista que recusei a entrar porque a única pessoa que não estava alterada era eu. Após os comentários que eu tinha ouvido no meu caminho a noite toda, não estava exatamente ansiosa para garantir que essas meninas chegassem em casa inteiras.

—Será que quero entrar em um bolo de veludo vermelho em forma de pênis com cobertura bege, completo com pedaços de corda de alcaçuz preta como um sotaque especialmente gráfico para uma determinada área redonda no referido bolo. Eu bati meu queixo. —Deixe-me pensar. Por que sim, quero.

Ela deu um gritinho, batendo palmas enquanto tentava se sentar novamente. Tive que ajudá-la ou teria sido uma longa noite.

—Veja? Você não está condenada a uma existência totalmente triste e miserável. Ainda há uma faixa de abandono imprudente enterrado lá dentro em algum lugar.

Agarrei o cotovelo de Avalee para guiá-la em direção à mesa de bolo. Ela estava comprometida na direção no momento presente. —Simplesmente não confio que você não cortaria seus dedos se não ajudasse.

Ela soltou uma onda de protesto, acenando para mim como se eu fosse louca.

—Por que você não chama os dançarinos aspirantes a poste antes que eles se machuquem e diga que bolo de pênis está sendo servido? Isso deve fazê-los fugir.

Apontei a faca para Charlotte e as outras garotas, que obviamente estavam tentando estabelecer recordes de despedida de solteira para deboche e hedonismo em geral. Pelas minhas estimativas, elas estavam no caminho de fazer história.

Avalee respondeu com um polegar para cima antes de seguir em uma direção mais do tipo zig-zag para eles, passando pelas cortinas cor de rosa que revestiam nossa cabana de festa pessoal. Eu não via o sentido de pagar mil dólares extras para alugar um espaço 'privado' quando as cortinas eram tão simples que qualquer pessoa no clube podia ver quem estava dentro e o que estava acontecendo. Talvez esse fosse o ponto. Ser vista, mas manter a pretensão de que uma pessoa não queria ser vista.

De qualquer maneira, era um desperdício de dinheiro, especialmente desde que eu era a única pessoa que passava algum tempo real acampada dentro da cabana.

Quando olhei para o bolo, fiz uma careta. Foi a coisa mais repulsiva que já vi. Quem Charlotte havia encontrado na cidade que estava disposta a se desonrar a esse nível baixo? Eu não conseguia imaginar o fornecedor principal da minha família, que fazia uma arte de comida, concordando com algo assim, mas quem sabia? O dólar Abbott tinha uma sólida taxa de câmbio nesta parte do país.

—Aqui estão elas!— Avalee anunciou com orgulho, balançando os quadris em um ritmo incomum enquanto

arrastava algumas das meninas pelas cortinas.

Agora elas tinham colares de pênis que brilham no escuro. Não havia fim para o número de itens que se poderia comprar na forma de um pênis?

—Yay—, disse categoricamente, acenando com um fingido pom-pom. —Quem quer bolo de pênis?

Cada mão voou no ar, seguida por gritos solicitando de que parte da anatomia elas queriam que a peça fosse cortada. Como eu era a única sóbria o suficiente para segurar uma faca, elas estavam recebendo o que eu lhes dei, o cabo.

Imagine que um grupo de mulheres que se comportava como sobremesa era para elas o que o alho era para Drácula, agindo famintas por uma fatia do bom e velho bolo de pênis. Mal podiam esperar para colocar na boca delas, eu acho.

—Você já ouviu falar de Boone?— Charlotte disse enquanto tropeçava na mesa. Seus olhos estavam vidrados e seu batom estava manchado. Eu não queria saber o porquê.

—Não—, eu disse, cortando o eixo ridiculamente longo do bolo. —Por quê?

Ela piscou para uma das meninas ao lado dela. Se era para ser sutil, ela errou o alvo.

—Apenas me perguntando.

—Desde que seu noivo praticamente o forçou a ir à sua despedida de solteiro, eu pelo menos espero que ele esteja gostando de uma grande fatia de clitóris.— Eu dei outro golpe no poço antes de liberar um pedaço tão grande que poderia alimentar uma agência inteira de modelos de passarelas por um mês. Coloquei-o em um prato e estendi para Charlotte.

—Aproveite o eixo.

—Eu não sei sobre o bolo, mas tenho certeza que ele está prestes a desfrutar de algo... embora apreciar possa não ser a palavra certa para isso.— Outra piscada foi trocada, essa menos sutil que a primeira.

Revirei os olhos, depois cobri minha boca e dei um show a eles. —Ah não. Não é uma stripper. Por favor, diga que os caras não contrataram uma stripper para sua despedida de solteiro.— Meus olhos se arregalaram.— Mas os olhos inocentes de Boone! Nunca viu uma mulher nua antes. Eu não suporto

isso. Eu não vou permitir isso. Eu devo ir salvá-lo.

Charlotte e suas amigas estavam todas inclinando a cabeça para mim, metade delas parecendo acreditar no meu ato.

Achatando meu rosto, meus olhos voltaram ao normal, junto com minha voz. —Sim, não estou preocupada. Ou com ciúmes, se essa é a emoção que você estava tentando conjurar em mim.— Cortei outro pedaço de bolo, do mesmo tamanho da peça que acabei de lançar em Charlotte. Talvez se eu lhes desse bolo suficiente, todas pudéssemos parecer um monte de salsichas em nossos vestidos no dia do casamento. —Eu não me importo com quem balança seus peitos falsos na cara dele ou com quanto brilho resta em sua bunda pela calcinha dela. Acho que nosso relacionamento pode sobreviver às águas da dança de colo.

Charlotte esfaqueou o garfo no pedaço de bolo, girando-o até que ela perfurou com sucesso sua fatia de eixo. — Bem, você pode não se importar com quem estão os peitos falsos hoje à noite, mas ele pode se importar.

As garotas ao redor de Charlotte riram, que soou mais como um coro de cacarejos com a maneira como se misturou com a próxima música do Top 40 tocando pelo clube.

—Especialmente quando são os peitos falsos de sua irmã fazendo o balanço.

Eu congelei, a faca no meio da fatia. O clube estava quente de todos os corpos, mas um calafrio percorreu minhas veias. —Irmã dele?

Além do meu, o rosto de Avalee era o único trancado em choque. O resto das meninas tinha expressões mais parecidas, como a presunção estampada no rosto de Charlotte. Elas sabiam. Todas eles. Essa era a única razão pela qual Ford não tinha socado o rosto dele. A única razão pela qual ele queria que Boone fosse era porquê...

Meu estômago se revirou.

—O que?. disse, não percebendo que tinha levantado a faca até Avalee aparecer e me cutucar. Eu não abaixei. —Ela é a stripper?

—E se ela for rápida— Charlotte verificou a tela do telefone —A cola em seus tapas seios provavelmente está secando enquanto falamos.

Um punhado de glacê caiu no chão com a faca. Eu me vi

desejando que fosse o sangue de Charlotte.

—Por quê?—, perguntei, minha voz tremendo.

Charlotte deu de ombros, ainda rindo. —Por que não?— Ela checou o telefone novamente, provavelmente esperando a prova fotográfica que Ford sem dúvida enviaria.

—Você pode imaginar o olhar no rosto de Boone? — Ela balançou a cabeça, percorrendo algo em seu telefone. —Na verdade, você não precisará, porque eu terei as fotos em breve.

Charlotte e as outras garotas continuaram rindo, balançando a cabeça para mim como se eu estivesse perdendo o humor de uma grande piada. Eu queria avançar em cada uma delas, então, em vez disso, levei minha violência para o bolo.

Depois de cortar outro pedaço de bolo , tive que equilibrá-lo em duas placas para ajustá-lo. Jogando a faca de lado, peguei os pratos prestes a desmoronar com o peso do bolo e os enfiei nas mãos de Charlotte. Eu poderia ter empurrado o bolo um pouco mais do que o necessário, mas deixar glacê por toda parte superior do vestido dela fazia parte do meu plano.

—Deus, Clara Belle.— Charlotte ficou boquiaberta com os

pratos de bolo em suas mãos e a cobertura respingou em seu vestido. —Faça-nos um favor e comece a diminuir os pedaços.

—O que posso dizer, Charlotte?— Peguei minha bolsa debaixo da mesa e mostrei meus braços no pedaço de bolo que ela ainda estava segurando. —Você tem bolas. Um conjunto sério de grandes, peludas e feias.

Eu não estava ligando para obter qualquer satisfação com a raiva que sem dúvida passou pelo rosto dela, porque sabia que não tinha um segundo de sobra. Pelo que parece, provavelmente chegaria tarde demais de qualquer maneira, mas tinha que tentar. Tinha que pelo menos tentar salvá-lo do que estava por vir.

Voei para fora do clube, libertando meu telefone da minha bolsa e discando o número dele no momento em que sai pelas portas externas. Foi direto para o correio de voz. Eu tentei novamente. Mesma coisa.

Depois de gritar de frustração, troquei meu telefone pelas chaves enterradas na bolsa e me apressei para o estacionamento. O ônibus da festa estava estacionado em frente ao clube, apenas esperando para continuar ela de onde havia

parada lá dentro, mas quando eu testemunhei aquela coisa subindo a entrada de carros dos meus pais, eu pronunciei algo no sentido de inferno não e disse às meninas que eu as encontraria no clube.

A menos que alguém fizesse um saneamento abrangente do interior daquele ônibus depois de cada festa, eu não estava entrando sem um traje de risco biológico, e algo me dizia que o ônibus não era exatamente conhecido por sua limpeza.

Meu pai me deixou levar seu velho Chrysler para o clube, porque ele não sabia. Eu teria perguntado, mas ele estava jogando golfe no crepúsculo e minha mãe não estava em lugar algum. Além disso, não estava pensando em beber esta noite e ter meu próprio meio de transporte significava que eu poderia escapar sempre que quisesse.

Qualquer que seja o nível de reprovação que eu receba, valeria a pena.

Uma vez dentro do Chrysler, liguei o motor e saí do estacionamento. Apertei o botão ignorar quando a ligação de Avalee chegou no meu telefone e tentei Boone novamente antes de disparar uma mensagem rápida. O telefone dele foi desligado

ou desconectado. De qualquer maneira, alcançá-lo estava claramente fora quando se tratava de avisar ele.

Talvez tenha sido por isso que me senti bem, violando algumas leis de velocidade, enquanto seguia pela estrada em direção à cabana do lago da família Ford. Os caras supostamente estavam passando a noite bebendo e tendo uma fogueira e pescando à noite e basicamente agindo como neandertais. É claro que esperava que uma stripper estivesse envolvida de alguma forma, mas nunca cheguei à possibilidade de que ela fosse uma das irmãs dos caras.

Meus dedos se curvaram ao redor do volante com tanta força que senti como se eu pudesse arrancá-lo diretamente. Desde a infância até a adolescência, Ford sempre teve muito prazer em atormentar Boone, mas, apesar do que eu tinha visto nos últimos dias, eu teria assumido que seu veneno teria murchado na idade adulta. De qualquer maneira, nunca fizera sentido para Ford prestar tanta atenção a ele, da mesma forma que Ford parecia alheio àqueles que considerava “abaixo dele”, mas Boone, por qualquer motivo, havia sido a exceção.

E aqui estávamos nós, anos depois, e chamados de adultos, e

estava arbitrando o mesmo tipo de merda que tive quando criança. Se Boone não estrangulou Ford por esse golpe, eu estava pensando nisso. Na verdade, eu estava ansiosa por isso.

Ao passar vinte minutos, cheguei à cabine de Ford em menos tempo. Um recorde, e sem mencionar um milagre que fiz sem ser parada e multada.

A cabana na beira de Clear Lake era mais uma propriedade do que aquilo que uma pessoa imaginava quando pensava em uma cabana no lago. Três andares, dois mil metros quadrados por andar, e uma quadra de tênis nos fundos, não foi assim que alguém desbravou o lago no fim de semana.

Alguns carros estavam cambaleando na entrada da garagem, todos na categoria de seis dígitos, exceto um: um Honda surrado que eu andara inúmeras vezes ao visitar a casa dos Cavanaugh.

Eu não sabia que Wren crescera como stripper até recentemente, mas acho que não foi uma grande surpresa. A irmã mais nova de Boone tinha sido dura e tímida como ele, mas não tinha a esperança e o otimismo que Boone sempre carregara até certo ponto. Ela tinha sido uma criança problemática que cresceu em uma juventude rebelde. Com o que ele sugeriu ter acontecido

com ela nas mãos dos namorados de Dolly, seu comportamento fazia mais sentido agora.

Eu era jovem demais e talvez muito perto da situação para vê-la, mas as persianas da juventude e do amor estavam fora.

Parei logo atrás do para-choque do Jaguar da Ford. A ânsia de entrar nela tornou-se tão avassaladora que me forcei a respirar fundo algumas vezes antes de desligar o Chrysler e sair do carro. Se eu tivesse um taco de beisebol, isso seria uma coisa, mas não poderia prejudicar a posse premiada de meu pai em nome da vingança de seu futuro genro. Por mais tentador que fosse.

A noite estava mais fria aqui, menos pegajosa pelo calor, e o lago estava plano e imóvel. A noite estava quieta e calma. Tudo terminou no momento em que corri em direção à porta da frente, correndo tão rápido quanto minhas pernas curtas e embaraçosamente fora de forma me levariam.

Enquanto eu descia pela frente da casa, correndo pela porta da frente e me preparando para arrastar ele para fora de lá, se fosse necessário, ouvi gritos vindos da parte de trás da cabine, onde eu tinha acabado de chegar. Fiz uma pausa, esperando ouvir

as vozes novamente. Quando eu fiz, meu coração afundou. Uma das vozes era de Boone. A outra era de uma mulher.

Eu estava muito atrasada. Tarde demais para salvar Boone de ser alvo de outra piada barata das mãos de Ford. Tarde demais para salvá-lo da humilhação de descobrir que sua irmã era o entretenimento da noite. Tarde demais para salvá-lo de ser tratado como um cidadão de segunda classe mais uma vez por um monte de caras que estavam muito longe de serem de primeira classe.

Girando, eu corri de volta na direção que acabara de chegar, os gritos ficando mais altos. Os Cavanaugh não eram conhecidos por sua propensão a resoluções pacíficas - eram mais conhecidos por seus temperamentos falando. Ou, neste caso, o grito.

Encontrei Boone e Wren nas costas. Ele colocou a irmã embaixo de um dos braços com um cobertor em volta dela, guiando-a em direção a seu antigo Honda. Abrandei a caminhada e me aproximei deles de lado, ignorando a sensação de que meu coração estava prestes a funcionar mal. Nenhum deles me notou.

—Você disse que ia parar—, a voz dele berrou na noite

imóvel enquanto ele continuava guiando Wren para o carro dela. O cobertor estava tão firmemente desenhado ao redor de seu corpo que ela parecia uma freira de hábito. —Você me prometeu não mais essa merda quando teve que me ligar depois que a última festa saiu de controle.

Ela lutou contra Boone, mas ela era tão baixa quanto eu e sempre fora magra. Ela poderia muito bem estar tentando mover a Represa Hoover com uma equipe de mulas.

—Eu não te liguei, Boone. Você apareceu por conta própria, me arrastando exatamente da mesma maneira.

—E foi uma coisa muito boa que eu apareci, porque o que teria acontecido se eu não tivesse?

Eles chegaram ao carro dela. Ele conseguiu abrir a porta do lado do motorista e ainda manter seu poder sobre ela.

—Eu teria ganho os outros duzentos dólares que estava pensando em ganhar naquela noite, e teria havido uma punheta no banheiro depois que eu saísse.— Wren empurrou ao lado dele, se contorcendo contra ele. —Deus, Boone. Quando você vai parar de agir como se eu fosse uma criança?

—Quando você parar de se comportar como uma—, ele rosnou.

—Esse é o meu trabalho. É assim que eu ganho a vida. Esta sou eu sendo adulta e deixando a parte de garota para trás. Por que você não vê isso?— Quando Wren o empurrou novamente, ela o pegou desprevenido o suficiente e ele cambaleou um pouco.

—Graças à sua rotina de salvar a irmãzinha novamente, você me custou outros mil dólares hoje à noite. São mil dólares para os quais eu tinha planos.

—Planos para disparar em seu braço?

Ela conseguiu libertar um braço do cobertor e não perdeu um momento batendo na bochecha de Boone. O tapa ecoou pelo lago, me fazendo estremecer.

Se alguma coisa registrou na expressão dele naquele momento, não foi dor.

—Você é um filho da puta.— A voz de Wren tremeu, mais do que eu imaginei que era raiva do que tristeza. —E caso você não tenha entendido as cinco mil primeiras dicas, aqui estou eu dizendo isso em voz alta, me deixe em paz.

O queixo dele se contraiu, mas ele ficou em silêncio. Eu queria me mecher, mas meus pés estavam presos no chão.

—Você não pode me salvar, é tarde demais para me salvar do que quer que ache que precisa salvar a partir de agora. Uma pessoa precisa querer ser salva para que funcione, irmão mais velho, e parece que estou gritando por ajuda?

Os braços dele se afastaram dela quando ele se afastou do tapa . Erguendo os braços, ela jogou o cobertor e deu uma pequena volta na frente do irmão. Se isso me fez estremecer ao ver ela em sua roupa, se era assim que alguém poderia chamá-la, eu não conseguia imaginar como Boone se sentia. Como ele se sentiu quando todos aqueles caras lá dentro viram sua irmãzinha da mesma maneira.

—Wren...

—Não, Boone. Apenas não faça.— Ela arrancou os saltos claros da plataforma e os jogou dentro do Honda. Sem eles, ela mal chegava aos ombros dele. —Estou cansada do ato de herói. Você tem jogado a vida toda, e nunca teve um papel tão bem-sucedido para você.

Ela balançou a cabeça para ele. —Você não pode nem se salvar.

Meus pés finalmente foram capazes de se mover. O som dos meus passos esmagando o cascalho fez ambas as cabeças girarem, embora Boone se movesse como se um peso tivesse sido amarrado a ele.

—Oh, que bom. Clara está aqui.— Os olhos de Wren se estreitaram para mim quando me aproximei. Havia muito pouco da garota que eu lembrava na mulher na minha frente agora. Aparentemente, ela sentiu o oposto do jeito que estava olhando para mim. —Você pode correr junto e salvá-la agora. Ela sempre foi sua principal prioridade de qualquer maneira.

Tentei ignorar que a mulher da tanga roxa de lantejoulas e tapa seios combinando era a mesma garota que eu tinha visto acampada na frente da televisão no trailer de Dolly, um livro de colorir e uma caixa de lápis de cor coloridos em pedaços na frente dela. Era quase impossível, no entanto.

—Deus sabe que ela precisa de toda salvação que puder obter.— Ela balançou a cabeça para mim antes de desaparecer no carro e bater a porta.

—Wren, pare.— Boone se adiantou e bateu em sua janela.

Ela respondeu acenando com o dedo do meio para ele, deu vida ao Honda e, quando o tirou da garagem, não parecia que ela estava tentando evitar me acertar com o carro dos anos 80. Parecia mais que ela estava tentando me fazer um enfeite de capuz.

Eu mergulhei para o lado, mas não era necessário. No último momento, ela dirigiu o carro para o lado. Ela poderia querer me assustar, mas na verdade não queria me machucar. Não foi uma das realizações mais reconfortantes que eu cheguei, mas pelo menos eu não era um atropelamento.

—Merda, você está bem?— Ele gritou quando se lançou em minha direção.

Quando eu disse que cai para o lado, eu quis dizer isso. Eu realmente mergulhei. —Sim, estou bem. Além de queimar um pouco a estrada e ser lembrada da minha falta de graça, estou bem.

Ele me alcançou e peguei sua mão e o deixei me puxar para cima. Ele não pareceu piscar enquanto observava ela se afastar, o

cobertor batendo ao vento, o canto preso dentro da porta do motorista.

—Você está bem?— Eu perguntei, largando minha mão em seu braço suavemente.

Meu toque o fez estremecer, mas seus ombros relaxaram no momento seguinte. —Faz tanto tempo desde que estive bem, acho que não me lembro como é a sensação.

O tapa na bochecha que ela deu nele estava vermelho e brilhava com manchas do que eu presumi que era brilho corporal. Limpei sua bochecha levemente para espanar algumas manchas de glitter. Sua pele estava quente, mais ainda onde Wren o havia atingido.

—Desculpe, essa foi provavelmente a pergunta mais idiota que eu poderia fazer depois do que aconteceu.

—Não—, disse ele, ainda olhando o carro dela. —Se você não se importasse, não perguntaria. É bom saber que alguém se importa.

As lanternas traseiras de Wren desapareceram de vista, bem ao fundo da estrada.

—Eu me importo.

A noite não parecia mais tão quieta. Os grilos estavam cantando tão alto que suas chamadas pareciam vibrar em meus ouvidos. Os sapos coaxando e as ondas batendo na costa se juntaram na sinfonia ensurdecedora. De dentro da cabine, eu pude perceber os sons de risada. Depois de alguns momentos, ficou quieto novamente, logo antes de outra rodada explodir na noite. Eu só podia imaginar as coisas que eles estavam dizendo, a imagem que estavam revivendo, as fotos que estavam comparando.

Se Boone notou as gargalhadas vindo da cabine, ele não demonstrou.

—Sinto muito, Boone.— Eu me inclinei na frente dele, para tentar chamar sua atenção.

—O que você sente muito?— Ele perguntou, piscando. —Que minha irmã é uma stripper ou que eu precisava me lembrar agora que ela era uma?

—Sinto muito pelo que aconteceu.

Eu não sabia dizer se o motivo de ele não olhar para mim era

porque ele tinha medo de desviar o olhar de onde ela havia desaparecido ou medo de olhar para mim. —E eu sinto muito por muitas coisas também, mas por muitas coisas boas.— Virando-se para o lado, ele caminhou pela entrada.

—Boone, espere—, eu chamei, percebendo que estava repetindo a última coisa que ele disse a Wren.

—Preciso ficar sozinho agora, Clara.— Quando chegou ao final da entrada, virou à esquerda em vez de seguir o carro dela de volta à estrada. Ele estava percorrendo o caminho mais longo.

—Eu não sabia que eles tinham isso planejado. Acabei de descobrir.— Ofeguei enquanto o perseguia. Ele estava apenas andando, mas tive que correr para alcançá-lo. Suas pernas tinham o dobro do meu tamanho e pareciam se mover dez vezes mais rápido.

—Tentei ligar para avisar você. Eu tentei chegar aqui antes...

—Não é sua culpa. Wren é quem ela é, e Ford é quem ele é. Eu deveria ter visto isso acontecer.

Mesmo na minha corrida atual, ficou claro que não havia como eu continuar com ele e manter uma conversa. — Você pode

parar?— Eu estava mais hiperventilando do que ofegante agora. —Você poderia, por favor, falar comigo?

Seus ombros subiram alguns centímetros antes de cair. — Não há nada para conversar. Vejo você depois na casa dos seus pais. Eu preciso pensar.

Afastar-se quando as coisas esquentavam; um passatempo favorito de Boone. Desta vez, eu não tornaria tão fácil para ele ir embora. —Se é nessa direção que você planeja voltar para a casa dos meus pais, espero que você tenha muito em que pensar. Vale uma semana inteira.

Ele continuou descendo a estrada de terra, ficando tão longe na minha frente que eu o estava perdendo no escuro. —Eu sempre tenho muito o que pensar. Boa noite, Clara. Pegando o ritmo, ele desapareceu mais alguns passos.

Parei, bati o pé na estrada e rugi.

Ele queria ficar sozinho, ele queria pensar, codifique as palavras para ele querer apodrecer.

Girando, usei tudo o que minhas pernas tinham para me dar e corri de volta para a cabine de Ford. O riso ainda ecoava dentro

da cabine, e, por mais satisfação que eu tivesse por entrar ali e amarrá-los até as vigas com seus sacos de nozes, forcei-me a entrar no Chrysler e fui atrás dele. Ele poderia ter dito que não precisava de ninguém, e ele poderia ter pensado que estava falando sério, mas eu sabia melhor.

Parecia que as pessoas que menos pediam ajuda eram as que mais precisavam. Ele não pediu ajuda uma única vez em sua vida, pelo que eu sabia.

Saí da estrada, deixando algumas marcas desagradáveis no concreto leve, antes de virar à esquerda e correr pela estrada atrás de Boone. Eu tinha chegado perto de uma milha quando os faróis lançaram sua luz sobre ele.

Ele não olhou para trás. Ele não diminuiu o ritmo. Ele apenas continuou seguindo em frente.

Enrolei o Chrysler ao lado dele e abri a janela. —Agora tente fugir de mim—, eu disse, acelerando o motor algumas vezes.

Ele manteve a cabeça inclinada para a frente, embora eu tenha notado que seus olhos se desviaram da estrada em direção às numerosas trilhas pisoteadas que os animais fizeram através

das árvores.

—Não pense que eu não vou segui-lo lá também.— Dei mais uma olhada no motor.

—Vamos. Fale comigo. Diga algo. Eu sei que você prefere fingir que nada aconteceu e você não apenas teve que arrastar sua irmã da despedida de solteiro que ela estava programada para se despir e que Ford McBride ainda não é um idiota imaturo e mesquinho, cujo objetivo na vida parece tornar a sua a mais insuportável possível, mas eu sei que você sente alguma coisa.— Eu pendurei meu braço pela janela, olhando para ele. Seu rosto estava apertado, seus olhos combinando. —Eu sei que você sente muitas coisas. Nomeie uma. Qualquer uma. Apenas me dê algo, pelo amor de Deus.

—Frustrado—, ele rosnou. Sua mandíbula voltou à sua posição anterior, apertada com tanta força que fez com que os tendões que corriam por seu pescoço parecessem que iriam aparecer pela pele.

—Frustrado, tudo bem, sim, claro, eu posso entender isso.— Eu balancei a cabeça e dei um pouco mais de combustível ao carro. Ele estava realmente viajando. —Eu me sentiria da mesma

maneira se algo assim acontecesse comigo.

—Não estou frustrado com eles. Estou frustrado com você—. Ele olhou para mim pelo canto dos olhos.

—Comigo? Por que você está frustrado comigo? Não fui eu quem contratou sua irmã mais nova como a atração principal na despedida de solteiro de Ford McBride.— Aproximei o Chrysler mais perto dele. Ele queria espaço? Eu não ia dar a ele.

—Estou frustrado porque disse que queria ficar sozinho, e aqui está você, me seguindo por uma estrada escura no carro do seu pai. Estou frustrado porque você está fingindo se importar quando tudo o que importa é eu aparecer e ficar ao seu lado na hora certa para sua família ver que você não é uma mulher pobre, solteira e que acabou de levar um fora. Mas, principalmente, estou frustrado porque não tenho tanta certeza de que você me escolheu para pagar dez mil com base em suas opções limitadas naquela noite, e isso tinha mais a ver com você querer irritar sua família e todos os outros novamente. Estou frustrado porque me sinto como uma marionete no seu esquema principal de acenar com o dedo médio na cara da sua família.

Eu não tinha percebido que tinha parado até ele ter que

gritar suas últimas palavras de volta para mim. Eu tive que sacudir a cabeça para limpá-la o suficiente para ter certeza de que, quando apliquei pressão no pedal do acelerador, ele não bateu todo o caminho até o chão. Ainda assim, o carro pulou para frente mais rápido do que eu pretendia. Boone atirou para o lado da estrada, me lançando um olhar como se eu estivesse tentando bater nele.

—Se eu quisesse atropelar você, eu teria feito isso anos atrás—, Parei, certificando-me de que o carro estivesse estacionado antes de abrir a porta e explodi. —Não acredito que você disse isso para mim. Nada disso!— Eu joguei meus braços em sua direção enquanto me aproximava.

Boone deu alguns passos para trás, não como se estivesse com medo de mim, mas mais como se quisesse manter distância.

—A escolha de você naquela época não teve nada a ver com querer irritar ou agradar minha família. Não tinha nada a ver com eles. E escolher você desta vez definitivamente também não teve nada a ver com isso.

Ele fez uma careta. —Perdoe-me se não
estiver convencido. Estou um pouco exausto dos dois anos que

passamos namorando e como você passou o tempo todo se certificando de que estava segurando minha mão quando papai entrou na sala, ou estávamos namorando quando sua mãe chegou em casa do brunch do seu clube. Você não estava contente a menos que estivéssemos abraçados sempre que alguém do seu círculo íntimo estivesse por perto. Eu era jovem e burro demais para vê-lo, mas agora o vejo. Encontre alguém para ser seu fantoche. Eu já fiz o suficiente.

Era uma coisa boa ele ter colocado tanta distância entre nós, porque ele acabaria ganhando um tapa nessa outra bochecha dele. —Como se atreve, Boone Cavanaugh. Como se atreve a dizer que eu estava usando você quando passei pelo inferno durante todo o tempo que estivemos juntos.

—Sim, sim, eu tenho certeza que foi tão difícil para você ter todo mundo sussurrando nas suas costas sobre como você só precisava tirá-lo do seu sistema antes de se estabelecer com um cara como Ford McBride. Tenho certeza de que deve ter sido uma tortura para você enfrentar a desaprovação de seus pais no que diz respeito ao namorado, e ainda assim conseguir aquele conversível sofisticado quando completou dezesseis anos e passar duas semanas todo inverno no Colorado e quatro semanas

depois nos Hamptons todo verão. Tenho certeza de que foi tão difícil para você, Clara. Tudo o que eu tinha que lidar por namorar alguém fora da minha liga era ter o xerife me puxando sempre que passávamos um pelo outro na estrada, ou ser cortado do maldito time de futebol todos os anos porque os outros caras não me queriam e seus pais tinham muita influência na comunidade. Então, quando finalmente terminamos, não consegui encontrar uma garota para namorar comigo neste condado ou no próximo. As que supostamente faziam parte da minha liga não me queriam, porque estar com você foi como intencionalmente evitá-las, e as garotas da sua suposta liga me olhavam como bens usados.

Quando ele terminou, eu fiquei na frente dele, com os braços cruzados e o interior fumegando, mas fiquei quieta. Havia tanta coisa que queria dizer, tanto que queria vomitar de volta para ele, que precisava descobrir o que queria discutir primeiro.

—Você terminou?— Eu disse, levantando minha sobrancelha.

—Você me pediu para conversar.— Ele estendeu os braços. —Eu estou falando.

—Eu pedi para você falar sobre o que estava sentindo.— Eu levantei minha sobrancelha mais alto. —Não o que você imaginou nessa sua cabeça depravada.

—Então o que você quer ouvir? O que você quer que eu lhe conte? Eu lembro daquele jogo. Tenho certeza de que posso voltar a esse papel com bastante facilidade.— Ele se aproximou, chegando ao alcance do braço.

Apertei meus braços com mais força para não dar um tapa nele, porque meu Deus, se ele já mereceu, agora era a hora. Eu balancei minha cabeça furiosamente. —Se você me dissesse o que achava que eu queria ouvir, isso é com você. Eu não. Tudo que eu sempre quis foi conhecer você, o verdadeiro você. Eu sabia o suficiente sobre as pessoas puxando minhas cordas e querendo que eu agisse dessa maneira, dissesse isso e fizesse aquilo. Eu nunca quis que você se sentisse assim comigo.

—Não, você só queria que eu dissesse, fizesse e agisse como você queria, e dissesse que eu era quem realmente você queria.

Cheguei mais perto, meus olhos se estreitando. —Você seguiu em frente e continua acreditando no que acha que sabe. Isso não vai mudar o que eu realmente sentia por você e por

que queria estar perto de você. Idiota— eu brinquei quando ele deu uma bufada de dissidência. —E só para sua informação, quando alcancei sua mão, foi porque eu queria muito segurá-la. E quando subi na ponta dos pés para beijá-lo, foi porque eu queria muito te beijar. E já que estou empolgada quando se trata de esclarecê-lo de todas as suas noções preconcebidas totalmente errôneas, a propósito, quando lhe fiz essa oferta algumas noites atrás, não tinha nada a ver com querer escandalizar minha família. Se esse fosse meu objetivo, eu teria me assegurado de que tivéssemos dois anéis colocados em nossas mãos esquerdas antes de marcá-los por aquelas portas da frente.

Boone fez outra careta, uma que implicava que ele não acreditava em uma palavra que eu tinha acabado de dizer. — Então por que você não esclarece por que me fez essa oferta? Ainda estou um pouco confuso sobre isso.

De todas as coisas que eu acabei de atirar nele, eu não esperava que essa fosse a parte em que ele se agarrava. A que ele pediu esclarecimentos. Parecia a mais inofensiva da lista, mas eu sabia melhor, e pelo olhar em seu rosto, ele também.

—Eu já te disse—, eu disse, me inclinando para não ficar na

frente dele. —Você era o único na desculpa de um bar que eu podia passar pela porta da frente dos meus pais sem eles chamarem a polícia.— Quando ele levantou uma sobrancelha, acrescentei: —Ou pelo menos o único que não teria que justificar uma ligação imediata ao psiquiatra encarregado de internar novos pacientes naquela noite.— Sua outra sobrancelha se levantou. Suspirei e esfreguei minhas têmporas. —Minhas opções eram limitadas. Pelo menos eu te conhecia e imaginei que podia confiar em você para não me esfaquear no meio da noite antes de começar a usar os cristais e os talheres de meus pais.

Ele estava olhando para mim. Eu podia sentir isso, mas não me permitiria encontrar seu olhar.

—É um discurso bonito, Clara, mas fale tudo o que quiser. Não vai mudar o fato de ser uma mentira.

—Você está sugerindo que eu estou mentindo?

—Não sugerindo, mais afirmando um fato, e sim, eu estou.

—Bem, você me acusou de quase tudo esta noite, então por que não?— Recuei em direção ao Chrysler. Se era assim que ele queria me tratar quando tudo o que eu fiz foi tentar ajudá-lo

a pensar, então tudo bem, ele poderia ter seu tempo sozinho.

—Você poderia ter escolhido qualquer um para ser seu acompanhante no casamento, esqueça os dez mil. Por que você me escolheu?— Sua voz estava mais próxima, mas mais suave.

A súbita mudança de tom me pegou de surpresa. —Eu voei para o aeroporto quarenta minutos inteiros antes de entrar naquele bar para tomar uma bebida. Eu tinha quinze minutos de sobra antes que minha família estivesse esperando que eu chegasse. Além de me limitar aos candidatos ao cargo de acompanhante, também estava com pouco tempo.

As botas dele se aproximaram, esmagando a terra e o cascalho. —Você disse que você e seu namorado em casa terminaram alguns dias antes. Isso lhe deu alguns dias para montar um plano de backup. Por que esperar até você estar a alguns minutos da porta da frente de seus pais? Por que você se importaria tanto em ter um acompanhante? A garota de que me lembro não se importava com o que as pessoas pensavam dela.

Procurei minhas têmporas novamente, mas nenhuma quantidade de massagem tornaria a pulsação fraca. Era como se tudo o que eu mantivesse escondido dentro de mim estivesse

tentando se libertar se o caminho preferido deles fosse através dos pontos que eu estava esfregando furiosamente.

—Clara?— A voz dele estava mais próxima, ainda mais suave.

—Você sabe o porquê—, eu sussurrei, fechando meus olhos. —Pare de fingir que não. Pare com as perguntas. Você sabe.

Ouvi suas respirações atrás de mim, lentas e constantes. —Eu sei o que?

Fui fechar a boca, mas já era tarde demais. —Por que estamos aqui agora. Juntos.

Não ouvi a respiração dele por um tempo depois disso. —Preciso que você me dê sua explicação para isso, porque tenho minhas próprias ideias, mas gostaria de ouvir as suas primeiro.

Era tarde. Eu estava cansada. E a vida era curta.

Essas foram as razões pelas quais eu acabei dando a ele a minha resposta, apesar de saber que deveria ter permanecido um segredo que eu levaria comigo para o futuro. —Não parece importar a que distância estou ou quantos anos se passam. Estou

começando a aceitar que sempre haverá uma parte de mim que segurará uma parte de você.— Eu apenas olhei por cima do ombro para me certificar de que ele estava ouvindo. Ele estava. — E você está aqui agora, dizendo essas coisas dolorosas, tentando me afastar, porque uma parte de você também se apegou a uma parte de mim.

Boone permaneceu congelado atrás de mim, sua respiração silenciosa. A noite parecia circular mais apertada à nossa volta, implacável. Quanto mais ele ficava quieto, mais tentador era meu desejo de pular dentro do Chrysler, acelerar para o aeroporto, voltar para a Califórnia alguns dias antes e nunca mais voltar para essa parte esquecida do país.

Ele foi minha fonte de força por grande parte da minha vida. Ele tinha sido também a minha fraqueza. Eu não tinha certeza do que ele era mais agora, mas também não tinha certeza de quanto tempo eu poderia esperar com minhas palavras entre nós antes de fugir e, desta vez, ficar longe. Para sempre.

Meia vida se passou e ele ainda estava em silêncio. Imaginei que ele continuaria assim, não importa quanto tempo eu pairasse nessa estrada de terra.

Meus pulmões pareciam balões secos há anos, mas eu não os sentia mais. A parte de mim responsável por manter o resto de mim viva desapareceu. Eu estava perdendo partes de mim por um tempo. Pedaços espalhados de Clara Abbott estavam espalhados por todo o condado. Só me restava uma peça e a deixava no lado dessa estrada poeirenta de Charleston.

Consegui dar um passo e depois outro, o segundo mais difícil que o primeiro. No momento em que eu pegava o terceiro e me aproximava do carro, minhas pernas pareciam como se a lua estivesse ligada a uma e o sol a outra. Mover parecia impossível, mas de alguma forma eu fiz.

Meu braço estava estendendo a mão para a maçaneta da porta, e exatamente quando meus dedos estavam prestes a enrolar em torno do metal frio, algo interceptou seu caminho.

Dedos quentes amarrados nos meus, sua palma firme pressionando a minha. Os passos de Boone se aproximaram. Nada além do som do motor do carro, os sons da noite e sua respiração lenta e uniforme enchiam o ar. Mas ele pegou minha mão. Ele me alcançou. Ele não me deixou ir embora. Em vez de afrouxar seu aperto, ficou mais forte.

—Você está certa.— Sua voz ecoou na noite, seu corpo tão perto do meu que senti o calor de suas palavras na crista do meu ombro.

Inclinei minha cabeça para trás. Ele estava mais perto do que eu imaginava. —Certa sobre o que?

A outra mão dele levantou meu rosto, seu polegar inclinando meu queixo até que eu estava olhando para ele. O véu que estava protegendo seus olhos desde que eu o vi no bar se foi. O garoto por quem me apaixonei estava naqueles olhos, no homem diante de mim agora.

Seu polegar varreu a linha da minha mandíbula, sua testa unida, tudo de uma vez, ele parecia relaxar. —Sobre tudo.

Meu batimento cardíaco palpitava em meus ouvidos, lento, firme e forte.

—Eu vou te beijar.— Ele me girou lentamente, sua mão na minha mão e a outra abaixando na curva do meu pescoço, ancorando-se a mim. —E vejo que você tem duas opções para reagir a isso.

Minhas sobrancelhas se juntaram, meu peito subindo e

descendo pesadamente entre nós. —Eu tenho?

Ele assentiu, seus olhos brilhando. Ele se aproximou até que nossos peitos estavam apenas se tocando. Senti o carro roçando nas minhas costas. —Você pode me dar um tapa na cara como eu sei que você estava desesperada para fazer alguns minutos atrás, entrar naquele carro e ir embora. Você pode me deixar no retrovisor e na poeira, e é aqui que eu ficarei, se é isso que você quer.

Eu estava prestes a perguntar qual era minha outra opção, porque, por mais que eu soubesse que sair era o que deveria ter feito, era a última coisa que eu queria fazer.

Boone se aproximou, levantando uma sobrancelha e não deixando de me olhar nos olhos. —Ou...

Mas ele disse o suficiente. O instinto que residia profundamente dentro de mim quebrou à superfície, e antes que eu soubesse que havia escapado, estava levantando-me, meus dedos enrolando em torno do material de sua camisa e puxando-o para mim no momento exato em que eu estava me empurrando mais próxima.

Meus lábios pressionaram os dele, permanecendo ali por apenas um momento antes de eu voltar para as pontas dos meus pés. Foi um beijo inocente, inesperado e fugaz, mas enviou uma torrente de emoções em cascata através de mim. Um simples beijo. Esse era o único aspecto simples disso.

—Ou você pode me beijar de volta—, ele terminou sua frase, parecendo não tão surpreso quanto eu imaginei, mas surpreso o suficiente para eu assumir que ele estava se preparando para um tapa tanto quanto para um beijo.

Tantas coisas dispararam para a vida dentro de mim, lugares que eu pensei que estavam adormecidos, cavernas ocultas que eu tinha esquecido. Eu senti como se estivesse voltando à vida, derramando a concha que eu estava percorrendo nos últimos sete anos.

Eu pressionei meu corpo no ar, não confiando em mim mesma para ouvir a razão e me comportar se eu permanecesse tão perto dele. Em vez de atender à nova distância que eu tinha colocado entre nós, Boone se aproximou.

Seus lábios estavam entreabertos, sua respiração sendo puxada rapidamente, mas nenhuma outra parte dele contava a

história de um homem sendo sacudido. Ele era tão sólido como sempre fora. —Eu acredito que disse que ia beijar você.

Seu sorriso era mais torto do que reto. Nossos corpos travaram como eu lembrava, duas peças feitas para se encaixarem. Minhas peças irregulares aceitaram as dele. Suas bordas ásperas suavizaram as minhas.

—Não parecia que você estava com pressa de me beijar. Voltei a sorrir.

—Faz sete anos desde o nosso último beijo. Eu paro por dois segundos, e é muito longo?— Seus dedos se curvaram no meu pescoço levemente.

—Como você disse, sou paciente há muito tempo.— Deslizei uma mão pelo peito dele e a deixei curvar em torno de seu ombro. —Eu terminei com o paciente.

Seu sorriso se esticou, então sua cabeça abaixou em direção à minha. Seu sorriso se dissolveu, substituído por um olhar que eu amava ainda mais, a intenção que ele tinha sempre que estava prestes a me beijar. Aquela que me fez sentir como eu era e sempre seria seu começo, meio e fim.

—Então vamos acabar com isso —, ele sussurrou logo antes de seus lábios roçarem os meus.

Não foi realmente um beijo, mas foi algo tão bom. Seus lábios roçaram os meus novamente, desta vez na direção oposta, e fizeram meu coração se agitar, pois parecia ter esquecido seu objetivo. Quando ele repetiu a mesma coisa, a sensação - tão satisfatória quanto insuficiente - fez um suspiro passar por meus lábios quando meu corpo tremeu de repente.

Ou o arrepio ou o suspiro puxaram algo de Boone. Seus lábios pararam de brincar com os meus com pincéis lentos e suaves, e sua boca empurrou a minha com tanta intenção e força quanto seu corpo pressionou o meu. Prendendo-me ao carro, as mãos dele se apertaram ao meu redor enquanto as minhas fizeram tudo o que podiam para segurá-lo.

Senti o metal frio do botão de cima de seu jeans através do material leve do meu vestido. Senti seus quadris estreitos segurando os meus mais cheios no lugar, me ancorando. Senti sua urgência em cada toque, cada beijo, cada respiração... no entanto, também senti seu cuidado em segurar sua restrição. Ele esperou mais. Do jeito que eu comecei a senti-lo deslizar contra mim antes

de recuar, ele queria tudo, mas onde havíamos mostrado quase nenhuma restrição quando crianças, parecíamos ter pegado algumas quando adultos.

Eu não tinha certeza de quanto tempo eu aguentaria todos esses beijos e toques inocentes antes de meu corpo queimar, mas parecia mais próximo do final curto do espectro do que do longo. Pulando, eu consegui enrolar minhas pernas ao redor dele sem pular uma batida de retornar seus beijos. As mãos de Boone abaixaram ao redor da minha cintura, um grunhido profundo subindo por seu peito quando eu joguei meus quadris contra os dele.

—O banco de trás.— Virei minha cabeça para alcançar a maçaneta da porta.

A boca dele se moveu da minha para a base do meu pescoço, sugando-a de maneiras que pareciam que a parte do meu corpo estava diretamente conectada ao que residia entre as minhas pernas.

Boone balançou a cabeça, ainda brincando com o meu pescoço. —Não.

—O banco da frente?— Eu ofeguei quando sua boca se moveu para baixo, deslizando ao longo do decote do meu vestido.

—Não—, ele disse com outro aperto.

Um gemido de frustração foi quase imediatamente seguido por um suspiro de prazer quando sua boca encontrou uma área muito sensível no meu corpo. Sua língua circulou, desenhando padrões úmidos através do material fino do meu sutiã.

—Eu não vou te foder no carro do seu pai, como eu poderia estar contente em fazer quando eu era criança.

Minhas coxas contraíram. Suas pernas as separaram.

—Por que não? Banco traseiro, banco da frente, capô, dobrado sobre o para-choque, tudo soa como boas opções para mim.

Quando ele se pressionou entre minhas pernas, duro e pronto, minha cabeça caiu contra o teto do carro. Eu jurei que se ele tivesse se movido contra mim algumas vezes ali, completamente vestido, eu teria gozado.

—Porque eu não sou mais um garoto, Clara.— Boone

chupou meu mamilo, brincando com a língua.

Minhas pernas se apertaram ao redor dele, meu colo pressionando com força o dele. Ele deu um grunhido agudo, beliscando-me antes de me libertar.

—Tudo bem, eu entendi.

Quando sua boca se moveu para o meu outro seio, dando a mesma atenção que ele acabara de dar ao outro, perdi o que estava dizendo ou o que estava prestes a dizer. Fui lembrada quando seus quadris flexionaram contra os meus, me dando o atrito que eu queria no lugar exato que eu queria.

—Então me foda como um homem. Seja lá o que diabos isso significa.— Meus braços enrolaram em torno de sua cabeça e meus dedos entraram em seu cabelo, alisando-o ou puxando-o com base no que sua boca e quadril estavam fazendo. —Leve-me para a floresta, me jogue contra uma árvore e me mostre como é essa coisa de se ferrar como homem, porque agora... — Ele tinha acabado de chegar à parte do beliscão novamente. Minhas costas saltaram em um arco, criando inadvertidamente mais atrito no espaço entre as minhas pernas. Eu podia sentir, meu orgasmo estava começando a espiralar. —Eu não me importo como você

faz isso, contanto que você faça.

Ele não hesitou uma vez quando sua cabeça se levantou acima da minha. Seus olhos eram selvagens, sua expressão era a mesma. Seus lábios estavam escuros e úmidos, sua respiração acelerada e superficial.

—Não quero me apressar. Eu não quero sentir que estamos a alguns minutos de ficar confusos ou como se estivéssemos fazendo algo errado. Eu quero levar o meu tempo. Estou cansado de sentir que estou a dois minutos de compartilhar meus últimos momentos com você.

Eu balancei minha cabeça em concordância, sabendo que teria concordado com ele me amarrando em uma árvore e me pintando de mel antes de fazer quaisquer outras coisas loucas que os loucos do mundo realizavam, desde que hoje à noite eu o sentisse dentro de mim. —Parece bom. Perfeito. Por que ainda estamos de pé aqui quando a floresta está ali?

O rosto de Boone se transformou em um sorriso quando ele olhou para mim espalhada no capô do carro do meu pai. —Você sempre foi a coisa mais linda que eu já vi, Clara.— As costas de seus dedos percorreram o comprimento da minha bochecha. —

Isso ainda não mudou.

Eu estava sentada enquanto ele estava abraçando minhas costas quando um par de faróis apareceu no caminho. Eles começaram pequenos e cresceram muito rapidamente, quem quer que estivesse ao volante daquela coisa devia estar navegando. Mal tivemos tempo de ajustar nossos corpos e roupas antes que o carro diminuísse até engatinhar e girasse ao nosso redor. Era um Jaguar. Duas cabeças apareceram pelas janelas abertas.

—Hee-haw!— A voz bêbada de Ford ecoou em torno de nós. —Vejo que não fui o único envolvido em uma confusão quente e incomodada depois de ver os peitos finos de sua irmã brilhando na minha cara.

O corpo de Boone ficou rígido em meu abraço, sua expressão sombreando de uma maneira familiar. —Você tem sorte de ainda usar o queixo depois do que puxou, Ford. Continue tagarelando, e não mostrarei o mesmo nível de restrição que mostrei lá atrás.

Quando o olhar de Ford se desviou para mim, toda corada e as roupas girando ao meu redor, sua expressão ficou azeda. Ele desviou o olhar como se estivesse enojado. Eu desviei o olhar dele

porque sentia o mesmo.

—Ei, Boone!— Um dos caras no banco de trás gritou pela janela. —Todo esse tempo fiquei curioso sobre sua irmã ser uma ruiva natural.— Ele estendeu a cabeça e balançou as sobrancelhas. —Vamos apenas dizer que minha curiosidade foi suficientemente esmagada.

Boone me abaixou no chão rapidamente e contornou a traseira do Chrysler. Eu não precisava de uma bola de vidro para saber aonde isso iria dar, e também não precisava de uma para saber que, não importa quem pudesse ter começado ou quantos foram jogados contra ele, ele aceitaria a queda pelo que quer que fosse hoje à noite.

Correndo pelo carro mais rápido que ele, eu disse: —É uma sexta à noite, pessoal. Por que vocês não se masturbam como costuma fazer antes de fazer uma tigela de pipoca e assistir aos seus jogos de futebol pela milionésima vez em que revivem os dias de glória?

A boca alta ainda pendurada pela janela de trás balançou a cabeça para mim. —Não, eu prefiro ir me encontrar naquela virilha de fogo e brincar as escondidas.— Uma rodada de risadas

ecoou dentro do carro. —Deus, com certeza não haveria falta de esconderijos com os peitos e bunda naquela coisa.

Boone avançou, sem dizer uma palavra, mas foi assim que ele fez. Por que desperdiçar palavras quando falar não era o que ele tinha em mente?

Joguei minha mão, jogando-a contra seu peito. Não deveria tê-lo detido, mas de alguma forma o fez, embora temporariamente eu soubesse.

Como os caras no carro não pareciam ter pressa de ir embora e Boone não iria tolerar muito mais idiotas falando sobre sua irmã, isso deixou a responsabilidade de forjar uma solução eficaz para esse impasse. Minhas mãos não tão capazes.

A única opção em que eu conseguia pensar não era exatamente pacífica, mas eu esperava que isso fizesse com que Ford gritasse e nos deixasse em paz. Inclinando-me, tirei um dos meus sapatos e fui em direção à traseira do carro de Ford. Todos os olhos se voltaram para mim, a maioria deles olhando como se não tivessem ideia do que estava por vir. Para mim, parecia bem claro.

Quando uma garota se aproxima do carro de um homem, seu bem mais precioso, com a expressão que eu tinha e armada com um sapato de salto - seja uma bomba de cinco polegadas ou o robusto que eu estava mirando - o que eles achavam que iria acontecer?

Puxando meu braço para trás, agachei-me na posição logo atrás da lanterna traseira direita do Jaguar e balancei meu braço com força. Bati com força algumas vezes com o calcanhar para que a luz traseira se quebrasse, mas funcionou.

Ford soltou uma série de maldições enquanto os outros caras no carro me observavam como se ambos estivessem horrorizados e arrebatados. Eu estava caminhando para a outra lanterna traseira quando as luzes do Jaguar giraram logo antes do carro ir embora.

Ford enfiou a cabeça pela janela e gritou: —Louca!

Eu não tirei os olhos do carro até que ele estivesse intacto e uma luz traseira quebrada desaparecesse. Pela aparência e pelo som de Ford, ele não estava em condições de dirigir. Eu deveria ter feito a coisa honrosa e chamado Charlotte para que ela soubesse que seu noivo estava prestes a dirigir - e o resto de seu

tipo que está prestes a ser extinto - a uma árvore, mas não o fiz.

Eu acreditava na seleção natural, e claramente ainda não havia alcançado os Ford McBrides do mundo. Esta noite poderia ter sido a noite.

—Que bom que ele finalmente descobriu isso—, eu disse enquanto deslizava meu sapato de volta no meu pé.

—Descobriu o que? Que ele é um homem morto andando?— Boone subiu ao meu lado no meio da estrada de terra, olhando para o local onde o carro deles havia desaparecido.

—Que eu sou uma puta louca—, dei de ombros.

O ombro de Boone roçou o meu. —Você acabou de fazer isso porque odeia Ford ou porque gosta de mim? Porque tenho certeza que você acabou de cometer um crime.

Havia tanta adrenalina no meu sistema pelo que acabara de acontecer e o que estava prestes a acontecer antes que Ford e sua gangue de futuros pássaros dodô aparecessem, eu me senti bêbada com isso. —Eu poderia odiar Ford McBride, mas eu fiquei louca 'nas luzes traseiras dele' porque gosto de você.

Boone sorriu para o chão, chutando-o com a ponta da bota. —Essa é a coisa mais doce que você já me disse.

—Não tenho certeza se gosto de você, Boone...— A adrenalina estava me dando coragem, me deixando inebriante com poder.

O ombro de Boone ficou tenso logo antes de ele se mover em direção ao carro, me deixando montada no meio da estrada sozinha. —Nós devemos ir—, disse ele, sua voz plana. —Nós não pertencemos aqui.

Capítulo Nove

Eu estava no meu quarto, sentada na beira da cama, torcendo as mãos no colo e esperando Boone. A sensação de déjà vu era tão violenta e intensa que quase me derrubou.

Uma vida se passou desde aquele dia, sete anos atrás, e mesmo que eu não fosse a mesma garota que era na época, ela ainda fazia parte de mim. Eu esperei horas naquela tarde, sem perder a esperança até que acordei na manhã seguinte, não tendo lembrado de adormecer. Ele não tinha chegado naquele dia. Ele me deixou esperando.

Parte de mim parecia que estava esperando por sete anos, mas por quê, eu não tinha certeza. Uma resposta, talvez? Uma explicação no mínimo? Alguma razão que justificaria por que ele me deixou depois do que descobriu.

Era isso que eu estava esperando agora, na beira da minha cama novamente. Respostas. Mas outra parte de mim não estava à espera de respostas que podem explicar o passado, mas respostas

para agora. O que aconteceu entre nós há apenas uma hora atrás. O que estava prestes a acontecer entre nós. O que pode acontecer entre nós daqui para frente.

Respostas. Era disso que eu precisava.

Era isso que eu esperava que Boone estivesse disposto a me dar.

O chuveiro desligou e ouvi sair e atravessar o banheiro. Ao contrário dos últimos dias em que ele deixou a porta do banheiro aberta, esta noite estava fechada. Eu não teria que testar a alça para adivinhar que estava trancada também.

Outra porta fechada e trancada pendurada entre ele e eu. Outra para adicionar à pilha. Eu fui uma tola por acreditar que poderíamos ter uma chance de algo diferente. Nosso passado pode não ter predestinado nosso futuro, mas eles certamente o tornaram previsível.

Ele levou um tempo no banheiro. Eu não podia ter certeza exatamente do que ele estava fazendo, apesar de achar que tinha muito a ver com me evitar. Nós não trocamos uma palavra desde que deslizamos para a casa do meu pai, voltando para cá e

caminhando até o meu quarto. Poderíamos ter muitas coisas que queríamos dizer um ao outro, mas eu não sabia por onde começar, e imaginei que ele se sentisse como se já tivesse falado demais por meio de suas ações.

Quando a porta finalmente se abriu, ouvi o clique da fechadura clicando livremente primeiro. Ele me trancou, como eu suspeitava. Por quê? Eu tinha chegado muito perto? Ele se deixou aproximar demais?

Era uma mistura de confusão, senti como se estivesse olhando para um campo interminável de calor e esperava encontrar a haste única feita de ouro.

Ele emergiu do banheiro, o fluxo habitual de vapor faltando no retrato.

—Aproveitou seu banho frio?

Ele atravessou a sala, cabelos molhados, vestindo seu pijama de sempre - um par de boxers. —Foi melhor que a outra alternativa.

Meus pés pararam de bater. —Que alternativa era essa?— Meu tom estava frio, sem precisar de uma confirmação verbal real

da conclusão que eu havia chegado.

Boone não me respondeu. Quando ele olhou para mim, seus olhos contaram a história.

—E aí? Lá fora, em alguma estrada de terra, você estava pronto para me foder 'como um homem' —, abaixei minha voz, na tentativa de soar como ele, — e uma hora depois, de volta ao meu quarto, você é a favor de banho frio e tratamento silencioso?

Ele jogou alguns cobertores e travesseiros no chão, arrumando sua cama. —O que você quer de mim, Clara?

—Bem, o que eu queria antes, com certeza não é mais o caso.— Peguei um travesseiro da minha cama e joguei-o na pilha que ele estava fazendo no chão.

—Bom, porque isso nunca mais vai acontecer entre você e eu. Quero dizer.

—Realmente? Porque com certeza não parecia que você estava tão em conflito quando me colocou contra o Chrysler do meu pai.

Ele chutou e socou os cobertores e travesseiros, fazendo

uma bagunça maior quando os empilhou pela primeira vez em uma pilha. —Eu não quero falar sobre isso.

—E por que você faria? Já que seu método preferido de "resolver as coisas" inclui você virar as costas e ir embora.— Fiz um gesto para ele provar meu argumento, não que ele o visse.

Ele estava agachado no chão, de costas para mim. —É um método melhor do que me deixar dizer as coisas que quero às vezes.

Meus pés voltaram a pular. Eu estava tão empolgada que foi um milagre que eu consegui ficar sentada. —Isso soa como uma desculpa conveniente.

—Chame como quiser, mas é a verdade.— Ele conseguiu me dar as costas enquanto se movia pelo quarto, apagando uma luz após a outra. Ele estava desligando e fechando de todas as maneiras possíveis.

Quando ele pegou a lâmpada no meu abajur, minha mão se soltou e segurou seu pulso. —Pode ter sido mais fácil para você, me deixar sem uma explicação, mas eu juro que era o contrário em mim.

Minhas costas enrijeceram, o resto do meu corpo a seguiu, quando as memórias voltaram. Até que ponto ainda sinto as coisas que fiz pelo homem ao meu lado depois de tudo? Como minha pele tocando a dele me faz sentir como se eu tivesse voltado para casa?

Eu queria chorar. Então eu olhei para ele em seu lugar.

—Você não tem ideia do que queria lhe dizer. O que eu ainda quero dizer para você às vezes. Seu queixo se contraiu quando ele olhou para o ponto na parede logo depois do meu ombro. —Acredite em mim quando digo que foi melhor para nós dois que eu fui do jeito que eu fiz do que do jeito que eu queria.

—E é por isso que você está agindo assim agora? Fechando e se recusando a conversar?— Afastei a mão da lâmpada e longe de mim. No momento em que fiz isso, eu queria de volta. — Esta é a sua maneira de me punir pelo que aconteceu naquela época ou pelo que aconteceu hoje à noite?

—Eu não estou tentando punir você.

—Então o que diabos você está fazendo?— Eu não conseguia mais ficar sentada na beira da cama. Eu pulei para cima

e fui para o final, andando de um lado para o outro no pé da cama. —Eu estava começando a pensar que estávamos consertando as coisas entre nós, para que pudéssemos nos tornar amigos novamente, então aconteceu esta noite e ficou bem claro que nós dois poderíamos estar interessados em explorar a coisa mais do que amigos. Fosse o que fosse, impulso ou imprudência ou nada mais romântico do que querer transar, eu sei que você sentiu o que senti. Eu sei que você sentiu antes mesmo de colocarmos as mãos um no outro.

Boone ficou agachado ao lado da minha cama, com o queixo preso e o peito tenso.

—Você com certeza se convenceu de que sabe tudo o que estou pensando, não é?

—Você sentiu essa conexão. O que tínhamos e o que ainda está lá. Eu sei que você fez. Eu provavelmente estava falando muito alto. Eu provavelmente iria acordar qualquer um que estivesse dormindo. Eu provavelmente me arrependeria de dizer tudo isso de manhã. Isso não me impediu.

—Sim? — Sua testa se formou em três vincos profundos. — O que faz você ter tanta certeza?

Eu parei de andar. Eu olhei para ele ainda fazendo buracos na parede em frente a ele.

—Por causa da maneira como você me olhou antes de me beijar, e por causa da maneira como está evitando olhar para mim agora.

—Não importa o que senti ou o que você acha que eu senti hoje à noite—, disse ele, o músculo correndo pelo lado do pescoço tremendo. —Eu não vou fazer isso comigo de novo.

—Você não vai se permitir fazer o que de novo? Se apaixonar por alguém que te amou de volta?— Um bufo agudo saiu da minha boca. —Porque sim, isso deve ter sido muito difícil para você.

A cabeça de Boone tremia rigidamente quando sua mão se fechou em punho ao redor do meu edredom. —Eu não vou deixar você me rasgar, me estripar, então me deixar procurando as peças e tentar descobrir para onde elas foram.

Meu ritmo chegou a uma parada abrupta novamente. —Eu te deixei rasgado e destruído?— Olhei para o chão. Onde estava um sapato quando eu precisava jogar um?

—Por favor, diga que você está fodendo comigo. Por favor, não me diga que você está falando sério sobre eu fazer isso com você.

Finalmente, ele se virou para mim. Seu rosto tinha uma expressão tão estranha que ele não parecia mais com Boone. —Eu pareço sério?

Essa pergunta não exigia resposta. Quanto mais eu olhava para o rosto dele, mais eu sentia minha raiva desmoronar. A raiva que me drenou foi substituída por confusão. Eu tinha tanta confusão na minha vida que me vi desejando voltar a raiva. Pelo menos, veio com uma explicação sobre o local de onde havia derivado.

Eu sabia, ou pelo menos achava que sabia, de onde vinha parte da raiva dele, mas anos depois, ainda não se explicava por que ele havia me deixado quando soube como nos sentimos um pelo outro. Eu estava vendo apenas uma parte da foto, ou então subestimei seus sentimentos por mim.

—Eu sei que deveria ter lhe contado antes. Eu sei que não deveria ter escondido esse tipo de segredo de você, mas eu tinha dezoito anos e estava aterrorizada. Não entendi o que estava

acontecendo, muito menos como explicar isso para você.— Comecei a usar a cômoda, onde aqueles anjos numerados descansavam. Em comparação com o resto, o anjo número dezoito sempre parecia ter um rosto tão triste. Supus agora que isso provavelmente tivesse mais a ver com a minha experiência do que a do escultor. —Eu estava assustada, mas eu deveria ter lhe contado antes de você descobrir por outra pessoa.

Passei o polegar pelo rosto do anjo e senti uma bola entupir minha garganta. Pude reviver muitas lembranças e lembrar o passado em todas as suas formas, mas esse era o modo que mantinha trancado como política geral. Essas memórias tinham a capacidade de transformar o sangue de uma pessoa em envenenamento e envolver seus órgãos em cimento.

—Você sente o que exatamente?— A voz de Boone tinha uma nitidez, uma que eu não esperava. —Que você engravidou ou que não tinha certeza de quem era o pai do bebê?

Meu polegar congelou quando estava acariciando o rosto do anjo. —O que?

—Eu acho que você me ouviu.

Meus dedos se curvaram ao redor do anjo. Havia tanta tensão neles que eu senti como se pudesse quebrá-lo em pedaços. —Eu ouvi você, mas o que mais me desculpe? e não repita o que você acabou de dizer sobre variedade.

—Vamos, Clara. Você era uma criança naquela época. Se nada mais, a idade lhe dá uma desculpa para mentir, mas você tem idade suficiente para saber melhor agora. O colchão de molas gemeu quando eu imaginei que ele o empurrou para ficar de pé, mas eu não ia olhar para ele. Não com o que ele estava me acusando. —Além disso, não estamos mais juntos, então você não precisa se preocupar que eu termine com você, se você me disser que estava transando com Ford ao mesmo tempo em que estava comigo.

Uma das asas se soltou do anjo do meu aperto em torno dela. Ela não conseguiu se segurar quando tanta pressão foi aplicada. Tudo tinha seu ponto de ruptura, e esse anjo acabara de encontrar o dele. Eu encontrei o meu anos atrás.

—O quê?— A raiva fez minha voz tremer quando eu levantei o anjo de seu lugar na fila de trás. Sua asa quebrada ficou para trás.

—Você. Ouviu.

Eu disse a mim mesma para
respirar. Eu me ordenei respirar. Eu deveria saber melhor. Eu não tinha conseguido respirar uma vez desde que cheguei. Quando o exercício da respiração falhou, eu me virei, anjo na mão, e o joguei através da sala. Direto para ele.

—Foda-se, Clara!— Boone gritou, abaixando-se a tempo. O anjo zuniu sobre sua cabeça e bateu na parede atrás dele. —Que diabos?

Ele ficou agachado, certificando-se de que eu não estava armada com outro, antes de inspecionar a carnificina atrás dele. Ao contrário do que eu esperava, ela não se partiu em um milhão de pedaços e pó. Ela estava espalhada pelo chão em uma boa dúzia de peças diferentes.

Ela acabou sendo mais forte do que eu esperava. Aqueles anjos de porcelana sempre pareciam tão frágeis, mas era apenas a maneira como pareciam, não o que realmente eram.

—Isso é o que você ganha por me acusar de dormir com Ford quando estávamos juntos.— Minha voz tremia, enchendo a

sala e parecendo ecoar nas paredes. —Como você ousa. Como você se atreve.— Andei de novo, tanta adrenalina misturada com raiva derramando em mim que eu senti como se fosse sair do meu crânio.

—Ele me disse. O bastardo veio até mim, me olhou nos olhos e me disse, Clara. Ele me disse quanto tempo, o quanto ele se importava com você, ele até se desculpou.— A voz de Boone era mais baixa, mais controlada, mas sua expressão não era. Por trás daquela voz uniforme, a mesma tempestade estava se formando dentro dele como estava em mim.

—Ele me disse, para que você pudesse parar de mentir. Para mim, é história antiga.

—É por isso que você está trazendo à tona então?— Eu cuspi, olhando para ele antes de andar para o canto oposto da sala. Muita emoção. Muito pouco ar para respirar. Tentação demais para pegar outro daqueles anjos e jogá-lo contra ele.

—Só estou falando disso porque gostaria de ouvir você admitir. Gostaria que você me olhasse no rosto e me dissesse sobre você e Ford.— Ele se levantou lentamente, subindo a toda a sua altura. Ele parecia impossivelmente imponente com o jeito

que estava me encarando, com o jeito que ele estava me enfrentando. —Você sabe, esse tempo todo, todo mundo se sentiu tão mal por você, porque seu namorado estava te traindo nas costas com outras pessoas, e com certeza, o caso delas pode ser um pouco mais interessante, considerando que a outra mulher era sua irmãzinha, mas tudo o que tenho dizer é que o que vai, volta.

Cruzei os braços e voltei para o canto. Isso foi o mais longe que eu consegui dele. —Você realmente não tem ideia do que está falando, não é?

—Acho que tenho uma boa ideia.

—Você pode pensar que sabe, mas a história que conheço é apenas um pouquinho diferente. — Olhei para a porta. Meu desejo de atravessá-lo e nunca mais ter que vê-lo ou a este quarto ou a este lugar tornou-se tão irresistível quanto o chamado de uma sirene. O passado se foi. Eu não queria reviver isso. Eu não queria falar sobre isso. Eu realmente não queria esclarecer as coisas. Eu só queria ir.

—Quão diferente?— A voz de Boone era uma nota mais baixa.

—Você está pedindo para continuar nossa discussão, ou está perguntando porque realmente quer saber?— Minha voz ficou mais baixa também. Faziam apenas três minutos que estávamos em uma briga, e nós dois já estávamos cansados. Quando crianças, poderíamos ter continuado por horas. Ou tínhamos aprendido nossas lições quando adultos ou simplesmente não possuímos a mesma quantidade de energia.

—Estou perguntando, porque estou disposto a ouvir o seu lado da história.— Boone abriu sua posição um pouco, mantendo os braços cruzados.

—Que generoso da sua parte. Pena que você não pensou em parar e me fazer a mesma pergunta anos atrás.— Eu balancei minha cabeça, cega pela luz que finalmente estava sendo lançada sobre por que ele havia me deixado.

—Eu estava um pouco ocupado vendo vermelho depois de descobrir que a garota que eu amava estava transando com um idiota nas minhas costas. Eu estava um pouco ocupado tentando não cometer assassinato quando descobri que você estava grávida e o cara que eu mais odiava em todo o mundo poderia tão facilmente ter sido seu pai quanto eu.

—E enquanto você estava ocupado fazendo isso, eu estava ocupada ficando sozinha e com medo e...— Quando minha visão ficou turva, balancei a cabeça. Eu chorei lágrimas suficientes durante esse tempo na minha vida. Eu tinha atingido meu limite oficial 1,5 milhão atrás. Não mais. —E mencionei, que estava com medo e sozinha?— Minha voz falhou, então eu parei. Eu tinha muito mais a dizer, mas não queria dizer se minha voz iria se quebrar em pedaços.

—O que você achou que ia acontecer?— Ele estalou o pescoço.

—Não o que realmente aconteceu—, eu sussurrei.

Cinco segundos de silêncio se passaram entre nós. Eu sabia porque os contava. Parecia a única maneira de manter as lágrimas sob controle.

—Eu te perdoei, Clara. Eu te perdoei há muito tempo. Não é por isso que estou trazendo isso à tona agora.— Boone avançou um pequeno passo. —Estou falando disso porque explica parte da razão pela qual não posso fazer isso de novo.— Ele acenou entre nós dois. —Por que eu não posso nos fazer de novo. Perdoar é uma coisa. Esquecer é outra. Não sou do tipo que esquece.

Meus olhos se fecharam. Eu me perguntava o quanto do mundo havia sido construído e desmoronado por falhas de comunicação. Quanto de nossa história foi construída sobre uma base de suposições, mentiras e fios cruzados. Eu estava tendo uma boa ideia de quanto da minha história havia sido prejudicada por ela.

—Bem, obrigada pelo perdão, mas você deveria ter guardado para outra pessoa, porque em termos do que você achava que eu precisava, você está tristemente enganado.

Belisquei a ponta do nariz, sentindo uma tensão tão espessa por todo o meu corpo, parecia melaço. Eu queria esclarecer as coisas. Eu queria contar a ele o meu lado da história, mas parecia que seria preciso muita energia para fazer isso e, naquele momento, eu estava com a minha última gota.

—Eu não dormi com Ford.

Pronto. Eu disse isso. Meu lado da história. Agora ele sabia. O que ele escolheria fazer com isso e se ele decidisse acreditar, eu não sabia. Mas pelo menos ele sabia, pelo que valia a pena.

—Eu acho que vou precisar de um pouco mais de esclarecimento do que isso.— Os braços de Boone relaxaram para os lados, mas seus ombros ficaram apertados.

—EU. Não. Dormi. Com. Ford.— Eu pisquei. —Quanto mais esclarecimentos são necessários?—

Ele segurou sua mão, contando com os dedos. —Você não dormiu com ele antes de estarmos juntos? Depois que ficamos juntos? Você não dormiu com ele no mês em que engravidou? Você não dormiu com ele depois de engravidar? Ou você não dormiu com ele, pois é uma mentira ousada, mas sua maneira de me dizer o que você acha que eu quero ouvir?

A porta. Por que eu não estava me jogando nisso agora?

—Que tal agora? Desde que você está tendo dificuldades para entender frases simples no momento.— Fiz-me olhar nos olhos e levantei uma sobrancelha. —Eu não dormi com Ford antes, durante ou depois que você e eu estávamos juntos, Boone Cavanaugh. Então, por que você não coloca isso em seu Livro de Fatos e vê como ele se cruza com a história que você contou?

As sobrancelhas de Boone se uniram. —Como assim, você e

Ford nunca dormiram juntos?

—Exatamente como isso soa. Eu nunca transei com Ford. Ele nunca me fodeu.— Eu me obriguei a encarar seu olhar por mais um momento, apesar do suor frio que eu podia sentir prestes a sair do esforço. —Mais alguma pergunta?

Do jeito que ele estava, parecia que alguém tinha acabado de dizer a Boone que tudo o que sabia sobre a vida era falso. Que os membros de sua família eram realmente estranhos e que sua vida tinha sido uma mentira. A expressão que moldou seu rosto fez parecer que ele estava perdido no meio do Saara sem bússola ou mapa para guiá-lo.

—Mas vocês dois namoraram por alguns anos depois que terminamos...

Eu não sabia dizer se ele estava falando sozinho ou comigo.

—E as pessoas podem sair sem foder. Você sabe, caso não esteja ciente disso.

—Mas...

—Mas o que? Só porque eu estava te fodendo aos dezesseis

anos automaticamente significava que eu ia foder qualquer futuro cara com quem namorei? Que tipo de garota você pensou que eu era?— Balancei a cabeça e dei o primeiro passo em direção à porta. Pela expressão de Boone, ele ainda estava cambaleando, ainda tentando pegar um trem descendo um trilho aberto enquanto ele tinha tijolos amarrados aos pés. —Oh sim, está certo. Você pensou que eu era o tipo de garota que trairia outro cara atrás das costas do cara que eu amava. Acho que não é tão difícil chegar à conclusão de que eu iria foder com qualquer um que aparecesse, certo?

Ele levantou as mãos. —Clara

—Por favor, não tente me ganhar nesse tom. Por favor, não faça isso.— Mordi o interior da minha bochecha e dei outro passo em direção à porta. —Não depois de me acusar do que você fez. Não depois do que aconteceu entre nós antes. Não depois de tudo o que passamos. Por favor, nunca diga meu nome como um ganho, ok?

Ele esfregou o rosto com as duas mãos, sem saber o que dizer ou procurando as palavras certas. —Você está dizendo que o bebê era meu?

Meus olhos se fecham. O bebê. Esse foi um tópico tão doloroso quanto, se não mais, do que o de Boone me deixando. — Se não era seu, era uma concepção imaculada. Como é isso para uma resposta honesta?

As mãos dele caíram do rosto, o olhar baixado para o chão. —Era meu—, ele sussurrou.

—Era seu—, eu sussurrei de volta.

Ele se afastou de mim, apertando as mãos atrás do pescoço. —Droga.

Uma lágrima caiu do canto do meu olho. Eu chorei outra quando fechei os olhos, mais algumas serpentearam pelas minhas bochechas. Eu não chorava por isso há anos. Eu chorei tantas lágrimas por isso durante os primeiros anos que eu poderia ter levantado mais um pé no Golfo. Eu não tinha certeza do que estava mais zangada: que estava chorando ou que era porque ele trouxe tudo à tona novamente. Uma pessoa não podia simplesmente enterrar algo, então optar por escavá-lo a qualquer momento que quisesse. Coisas enterradas devem permanecer assim.

Mantendo as costas para mim novamente, ele andou pela sala enquanto balançava a cabeça, e atingi meu limite.

—Estou meio aliviada, sabe? De uma maneira estranha.— Eu mal olhei para os meus anjos quando passei pela cômoda. — Todo esse tempo achei que você foi embora porque estava grávida. Eu pensei que o bebê e a responsabilidade o levaram embora.

Boone parou de andar, mas seus braços ficaram enrolados em volta da cabeça.

—Quando realmente, o tempo todo, tinha a ver com algumas falhas de comunicação gigantescas. Você aceita a palavra, como você diz, do cara que você mais odiava em todo o mundo, sem perguntas, sem passar a história por mim. Você acreditou nele. Você tinha tão pouca fé em mim que estava disposto a aceitar que eu pudesse te olhar no rosto e dizer que te amava de manhã, e depois me deitar na cama dele naquela noite.— Fiz uma pausa em minha jornada para a porta. Mesmo agora, olhando para ele e tendo tantas peças faltantes preenchidas, eu ainda não podia odiá-lo. Eu queria, mas não podia. Meu coração não me deixou. —É um alívio saber o que realmente aconteceu e por que

você realmente saiu.

A cabeça dele inclinou um pouco para trás. —Como isso é um alívio?

Eu esperei um momento antes de responder. —Porque agora eu posso deixar de lado os “e se”, e os momentos ocasionais em que sinto a tua falta. Você não fugiu porque era um garoto típico de dezoito anos, com medo de se tornar pai. Você fugiu porque aceitou a palavra de um idiota e nunca teve a consideração, o respeito ou a previsão de perguntar à sua namorada sobre isso. Não perdi um garoto assustado naquele dia, porque você sabe o quê?— Limpei os cílios inferiores antes que a próxima lágrima caísse. —Você não pode perder algo que nunca teve em primeiro lugar.

Quando cheguei à porta, apenas hesitei por um momento antes de abrir a porta e escapar. Hoje à noite, foi eu que fui embora.

E aprendi que ser quem partiu era tão difícil quanto ser quem foi deixado para trás.

Capítulo Dez

Eu passei de incapaz de expirar a completamente sufocante. O ar espesso da noite parecia como se estivesse pressionando em mim, pronto para me triturar no chão. Esse futuro não parecia tão sombrio em comparação com as possibilidades.

Quando finalmente voltei depois da minha caminhada noturna que não terminava, era de manhã e meu quarto estava vazio. Poderia ter sido eu quem partiu, mas foi ele quem se foi.

Também não havia sinal de que ele já esteve lá. Sem meias enroladas abandonadas em um canto, sem cobertores e travesseiros deixados no chão, sem uma segunda escova de dentes equilibrada na borda da pia. Boone saiu minha vida aparentemente tão repentinamente quanto voltara a ela.

Eu deveria ter ficado aliviada. Eu deveria ter ficado emocionada por não ter que me despedir no final de toda essa charada mais uma vez, depois do que nós dois aprendemos na

noite passada. Ele me deixou por causa de uma mentira, enquanto eu passara os últimos sete anos acreditando que ele me deixara porque não podia lidar com ser um pai adolescente.

Saber a verdade deveria ter facilitado as coisas, mas, em vez disso, as tornou mais difíceis. Nós não tínhamos ficado entre nós mesmos, então mais alguém tinha ficado entre nós. Nós deixamos alguém ficar entre nós. Quem sabia o que teria acontecido se Ford nunca tivesse dito a Boone o que ele tinha. Nosso rompimento poderia ter sido inevitável, poderia ter sido pior, mas de qualquer maneira, foi trágico.

Eu tinha namorado Ford após Boone. Por alguns anos até. Como ele pôde me olhar nos olhos quando fez o que tinha feito? Como ele foi capaz de esquecer o passado, as mentiras que ele contou, e tentar fazer um futuro comigo quando ele conhecia as cicatrizes que Boone me deixou?

Eu não tinha sido capaz de olhar para Ford uma vez durante todo o dia. Na verdade, eu sabia que não deveria me colocar na mesma área geral que ele - a menos que estivesse procurando me prender por agressão agravada.

Foi por isso que eu estava acampada na varanda dos fundos,

onde a ajudante contratada passava, em vez de se misturar com o resto dos melhores de Charleston na versão dos Abbot de um jantar de ensaio.

A versão Abbott não incluía alugar um quarto no buffet local ou assar algumas costelas no parque público ou fazer um assado no porão de uma igreja, como os outros jantares de ensaio que eu participei. Não, a interpretação dos Abbott do jantar de ensaio incluía champanhe fino encomendado por caixas, um jantar de frutos do mar e carnes onde apenas os melhores cortes e as maiores caudas de lagosta seriam oferecidos, e cerca de um garçom para cada dois convidados.

Para não ser esquecido, o jantar de ensaio da família Abbott tinha um tema, e também não era meio idiota. O tema desta noite era os anos 20, mas em vez de parecer que os livros de história reais haviam sido consultados como inspiração, senti como se tivesse entrado em uma das cenas mais opulentas do último filme de Gatsby.

Tudo era excessivo ou exagerado ou alguma mistura dos dois. Tudo era dourado ou cintilante em alguma cor em tons de joia. Uma banda tocava música dos anos 20, e a maioria dos

convidados usava algum estilo de moda que remontava àquele período. Alguns dos convidados chegaram até em carros antigos dos anos 20. Foi uma demonstração ridícula de dinheiro e abundância. Todo mundo adorou.

Exceto eu.

Foi por isso que me escondi na varanda escura para evitar a festa, os foliões e, mais importante, os festeiros. Eu não tinha contado à minha família sobre Boone ir embora, não que eles não tivessem celebrado a festa se tivesse, mas porque não queria dar satisfação a eles. Eu não queria que eles soubessem que cometi o mesmo erro duas vezes com o mesmo homem que eles me avisaram duas vezes.

Eu não queria que eles soubessem que havia perdido novamente. Fiz um trabalho decente em evitá-los o dia todo, e meu plano era manter a tendência hoje à noite. Na verdade, manter o estratagema até que estivesse decolando e voando na direção oposta deste lugar teria sido bom. Eu sabia que não devia esperar por isso. Eu aprendi da maneira mais difícil o que acontecia com uma pessoa quando ela depositava sua fé na esperança.

Eu estava ocupada escolhendo minha versão do vestido dos anos 20 - um vestido simples de algodão que Charlotte me informou que não era nada parecido com a época antes de passar um vestido diferente, pesado com miçangas, para mim, foi por isso que eu estava usando o vestido de algodão.

Percebi a sombra se movendo em minha direção, mas presumi que fosse um dos funcionários da empresa de eventos que precisava entrar na cozinha para uma nova bandeja de caviar e bolachas. Foi quando notei o brilho laranja de um charuto. Por alguma razão, aquele brilho laranja pulsante foi uma das poucas boas lembranças que eu tinha de casa e minha família.

—O que você está fazendo acampada aqui atrás, Clara Belle? Todo mundo é rei para você.— A voz do meu pai encheu a noite ao meu redor.

—Escondendo—, respondi, porque se eu fosse capaz de admitir a verdade para alguém da minha família, teria sido meu pai. Mais porque ele podia ver através de uma mentira antes que ela fosse ao ar do que por sua aptidão em compreensão e compaixão.

—Escondendo do que?— Quando ele se aproximou, o

suficiente da luz que fluía do lado de fora da cozinha o lançou. No verdadeiro estilo Abbott, ele estava vestido para impressionar com seu suéter risca de giz e trespassado e sapatos com gorro.

—Me escondendo de todo mundo—, eu disse, torcendo a ponta do meu sapato no chão. —E tudo.

—Esconder apenas atrasa o inevitável. Com certeza não faz desaparecer. Melhor simplesmente enfrentar o que você está escondendo e acabar logo com isso.

—Essa sabedoria se aplica a eu querer enfiar um garfo no olho direito do noivo, depois no esquerdo, antes de enterrá-lo na garganta?— Eu não tinha realmente a intenção de verbalizar minhas fantasias sombrias, mas estava cansada de toda a coisa do serviço de bordo.

Em vez de balançar a cabeça como se eu estivesse sendo emocional e imatura, ou grunhindo em desaprovação cansada, meu pai se aproximou e sentou-se ao meu lado no segundo degrau. Eu corri para dar espaço a ele e fingi que não estava surpresa que meu pai estivesse sentado ao meu lado - de bom grado - nos degraus dos fundos da entrada dos funcionários.

—Onde está o Boone?— Ele perguntou, se movendo no degrau como se não pudesse se sentir confortável.

Eu não deveria contar a verdade. Eu deveria continuar com a mentira. Eu estava cansada dos dois.

—Se foi. Acho que acabamos. Novamente.

Papai ficou quieto por um momento, trabalhando silenciosamente no charuto.

—Quando algo não dá certo pela primeira vez, não há muita esperança de que dê certo pela segunda vez.— Ele olhou para a noite na nossa frente como se pudesse ver as coisas que eu não podia. —Você ainda é você, e ele ainda é ele. As pessoas não mudam, Clara Belle. Não porque não querem, mas porque não podem. Boone é quem ele é, e você é quem você é. Eu teria avisado você para não cometer o mesmo erro duas vezes se soubesse que você estava pensando em deixar ele entrar de novo na sua vida. Ou se eu pensasse que você poderia realmente me ouvir.

Eu ignorei seu último comentário, sabendo que ele estava certo. Eu tinha uma má disposição quando se tratava de ouvir

qualquer coisa que meus pais tentassem me dizer.

—Sim, mas acho que todo o motivo de não termos trabalhado pela primeira vez foi por causa de uma mentira. A mesma mentira que está surgindo entre nós agora.

Papai se mexeu na escada. —Que mentira?

Eu estava prestes a balançar a cabeça e acenar de um jeito que esqueci antes de encorajá-lo a ir para a festa, mas senti a verdade subir na minha garganta. Foi feito sendo engarrafado. —Ford disse a ele que estávamos dormindo juntos e implicava em poucas palavras que o bebê poderia ser de um deles.

O rosto do pai estremeceu, provavelmente porque não conversamos sobre o bebê. Eu era tão culpada por manter esse tópico trancado como eles. Eu não tinha dito nada sobre isso desde o verão em que saíra, e ficou claro pelo olhar em seu rosto que ele pensou que nunca mais ouviria sobre isso.

—Tenho certeza que Ford teve as melhores intenções quando disse isso a Boone.— Sua voz era muito controlada, até mesmo. —Ford sempre se importou com você, Clara Belle, e,

embora o que ele fez possa ter sido o caminho errado, você não pode culpá-lo por tentar fazer o que era do seu interesse.

Senti a raiva ferver em minhas veias. Eu não deveria ter esperado que meu pai estivesse do meu lado, mas com certeza não estava preparado para ele defender Ford. —Ele disse a Boone que estava dormindo com ele.— Girei na escada, de frente para ele. Papai não se mexeu; ele apenas ficou olhando a noite como se um rolo de filme estivesse piscando diante de seus olhos. —Como você pode dizer que Ford dizendo ao meu namorado algo assim quando eu descobri que estava grávida não era do meu interesse?

Papai deu outra tragada longa no charuto antes de soprar uma série de anéis de fumaça. —Você e Boone Cavanaugh nunca terminariam juntos. Vocês dois sabiam disso, junto com o resto de nós. Por acaso, Ford foi o único a entrar e morder a bala.

—Ele não tinha direito.

—Certo ou não, ele fez. E não sinto muito em admitir que fiquei aliviado. Você merecia mais do que aquele garoto, querida.— A voz do papai ficou mais baixa, entrando no reino suave. —Você merece mais do que qualquer outra coisa que Deus julga apropriada, mas eu sabia que Boone só se tornaria um

buraco negro maior em sua vida se ele ficasse.

Cruzei os braços sobre os joelhos e coloquei a cabeça sobre eles. Sete anos depois, eu ainda estava chorando, conversando com meu pai sobre Boone Cavanaugh. Rezei para não me encontrar na mesma situação em mais sete anos. —Ele nunca foi um buraco negro. Ele era praticamente o único ponto brilhante do meu universo. Vocês nunca entenderam, mas é assim que as coisas são.

Papai bufou. —Como você chama engravidar quando vocês dois eram crianças?

Ele balançou a cabeça e soltou outro bufo. —Se não é um buraco negro, não sei o que é. O que vocês dois fariam se tivessem ficado juntos? Tenha esse bebê, deixe esta cidade inteira ver você como uma mãe adolescente solteira, fingindo brincar de casinha com um garoto cujo plano de cinco anos era ficar fora da prisão? Eu queria mais para você, baby. Eu queria o mundo.— Ele jogou os braços na nossa frente como se o mundo estivesse ali, apenas esperando que eu o agarrasse. —Não um barraco degradado naquele parque de trailers em que ele cresceu.

—Você não vê, papai? Eu tive o mundo. Ele era o meu

mundo. Ele era tudo o que eu queria, e Ford tirou isso de mim.— Eu não sabia que tinha começado a chorar até sentir o braço do meu pai em volta dos meus ombros. Não parecia forçado ou artificial; parecia um pai preocupado tentando consolar a filha.

Ele deu um tapinha nas minhas costas algumas vezes antes de seu braço voltar ao seu lado. —Não se faça de vítima. Ford não tomou nada de você. Você não tinha uma força suficiente. Porque em algum lugar dentro de você, você sabia o que todos nós fizemos. Ele não era seu futuro.— Suas palavras não eram gentis, mas sua voz era.

—Eu o amava.

—Eu sei bebê.— Ele suspirou. —Eu sei.

Limpando as lágrimas, senti um gelo voltar ao meu sangue. Eu estava em uma montanha-russa emocional e não conseguia encontrar o caminho. Meu pai iria desejar até o final desta conversa que ele nunca tivesse sentado ao meu lado. —Eu o amava muito, e ele acabou de sair. Ele pegou a palavra de Ford e se afastou. Não atendia minhas ligações, não atendia a porta, por mais que eu batesse nela. Ele pareceu esquecer tudo sobre mim.

Meu pai se mexeu ao meu lado antes de abrir o botão de cima da camisa. —Isso, bebê, pode não ter sido tudo feito pelo Ford.— Ele parou para apagar o charuto. —Eu não estava pensando em lhe contar isso, sua mãe nem sabe, mas acho que você deveria saber algo sobre Boone, que não sabe.

Meu coração parou. —O que?

—Ele voltou.

—Espere.— Eu balancei minha cabeça, sentindo como se tivesse acabado de cair no meio do deserto e não tinha certeza de qual direção eu estava seguindo. —Quando ele voltou?

—Alguns dias após o grande escândalo.

O que ele chamou de escândalo chamei o pior dia da minha vida - o dia em que Boone e eu havíamos rompido.

Papai continuou, —Suponho que ele precisou de alguns dias para esfriar seus ânimos ou o que quer fosse, mas voltou para casa tarde da noite, procurando por você. Eu estava na varanda e o peguei antes que ele subisse na árvore para entrar no seu quarto.

—Você falou com ele?— Minha voz era quase inaudível.

Ele deu um grunhido forte. —Eu queria tirá-lo com minha espingarda, mas estava trancada no cofre. Sua mãe se certificou disso depois de tudo o que aconteceu entre você e ele, supondo que o mataria quando aparecesse.

—Papai...

—O quê?— Ele olhou para mim com uma expressão inocente. —É o que qualquer garoto merece, que não toma as devidas precauções e responsabilidades para evitar uma gravidez indesejada.

—Não era indesejável.— Eu o olhei nos olhos, inflexível. —Inesperada, mas por favor, nunca mais chame de indesejável.

Ele retornou o olhar inflexível, o mestre de quem eu provavelmente tinha pegado o meu. —Você tinha dezoito anos.

—Era o meu bebê.

Ele piscou e desviou o olhar. —Então ele queria te ver. Agora e ali, à meia-noite e meia. Eu disse que não e me perdi. Ele disse que não estava saindo até ver você. Eu disse a ele que você estava

dormindo e que se dane se ele te visse novamente. Ele disse que esperaria do lado de fora até você acordar e que ele seria condenado se me deixasse impedi-lo de vê-la.— Ele acenou com a mão em um movimento etc.

—Então foi uma conversa típica entre você e Boone.

—Até este ponto. Esse foi o dia seguinte... você perdeu o bebê. Você lembra?

O ar mudou então, ficando menos pegajoso e mais frio. Em vez de envolver minha pele, parecia mais como se estivesse atacando. —Eu nunca vou esquecer—, eu sussurrei.

—Você estava catatônica e não saiu do quarto o dia todo. Eu estava preocupado, além de chateado.— Papai chutou o mesmo pedaço de terra que eu estava trabalhando até a morte com a ponta do meu sapato. —Você estava lidando com tanta coisa, e pensei que trazer Boone de volta à sua vida a colocaria em perigo. Você era frágil.

Meus ombros levantaram e depois caíram. —Eu tinha perdido muito em questão de quatro dias.

—Eu não sabia o que ou quem seria o culpado, querida, mas

sabia que se não tivesse cuidado, isso aconteceria. Boone parecia o suspeito mais provável, então eu fiz o que tinha que fazer para mantê-lo afastado.

Engoli em seco e abracei meu corpo. Eram quase nove da noite no meio do verão no Sul, então por que eu sentia como se estivesse trancada dentro de um freezer? —O que você teve que fazer?

—Ofereci-lhe uma pilha de dinheiro. Uma pilha grossa. Ele juntou os dedos para mostrar o quão grosso era.

—Você o pagou para ficar longe.— Eu deveria saber. Eu deveria pelo menos ter adivinhado.

—Eu teria feito muito mais.— Ele juntou as mãos e deixou cair os ombros. —Eu fiz muito mais.

—O que isso significa?

Ele ficou quieto por tanto tempo, eu estava quase convencida de que ele não iria me responder. Por experiência, sabia que tentar arrancar algo do meu pai era um empreendimento tão bem-sucedido quanto tentar arrancar um filhote das patas de um urso pardo.

—Eu disse a ele que você perdeu o bebê.— Seus olhos se estreitaram enquanto ele estudava a noite na nossa frente. —Eu disse a ele que tinha acabado. Você deveria tê-lo visto, Clara Belle. A vida sumiu do rosto dele. Eu nunca tinha visto uma pessoa desmoronar assim, bem na minha frente.— Papai olhou para aquele espaço como se Boone, de dezoito anos, estivesse na sua frente novamente. —Isso durou cerca de um minuto, depois ele correu para a porta. Ele sempre foi um filho da puta forte, mesmo quando criança, e não conseguia segurar ele. Então eu disse a ele o que tinha que fazer para que ele fosse embora.

Meu coração estava batendo tão alto que abafou a música da banda no gramado da frente. —O que você disse para ele? O que você disse a ele, papai?

Ele balançou a cabeça, olhando para aquele espaço à sua frente como se estivesse xingando. —Eu disse a ele que você fez um...

—Aborto.— Uma sombra imponente saiu do mesmo espaço que meu pai estava olhando. —Que você entrou em alguma clínica e teve nosso bebê abortado.

Papai pulou para uma posição, estendendo a mão quando

ele parou na minha frente.

—Agora, Boone, você está entrando no final dessa conversa. Sugiro que você dê um passo para trás, esfrie sua cabeça quente e ouça o que Clara tem a dizer.

A postura do meu pai indicava que ele estava tentando me proteger de Boone. Pelo que eu não sabia, mas ele não viu? Eu não precisava de proteção contra Boone, eu precisava de proteção da minha família. Do meu pai, e qualquer mentira que ele tenha tecido, era tão responsável quanto a Ford por rasgar Boone e eu. De dizer a ele que eu...

O que ele acabara de dizer? Aborto? Minha mente estava ficando para trás, incapaz de acompanhar o momento.

Quando ele olhou para mim, a traição se afogando em seus olhos, eu finalmente entendi, por que ele me deixou. Tão de repente. Tão final.

—Estou cansado de ouvir o que ele tem a dizer—, disse ele, afastando-se de mim como se eu fosse uma víbora prestes a atacar.

Ele não tinha acabado de comprar uma mentira naquela

época - ele havia comprado duas. Ele ouviu Ford e meu pai, nem mesmo pensando em confirmar o que eles disseram comigo. De repente, me senti como aquela víbora, pronta para vomitar veneno na direção de Boone.

Empurrando para fora da varanda, eu fiquei o mais alta que pude. —Você nunca esteve pronto para me ouvir, Boone. Você estava muito ocupado ouvindo todo mundo.

E então eu fui embora. Novamente. Pela segunda vez consecutiva. Fiquei magoada, confusa e me senti traída por tantas pessoas por muitos motivos.

Eu realmente não sabia para onde estava indo até chegar no meu quarto e abrir a janela. Eu tinha resolvido tantos problemas e lágrimas neste telhado que deveria ter desmoronado com o peso anos atrás.

Depois de sair e encontrar um bom lugar, eu disse a mim mesma que não ia chorar. Não sobre isso. De novo não. Não depois de descobrir três homens que tinham desempenhado papéis importantes na minha vida, todos me traíram. Por quaisquer motivos - egoístas ou altruístas - eles me machucaram e me cortaram da equação, deixando-me ser vítima do resultado

deles, em vez de criadora própria.

Eu me ordenei para não chorar novamente. Amaldiçoei-me e menosprezei-me, ameaçando que se eu ousasse chorar outra lágrima pelo passado, me atiraria sobre o telhado e me daria uma perna quebrada ou algo assim. Eu já estava chorando quando fiz minhas ameaças, e elas só me fizeram chorar mais.

Eu tinha chegado a um lugar na minha vida em que tinha certeza de ter deixado tudo isso por trás. Eu deixei Charleston, Boone e o bebê para trás. Mas se esse era o caso, por que eu senti como se tivesse acabado de estripar ao mesmo tempo que meu coração estava tentando sair do meu corpo pela garganta? Por que eu senti que tudo que eu sabia era mentira e todo mundo era mentiroso?

Eu estava tentando tanto não chorar, porque cada lágrima que rolava pela minha bochecha parecia torná-la mais real. Cada uma deu mais crédito ao que havia acontecido, em vez de me permitir enterrá-lo no túmulo não marcado que eu ignorei por sete anos.

Eu deveria ter ouvido a sirene de aviso na minha cabeça e nunca mais voltar aqui. Eu deveria ter ouvido depois que voltei e

continuou disparando, avisando-me para sair antes que as coisas piorassem. Porque as coisas tinham piorado impossivelmente.

Estamos falando do piso inferior do edifício pior.

Pelo canto do olho, notei uma grande sombra rastejar pela janela em minha direção, mas eu o ignoraria. Talvez se essa fosse a política que eu tivesse aplicado a Boone Cavanaugh todos aqueles anos atrás, como meus pais me mandaram, eu não estaria aqui agora - no topo da minha casa de infância e chorando.

Ele não disse nada. nem olhou. Apenas se sentou ao meu lado, deixando alguns centímetros de espaço entre nós, e olhou para a escuridão que ele parecia imune. Enquanto a escuridão sempre parecia me envolver e me levar para baixo, ele sempre foi capaz de atravessá-la.

Depois de um minuto, eu não aguentava mais o silêncio. Ele veio me procurar e se arrastou até aqui por um motivo. Ele deveria ter tido a coragem de anunciar esse motivo sem prolongar o jogo de espera.

—O que você está fazendo aqui? Eu sou apenas sua ex-vagabunda que fez um aborto.

Eu estava indo para o ódio venenoso, mas minha voz caiu mais no real esmagadoramente triste.

—Você está certa. Eu nunca parei para ouvi-la.— Boone olhou para mim. —Ouça. Eu teria feito qualquer coisa por você naquela época, mas quando realmente importava, quando nós provavelmente precisávamos conversar e ouvir um ao outro, eu falhei.— Eu não estava olhando para ele - não de verdade -, mas mesmo do canto do meu olho eu podia ver sua mandíbula ficar rígida. —Estou pronto para ouvir agora.

Eu dobrei meus joelhos até o peito e passei meus braços em volta deles. Sentada assim, no telhado ao lado dele, me transportou de volta no tempo, para um lugar que eu queria nunca sair e nunca mais visitar. —Mas talvez eu não esteja disposta a explicar.

—Talvez.— Ele assentiu. —E isso é por minha conta. Então, se for esse o caso, entendo.

—Você parecia menos compreensivo lá em baixo.

Boone se mexeu, então ele estava quase me encarando. Ele poderia estar pronto para enfrentar isso, mas eu não tinha

certeza de que estava.

—Bem, como seu pai disse, às vezes eu só preciso me dar um momento para esfriar minha cabeça quente.— Um de seus ombros se levantou. —Além disso, ele pode ter ameaçado me transformar em um alvo de espingarda, se eu não subisse aqui e ouvisse o seu lado da história.

—Aposto que ele ficou desapontado quando você ouviu.

Meio sorriso mudou-se para o lugar. —Eu nunca vi um homem tão decepcionado.

Ele estava me usando. Deixando-me pra baixo, ele estava me atingindo. Poderia ter sido o sorriso parcial, ou poderia ter sido ele, novamente, sendo o único a me encontrar quando eu saí, ou pode ter sido que eu nunca fui boa em dizer não a Boone Cavanaugh. Fosse o que fosse, parecia que depois de anos de silêncio e crenças equivocadas, eu estava pronta. Pronto para conversar, explicar e finalmente enterrar tudo isso para sempre.

—Diga-me isso primeiro—, comecei lentamente. —Se o que você acreditava era verdade, sobre o que eu tinha feito, por que você aceitou minha oferta?

—O dinheiro.— Sua resposta foi imediata, mas sua voz o denunciou.

—Oh sim? O cheque gordo que você ainda não recebeu? Essa foi sua razão?— Minhas sobrancelhas se ergueram em sua direção. —Bem, me pinte de cética.

—Sete anos se passaram. Essa história é antiga para tudo que me importo.— Seu tom ainda estava errado, por pouco, mas foi o suficiente para revelar que ele não estava dizendo a verdade. Pelo menos não toda a verdade.

—E é por isso que você está agindo como se tudo tivesse acontecido ontem?— Acenei para ele, sua postura tensa e seus olhos disparando sobre tudo, menos eu. —Bem, dê um tapa duplo de ceticismo em mim.

Foi quando seus olhos finalmente se moveram em minha direção. Eles não se afastaram. —Você sabe porquê.

—Eu sei o quê?— Eu pressionei, não prestes a facilitar as coisas para ele. Por que começar agora depois de anos de caminhada pela estrada difícil?

—A mesma razão pela qual nos tocamos na noite passada.

Meu coração parou de subir na minha garganta e caiu de volta no meu peito, onde pertencia. Estava batendo mais forte do que eu estava acostumada, e mais rápido. — Nos tocamos muito.— Eu parecia quase sem fôlego. —A que razão você está se referindo especificamente?

Ele olhou para mim, esperando que eu dissesse, para que ele não precisasse. Eu mantive meus lábios fechados.

—Aquela que tem a ver com essa nossa maldita conexão—, ele gritou, jogando os braços no ar. —A que eu desejo para o inferno em poder lavar, mas é imune a tudo que tento destruí-lo. A conexão que pensei que poderia ser morta com as coisas que aconteceram naquela época, mas aqui está ela, ainda me pressionando e me deixando louco.— Ele rolou a cabeça como se estivesse tentando difundir seus sentimentos. —Eu quero gritar com você tanto quanto eu quero te deitar neste telhado e beijá-la até que eu esteja feito.— Ele respirou fundo, seu corpo finalmente relaxando. Quando ele olhou para mim novamente, sua expressão suavizou. —O que pode demorar um pouco.

Quando ele deu um sorriso triste, eu engoli e sorri de volta. Parecia tão triste quanto o dele. Nós dois estávamos

sentados um na frente do outro e percebemos o que poderia ter sido incrível se as coisas não tivessem sido fodidas ao longo do caminho.

—Eu não fiz um aborto.— A palavra me deixou sem fôlego. —Eu tive um aborto espontâneo.

Os olhos dele se fecharam quando sua testa se enrugou. —Seu pai—, ele disse com um aceno de cabeça, —ele me disse.

Eu me vi girando, então eu estava quase encarando ele. A expressão dele... parecia que ele estava experimentando o tipo de dor que poucas pessoas já experimentaram.

—Eu não sabia até hoje à noite o que ele tinha lhe dito—, expliquei. —Quero dizer, eu sabia que ele lhe disse que eu tinha perdido o bebê, mas não que você tivesse aparecido em nossa casa me procurando, e não que ele havia lhe dito que eu o perdi voluntariamente.

Os músculos que corriam pela mandíbula ficaram rígidos. —Esse homem é filho de um...

—Eu sei.

—Por que ele faria algo assim? Por que ele mentiria sobre... Boone fechou a boca como se nada de bom pudesse vir do que ele queria dizer a seguir.

—Tinha acabado de abortar no dia anterior—, eu disse suavemente. Eu vim aqui com a certeza de que fui enganada e, alguns minutos depois, percebi que não estava sozinha. —Eu perdi meu namorado, o pai, alguns dias antes disso. Meu pai teve a impressão de que eu poderia estar em um estado um pouco frágil.

—Entendi. Eu sei.— Ele chutou uma das telhas. —Mas por que não me disse a verdade? Pelo contrário, isso teria melhorado a situação em vez de piorar.

Eu não tinha uma resposta. Pelo menos não uma que eu quisesse dar alguma dignidade ao verbalizá-la, porque eu poderia não ter concordado com o que meu pai fez, mas eu sabia por que, em sua mente, ele tinha feito isso.

—Não importa—, ele disse, percebendo meu rosto. —Eu sei porque.

—Você sabe?— Eu esperava que ele não soubesse. Eu

esperava que ele tivesse chegado a outra conclusão que não a real.

—Ele queria que eu fosse embora, e essa era sua chance.— Os braços de Boone rodearam sua cabeça, os dedos entrelaçados na base do pescoço. —A mesma coisa que Ford fez comigo, mas a tática do seu pai realmente funcionou.

Meus olhos se fecharam. Claro que ele havia descoberto. Minha família nunca fez segredo que eles fariam qualquer coisa para arrancar ele da minha vida. Inclusive mentir sobre um aborto incluído. —Ele poderia querer que você fosse embora, mas eu não.

Um momento de silêncio passou entre nós. O tipo que me lembrou de estar em uma lápide e dizer um adeus silencioso. Eu não estava pronta para me despedir, silenciosa ou não. Não agora que finalmente resolvemos a merda que nos separou em primeiro lugar. Não agora que descobrimos que fomos vítimas de mentiras, manipulados e enganados. Eu não estava pronta para me despedir.

—Por que você não está chateado?— Eu perguntei, minha voz mais alta do que a pequena distância entre nós justificasse. —

Por que você não está batendo normalmente no peito e grunhindo agora?

—Porque eu entendo.— Em vez de raiva, sua voz era calma.

—Você entende por que meu pai mentiu para você sobre eu fazer um aborto? Você entende por que Ford mentiu para você sobre nós fodermos pelas suas costas?— Se ele não estava com raiva, eu estava. O que aconteceu foi merecedor de raiva desenfreada.

—Ford é um pedaço de merda que eu vou dar um soco na cara quando o ver em seguida—, ele amaldiçoou. —Mas seu pai... Eu entendo o que ele estava fazendo.

—Que foi o que exatamente?

Boone olhou para mim. Lá estava, aquele adeus em seus olhos. —Protegendo a filha dele.

Minha cabeça tremia tão violentamente que meu cabelo chicoteou nos meus olhos.

—Me protegendo do que? Mágoa? Dor? Depressão? Sentir que todo o amor que eu tive por você não foi por nada?— Eu

estava olhando para ele, mas outra lágrima escorreu. Ela correu tão rápido que não contava. —Ele me protegeu do nada.

—Ele protegeu você de mim.

Eu bufei, frustrada com o que ele estava dizendo e por que ele não estava se deixando irritar como eu. Fiquei frustrada com tudo hoje à noite, incluindo as estrelas e a lua.

—Vamos, Clara. Olhe para mim. Olhe para você.— Boone acenou entre nós como se estivesse comparando uma maçã com uma banana podre. —Você não teria chegado onde está se seu pai não tivesse entrado e enfiado uma faca de açougueiro no vínculo que nos une.

—Como diabos você sabe disso?— Meu tom era cortante, afiado de forma audível.

—Como você pode continuar negando?— Ele parou por tempo suficiente para me dar uma chance de responder. Quando não o fiz, ele continuou. —Veja o que fiz da minha vida. Com exceção de sete anos de idade e me mudar para o meu próprio lugar, não muito. Estou andando pela cidade na mesma relíquia de um caminhão. Ainda estou tão solteiro como desde o dia em

que terminamos e como estarei até o dia em que morrer. Ainda estou recebendo ligações para resgatar minha mãe, e ainda sou um fracasso absoluto em salvar minha irmã. Merda, até os meus negócios, a única coisa boa que tentei fazer da minha vida desde que você e eu falhamos. É isso que eu sou, Clara, um fracasso. Pode demorar um pouco para vê-lo e você pode ser cega, mas seu pai sempre o viu. Ele queria mais para a filha do que um fracasso. Eu teria desejado exatamente a mesma coisa para a minha, se a nossa filha tivesse nascido.— Quando seus olhos se fecharam novamente, ele os forçou a abrir novamente. —Não posso culpá-lo pelo que fez.

—Bem, eu posso.— Eu parecia uma criança. Alguém que não conseguiu o que queria e, em vez de seguir em frente, ia fazer beicinho pela vida e meia seguinte.

—Por quê?

Na verdade, eu resmunguei de frustração por sua calma determinação vestida de ferro. Não era assim que eu estava acostumada a esse tipo de conversa / discussão entre Boone e eu. —Porque você pode optar por se ver como um fracasso, mas não é isso que vejo quando olho para você. Isso nunca foi o que eu

vi. Até alguns dias atrás, mesmo tendo a impressão de que você me deixou porque fiquei grávida, não vi um fracasso quando olhei para você naquela noite no bar.

Ele riu. —Eu sou o que sou. Não o que você pensa que sou.

Isso, talvez mais do que qualquer outra coisa que foi dita ou descoberta hoje à noite, foi o que mais me irritou. A pessoa que eu admirava há anos era incapaz de ver o quão grande ele realmente era.

Minhas mãos se enrolaram nas minhas pernas. —Isso mesmo, Boone. Você é o que você é. Não é o que você pensa que é.

Em vez de rir, desta vez ele suspirou. —Sabe, tudo isso em mim, eu estava tão preocupado em protegê-la de sua família e do resto desta cidade, que não vi onde realmente estava o perigo. Estava bem ao seu lado.

—Você não era um perigo.

Ele mudou de posição e ficou na beira do telhado. Quando ele olhou para baixo, era quase como se ele estivesse contemplando como seria cair dessa altura. Eu me vi rastejando para mais perto, pronta para agarrá-lo, caso ele fizesse algo louco.

—Diga isso ao cara que acabou de descobrir que abandonou a garota que amava quando ela estava grávida, porque ele acreditou nas mentiras de duas pessoas que ele sabia que não devia confiar, disse ele.

—É estranho, não é?— Minha raiva estava se dissipando agora que eu fiquei sem adrenalina. Voltei a me sentir triste e traída. Eu preferia estar com raiva. —Percebendo que ambos vivemos com a ideia errada do que realmente aconteceu naquela época.

—Estranho não é a palavra que eu usaria para explicar.

—Que palavra você usaria?

Ele olhou na frente dele. Em nada. Ou em tudo. Com Boone, o inimigo era óbvio, pois era invisível. —Devastador—, ele disse finalmente, como se a palavra tivesse drenado o resto de sua energia.

—Me desculpe, eu não te contei antes. Eu deveria. Cheguei mais perto, até que eu pudesse estender a mão e tocá-lo, se quisesse. —No momento em que descobri. Eu deveria ter lhe contado antes que meus pais descobrissem e antes que Ford

descobrisse e ele lhe dissesse.

—Por que você não fez?— Sua voz estava abafada e sua expressão cansada, como se alguém tivesse enfiado uma mangueira nele e sugado a vida dele. Até a última gota. —Por que você esperou para me dizer?

Eu olhei para a mesma escuridão, sabendo que meus motivos de dezoito anos para não contar a ele não eram os mesmos motivos que minha versão de 25 anos teria usado.

—Eu só descobri uma semana antes, Boone. Eu acho que fiquei paralisada naqueles primeiros dias, então eu senti tantas coisas que não conseguia dizer o que mais sentia. Eu não conseguia explicar o que tinha acontecido comigo ainda, então não tinha certeza de como explicar isso para você.

—Quanto tempo você estava?

—Dez semanas—, respondi. Isso pairou no ar por um momento.

—E eu acabei deixando você.

—Você voltou. Você pode não ter conseguido entrar pela

porta da frente e eu posso ter acabado de descobrir, mas voltar conta para alguma coisa.

Ele balançou a cabeça. —Eu deveria ter ficado longe. Eu deveria ter ouvido seu pai e seus amigos e toda a cidade quando me disseram que eu traria nada além de destruição em sua vida.

No fundo, a música ficou mais alta. Risos e comemorações estavam indo de um extremo ao outro da propriedade. A família Abbott estava se divertindo enquanto a minha parecia que estava acabando. Novamente. Algumas histórias apenas se repetiam.

—Você trouxe mais coisas boas para a minha vida do que qualquer outra pessoa —, eu disse, olhando para ele para que ele pudesse ver o quanto eu estava falando sério. Quando ele não virou a cabeça, eu sabia que tinha duas opções: eu poderia sair e tentar colocar tudo isso em uma pasta selada marcada O Passado, ou eu poderia ficar e fazer todas as minhas perguntas até não ter mais nada. Mais. Eu fui com a última opção antes de perceber que tinha tomado minha decisão. —Por que você voltou?

Ele virou a cabeça para um lado, depois para o outro. —Decidi não me importar com a coisa do Ford. Ou qual de nós era o pai. —Ele não estava olhando para mim, mas quando minhas

sobrancelhas levantaram o máximo que podiam, ele acrescentou: — Ok, então eu poderia ter me importado, mas eu não iria deixar que isso me impedisse de estar com você e ser pai desse bebê.

—E qual era seu plano? Casar comigo e nos mudarmos para uma casa de dois quartos no campo? Perguntei, chegando um pouco mais perto.

—Na verdade, sim, era praticamente isso.

Meu rosto parou. —Oh, Boone, me desculpe. Eu não quis dizer isso...— Eu não pretendia provocá-lo, mas ele claramente tomou como se fosse isso. —Mas você estava mesmo?

—Eu ainda tenho o anel de diamante do tamanho microscópico para provar isso.

Adeus, coração batendo. Foi bom conhecer-te. Esperemos que os urubus apreciem o sabor da amargura. —Eu acho que você não chegou à parte da casa então.

—Na realidade...

—Oh Deus, Boone. Diga-me que não...

—Está bem. Tudo deu certo.— Ele deu de ombros como se

nada disso fosse grande coisa. Como ele comprar um anel de noivado e uma casa para se casar com sua namorada adolescente, que pode ter ficado grávida com o bebê de seu inimigo de infância, era o que qualquer outra pessoa teria feito. —Na verdade, era o lugar do meu tio, mas ele tentava vendê-lo há anos, e era um projeto desse tipo. Ninguém queria dedicar tempo e esforço. Ele elaborou uma coisa de aluguel próprio comigo e entregou as chaves.

Foi quando Clara Belle Abbott começou a chorar. Novamente. Rodada 2. Não atingiu o território dos soluços, mas chegou perto. Finalmente, tive a atenção dele.

—Isso tudo é tão injusto—, eu chorei, enxugando o rosto com as costas do meu braço, mas não adiantou. As lágrimas estavam cheias. —Acho que posso querer voltar ao modo como acreditava que as coisas eram antes. Acho que prefiro ter minha opinião de que você é um idiota de volta, em vez de este novo de você estar preparado para passar a vida com a pessoa que você pensou que te traiu, criando um filho que podia ou não ter sido seu.

Ele assentiu, parecendo que estava lutando com a escolha de

me abraçar ou manter distância. Deus, eu conhecia esse sentimento muito bem. Eu estava embebida nele a semana toda.

—Acho que também pode ser mais fácil para mim—, disse ele, seguindo a opção de envolver o braço em volta de mim. —Se eu ainda pensasse que você era essa outra pessoa.

—Sinto muito pela casa, Boone.— Eu ainda estava chorando, então não sabia como ele conseguia entender o que eu estava dizendo, mas ele entendeu.

—Acabou tudo bem. Realmente.— Ele me cutucou gentilmente, esfregando círculos nas minhas costas. —É a que você esteve há alguns dias atrás. Levei cinco anos para transformá-la em algo decente, mas deu certo.— Mas o que está acontecendo? Senti seus ombros subirem. —Talvez eu devesse ter tentado devolvê-lo ou penhorá-lo ou inferno, jogá-lo no rio, mas não consegui.

—Por quê?— Eu funguei.

—Acho que queria me apegar a uma parte de você. Você estava certa sobre isso na outra noite, sobre eu me agarrar a um pedaço de você. Eu tentei deixar pra lá. Deus, eu tentei, mas

simplesmente não posso.

Eu também tentei. Mesmo resultado. As lágrimas estavam diminuindo, embora não tivessem parado. —Então, onde isso nos deixa?

Ao meu lado, Boone respirou fundo. Eu nunca o ouvi deixar escapar. —Exatamente no mesmo lugar.

Meu corpo congelou, mas aquela coisa espancada dentro de mim congelou mais rápido. —Que é?

Foi quando ele soltou o ar que estava segurando. —Lugar algum. Isso não nos deixa em lugar nenhum.— Ele deu um beijo rápido no meu pulso antes de se levantar e se mover para a janela aberta do meu quarto.

—Então é isso?— Eu também apareci no lugar, sentindo como se estivesse jogando um jogo de cabo de guerra que nunca poderia vencer. —Você está indo embora e tudo isso vai nos assombrar pelo resto de nossas vidas?

Boone parou com a mão na moldura da janela. —Onde deveria nos deixar?

—Eu não sei. Talvez com uma segunda chance?

Ele parou o tempo suficiente para eu acreditar que ele estava realmente considerando isso. Mas quando ele olhou para mim, eu sabia a resposta dele. Eu poderia ter acreditado em segundas chances, mas ele não. Eu deveria saber. Ele parou de acreditar em contos de fadas antes que a maioria das crianças aprendesse o que eram.

—Você mora na Califórnia. Você tem um negócio bem-sucedido e crescente—, ele disse. —Eu moro aqui. Eu estou desempregado. Recebo ordens do barman para buscar minha mãe, do xerife para buscar minha mãe ou dos cobradores de contas se perguntando por que minha conta de água está atrasada. Tirando o passado da equação, nossa vida atual também não deixa muita esperança para nós.

Fiquei olhando para ele, querendo me segurar e sabendo que tinha que me soltar. —Quando você começou a se importar com coisas assim?

—Quando eu percebi coisas assim.— Ele passou a perna pela janela aberta e agachou-se para abaixar o resto dele por dentro.

Dei alguns passos à frente, mas parte de mim sabia que não importava o que eu dissesse ou como tentasse segurá-lo, Boone já se fora. —O que importa é como nos sentimos um pelo outro. O que importa é que poderíamos estar juntos.

Ele já estava do outro lado do vento, em um mundo diferente quando tentou olhar para mim. Ele tentou de novo. Mas ele não conseguiu. No momento em que pensei que meu coração havia sido rasgado, congelado inteiro, transformado em carniça de abutre e embrulhado em arame farpado, percebi que isso não poderia ser verdade, porque como poderia se quebrar do jeito que estava agora, se não tivesse acontecido? Não estava inteiro antes?

Boone tentou sorrir, mas também não conseguiu. —O que importa é que eu não merecia Clara Abbott naquela época, e com certeza não a mereço agora.

Capítulo Onze

Eu estava sufocando.

A umidade estava se aproximando da margem de oitenta por cento e a temperatura estava se aproximando dos noventa. Eu estava envolta na Coisa, cambaleei pelo gramado dos fundos com minha família enquanto o fotógrafo de casamento se preparava para tirar as fotos da família. Mas eu não queria tirar minha foto com minha família para a foto de família. Depois de tudo o que aprendi na noite passada, não senti mais que eles mereciam o título da minha família, ou talvez eu não pertencesse mais à família deles. Uma dessas coisas.

Meu pai havia contado uma terrível mentira para a pessoa com quem eu mais me importava quando eu tinha dezessete anos, uma mentira que o afastou. Como eu poderia olhar meu pai nos olhos sem ser lembrada disso?

Charlotte havia roubado meu namorado debaixo de mim, me traindo de uma maneira que nem os inimigos hesitaram primeiro.

Minha mãe, que não tinha nenhuma culpa direta relacionada a ela e à separação de Boone e minha, tinha sido exatamente o oposto de apoiar o tempo todo que estivemos juntos.

Avalee era a única Abbott que valia a pena, inclusive eu, mas na próxima primavera seria ela quem deixaria os Abbot.

Minha família era mais uma formalidade neste momento.

O casamento ainda estava a algumas horas de distância e, uma vez que a senhorita Charlotte Abbott se tornasse oficialmente a sra. Charlotte Abbott McBride, os quatrocentos convidados do casamento se reuniriam da grande igreja branca da cidade de volta à casa dos meus pais para dançar, comer e celebrar uma festa. Uma noite que meus pais haviam desembolsado um milhão para criar.

Era excessivo, obsceno e assustador. Caviar não estaria no cardápio do meu casamento, se esse dia chegasse, nem o uísque de cinquenta anos para os homens e as pulseiras elegantes para as mulheres seria uma festa.

Eu não queria a sinfonia de quinze pessoas tocando Mozart e Beethoven, e não queria as esculturas de gelo que seriam

espalhadas em torno do gramado oeste quando a recepção começasse, e certamente não queria o cantor do Grammy premiado que meus pais haviam reservado como uma surpresa para os noivos fazerem uma serenata em sua primeira dança.

Eu não queria excesso. Eu não queria mostrar. Eu não queria o verniz de perfeição quando tudo o que era preciso fazer era arranhar a superfície uma ou duas vezes para ver que nada nos Abbot era o que parecia.

Meus pais estavam sendo conduzidos à posição de Charlotte e Ford, a mão da minha mãe enrolada no cotovelo de Charlotte, enquanto o fotógrafo posicionava a mão do meu pai em volta do ombro de Ford. Foi para lá naturalmente. Ficou lá tão naturalmente.

Ford era o tipo de pessoa que meu pai aprovava. O tipo que merecia o respeito de Quincy Abbott e uma de suas filhas. Ford McBride, o homem que mentiu para Boone que também estava na cama comigo, implicando o que ele tinha para afastar Boone, a mesma pessoa que me traiu com minha irmã, esse era o tipo de pessoa que merecia o respeito de meu pai?

Não é de admirar que Boone nunca tivesse conseguido uma

lambida dele. Ele não se enquadrava nas categorias imoral e desprovida de decência.

Boone. Só de pensar em seu nome, meu coração se contorceu com força o suficiente para eu dar alguns passos para trás e me inclinar no carvalho gigante atrás de mim. Ele saiu ontem à noite depois da nossa conversa no telhado, deixando o cheque que eu fiz para ele na minha mesa de cabeceira.

Ele se foi. Novamente. Pelo menos dessa vez eu tinha uma explicação do porquê, mas isso não mudou a maneira como meu coração estava se contorcendo, tentando se secar.

Eu me vi olhando para a mão do meu pai em volta do ombro de Ford, os dois sorrindo para a câmera como se fossem melhores amigos e a vida fosse tão grandiosa. Eu não aguentaria. Eu consegui manter as aparências até agora, mas não tinha certeza de quanto tempo eu poderia. O dia do casamento de Charlotte pode não ter sido o momento ideal para eu largar a fachada, mas eu simplesmente não aguentava mais. Não depois de tudo que eu aprendi na noite passada.

—A família Abbott?— O fotógrafo chamou o pequeno grupo cambaleando pelo quintal, esperando sua vez de sorrir e sugá-lo

com a noiva e o noivo. —Eu preciso das irmãs agora também.

Fiquei perto da árvore, desejando que mais algumas camadas de musgo espanhol aparecessem magicamente, porque isso poderia ter sido espesso o suficiente para me manter escondida delas.

—A outra irmã? Onde ela está?— O fotógrafo tinha o tipo de voz que fazia uma pessoa acreditar que passava metade da vida esperando e a outra metade entediada. Com a maneira como ele gritava ordens e comandos durante toda a tarde, ouvi-lo continuar chamando a 'outra' irmã estava me fazendo querer enrolar algumas camadas de fita adesiva em sua boca.

—Clara Belle?— Primeiro minha mãe, depois meu pai, chamou.

—Clara Belle?— Avalee chamou, e finalmente Charlotte se juntou, embora a dela estivesse afiada de aborrecimento.

—Estou aqui—, eu disse baixinho, me fazendo empurrar para fora da árvore e começar na direção deles. —Eu estou bem aqui.

—Por que você demorou tanto?— Charlotte perguntou

quando me aproximei, abanando-se com o buquê, embora não soubesse o porquê. Eu nunca tinha visto a linha do cabelo de Charlotte úmida de suor, ou o rosto dela corado pelo calor, nem mesmo quando crianças depois de termos corrido círculos pela entrada de automóveis no meio do dia em agosto. As vantagens de ser alguém que tinha gelo correndo em suas veias.

—Apenas tentando descobrir se eu ainda era um membro desta família—, respondi enquanto me dirigia para onde Avalee estava alinhando ao lado de minha mãe.

—Claro que você faz parte desta família, querida—, minha mãe respondeu com uma risada nervosa. Eu não tinha certeza se ela sabia o que tinha acontecido na noite passada, mas ela podia sentir a tensão. —Você sempre fará parte desta família.

—Eu quis dizer isso da maneira que estou tentando descobrir se ainda quero ser um membro desta família—, eu disse com naturalidade, para ninguém em particular, mas para todos coletivamente. Pode ter sido eu, poderia ter sido eles, mas sabia uma coisa, eu não me encaixava. Eu realmente nunca fiz, e depois da semana passada, sabia que nunca faria.

Senti os olhos dos meus pais em mim quando me enfileirei

atrás de Avalee, relaxando meus músculos do estômago em vez de contraí-los como eu sabia que todos os outros na fila estavam. A costureira supostamente soltou A Coisa, mas onde ela estava eu não podia dizer, porque eu ainda sentia que meu corpo tinha sido embalado a vácuo dentro de uma camada de cetim.

—Ah, não, isso não vai funcionar.— Depois de mexer com alguns mostradores em sua câmera, o fotógrafo veio correndo até nós.

Guiando minha mãe fora da linha, ele a arrastou para trás de Avalee e começou a me puxar para o outro extremo da linha. Eu cavei nos meus calcanhares quando ele tentou me enfiar entre Ford e meu pai. Era como ser jogado na cova das cobras e na cova dos leões ao mesmo tempo.

—Eu não vou ficar lá—, eu disse, sacudindo o aperto do fotógrafo em meu braço. —Você quer que a 'outra' irmã sorria para o retrato de família, você me coloca em outro lugar.

Ford soltou um suspiro enquanto meu pai se mexia. Meu pai sabia por que eu estava lutando contra isso, e ele sabia que tinha todos os direitos. Ele ficou quieto, o que foi a primeira vez, que meu pai agiu assim quando se tratava de fazer com que um dos

membros de sua família “ficasse na linha.”

—Ah, não, isso não vai funcionar.— O fotógrafo balançou a cabeça.

—Sim, você já mencionou isso. Por que não?— A umidade estava grudando em mim, cobrindo minha pele com o que pareciam doze camadas de suor.

—Bem, primeiro, porque precisamos ter um número par em ambos os lados da noiva e do noivo.— O fotógrafo acenou com o dedo na linha, como se isso fosse óbvio.

—Aqui, eu vou lá e Clara pode ficar aqui.— Avalee saiu da fila e começou a deslizar entre Ford e nosso pai.

O fotógrafo pegou a mão dela e a puxou para fora. —É, não. Isso não vai funcionar.

—Por que não?— Avalee e eu perguntamos ao mesmo tempo.

Em seguida, ele apontou para o meu vestido, o nariz se curvando apenas o suficiente para dar o que ele pensava do meu vestido de dama de honra. —Eu não posso colocar esse tom de... o

que você quiser chamar ao lado do tom de rosa em que a mãe da noiva está. Tudo o que alguém veria quando olhasse para o retrato de família seriam cores contrastantes.

—Parece uma representação precisa da família—, acrescentei, não tão baixo como pretendia.

—Clara Belle, por que você nunca pode, pela primeira vez, fazer alguma coisa sem lutar?— Charlotte saiu da linha e se inclinou para mim.

O fotógrafo abriu a boca enquanto batia no relógio, mas Charlotte levantou o buquê no rosto para calá-lo.

—Toda a minha vida, tudo que eu já fiz foi o que essa família queria que fizesse, e ser quem ela queria que eu fosse, e sorria quando me disseram— joguei meu braço na direção do fotógrafo —Nunca uma vez lutando, exceto quando realmente importava.

—Ah, sim, é verdade, você teve que lutar por seu único amor verdadeiro, Boone Cavanaugh.— Charlotte jogou a mão no quadril. —Um monte de coisas boas que você fez porque você o perdeu na época e claramente o perdeu agora. Talvez você deva escolher suas lutas um pouco mais cuidadosamente no futuro.

Ouvi Avalee sussurrar o nome de Charlotte, mas todos os que estavam ao alcance auditivo pareciam chocados demais para dizer qualquer coisa. Lá estava, a grande guerra dos Abbots prestes a ocorrer no gramado leste, enquanto os retratos de família eram tirados duas horas antes da primeira irmã se casar. Ninguém poderia dizer que eu não tinha estilo quando se tratava do meu tempo.

—Estou escolhendo minhas lutas com cuidado.— Olhei para o espaço vazio entre meu pai e Ford, o lugar destinado a mim. Eu fiquei presa entre os dois, vítima de suas mentiras e falsidades, por toda a minha vida. Não mais. —Eu não vou ficar parada lá. Você quer que eu faça parte da foto de família, escolha outro lugar.

—Você simplesmente não podia estar na foto de família.— O olhar de Charlotte cortou para Ford, cujo olhar estava claramente focado em mim. Isso explicaria por que senti o desejo de tremer e vomitar simultaneamente.

—Você não ouvirá uma discussão minha. Nem vou derramar uma lágrima para fingir que estou com o coração partido. Quando fui colocar a mão no quadril, só consegui chegar à parte superior

da coxa. A Coisa era mais como uma camisa de força.

O rosto de Charlotte começou a ficar vermelho. —Entre na fila, Clara Belle!

Eu tentei cruzar os braços. Mesmo resultado. Não foi possível mover. —Não.

—Agora.— Charlotte apunhalou o dedo no espaço vazio entre Ford e nosso pai.

—Me ordene, me ameace, me bata, tente me forçar— balancei minha cabeça com força —Não vou ficar lá.

—Entre na fila, Clara Belle, ou então Deus me ajude...

—O passado de Deus está ajudando você, Charlotte, então não há necessidade das ameaças ociosas.

Seu rosto ficou com outro tom de vermelho, a veia serpentina correndo pelo centro da testa começando a aparecer pela pele. —Entre na fila, droga!

Como ela perdeu a calma, eu fiquei mais legal. —Não.

Metade de um grito, metade de um grunhido de frustração

veio da noiva. —Pare de ser tão teimosa e deixe de pensar no que você quer uma vez na vida! Há mais nessa família, no mundo, do que as necessidades, desejos e tragédias de Clara Belle Abbott, pelo amor de Deus.

Suas palavras me atingiram como um tapa. Tanto que quase alcancei minha bochecha para esfregar. Ao mesmo tempo em que tentei me convencer de que suas acusações não tinham mérito, sabia até certo ponto que sim. Mas não era nisso que eu queria me concentrar. Não era isso que eu queria abordar, enquanto o fotógrafo continuava olhando para o local entre Ford e meu pai, mostrando-me os olhares expectantes entre esfaquear o dedo no mostrador do relógio.

Fui pela maneira mais rápida que conheci para desequilibrar Charlotte, mesmo que por alguns momentos. —Você quer que eu pare de me comportar como a lua orbita em torno do planeta? Bem. Por que você não para de dormir uma rodada com os namorados de sua irmã?

A boca de Charlotte se abriu e um suspiro agudo saiu dela, seguido por um suspiro coletivo circulando o resto da família. Todos sabiam que o primeiro golpe baixo chegaria em

algum momento, mas quase sempre vinha de Charlotte.

Eu os peguei de surpresa. Embora não fosse exatamente da maneira que eu pretendia.

Charlotte deu um passo mais perto. Então outro. Olhando para mim com tanto desprezo nos olhos dela, eu poderia ter murchado em uma pilha de areia se não tivesse construído uma espécie de imunidade à sua marca de ódio.

—Pare de ser atropelada pelo lixo da cidade.— Ela enunciou cada palavra dolorosamente lentamente, me olhando de cima a baixo como se eu fosse o lixo da cidade em questão. —Por favor, você realmente achou que Ford iria se casar com você depois disso? Você não passava de bem usado, um degrau em sua escalada até a irmã Abbott que não se contaminara com Boone Cavanaugh.

Outro suspiro circulou minha família. Minha mãe cobriu a boca e balançou a cabeça, afastando-se um passo. Certamente não era assim que imaginara o dia do casamento de sua primeira filha para se casar.

Eu era a única que não engasgou ou respondeu com algum

nível de choque. Principalmente porque eu sabia do que Charlotte era capaz. Depois de encontrar ela e Ford juntos, as palavras não eram nada. Ela poderia jogá-las todos para mim, entrelaçadas da maneira mais cortante possível, e eu duvidava que eu estremecesse.

—Como é ser a pessoa mais rancorosa do planeta?—, perguntei, levantando uma sobrancelha e esperando um momento pela resposta dela. Não veio. —Você pegou o cara, mas nós sabemos quem ele preferia que ficasse ao lado dele naquele pretensioso vestido branco.— Eu deixei isso se estabelecer, certificando-me de que seu olhar estava bom e preso ao meu antes de acrescentar: —E não é você.

Eu dei um passo para trás quando ela se lançou para frente, mas ela não me deu um tapa, soco ou garra como eu esperava. Em vez disso, o vermelho drenou lentamente de seu rosto, o fogo em seus olhos diminuindo para uma chama. Ela deu mais um passo para perto.

—Olhe onde você está, Clara Belle.— Charlotte acenou para a nossa família e Ford atrás dela antes de piscar os braços para mim, onde eu estava separada de todos eles.

—Sozinha. Você está sozinha. Você sempre esteve sozinha.— Charlotte deu um passo atrás, alinhando-se entre Ford e nossa mãe. —Você vai estar sempre de pé assim. Sozinha. Então pare de falar conosco. Não é nossa culpa que você esteja sozinha e tenha afugentado todos os que se importam com você. Ficar sozinha é um resultado, Clara Belle, não uma escolha como você gostaria que todos acreditássemos.

Eu fiquei no lugar, percebendo o quão diferente eu era das pessoas que estavam à minha frente. Estávamos unidos por coisas como sangue e experiência, mas esse não parecia o tipo de vínculo que poderia manter se nenhum outro vínculo fosse formado. Por que eu sentia lágrimas querendo se formar, eu não sabia, mas perceber que eu afugentara minha família tanto quanto eles me afastavam poderia ter algo a ver com isso.

Senti todo mundo me observando, esperando que eu dissesse algo ou respondesse de alguma forma. Derretendo-se e fugindo ou atirando algo igualmente desagradável, continuando a jogar esse jogo potencialmente interminável de vôlei de insulto. Ambos eram opções atraentes. Ambos foram os que me vi lutando para deixar de lado, pois aceitei que o que mais queria era dar um abraço em cada um dos membros da minha família

antes de me despedir.

Eu diria, deixarei este lugar, deixarei Charleston e nunca mais voltarei. Era a única maneira de todos vivermos em paz. Não apenas eu, mas eles também. Eu era tão culpada de atrapalhar a vida deles quanto de atrapalhar a minha. Ninguém tinha que vir direto e dizer isso para eu perceber. Estava escrito na linha da testa do meu pai. Estava gravado nos cantos dos olhos da minha mãe. Estava estampado em todo quadrado do rosto de Charlotte. Estava escondido sob o calor que Avalee estava tentando olhar para mim agora.

Eu era culpada por minhas ações tanto quanto pelas deles.

Eu me senti presa, incapaz de me virar e me afastar, e igualmente incapaz de seguir em frente e me despedir. Foi quando cinco dedos entrelaçaram os meus antes que uma palma quente se pressionasse contra a minha. Seu corpo se estabeleceu junto ao meu, seu braço percorrendo o meu.

—Ela não está sozinha.

A surpresa de ele estar lá, juntamente com a surpresa de seu toque, deveria ter me perturbado, mas não o fez. Em vez disso,

pareceu me aterrar. Quando olhei, o encontrei encarando cada membro da minha família, terminando em Ford. Charlotte tinha uma coisa ou quinhentos a aprender com Boone quando se tratava de desprezar.

—Eu acho que você está no lugar errado, Boone.— A voz do meu pai não ressoou como normalmente.

—Estou exatamente onde deveria estar.— Ele apontou para o chão, a palma da mão pressionando com mais força a minha.

—Bem, lagosta e bebida grátis estão no cardápio hoje à noite, então imaginei que você aparecesse em algum lugar ao longo do caminho. Você nunca poderia deixar passar um almoço grátis, poderia, Cavanaugh?— Ford havia saído da fila da família alguns passos.

Eu não tinha certeza se Ford sabia que Boone e eu tínhamos percebido que ele mentiu para nós, mas meu palpite era que se ele não calasse a boca e se afastasse, Boone iria informá-lo com os nós dos dedos.

Mas o olhar dele não piscou no caminho de Ford. Sua expressão não mudou. Era como se ele não tivesse ouvido uma

única palavra vinda do homem a menos de três metros à nossa frente. Como Ford era invisível e Boone era surdo, não havia reconhecimento. Nem mesmo um piscar de olhos no olhar dele.

—Eu sei que você é quente em arruinar vidas e tudo, Cavanaugh, mas eu vou ter que insistir para que você não estrague meu dia do casamento. Vá embora, ou terei o xerife que, por acaso, tenho na discagem rápida para fazer você sair.

Ford se aproximou ainda mais, sua voz elevada, mas Boone não o reconheceu em palavras ou ações. Tudo o que fez foi levar a Ford ainda mais longe do poste irritado. Ele parecia perto de marchar e forçar Boone a sair do local, um empurrão de cada vez, quando meu pai pigarreou.

—Você precisa sair, Boone. Este não é o momento ou o lugar para fazer uma declaração.— Papai apontou o queixo na direção da entrada da garagem. —Agora vá e saia.

A mão dele flexionou a minha, tão forte que me fez estremecer, mas ele soltou seu aperto um momento depois. —Porque você é o pai da mulher que amo, deixarei essa ir, mas se você pedir que eu a deixe novamente, não terei tanta vontade de ignorar isso.

Boone deu um passo à frente, me levando com ele. —Eu poderia ter sido um garoto estúpido e ouvi você quando você me disse para sair, mas eu não estou cometendo esse erro novamente.

—E nós devemos acreditar que você é menos idiota agora do que era então?— Ford cutucou meu pai, tentando angariar um companheiro risonho, mas o rosto de meu pai ficou cimentado em linhas duras.

—Você pensa que sabe sobre o amor, mas a verdade é que tudo que você aprendeu é como fugir dele quando a vida chegar ao fim —, disse o pai. —Não vou pedir desculpas por querer mais por minha filha do que um homem que corta e foge toda vez que a vida lhe dá um aperto. Você não a merece, Boone, então não tente entrar aqui esperando me convencer do contrário.

—Você está certo. Eu não a mereço. Eu balancei minha cabeça, prestes a contestar, mas ele continuou. —E sei que não há nada que eu tenha feito ou poderia fazer nas minhas próximas dez vidas para merecer a mulher que está ao meu lado, mas merda e foda-se. Eu a amo.

Papai não piscou. —Você confunde amor por paixão.

—Não, você está enganado. Eu sou bem claro sobre o assunto.— Boone ficou na minha frente, virando as costas para minha família e Ford. Sua mão ficou na minha e ele olhou para mim como se não houvesse ninguém por quilômetros. Ele olhou para mim como se não houvesse uns bons vinte pares de olhos olhando para nós sem piscar. —Eu te amo. Muito. E sinto muito por estar com muito medo ou orgulhoso ou estúpido para dizer isso, mas é a verdade. Eu te amei sinceramente no primeiro dia em que te vi. Eu sempre vou.

—Se esta é a parte em que você acrescenta algo sobre nascer para amá-la, pode parar, filho. Clara Belle está crescida e não é mais uma garota impressionável.

Ele não olhou para meu pai, mas balançou a cabeça, ainda olhando para mim. —Não nasci para. Apenas feito para.

Um bufo agudo veio do meu pai.

Boone continuou a me encarar, esperando. —Você não disse uma palavra.

Senti meus pulmões em colapso lutando para encher. Eles não podiam. —Isso é porque tem sido difícil dizer uma palavra.

—Você não precisa dizer nada, Clara Belle—, meu pai falou, sua testa em tantas linhas que parecia uma tábua de lavar roupa velha.

Pela primeira vez, vi sentimentos em seu rosto. Preocupação. Nervosismo. Ele tinha medo que eu fosse me apaixonar por Boone novamente, me machucaria e seria destruída da mesma maneira que antes.

Meu pai, se importava comigo. Em mais aspectos do que apenas como eu influenciava a imagem da família Abbott?

Muita coisa estava vindo para mim, e nada disso estava diminuindo, mas ganhando velocidade.

—Eu tenho o meu polegar no número do xerife Cooley. Dê um aceno de cabeça e ele estará aqui o mais rápido que o cruzeiro pode mandá-lo.— Ford levantou o telefone, erguendo uma sobrancelha para mim.

—Você ainda não está dizendo nada.— Ele nos guiou a alguns passos de distância, pressionando as pontas dos dedos mais profundamente na minha bochecha. Alcançando suas costas, ele mexeu com sua camisa antes de puxar algo e segurá-lo na

minha frente.

Meus olhos cortaram dele para o que estava em sua mão. Não parecia possível. Eu tinha visto quebrar. Inferno, eu fui responsável por isso quebrar. Eu tinha certeza de que nunca mais veria tudo de novo. Eu tinha certeza de que nunca mais voltaria a vê-lo, mas lá estava, reunido, ao meu alcance.

—O que antes foi quebrado pode ser consertado.— Boone levantou o anjo com o número dezoito a seus pés. Eu ainda via todas as rachaduras do intervalo, mas ela estava consertada. — Ele sempre vai carregar as cicatrizes, mas pelo menos está inteiro novamente.

Quando ele estendeu para mim, eu peguei. Cuidadosamente. Olhando para ele, o instinto de uma pessoa era acreditar que era mais frágil devido aos intervalos. Parecia mais delicado, não tão forte ou capaz de suportar tanto quanto antes de ser fraturado.

—As pessoas dizem que somos fracos onde fomos quebrados, mas eu digo que somos mais fortes.— Ele traçou a longa linha irregular que corria bem no centro dela. —Somos mais fortes porque conhecemos nossos pontos fracos e podemos

protegê-los com mais cuidado da próxima vez.

Eu balancei a cabeça quando virei o anjo em minhas mãos. Milagroso era tudo o que eu conseguia pensar ao inspecionar todas as fissuras e rachaduras. Todas foram reparadas. Elas sempre seriam visíveis, mas o anjo havia sobrevivido ao acidente. Não era mais perfeito, a inocência havia sido perdida, mas essa era a política da vida. Os bons vieram com os maus, as elevações provocadas pelos mínimos, os dias idílicos foram equilibrados por aqueles que nos fizeram querer desistir e nos arrastar para dentro de um buraco.

A vida não era sobre aprender a desviar o mal, mas aprender a agachar e resistir até que passasse. Eu supus... não, eu sabia, era a mesma maneira com amor.

—Só para não prender a respiração por muito tempo— a voz de Boone era baixa, quase insegura —você vai dizer alguma coisa? Eventualmente?

—Talvez ela não tenha nada a dizer para você além de adeus.— A voz de Ford soou atrás de nós.

Nenhum de nós se deu ao trabalho de reconhecê-lo.

—Obrigada—, eu disse, sorrindo para o anjo, sentindo como se o ar abafado de Charleston estivesse se dispersando e pensando em finalmente me deixar respirar.

—Obrigada—, repeti mais alto, pois não tinha certeza de que ele tinha me ouvido pela primeira vez.

—De nada.— Seus ombros relaxaram quando ele passou o dedo por algumas das rachaduras. —Imaginei que, como foi culpa minha que quebrou, era meu trabalho consertar isso.

—Não foi culpa sua. Eu sou tão culpada quanto você.— Abaixei o anjo para o meu lado e voltei minha atenção para ele. Minha mão encontrou seu caminho na parte de trás do pescoço dele. Quando me aproximei, ele também. Nossos corpos estavam conectados, tão próximos que eram um. —Você estava certo, você sabe.

—Eu estava certo sobre o quê?— Seus dedos deslizaram sobre os picos dos meus quadris, amarrando juntos na parte inferior das minhas costas.

Eu sorri para ele. —Tudo.

Algo brilhou em seus olhos. —Tudo?

—Toda.— Eu levantei uma sobrancelha. —Coisa.

—Até a parte de você se sentir da mesma maneira por mim? Até a parte sobre eu te contar...

—Eu amo você.— Eu não hesitei. Eu não desviei o olhar. Eu não pisquei ou corei ou me contorci. Eu o olhei bem nos olhos, me mantive firme e confiante de que nunca estive mais certa de nada na minha vida.

—Clara Belle...— A voz do meu pai rolou pelo gramado, mas antes que ele pudesse dizer mais alguma coisa, balancei a cabeça.

—Eu te amo, pai—, eu disse, olhando por cima do ombro de Boone para ele, recusando-me a soltar Boone. —Mas não.

—Clara, querida, não...

Foi com os olhos preocupados da minha mãe que eu aprendi a seguir. Em algum lugar no curso de desenterrar o que realmente deu errado entre Boone e eu, descobri onde minha família e eu parecia dar errado. Ambos os casos estavam repletos de boas intenções que deram terrivelmente mal, unidos por um fio interminável de falhas de comunicação. Eu me pude perdoá-los tão facilmente quanto Boone.

—Mãe, eu te amo—, eu disse com a voz mais suave e firme que capaz, —Mas não.

Eu não podia sentir falta de Charlotte pulando no lugar, sacudindo como um vulcão no auge da explosão. —Mas não, mãe. Mas não, pai. Mas não. Mas não?— Ela jogou o buquê na minha direção. —O que isso significa, Clara Belle?

Boone nos virou um quarto de volta, quase como se estivesse tentando desviar o despeito de Charlotte, mas era desnecessário. Junto com meus pais, acho que finalmente entendi quem era Charlotte, não apenas quem ela parecia ser. Ela não era muito cruel porque era simplesmente mesquinha, mas porque estava assustada. Com medo de desempenhar o papel do filho do meio na vida dela, nunca medindo até o primogênito e nunca sendo tão infeccioso quanto o terceiro. Com medo de ficar sozinha e abandonada e descobrir tudo o que ela havia trabalhado tinha sido por nada. Enquanto eu nunca me encaixava nessa família, Charlotte estava tentando desesperadamente.

Eu limpei minha garganta. Este era o dia do casamento dela. O dia dela. O que quer que Boone e eu tivéssemos que descobrir, ela não merecia ser apanhada no meio disso hoje.

—Isso significa que amo todos vocês, mas por favor, parem de interferir na minha vida e deixe-me viver da maneira que quero, com quem quero viver—, eu disse.

Por um longo momento após essa afirmação, minha família me encarou. Para mim na coisa. Para mim com os braços dele entrelaçados ao meu redor. A cada momento que passava, outro grão de aceitação penetrava em suas expressões.

Foi meu pai que pigarreou e voltou primeiro para a entrada da garagem, assim que a fila de limusines chegou para levar todos à igreja. —Clara Belle está certa. Todos nós interferimos o suficiente na primeira vez. Vamos fazer o nosso melhor para não fazer desta vez.— Quando meu pai se afastou e olhou para mim, um sorriso raro se formou. —Então, se vocês dois conseguirem ou não desta vez, não terão ninguém além de si mesmos para agradecer ou culpar por isso.

Voltei seu sorriso. Ele estendeu o cotovelo para minha mãe e Charlotte e Avalee os seguiram, o comboio de Charlotte ondulando atrás dela enquanto o fotógrafo verificava o relógio, amaldiçoava e corria atrás deles. Tanta coisa para a foto de família; Eu imaginei que aparecer para o casamento real era mais

uma prioridade. A família de Ford e o resto da festa de casamento correram atrás de todo mundo. Era uma visão bonita, todos em trajes formais correndo pelo amplo gramado verde em direção a uma linha de limusines brancas cintilantes. Seria uma imagem perfeita se o fotógrafo tivesse ficado por aqui o tempo suficiente para vê-la.

Uma figura permaneceu no gramado, assistindo Boone e eu com a mesma careta que eu tinha me acostumado quando criança. Ford avançou alguns passos, estalando a língua.

—Má escolha, Clara Bella. Que ruim.— Ford apontou para mim no aperto de Boone como se eu fosse uma garota presa nas garras de um raptor.

—Ford

—Eu tentei te ajudar. Eu saí do meu caminho para ajudá-la.— Ford empurrou os braços em minha direção. —E veja tudo de bom que fez. Você está de volta onde começou. Nos braços de ninguém que bateu em você e se despediu. Quando isso acontecer novamente, não venha chorando para mim. Minha simpatia segue seu curso com você.

Os braços dele se apertaram ao meu redor, sua mandíbula rígida. Eu estava prestes a retroceder algo quando Boone me deixou ir em direção a Ford.

—Você sabe, mencionar isso me lembra que devo uma coisa a você—, disse ele, parando alguns centímetros atrás da Ford.

Ford disparou um bufo descontente, cruzando os braços. —O que diabos você poderia me dever?

Ao mesmo tempo, a boca de Boone se abriu, o braço dele recuou. —Isso—, ele retrucou um momento antes de seu punho se conectar com o rosto de Ford.

Capítulo Doze

Eu estava sozinha de novo. Sentada em uma cadeira em uma ampla mesa vazia, observando do lado de fora como um bando de pessoas se divertindo.

Avalee estava rasgando tudo com seu noivo na brilhante pista de dança de teca; Charlotte e Ford estavam no meio do salão, balançando juntos em círculos lentos para uma música em ritmo acelerado; e minha mãe estava interpretando a anfitriã indelével e incansável.

Mas eu? Eu estava sozinha.

Pela primeira vez em algum tempo, estava fora de escolha.

Depois de dançar, conversar, cantar e ter o que se constituía em um inferno de vezes, meus pés estavam latejando, minha pele estava pegajosa de suor e meu corpo estava gasto. Eu precisava de um momento sozinha, por nenhuma outra razão senão limpar minhas axilas com alguns guardanapos e massagear alguns nós dos pés.

Recostando-me na cadeira, percebi que este era o primeiro minuto que tive para relaxar e tentar absorver tudo o que havia acontecido ao longo do dia. Além de minha irmã se casar com meu ex-namorado, que meu namorado atual dera um impressionante olho roxo uma hora antes da cerimônia, eu consegui chegar a algum tipo de entendimento com minha família. Os Abbot, não eram exatamente a família americana típica na superfície, mas, embaixo de tudo isso, lutamos pelas mesmas rivalidades, boas intenções saindo do curso, ressentimento e mal-entendidos e finalmente - ou pelo menos onde eu acabei - entendimento e aceitação.

Eu temia essa semana por uma dúzia de razões diferentes. Eu tinha tantas desculpas para não vir. Esta semana não tinha sido apenas uma questão central na vida de Charlotte, mas na minha também. Perder isso significaria passar os próximos muitos anos da minha vida, evitando perpetuamente minha família e minhas memórias de Boone.

Ter vivido esta semana fez toda a diferença.

Meu ‘acompanhante’ desapareceu depois de não me deixar sair da pista de dança por quinze músicas, e sim, estava

contando. Quando uma mulher estava enfiada em um vestido do tipo salsicha (alterações e tudo, o vestido ainda estava apertado) e sapatos que só podiam ser descritos como a raiz do mal, começamos a contar músicas depois das três primeiras.

Boone. Ele estava na minha vida novamente. Talvez ele nunca tivesse realmente saído, mas não continuaria sendo um fantasma. Em vez disso, eu teria o verdadeiro Boone Cavanaugh vivo, respirando, sorrindo como se houvesse sempre algum segredo. Como isso funcionária? Eu não sabia. Quanto tempo isso funcionária? Eu não sabia. Quantas vezes nos veríamos, e isso seria suficiente, e para onde essa jornada nos levaria? Eu estava vazia no departamento de resposta lá também.

Tudo que eu sabia era que eram apenas detalhes. Pontos de bala no grande esquema. Nós deixamos detalhes suficientes enlamear as águas entre nós. Eu não cometeria esse erro novamente. Como Boone havia dito, os lugares que havíamos quebrado antes nos lembraram o que precisávamos ter cuidado para proteger.

Eu protegeria nossos pontos fracos. Eu protegeria os fortes

também.

Estava apenas tirando meu outro sapato para massagear meu outro pé, que tinha crescido seu próprio batimento cardíaco e latejava de dor, quando notei alguém ir até o centro da longa mesa da noiva e agachar para agitar sua bolsa. A cauda de Charlotte estava reunida para que ela pudesse dançar, e seu véu fora removido da delicada tiara penteada em seus cabelos. Sua pele estava corada pelo calor e o que imaginei ser felicidade, e seus olhos revelaram o quão excitada ela estava, apesar de seu rosto ter uma expressão de diversão leve cuidadosamente no lugar.

Quando ela deslizou um compacto para fora de sua bolsa, ela o abriu e refletiu, imediatamente indo trabalhar, colocando alguns fios de cabelo solto de volta no lugar e enxugando as cavidades sob seus olhos. Alguns beliscões nas bochechas se seguiram, além de mais alguns problemas no cabelo.

—Você está realmente linda, Charlotte.— Senti minhas sobrancelhas se juntarem - eu não sabia que ia dizer alguma coisa, mas lá estava eu, tranquilizando-a e dizendo que ela era linda.

Suas costas estavam anguladas na minha direção nem pensei que ela tivesse notado que eu estava lá - mas endureceu por um momento antes de relaxar. —Sério?— Ela inclinou o rosto de um lado para o outro, tendo uma boa visão de todos os ângulos, soando tão duvidosa quanto parecia.

—Tão bonita quanto você parecia esta manhã, e tão bonita quanto você é em toda a sua vida.— Virei-me na cadeira para encará-la, me perguntando se ficaria menos surpresa se um duende caísse do céu em minha direção do que pelo fato de que eu estava tentando fazer algum tipo de paz com Charlotte.

—OK...— disse ela lentamente, fechando o compacto antes de deslizá-lo de volta na bolsa. —Obrigado, Clara Belle. Quero dizer, obrigada, Clara.— Charlotte sentou-se na beira da cadeira e se inclinou um pouco na minha direção. Ainda havia quatro cadeiras vazias entre nós, mas parecia que a Charlotte e eu estávamos mais próximas desde que ela tinha sete anos e estava doente. Mamãe estava fora da cidade, então entrei como mãe galinha, pressionando panos frios na testa e lendo suas histórias. —É isso que você prefere? Clara?

Eu senti meu sorriso se encaixar. —É o que eu

prefiro. Embora depois de anos dizendo isso, Boone e agora você seja os únicos que parecem ouvir.

—Lembrei de você nos corrigindo quando ainda morava em casa. Mas você parou de falar depois que saiu.— Charlotte cruzou os tornozelos e se inclinou para frente. —Por quê?

—Porque ninguém iria ouvir.

Charlotte parecia refletir sobre isso. —Ninguém nunca me ouviu também.

—Que infância terrível você deve ter passado.— Olhei para ela, observando-a lutar contra o sorriso. Charlotte sempre lutou contra seus sorrisos como se eles fossem um inimigo. Foi bom finalmente vê-la perder uma batalha por um.

—Provavelmente tão terrível quanto a sua—, ela respondeu, tendo que desviar o olhar quando eu ri. Sorrir era uma coisa, mas rir não era civilizado no livro de Charlotte.

—Mas apenas olhe para nós agora.— Acenei meu dedo entre nós. —Ouvindo uma a outra.

—Quem teria pensado isso?

—Eu não.

Charlotte balançou a cabeça. —Nem eu.

Mudando de posição, ela começou a se levantar. Ela parecia estar se recuperando de nossa trégua, e sabia que estava, mas ela não parecia ter pressa de voltar para a recepção do casamento.

—Charlotte?— Chamei antes que ela pudesse se mover. —Acho que ainda não tive a chance de dizer... mas parabéns.— Fiz uma pausa, tendo que tomar meu tempo para tirar isso. Não porque as palavras foram fingidas, mas porque realmente tinham significado.

—Estou feliz por você, e espero que você e Ford tenham uma vida maravilhosa juntos.

Seu rosto ficou sério, seguido por suas sobrancelhas se unindo como eu imaginei que as minhas tinham ficado também. Perplexo parece ser o tom das coisas esta noite.

—Obrigada?

Isso me fez rir. —de nada?

Charlotte chegou perto, mas ela não riu. Acenando para

mim, ela acabou voltando para a pista de dança quando parou. A mão dela foi para o encosto da cadeira e ela olhou por cima do ombro. —Sinto muito pelo vestido, Clara Be... Ela limpou a garganta. —Clara. Eu sinto muito. Essa foi uma vingança barata.

Eu alisei minhas mãos, tendo me acostumado a vinte horas de uso contínuo atrás.

—Sinto muito, Boone acertou seu marido bem antes de você fazer seus votos. Ele deveria ter esperado até depois pelo menos.

O olhar de Charlotte e meu olhar foram para Ford. Seu olho não estava inchado, mas a lesão não era exatamente sutil. Ele mereceu, mas o momento poderia ter sido um pouco melhor. Pelo menos eles conseguiram a maioria de seus retratos juntos antes.

Charlotte ficou onde estava, pairando atrás da cadeira. —Eu também sinto muito pelo que fiz.— Ela mastigou no canto da boca. —O que Ford e eu fizemos com você.

Eu a cortei com um forte movimento da minha cabeça. Eu terminei de revisar o passado. A menos que tivesse a ver com boas lembranças ou engraçadas, eu não estava mais lá. —Você ama Ford McBride desde os sete anos de idade e nossas famílias

passaram férias juntas naquele verão em Nantucket. Eu sabia que você o amava. Eu sabia que você ainda o amava quando Ford me convidou para sair. Acho que não estava pensando nisso quando disse que sim, sabia?

Charlotte parou de roer o lábio. Ela assentiu. —Eu sabia que vocês dois estavam juntos quando Ford e eu começamos a passar mais tempo juntos. Eu sabia que vocês ainda eram tecnicamente um casal quando nós...— Ela engoliu em seco, ainda o observando na pista de dança. —Mas acho que não estava pensando nisso quando ele se inclinou, sabia?

Eu sorri enquanto ela se afastava, indo para o novo marido, sinalizando para o chão.

—Eu sei—, eu disse a ninguém além de mim mesma, porque no centro de tudo isso, eu precisava saber mais disso.

Ela correu o mais rápido que pôde para Ford, os dois sorrindo um para o outro como se não houvesse mais ninguém por perto. Talvez eu não gostasse de Ford, talvez não o desejasse ao meu pior inimigo depois de descobrir o que ele havia feito, mas não importava o que eu pensava dele. Minha irmã o amava.

Eu tinha sido vítima de pessoas me examinando por conta de quem eu queria dar meu amor. Eu não faria o mesmo com minha irmã, não importa o idiota que ela escolheu amar.

Foi quando finalmente vi Boone. Ele não tinha desaparecido para escapar do ar sufocante que viajava com minha família e seus amigos. Em vez disso, ele estava acampado ao lado do meu pai, conversando com ele de uma maneira que eu nunca os tinha visto conversar. Era uma conversa pacífica, à beira de um tipo respeitoso de conversa. Eu não tinha certeza de quanto tempo eles estavam conversando, mas quando ele apertou a mão de papai antes de se afastar, seus ombros relaxaram com o que eu imaginei que fosse alívio.

Ele não examinou a multidão por mim. Ele não procurou nas mesas. Ele apenas se dirigiu em minha direção como se soubesse exatamente onde eu estava sem precisar de visão para guiá-lo. Nossa conexão sempre foi profunda. Além da atração. Além da amizade. Ele aterrissou em algum lugar no reino do rumo da alma.

Ele ainda estava com os mesmos jeans e camisa em que apareceu, mas ele não parecia se importar com o fato de estar

usando roupas casuais, enquanto todo mundo vestia suas roupas mais formais. Como se eu tivesse superado o fato de estar desfilando com o vestido mais desagradável para o meu tipo de corpo. Tínhamos muita experiência em lidar com a desaprovação de outras pessoas e não parecíamos muito preocupados em mudar essa tendência agora.

—Então? Você o conquistou?— gritei quando ele pulou em direção à cabeceira da mesa.

Foi só então que seus olhos se voltaram para mim. Eles estavam mais leves que o normal hoje. Tão leve como eu já os tinha visto. —Eu acho que é seguro dizer que podemos estar na mesma sala juntos sem tentar nos matar agora.

Eu esmaguei meus lábios e assenti em aprovação. —Progresso.

—Progresso sério.— Ele caiu na cadeira ao meu lado, pegando meu assento e me puxando para mais perto. Ele passou os braços em volta de mim e me puxou para seu colo. Ele nunca tinha ficado irritado com sua afeição no passado, e isso era uma coisa que eu estava feliz por ter viajado com ele até o presente.

Em algum lugar no meio dele, me colocando mais fundo em seu colo, arqueando minhas costas o suficiente para que nossas bocas estivessem alinhadas, eu ouvi. O som que eu teria medo, mas sabendo que em algum lugar ao longo do caminho, estava ecoando em meus ouvidos.

Esse som foi o rasgo das costuras que uniam A Coisa. Novamente. A costureira fez o que pôde, mas ainda não se encaixava direito. Eu duvidava que qualquer quantia de locação ou reconstrução fosse adequada.

—Ah, merda.— Boone estremeceu, retornando-me para uma posição mais vertical.

—Acho que acabei de matar A Coisa.

Senti o ar frio correndo contra o lado do meu corpo onde a costura deve ter estado. Pela sensação disso, o rasgo se estendeu do meu quadril até minha axila. —E isso é algo para ficar triste, porque?

Boone passou os dedos pela minha pele recém-exposta. Seus olhos claros ficaram mais escuros. —Porque eu estava ansioso para arrancar isso de você mais tarde. Sozinho. Você. Eu. Menos

as quinhentas pessoas que continuam me confundindo com a ajuda contratada.

Senti meu coração acelerar. —Ainda há muito vestido para rasgar.

Ele sorriu para mim quando seus dedos deslizaram através da costura para cobrir minhas costas. —Você e Charlotte estavam fazendo o que parecia muito com uma trégua?

—Eu acho que sim.— Meu coração disparou novamente quando ele inclinou seu rosto para mais perto do meu.

—Você está fazendo as pazes com Charlotte. Eu apertando a mão do seu pai.— Ele fez uma pausa apenas o tempo suficiente para dar um beijo prolongado no lado do meu pescoço. A sensação desviou um pouco em outras áreas. —Eu acho que essa é a nossa deixa para sair.

—Eu pensei que nossa sugestão para sair era você falando sobre arrancar vestidos de mim.

—Eu diria que tivemos pistas mais que suficientes. Vamos sair daqui.— Em um movimento suave, ele me pôs de pé e parou ao meu lado. Tecendo sua mão na minha, ele começou a me

afastar da mesa e pelas festividades de recepção.

Nós dois estávamos sorrindo enquanto corríamos por grupos de pessoas, sentindo-nos como duas crianças pulando aulas na terça-feira à tarde. Eu senti a luz, um tipo flutuante de luz que, sem dúvida, me mandaria para o céu se Boone não tivesse segurado minha mão.

Nós tínhamos acabado de chegar à beira da festa e estávamos quase livres quando ouvi nossos nomes sendo gritados atrás de nós.

—Continue—, eu instruí, deixando meus pés me levarem o mais rápido que pude.

Ele ouviu, mantendo o ritmo, mas quando ouvi meu pai gritar atrás de nós novamente, achei meu ritmo lento.

—Clara, querida, espere um minuto!

Boone diminuiu a velocidade para acompanhar o meu ritmo logo antes que nós parássemos. Ele olhou para minha família nos acenando de volta e suspirou. —É como se eles soubessem. Toda vez. Eu juro que eles têm um radar embutido quando se trata de você e eu tentando fugir.

—Estou surpresa que você esteja apenas descobrindo isso.— Eu pisquei para ele e dei um puxão na mão dele em direção à recepção.

Quando nos aproximamos, vi por que havia sido chamado de volta. O fotógrafo conseguiu reunir todos os Abbotts, junto com Ford, para obter a foto de família que ele tentara obter mais cedo. Este, porém, seria mais adequada do que os sorrisos perfeitos, brancos e a postura perfeita que seria.

Essa seria uma descrição precisa da situação. Eu de vestido rasgado, que era feio como o pecado, mas minha irmã me forçou a usar como dama de honra. Ford com seu olho roxo, que ganhou por ser um idiota comum e um idiota geral. Meu pai, com sua gravata borboleta, está com um copo de uísque escocês, meio bêbado, com os olhos arregalados. Até minha mãe, ela chutou os sapatos e estava andando pela grama em sua meia-calça pura.

—Vamos querida. Temos que tirar uma foto de família para lembrar o dia.— Meu pai me fez sinal enquanto todos os outros se aglomeravam de uma maneira que não era aprovada por um fotógrafo de casamento, com base na maneira como o fotógrafo estava boquiaberto na cena que se formava na frente de ele.

Comecei o caminho deles, Boone me seguindo até parar ao lado do fotógrafo. Ele não conseguiu reprimir o sorriso ao inspecionar o grupo antes dele.

O fotógrafo estava apenas em posição de tirar a foto, quando meu pai levantou a mão. —O que você está fazendo aí, Boone?— Ele acenou para ele. —É melhor você entrar nesse circo também.

Minha cabeça girou em direção ao meu pai.

As sobrancelhas de Boone tocaram sua linha do cabelo. —Eu pensei que era uma foto de família.

Meu pai circulou o dedo ao redor de todos nós e deu de ombros. —É.— Ele deu a Boone outro olhar. —Agora venha para cá.

Ele não parou para pensar sobre isso. Correndo para o meu lado, ele se espremeu entre meu pai e eu, apertando seus braços em volta de mim. Sua boca baixou para o meu ouvido quando o fotógrafo disparou uma série de suspiros antes de voltar para a câmera.

—Obrigado por me pedir para ser o seu acompanhante.

Eu olhei para ele. Ele estava olhando para mim. —Obrigado por ser meu encontro.

O fotógrafo tirou a foto.

Capítulo Treze

Congelado no tempo. Momentos podiam ser vistos através do obturador de uma câmera, mas eventualmente tivemos que seguir em frente. De boa vontade ou forçado.

Pela primeira vez em anos, eu estava marchando para a frente por conta própria, contente em deixar o passado exatamente onde ele pertencia. Foi uma revelação. Uma que me libertou ao mesmo tempo em que me aterrou.

Outras duas horas se passaram, minha família se recusando a deixar Boone e eu escaparmos como se tivéssemos esvaziado mais cedo. Bem, eles me deixaram escapar por alguns minutos, mas foi apenas para mudar A Coisa para algo mais confortável. Depois de mais algumas rodadas de fotos, mais algumas rodadas na pista de dança e as três irmãs Abbott subindo ao palco para fazer uma serenata aos convidados, enquanto voltavam lentamente para os carros, finalmente chegamos ao nosso momento.

Ele não disse uma palavra. Ele apenas pegou minha mão e me levou pelo gramado em direção onde sua caminhonete estava estacionada no campo. A noite estava mais clara noite naquele ponto, quase silenciosa, exceto pelos sons da noite chegando ao fim e os sons da manhã ainda não prontos para reviver. Era o momento em que quase se podia fazer uma pessoa acreditar em mágica. A hora da noite em que uma pessoa quase podia ser levada a acreditar em noções tolas e finais de contos de fadas.

—Você tem certeza que não quer ficar?— Ele perguntou quando chegamos ao lado de sua caminhonete.

Eu escovei seu estômago quando ele abriu a porta para mim e entrei no caminhão.

—Vamos ver. Eu gosto de toda a minha família agora. Todos eles gostam de mim. Não vou pressionar a minha sorte.

—Parece uma política sólida—, disse ele antes de fechar a porta.

Quando ele deu a volta na frente da caminhonete, coloquei meu anjo número dezoito no meu lugar, aninhando-a entre as minhas pernas para que ela não saltasse no chão e quebrasse

novamente quando batessemos em um buraco.

Depois de se lançar dentro da caminhonete, ele ligou, colocou as mãos no volante, estudou o espaço vazio à nossa frente e a rua silenciosa atrás de nós, depois olhou na minha direção. — Bem? Para onde estamos indo?

—Eu não sei. Quanto tempo de viagem você tem em mente?

—Por mais longa que seja a viagem que se planeje fazer, essa é a duração.— Boone deu marcha ré no caminhão, enviando um borrifo de poeira ao nosso redor antes de disparar seu caminhão velho pela estrada. Na estrada que levava a oeste. A direção que eu tinha em mente.

—Você já pensou em visitar a Califórnia?— Eu olhei para ele enquanto pendurava meu braço pela janela. Até o ar abafado parecia ter feito uma pausa temporária.

—Estive pensando em visitar a Califórnia nos últimos sete anos.— Ele deu um pouco mais de velocidade ao caminhão, até que o espelho retrovisor estivesse chocalhando com a velocidade que percorríamos na estrada de cascalho. —Eu acho que já era hora de eu chegar lá.

—Engraçado você dizer isso, porque eu estive pensando quando você visitaria a Califórnia nesses mesmos últimos sete anos. Eu acho que já é hora de você chegar lá também.

Ele sorriu para mim, mantendo os olhos na estrada. —Eu não sei por quanto tempo poderei ficar, tenho algumas coisas para cuidar aqui também, mas devo ser capaz de me esgueirar por um tempo.

—É bom ouvir isso.— Eu abri minha bolsa e puxei algo que eu tinha colocado lá mais cedo naquela manhã. Eu balancei o conjunto de chaves, mexendo na barra do lado de fora de sua orelha. —Porque você tem grandes responsabilidades a cumprir quando voltar. Descanse e relaxe comigo na Califórnia, minha cama é o lugar perfeito para isso, porque você estará ocupado quando voltar.

Os cantos dos olhos de Boone se abriram quando ele olhou para as chaves. Seus olhos voltaram para a estrada por um momento e, quando voltaram para o conjunto de chaves que eu estava segurando, o reconhecimento apareceu em seu rosto. —Essas chaves...— Ele engoliu, olhando para eles. —São o que eu acho que são?

—Bem, se você acha que elas são as chaves para um novíssimo F-350 Super Duty, então não, infelizmente elas não são.— Eu as toquei novamente. —Mas se o seu próximo palpite te levar a pensar se são as chaves do Centro Infantil, então ding! Ding! Ding! Você está certo.

No começo, ele não disse nada. Seu peito apenas subiu e caiu em fortes puxões. —Clara.

Mas eu o cortei. —Eu acredito em você. Eu sempre acreditei.— Abaixando as chaves do volante, eu as envolvi em seu polegar. —É hora de você acreditar também.

Ele estava quieto de novo, suas mãos apertando o volante o suficiente para fazer suas juntas ficarem brancas. Depois de um minuto, ele abriu a mão e deixou as chaves caírem na palma da mão. Ele colocou os dedos em volta delas. —Como você conseguiu isso? O banco? O curto prazo? Como você fez isso?

Dei de ombros. —Sou uma Abbott. Tive que lucrar com meu nome pelo menos uma vez na vida.

Boone balançou a cabeça. —Não, você é Clara. A garota que eu cresci amando, e a mulher que eu morrerei amando.— Sua

mão, a mesma ainda segurando as chaves, encontrou a minha, e ele conseguiu passar os dedos pelos meus e ainda mantê-los neles.

—Você é a melhor pessoa do mundo. É quem você é.

Inclinei minha cabeça contra o encosto de cabeça, deixando meus cabelos chicotearem em volta do meu rosto pelo vento que entrava no caminhão, e me perguntei quanto tempo levaria para chegarmos à Califórnia. O que percebi então foi que não me importava. Para onde estávamos indo realmente não importava - o que contava era que estávamos a caminho.

Desta vez, quando fui respirar, meus pulmões reagiram. Eles encheram de ar para capacidade, forte e sólida. Eu exalei.

Eu poderia respirar novamente.

O sinal dos limites da cidade de Charleston ainda estava a quilômetros de distância.

Respirei fundo e olhei através do assento para Boone. O garoto que eu cresci amando, e o homem que eu morreria amando. —Eu estava pensando exatamente a mesma coisa sobre você.

A nossa fábula foi reescrita. Com um giro que expôs a verdade. Em vez de felizes para sempre, depois de termos sido enganados, isso era uma mentira, estávamos recontando o final. Boone e Clara - Felizes mesmo depois. Foi uma grande história. A melhor que eu já ouvi.

MODERADORAS

KAMY B./ JESS E./ ANA R.

Meghan Williams/ Fabi D./ Darkness/Daiane Reis/Anne